

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

REVERSON NASCIMENTO PAULA

ENTRE O CHAPÉU EMPLUMADO E A CARTOLA DO TIO SAM SURTIU A
AMÁLGAMA: COTIDIANO PLURAL E HIBRIDISMO CULTURAL NAS CLASSES
ABASTADAS FORTALEZENSES (1942-1945)

FORTALEZA – CEARÁ

2016

REVERSON NASCIMENTO PAULA

ENTRE O CHAPÉU EMPLUMADO E A CARTOLA DO TIO SAM SURTIU A
AMÁLGAMA: COTIDIANO PLURAL E HIBRIDISMO CULTURAL NAS CLASSES
ABASTADAS FORTALEZENSES (1942-1945)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Erick Assis de Araújo

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Paula, Reversion Nascimento.

Entre o chapéu emplumado e a cartola do Tio Sam surgiu a amálgama: Cotidiano plural e Hibridismo Cultural nas classes abastadas fortalezenses (1942-1945) [recurso eletrônico] / Reversion Nascimento Paula. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 164 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: História Cultural.

Orientação: Prof. Dr. Erick Assis de Araújo.

1. Hibridismo Cultural. 2. Segunda Guerra. 3. Fortaleza. I. Título.

REVERSON NASCIMENTO PAULA

**"ENTRE O CHAPÉU EMPLUMADO E A CARTOLA DO TIO SAM SURTIU A
AMÁLGAMA: COTIDIANO PLURAL E HIBRIDISMO CULTURAL NAS CLASSES
ABASTADAS FORTALEZENSES (1942-1945)"**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 26/07/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Erick Assis de Araújo
Universidade Estadual do Ceará – UECE
(Orientador)



Prof. Dr. Antonio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará-UECE
(Membro Interno)



Prof. Dr. Sander Cruz Castelo
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central-FECLESC
(Membro Externo)

Primeiramente, fora Temer!

AGRADECIMENTOS

Chegamos ao fim de mais uma árdua empreitada. Foram dois anos de muito esforço físico e mental, abdições pessoais e discussões acaloradas. Lembro-me do início deste caminho e da difícil decisão de tentar a seleção do mestrado, pois naquele momento teria que abrir mão de oportunidades profissionais que estavam aparecendo ao final de uma graduação para me dedicar a algo incerto, tendo em vista que o processo seletivo iria me exigir bastante empenho.

Decidi investir em meu amadurecimento como pesquisador e posterguei oportunidades docentes que apareceram. Não me arrependo disso, mas com toda certeza não foi uma decisão fácil. Passada a seleção e tendo conseguido entrar no mestrado, tivemos o início dessa complexa viagem pelo campo da pós-graduação.

Tenho consciência que não teria conseguido chegar até aqui sem o apoio de muitos. Por isso terei uma dívida eterna com cada um que se fez presente ao longo desses vinte quatro meses. Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, José Rilmar Paula Uchôa e Maria Elizabeth Nascimento Paula, por terem abdicado tantas vezes em favor da minha educação e da dos meus irmãos. A força e a coragem deles para crescer na vida me inspiraram a tentar alcançar voos mais altos. Suas repetidas lições de caráter e seu amor incondicional, mesmo quando distantes, me fortaleceram e protegeram nesse mundo louco que é a academia.

Agradeço aos meus irmãos, Rafael Nascimento Paula e Ryan Antônio Nascimento Paula pela ajuda em diversos momentos, principalmente na parte de transcrição de fontes, e pela compreensão de minha ausência em diversos períodos que estive dedicado nesta dissertação.

Agradeço à Maria Adaiza Lima Gomes por sempre estar presente, em todos os momentos, por me manter firme neste caminho e não deixar me abalar por inúmeros percalços que surgiram nesta caminhada. Por ser uma companheira, amiga e confidente capaz de transformar a mais forte angústia em um sorriso encorajador. Por ser minha fonte de inspiração, me ajudar na pesquisa de fontes e na análise metodológica, por dedicar inúmeras horas a discussões teóricas e, principalmente, por fazer isso da maneira gentil e amorosa que só você sabe.

À minha querida e eterna professora Sylvia Elizabeth. Sua postura profissional e intelectual foi o que me motivou a escolher o caminho da História. Serei sempre grato pelos ensinamentos, pelos momentos de discussão e pela torcida pessoal.

Ao meu orientador Prof. Dr. Erick Assis de Araújo por ter aceitado desde o início orientar esse imberbe pesquisador que vos fala. Pela paciência, compreensão e discussões direcionadas que contribuíram profundamente com um maior rigor teórico-metodológico desta pesquisa.

Aos professores Dr. Francisco José Gomes Damasceno e Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa por terem me propiciado amizade e debates reflexivos sobre nosso ofício como historiador. Inúmeras foram suas contribuições teóricas e metodológicas em um percurso que iniciamos ainda na graduação.

Agradeço também aos professores Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas e Dr. Sander Cruz Castelo por aceitarem participar da banca de qualificação e defesa da dissertação, contribuindo assim com dedicação e um olhar externo sobre a pesquisa. Seus apontamentos nos ajudaram a refletir e repensar inúmeros sentidos de nossa pesquisa, assim amadurecimento o trato com nosso objeto.

Ao amigo e irmão Ms. Janilson Rodrigues Lima, pela leitura do projeto ainda durante o processo seletivo. Seus apontamentos me abriram os olhos para o trato metodológico de uma maneira que nunca tinha visto até então.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado concedida. Sem dúvidas sem este auxílio não teríamos conseguido cumprir com tanta dedicação a pesquisa proposta no início deste mestrado.

Aos professores do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) pelos apontamentos teórico-metodológicos que contribuíram para esse trabalho.

Ao Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas (GPPUR) e seus coordenadores por terem sido um dos pilares teóricos nessa pesquisa, assim me propiciando discussões necessárias ao aprofundamento de nosso objeto e o intercâmbio na Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

A Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) por terem me recebido em sua instituição e fornecido um intercâmbio rico em experiências acadêmicas.

Ao Prof. Dr Klaus Hilbert por ter me acolhido em minha estadia na Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), ter me orientado e mantido diálogos constantes sobre a pesquisa.

Aos colegas que me receberam na Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e ajudaram nos momentos distantes da família.

Agradeço à minha turma de Mestrado, André Brayan Lima Correia, Bruno Rodrigues Costa, Caio Lucas Moraes Pinheiro, Camila Mota Farias, Emmanuel Teixeira Carneiro, Francisca Gabriela Bandeira Pinheiro, Francisco Adilson Lopes da Silva, José Lucas Cordeiro Fernandes, Luciana Maria Pimentel Fernandes, Monalisa Freitas Viana, Paulo César Freire Sá, Patrícia Marciano de Assis e Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira, pelos inúmeros

momentos de aprofundamento teórico e metodológico, pela ajuda na maturação do objeto, mas, principalmente, pelos momentos alegres e pelas noitadas que me revigoravam após vários desânimos. Com toda certeza, sem esses momentos de diversão noturna minha mente não estaria em pleno funcionamento após esses dois anos.

Por fim, mas não menos importante, queria agradecer ao Neto e a Dona Silvia funcionários do Mestrado Acadêmico em História por toda atenção e ajuda sempre que necessários. Com toda certeza, sem vocês dois para nos auxiliar não teríamos chegado até aqui.

Meus agradecimentos a todos vocês que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada!

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de analisar a coexistência entre as influências francesas e norte-americanas dentro do setor abastado da população de Fortaleza durante o período de 1942 a 1945, a fim de perceber como essas duas matrizes culturais dialogaram e obtiveram seus respectivos espaços em meio ao cotidiano da Segunda Guerra Mundial. Em meio à conjuntura beligerante deste conflito, nos propomos a compreender as inspirações das matrizes estrangeiras apresentadas em solo alencarino e como elas influenciaram o vestuário, a alimentação, o idioma e o comportamento, discutindo assim a inserção das mesmas em meio ao dia-a-dia dos setores de maior poder econômico. Dessa maneira, nos aproximamos do desejo de civilização e modernidade que emergiu naquele período e que buscou a chancela das hegemonias culturais preponderantes das respectivas épocas. Desta forma, nos deparamos com a força francesa e seu declínio mediante o contexto bélico, bem como a ascensão estadunidense em meio a mesma conjuntura, assim nos propiciando um olhar econômico-cultural sob as respectivas capacidades de influenciar o cotidiano daqueles que sorviam as simbologias existentes. Adentramos em meio aos mecanismos que acabaram fortalecendo a força cultural ianque através da Política de Boa Vizinhança, do American Way of Life e, principalmente, de objetos tecnológicos como o rádio e o cinema, que aproximavam sensorialmente através do visual e do sonoro os desejos existentes entre parcelas da população fortalezense e os costumes norte-americanos. Desta maneira, através da historiografia local e da análise das fontes, percebemos um profundo processo de americanização da parcela abastada de Fortaleza, nos sugerindo assim uma derrocada total da influência afrancesada após a cristalização destes mecanismos. Todavia, nossa originalidade reside na hipótese de uma considerável resistência de determinados costumes franceses em meio a estes acontecimentos e, assim, da coexistência entre estas duas matrizes culturais ainda nos idos de 1945. Desta forma, visualizamos a barreira da tradição religiosa como uma frente de enfrentamento as novas práticas ianques e a sobrevivência destes costumes tidos como tradicionais através da parcela de idade mais avançada da população, os quais ainda possuíam resquícios dos costumes da terra da luz. Assim, através da análise de periódicos como O Nordeste, Unitário e O Povo, e memorialistas como Marciano Lopes e Blanchard Girão adentramos em meios a este cotidiano híbrido, o qual nos faz emergir em meio ao hibridismo cultural e a tradução cultural desenvolvida por Peter Burke. Com isso, acreditamos na possibilidade da existência de um cotidiano híbrido em Fortaleza da metade de década de 1940 através da coexistência destas duas matrizes culturais em solo alencarino.

Palavras-chave: Hibridismo Cultural. Segunda Guerra. Fortaleza.

ABSTRACT

This work aims to analyze the coexistence between french and american influences in the affluent sector of the population of Fortaleza during the period 1942-1945, in order to see how these two cultural matrices dialogued and obtained their respective spaces in the middle the daily life of the Second World War. Amid the belligerent situation of this conflict, we propose to understand the inspirations of foreign matrices presented in alencarino soil and how they influenced the clothing, food, language and behavior, and discussing the inclusion of the same in the midst of day-to- day of greater economic power sectors. In this way, we approach the desire of civilization and modernity that emerged from that period and sought to seal the preponderant cultural hegemonies of their times. Thus, we face the french force and its decline by the military context, and the US rise amid the same circumstances, and in providing an economic and cultural look in their capacity to influence the daily lives of those who sipped existing symbologies. We entered among the mechanisms that ended up strengthening the cultural force Yankee through the Good Neighbor Policy, the American Way of Life and mainly from technological objects like radio and cinema, which approached sensuously through visual and audible existing desires between the portion of the population of Fortaleza and american customs. In this way, through local historiography and the analysis of the sources, we perceive a profound process of Americanization of the wealthy part of Fortaleza, thus suggesting a total overthrow of the French influence after the crystallization of these mechanisms. However, our originality lies in the hypothesis of a considerable resistance of certain French customs in the midst of these events, and thus of the coexistence between these two cultural matrices still in the 1945. Thus, we see the barrier of religious tradition as a coping facing the new yankee practices and the survival of those regarded as traditional customs through the older part of the population, which still had remnants of land customs of light. Thus, through the periodic analysis as the northeast unit and the people, and memoir writers like Marciano Lopes and Blanchard Girão we enter means to this hybrid everyday, which makes us emerge in the midst of cultural hybridity and cultural translation developed by Peter Burke . Therefore, we believe in the possibility of a hybrid routine in Fortaleza half of the 1940s through the coexistence of these two cultural matrices in alencarino soil.

Keywords: Cultural hybridity. Second War. Fortaleza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1-	Mansão da família Thomaz Pompeu, em frente à Praça da Lagoinha	38
FIGURA 2-	Café do Comércio. Praça do Ferreira	39
FIGURA 3-	Café Elegante. Praça do Ferreira	40
FIGURA 4-	Café Java. Praça do Ferreira	40
FIGURA 5-	Quebra-quebra de 1942. Destruição da Loja A Pernambucana.	54
FIGURA 6-	Bases norte-americanas instaladas na década de 1940, mais a sede da USO.	59
FIGURA 7-	Notícia sobre a chegada de batons direto dos Estados Unidos.....	71
FIGURA 8-	Sede da USO em Fortaleza. Antiga Vila Morena na Praia de Iracema.....	74
FIGURA 9-	Garotas Coca-Cola” frequentando a sede da USO em Fortaleza	75

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	DA “TERRA DA LUZ” À “CARTOLA DO TIO SAM”: A INFLUÊNCIA FRANCESA E A INSPIRAÇÃO NORTE-AMERICANA NO COTIDIANO FORTALEZENSE.....	28
2.1	DA APROXIMAÇÃO À QUEDA: O APOGEU E O DECLÍNIO DA INFLUÊNCIA FRANCESA EM FORTALEZA.....	29
2.2	ACORDO ASSINADO E BASE INSTALADA: O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS COM OS ESTADOS UNIDOS.....	49
2.3	DO AMERICAN WAY OF LIFE À INTERAÇÃO DE UM CONVÍVIO: BOA VIZINHANÇA, SOLDADOS, NOVOS COSTUMES E OS CIDADÃOSFORTALEZENSES.....	60
3.	PROPAGAÇÃO SONORA E VISUAL: ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO NO COTIDIANO FORTALEZENSE.....	78
3.1	DISCUTINDO A TECNOLOGIA: RÁDIO E CINEMA E O CONTEXTO SOCIAL DE USO.....	79
3.2	“ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO”: RÁDIO E CINEMA COMO MECANISMOS DE CRISTALIZAÇÃO DA INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA.....	89
4.	HIBRIDIZANDO AS PRÁTICAS: A AMÁLGAMA DE HÁBITOS E COSTUMES ESTRANGEIROS NOS SETORES ABASTADOS DE FORTALEZA.....	118
4.1	O “NOVO” E O “VELHO”: A TRADIÇÃO E A RELIGIÃO COMO FRENTE DE RESISTÊNCIA AOS COSTUMES NORTE-AMERICANOS.....	120
4.2	HIBRIDISMO CULTURAL: UM DEBATE PARA SER CONSIDERADO.....	133
4.3	COSTUMES HIBRIDIZADOS: FRANÇA, ESTADOS UNIDOS E FORTALEZA MISTURADOS EM UM “CALDEIRÃO” CULTURAL.....	140
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
	ACERVOS CONSULTADOS E FONTES.....	159
	REFERÊNCIAS.....	161

1 INTRODUÇÃO

Imaginemos a seguinte cena e deixemos de lado, por um momento, os temores que recaem sob as suposições:

Em uma tarde ensolarada, um carro com designe arrojado para em frente à Praça do Ferreira. Rapidamente ouvimos os comentários afirmando se tratar de um modelo norte-americano igual aos dos filmes exibidos nos cinemas. Dele desce um *chauffeur* vestindo terno e gravata para abrir a porta do automóvel, do qual surge uma jovem garota no alto de suas sandálias “gildas” e trajando uma blusa *Saint-Tropez* deixando “a barriguinha de fora”. A moça decide realizar seu *footing* pela praça considerada como “coração da cidade”, onde era possível admirar as vitrines das modernas lojas que ali se multiplicavam: a famosa Broadway, a sorveteria Odeon com o seu famoso *sundae* de ameixa, a Leão do Sul e seu caldo-de-cana, a Farmácia Pasteur, o Majestic Bar e muitos outros estabelecimentos. A cada passo dado, a jovem adentra em um local marcado pela assimilação do estilo *Art Nouveau* com as imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras “rendas” e arabescos fundidos. As portas têm rótulas e postigos com vidraças coloridas importadas da França no estilo *Art Déco*. Mas, distante dali, também existem, no aristocrático bairro da Jacarecanga, soberbos bangalôs recentemente construídos e influenciados pelas residências das estrelas de Hollywood. A caminhada prossegue e o visual da moça contrasta com os das demais. Talvez pela composição vestual das outras jovens ser formada por “saiota”, anágua e V8, sendo assim marcadamente influenciada pela seda francesa, com estampas florais sobre fundo negro, musselinas, muito laço, muito drapeado, fivelas, “apanhados”, fricotes, diferenciando-se assim do visual tipicamente hollywoodiano exibido pela outra jovem. Mas essa diferença não parecia importar para alguns homens, que cobertos por seus chapéus e ternos de linho irlandês ou de casimira inglesa, não paravam de admirar a jovem moça e seus traços corpóreos, muito menos deixar de perceber a doce fragrância de seu perfume. Talvez a moça estivesse usando um L’Origan, de Coty ou até um L’Epreuve. Eles a param, assobiam, oferecem um trago de Chesterfield, e perguntam se ela gosta mais do Lucky Strike ou do Palmall. A resposta é negativa. Ela informa que deve prosseguir, pois a sessão do Cine Majestic já vai começar e ela não quer perder o filme com os astros Clark Gable, Robert Taylor, Marlene Dietrich e Joana Crawford, muito menos a orquestra de Glen Miller e Xavier Cugat e seus ritmos ianques. A sessão acaba e ela sai do cinema com vontade de aprender o inglês do filme, mas lembra que na instituição de ensino religioso o francês ainda é matéria

fundamental. A vontade de tomar uma Coca-Cola gelada aparece. Todavia, para ter acesso a essa bebida só frequentando a sede da USO e as festa com os soldados estadunidenses. Quem sabe um outro dia? Agora está na hora de voltar para casa, pois amanhã é dia de missa e ela ainda tem de providenciar o véu de *mademoiselle*.¹

Esta narrativa ficcional tem como intenção elucidar nosso objeto e nossa hipótese de pesquisa. Temos compreensão acerca dos riscos nela contidos, mas nós conservamos o desejo de utilizar este recurso, para, assim, clarear o que será desenvolvido a partir de agora e despertar o interesse do leitor pelo que pode surgir dentro desta caminha histórica. Guardemos essas informações e esses meros devaneios desenvolvidos por esse historiador apaixonado pela conjuntura da década de 1940, pois eles serão retomados ao final da conclusão desta empreitada acadêmica.

Ao escrever um artigo, uma monografia, uma dissertação ou qualquer outro tipo de produção acadêmica, diversas escolhas precisam ser realizadas durante o desenvolvimento. Desde o início, o acadêmico, no nosso caso o historiador, a partir de uma minuciosa análise metodológica e de um abrangente suporte teórico realiza escolhas pertinentes à compreensão do seu objeto.

Buscamos dessa maneira, oferecer uma consistente análise qualitativa acerca das inúmeras possibilidades de objetos existentes e pertinentes, objetivando, desta forma, circunscrever analiticamente a temática escolhida.

Deste modo, é a partir dessa necessidade e da possibilidade de realizar escolhas que solidifiquem o suporte metodológico e teórico de nosso trabalho que esta pesquisa tem como ponto de partida a discussão sobre o cotidiano, principalmente as transformações que ele pode sofrer sob certas circunstâncias e influências.

Acreditamos que, dentre muitas possibilidades de percebermos as alterações de um cotidiano em um dado espaço e em um determinado tempo, é através da percepção das mudanças nos hábitos e costumes da sociedade que poderemos nos aproximar dos significados existentes em torno destas práticas diárias.

¹ A *fictícia narrativa* nos mostra algumas práticas comportamentais desenvolvidas na Fortaleza dos anos de 1940. Produtos, roupas, bebidas e locais que permearam aquele cotidiano, principalmente, durante o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial. Intencionamos, com esse *texto ficcional*, deixar de maneira mais clara alguns possíveis aspectos do cotidiano fortalezense da década de 1940 que serão desenvolvidos no caminhar da dissertação. A inspiração para a “construção” da referida narrativa veio através da interpretação das fontes utilizadas nesta pesquisa e, também, da leitura da dissertação do historiador Thiago Schead de Souza (2008). Notícias retiradas dos Jornais *O Povo*, *O Nordeste* e *Unitário*, bem como os memorialistas Marcianos Lopes (1996) e Blanchard Girão (2008) e historiadores como o próprio Thaigo Schead e Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho nos ajudaram a imaginar e a descrever este processo. Porém, devemos salientar, mais uma vez, o *caráter ficcional* e a intenção por trás da criação desta narrativa.

Foi com a intenção de percebermos essas mudanças que iniciamos uma caminhada em busca de compreender as transformações das relações sociais e das práticas culturais da cidade de Fortaleza na década de 1940, mais precisamente de 1942 a 1945, tendo como foco analisado os setores mais abastados. Mas por qual razão nos interessamos por essas questões e como elas nos ajudam? Por que motivos os setores de maior poderio econômico estarão circunscritos dentro da nossa análise do cotidiano? Responderemos estas perguntas passo a passo dentro desta introdução, buscando assim uma maneira mais nítida de delimitação de nosso objeto.

Todavia, para iniciarmos nossa discussão, precisamos afinar e amadurecer nossa compreensão acerca do conceito norteador desta dissertação: o cotidiano. Assim, iniciamos um caminhar teórico sobre o cotidiano e como sua compreensão nos ajuda em nossa pesquisa.

Assim, através da historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (1995) percebemos a potencialidade de se pensar o cotidiano como muito mais do que apenas rotina e práticas diárias. Através da autora, nos é aberto um caminho para problematizá-lo através do desenvolvimento das relações sociais e das práticas culturais existentes, dessa maneira, erguendo aos olhos dos historiadores os potenciais conflitos e confrontos engendrados em meio a um cotidiano em transição, ou em um cotidiano plural.

É a partir desta percepção que alçamos voo em torno dos hábitos e costumes desenvolvidos e praticados sistematicamente pela população fortalezense em seu dia-a-dia, mas também trazendo para um atento olhar de historiador as potencialidades e as complexidades deste processo. Pois, ao não atentarmos para as vicissitudes de determinadas práticas, estaremos correndo o risco de procrastinar a análise e assim ameaçar a não compreensão do objeto.

Do que adiantaria enunciar as práticas comportamentais de uma Fortaleza da década de 1940 se não levarmos em consideração os paradoxos entre os praticantes e como eles afetam suas práticas? Do que nos adiantaria enumerar a origem de determinados produtos e como eles chegam nesta cidade banhada pelo sol se não problematizarmos o significado por trás de seu consumo? Ou o status que determinados objetos assumem ao serem deslocados do contexto utilitário para o simbólico?

É através dessa percepção do cotidiano e de suas complexidades sociais e culturais, repletas de simbologias, que nos aproximamos do momento chave de nossa pesquisa, assim buscando uma maior compreensão em torno das influências que foram exercidas naquele momento.

Segundo Maria Odila (1992, p. 40 *apud* ARAÚJO, 2007, p. 22), “documentar o atípico não quer dizer apontar o excepcional, no sentido episódico ou anedótico, mas justamente encontrar um caminho de interpretação que desvende um processo importante até ali invisível, por força da tonalidade restrita das perguntas formuladas tendo em vista o estritamente o normativo”.

Em busca de interpretar este processo até então invisível mencionado por Odila, nos aproximamos do cotidiano fortalezense na década de 1940. Buscamos compreender que naquele período não só uma influência estrangeira era exercida na cidade, mas sim duas, as quais sistematicamente se imbricaram no dia-a-dia da população e obtiveram seus espaços em meio aos cidadãos.

Ainda sobre o desenvolvimento de uma análise a partir do cotidiano, Agnes Heller (2008) nos ajuda a compreender que este também é o espaço onde as transformações estruturais ganham visibilidade, é no cotidiano que os indivíduos percebem e se aproximam destas transformações. Desta maneira, é a partir deste *locus* teórico e da compreensão acerca das transformações que percebemos parte dos cidadãos fortalezenses se aproximando de práticas norte-americanas e francesas, consumindo seus produtos e incorporando, até certa medida, seus significados.

Para a autora, o cotidiano não é uma realidade linear, totalmente planejada, mas sim uma “gama” de prováveis conflitos, onde o exercício da liberdade é plenamente possível. Desta maneira, ao encararmos o cotidiano em sua multiplicidade de conflitos possíveis, nos aproximamos da leitura realizada por Michel de Certeau (1994) sobre o respectivo objeto. Para Certeau, o cotidiano configura-se através de um modo criativo e até subversivo por parte dos inseridos no contexto. Ele reconhece, como núcleo da discussão, a apropriação do cotidiano. Apropriação esta, que acaba sendo relacionada à invenção, criação nas formas de ler, escrever, cozinhar, morar, crer, morrer, etc.

É a partir da problematização das relações sociais e das práticas culturais, da visibilidade das transformações, da criatividade e das possíveis releituras que propomos uma reflexão sobre um determinado cotidiano híbrido em Fortaleza, *ianque* por um lado, mas ainda perpetuadora de resquícios de um afrancesamento.

Faremos uma análise da pluralidade deste cotidiano, antes influenciado fortemente pela referência cultural francesa e, depois, por um cotidiano hegemonicamente inspirado nos costumes norte-americanos na Fortaleza da década de 1940, onde percebemos a junção destas duas influências ao dia-a-dia fortalezense através do consumo de objetos e roupas, do uso do

idioma estrangeiro, da alimentação e de outros fatores, gerando assim um fato ímpar naquele período.

Ao final desta análise, percebemos o surgimento de uma amálgama de influências culturais que acabaram por formar um cotidiano de costumes híbridos. Assim, pretendemos refletir sobre as transformações das relações sociais e das práticas culturais das classes abastadas fortalezenses, levando em consideração as disputas de poder e as contradições deste dicotômico processo de declínio, apogeu e confluência hibridizada de práticas culturais.

Todavia, se pararmos para pensar: qual a originalidade e a importância da construção desta pesquisa? É a partir da resposta para esse questionamento que direcionamos nossa argumentação historiográfica, pois nosso objeto de trabalho surge como algo atípico em meio ao contexto histórico daquele período, tendo em vista que durante o período a influência norte-americana se apresentou como algo quase que hegemônico em meio à tessitura cotidiana, e imaginar a resistência e até a coexistência de outras influências estrangeiras, de maneira qualitativa, naquele período aparece até como algo contraditório.

A historiografia local trata este período de forma exemplar e contundente. Suas problematizações e discussões são feitas de maneira magistral e detectam inúmeras facetas cotidianas daquele período, principalmente nos mostrando a força e o poderio cultural exercido pelos norte-americanos naquela época através de vários mecanismos físicos e simbólicos. Diversas pesquisas como as desenvolvidas por historiadores do quilate de Semeao e Silva (2000), Silva Filho (1999), Souza (2008) tocaram na temática envolvendo o período da Segunda Guerra e seus diversos desdobramentos sociais e culturais, memorialistas como Girão (2008) e Lopes (1996) através de suas inúmeras e ricas memórias nos ajudam a adentrar ainda mais neste contexto belicoso e do cotidiano de fortalezense. Todavia, perceber e discutir essa amálgama cultural não se tornou o enfoque do objeto destas pesquisas e memórias. Não que estes autores não tivessem conhecimento teórico-metodológico para isso, mas, como dito no início de nossa introdução, a pesquisa acadêmica é permeada por escolhas, e estas foram feitas.

Assim, acreditamos que perceber e analisar este determinado hibridismo cultural (BURKE, 2013) se constitui como objeto historiográfico norteador de nossa pesquisa. Todavia, não é fácil trabalhar uma problemática cultural na cidade de Fortaleza na perspectiva de toda uma década. Para isso foi necessário escolhermos alguns temas e ângulos de análises, sem os quais não conseguiríamos nos aprofundar na temática e poderíamos acabar nos perdendo na profusão dos detalhes. Desta maneira, foi a partir dessa necessidade de recortar melhor a temática e nos aproximarmos do objeto que nos deparamos com os setores abastados

de Fortaleza. Desta forma, ao nos apropriarmos das fontes e ao confrontarmos as mesmas, percebemos que a história que estávamos “construindo” era uma história das elites fortalezenses, pois este foi o setor com poder econômico suficientemente forte para se aproximar e se apropriar tanto das influências francesas em um primeiro momento, como das inspirações norte-americanas em um segundo.

Recortamos espacialmente a cidade de Fortaleza como lócus deste processo e iniciamos no ano de 1942, ano da entrada oficial do Brasil na Segunda Guerra Mundial, da inauguração das bases militares norte-americanas e da chegada do primeiro grande contingente de soldados norte-americanos, fatos estes que contribuíram com a inserção da influência estadunidense em solo fortalezense e com a intensificação deste processo de hibridização.

Foi a partir deste processo que hegemonicamente diversas pesquisas passaram a discutir a influência norte-americana como a mais forte existente na América naquele período pós-Segunda Guerra, conseqüentemente no Brasil e em Fortaleza também. Foi quase que lógico imaginar a força e a proporção tomada pelos costumes estadunidenses trazidos através desses mecanismos. Não discutimos o alcance desta influência, muito menos o fato dela ter estado presente em Fortaleza, todavia, salientamos um detalhe específico: a influência francesa ainda resistiu em determinados quesitos.

Desta forma e a partir desta percepção, delimitamos o recorte final desta pesquisa como sendo o ano de 1945, onde, teoricamente, se materializou o ápice da influência norte-americana ao final da Segunda Guerra, pois os mecanismos utilizados já estavam sendo empregados em solo fortalezense há alguns anos. Desta maneira, neste período, deveriam existir sinais que nos mostrassem uma ruptura ou até um esfacelamento radical da influência afrancesada em solo alencarino, pois o domínio alemão e o declínio da influência da terra da luz deveria se apresentar de maneira irrisória.

Todavia, neste mesmo ano ainda percebemos notícias e memórias trazendo em seu seio sinais de uma influência afrancesada ainda resistente no cotidiano dos fortalezenses.

Assim, percebemos estarem as consolidações mais visíveis através do aparecimento de um maior número de notícias referentes à confluência de costumes envolvendo vestuário, alimentação, idioma e utensílios nos periódicos fortalezenses escolhidos.

Para circunscrever melhor nosso objeto e a escolha teórica que fizemos ao analisá-lo, concebemos que a produção de conhecimento em torno das práticas culturais está diretamente ligada à percepção da vivência das relações sociais, estas, alteradas no período.

Compreendemos que a historicidade e a vivência dos cidadãos fortalezenses emergiram em meio a um campo de conflitos composto por diversas táticas e estratégias. Desta maneira, acreditamos que os hábitos e costumes cotidianos sofreram uma intensificação no processo de transformação, contribuindo assim para a alteração de uma influência cultural afrancesada a partir de 1942, com a entrada do Brasil na II Guerra, para uma influência cultural norte-americana, assim trazendo consequências diretas e indiretas, principalmente, para os setores de maior poder econômico.

No sentido de uma maior compreensão do contexto de nossas percepções e afirmações, acreditamos ser necessária uma breve exposição a respeito da complexa teia de relações internacionais e nacionais que se teciam naquele momento.

No ano de 1939 foi deflagrado o segundo grande conflito mundial, as nações “democráticas”, encabeçadas pelos Estados Unidos apenas a partir de 1941, se propuseram a derrotar o eixo nazifascista comandado por Hitler. Diferentemente da Primeira Guerra, neste conflito, o Brasil entrou efetivamente, por pressões do governo norte-americano, o qual não aceitou ter uma região tão importante estrategicamente do lado oposto, e por pressões nacionais, onde a população brasileira se colocou contra o Eixo após o torpedeamento de 31 navios brasileiros. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

Em 1942, Brasil e Estados Unidos assinaram os acordos de Washington, onde o governo norte-americano se propôs a fornecer capital para o projeto siderúrgico nacional e para a modernização dos setores industriais e bélicos, enquanto o Brasil forneceu borracha, minerais importantes e permitiu a instalação de bases norte-americanas na região norte e nordeste do país. Assim, foi instalada estrategicamente, em Fortaleza, uma base militar, a qual recebeu soldados estadunidenses, antes dos mesmos partirem para a guerra. Desta maneira, uma parte da população começou a “conviver” com os “filhos” do Tio Sam, a perceber e, em certa medida, incorporar práticas antes vislumbradas através do cinema internacional e agora trazidas pessoalmente por eles, as quais acreditamos terem transformado a sociabilidade através da convivência entre cidadãos e soldados. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

Até 1942, ano da instalação das bases do Pici e do “Cocorote”, Fortaleza, com seus 200 mil habitantes, possuiu seus setores dominantes marcadamente influenciados pela cultura francesa, país que possuía predominância no campo econômico-financeiro juntamente com a Inglaterra. Estes setores utilizaram a assimilação das práticas culturais francesas, também, como forma de diferenciação social e legitimação de seu *status quo*.

Até a Segunda Guerra, a França influenciou fortemente a maneira de se vestir, de falar e de comer; a inspiração para as construções públicas, como praças e ruas, e para as

construções privadas, como as grandes mansões das famílias detentoras de um maior poder econômico. Possuir roupas com cortes e tecidos de procedência francesa ou inspirados nos mesmos, utilizar expressões afrancesadas ou comer alimentos daquele país constituiu-se como um sinal de poder econômico e social.

Entretanto, durante e principalmente, após o conflito, a influência francesa sofreu um intenso processo de declínio do alcance de suas influências. O que antes era percebido como diferenciador social pelas classes abastadas da cidade, passou a sofrer mais fortemente com a concorrência estadunidense. Não que a influência de outros países como Inglaterra e Estados Unidos não existissem anteriormente a guerra, mas com a deflagração do conflito e uma consequente perda de força do país da Torre Eiffel (algo que discutiremos melhor nos capítulos que se seguem), estas forças estrangeiras, principalmente a estadunidense, através dos mecanismos que já mencionamos até então, passou a exercer um alcance simbólico bem maior do que possuía até então.

Acreditamos que com a deflagração da Segunda Guerra, a França, ao cair em mãos nazistas e ter diversos cerceamentos imputados a sua soberania nacional, não conseguiu manter sua preponderância econômico-cultural, característica essa tão necessária e presente durante a expansão comercial francesa ocorrida nos anos anteriores. (TAKEYA, 1995).

Assim, o país que até então regia e balizava a diferenciação do status de civilização e o poderio econômico, teve seu lugar preenchido paulatinamente pelos Estados Unidos, país que cresceu economicamente durante e após a guerra, e teve na política de “Boa vizinhança”, uma forma de propagação dos costumes da terra do “Tio Sam”². Inclusos nesta política, mecanismos já existentes, como rádio e cinema intensificaram o processo de disseminação de costumes estadunidenses e contagiaram os setores dominantes de Fortaleza, os quais possuíam o poderio econômico para exercer o consumo físico e simbólico destes costumes transmitidos por estes aparatos.

Nas telas, as estrelas de cinema hollywoodianas ditavam a moda, nos rádios, eram ouvidos os ritmos norte-americanos. “De imediato uma onda de interesse pelo domínio do inglês apossou-se dos fortalezenses” (AZEVEDO; NOBRE, 1998), se antes o *chic* era falar francês, agora é de boa estirpe usar o inglês, aprender o idioma usado pelas estrelas de cinema e pelos soldados norte-americanos trouxe “status social”. “Por toda parte, abriam-se cursos de

² Muitos autores ao discutirem a política de Boa Vizinhança ou o American Way of Life acabam caindo na armadilha de problematizá-los apenas como uma extensão dos costumes norte-americanos, desta maneira, deixando de lado a face do imperialismo que se esconde por trás dessa “exportação cultural”. Compreendemos estes mecanismos como ferramentas de controle e interferência estadunidense na soberania nacional de muitos países. Assim, através desta “macroestrutura” política/econômica/cultural, vislumbramos uma estratégia direcionada para toda a América-Latina, a qual ganhou espaço em solo alencarino.

aprendizado” de inglês (AZEVEDO; NOBRE, 1998), levando os cidadãos pertencentes às famílias mais abastadas a aprenderem o novo idioma. Diversos anúncios de cursos de inglês passaram a vigorar nas páginas de periódicos como *O Nordeste*, *O Povo* e *Unitário* nos anos subsequentes a 1942, desta maneira nos sugerindo uma maior propagação da língua inglesa em uma parcela dos habitantes, representada através do grande volume de notícias semanais de oferta de cursos de inglês.

Acreditamos que esta parcela de fortalezenses, os quais possuíam determinados hábitos influenciados culturalmente pela França, vivenciaram com a Segunda Guerra um cotidiano diferente do que já haviam enfrentado até aquele momento. Estes cidadãos passaram por dificuldades de obtenção de produtos estrangeiros vindos da Europa por conta dos afundamentos de navio, presenciaram uma França dominada, praticamente destruída pelo Eixo e perdendo o seu lugar de prestígio no panorama mundial. Desta forma, começaram a conviver diariamente com soldados norte-americanos, os quais vieram para Fortaleza trazendo através da política de Boa Vizinhaça o *American way of life*³, a força do dólar e o “espírito democrático” contra as forças totalizadoras. Estes estadunidenses possuíam valores morais diferentes do que existiam em Fortaleza naquele momento, assim, acabaram influenciando e alterando as relações sociais e as práticas culturais através dos seus costumes.

Pensando nisso, acreditamos que em Fortaleza ocorreu um processo diferente dos demais. Foi evidente que ocorreu um declínio da influência francesa no Brasil e em Fortaleza. Todavia, determinados costumes franceses, mesmo com todo contexto da Segunda Guerra, conseguiram resistir e foram sobrevivendo ao mesmo tempo em que os costumes norte-americanos se inseriram e se cristalizaram no cotidiano dos setores abastados fortalezenses.

Desta forma, como problematizar este cotidiano que não se encontrava apenas dentro da “órbita” da influência estadunidense, muito menos somente dentro da circunscrição da influência francesa? Como compreender um cotidiano que ao mesmo tempo está inserido em uma interseção?

Neste momento, mesmo que de forma perene, abrimos espaço e nos aproximamos brevemente da área das ciências exatas. Pois se faz necessário compreender esta intercessão e seu pertencimento a dois subconjuntos. Este é o caso do cotidiano fortalezense que tem seu núcleo inserido concomitantemente dentro da influência norte-americana e francesa no pós-Segunda Guerra, logicamente, respeitando as disparidades existentes entre as forças exercidas,

³ Durante os capítulos discutiremos de maneira mais apropriada a política de Boa Vizinhaça, o *American way of life* e os efeitos dos dois no cotidiano fortalezense, bem como nos costumes dos setores abastados.

tendo em vista que diversos mecanismos como rádio e cinema ajudaram a construir um forte poderio da Terra do Tio Sam.

É a partir desta compreensão que nos aproximamos de mais um conceito norteador de nossa pesquisa: o de “Hibridismo Cultural”. Desenvolvido e utilizado por Peter Burke (2013) este conceito nos ajuda a compreender o cotidiano de Fortaleza como algo híbrido, assim nos fazendo perceber que amalgamas existem e são passíveis de serem estudadas dentro da área das ciências humanas. Se as exatas fazem uso da noção de intercessão, nós historiadores lançamos mão da teoria do “Hibridismo Cultural” e nos focalizamos neste “ser” que ao mesmo tempo pode pertencer a mais de um “mundo”.⁴

Para compreendermos nosso objeto de maneira mais pertinente nos debruçamos sob as fontes e o trato metodológico. Assim, percebemos essa possibilidade de confluência através dos periódicos e dos memorialistas que trabalhamos, pois mesmo em 1945, período que teoricamente ocorreu o apogeu da hegemonia estadunidense com o cinema o rádio e os soldados das bases militares norte-americanas, resquícios de influência francesa ainda podiam ser vistos no vestuário (tecidos de roupas) e no idioma (palavras como *chauffeur* e *maison*), bem como era perceptível também a influência norte-americana nos mesmos quesitos (formato de roupas e *bungalows*). Esses são apenas alguns dos exemplos que podemos citar brevemente para ajudar a construir nossos questionamentos a cerca desta hibridização.

Assim, pretendemos problematizar a razão deste processo, tendo em vista que estas duas influências possuíram o caráter de distinção social, cada uma em seu momento mais intenso, e acabaram convergindo entre si, bem como com os próprios costumes fortalezenses, formando desta maneira algo novo. Ao desenvolver esta linha de pensamento, questionaremos a razão para tal processo de hibridização ter acontecido e as complexidades do mesmo.

Nesta empreitada, nos aproximamos das discussões realizadas por Michel de Certeau (1994) na tentativa de compreensão acerca das “táticas e estratégias”. Assim, buscamos perceber como determinados dispositivos (rádio e cinema) foram utilizados estrategicamente pelo Estado para facilitar a aproximação entre estas influências e estes setores abastados da população. Também, adentraremos ao mundo de Norbert Elias (2011) através de seu “processo civilizador”, o qual nos permite compreender um processo em que o desejo de ser civilizado, naquele momento, passou diretamente pela incorporação de hábitos e costumes estrangeiros. Desta maneira, buscamos perceber como as influências francesas e

⁴ Discutiremos de maneira mais aprofundada o hibridismo e sua utilização no capítulo três desta dissertação.

norte-americanas, cada uma com mais intensidade em seu momento específico, obtiveram espaço e até foram desejadas dentro desta parcela da população fortalezense.

Nossa pesquisa teve início com o término do trabalho monográfico realizado para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Intitulada *SOPROS DE UM CONFLITO: Escritos e memórias sobre um cotidiano de guerra em Fortaleza. (1942-1945)*, esta pesquisa nos abriu os olhos para uma possibilidade de estudo sobre um cotidiano plural na Fortaleza da década de 1940. Percebemos através da análise das fontes, principalmente dos memorialistas, que poderíamos nos aprofundar mais nesse objeto e levar nosso trabalho adiante, para um próximo nível. Foi através dessa possibilidade e do interesse pelos desdobramentos do contexto da Segunda Guerra Mundial em Fortaleza que demos início ao amadurecimento deste objeto e resolvemos levá-lo para o mestrado.

Já no mestrado, encontramos apoio teórico e metodológico para esta pesquisa no Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas (GPPUR), o qual nos forneceu o arcabouço necessário para o desenvolvimento e amadurecimento do tema, assim, cada vez mais nos ajudando a recortar e delimitar o tema desta pesquisa.

Ao lembrarmos da pesquisa e de seu amadurecimento teórico e metodológico durante as disciplinas frequentadas e os encontros de orientação, percebemos que este amadurecimento também perpassou a delimitação do próprio objeto. Pois ao longo dos dois anos de mestrado, o objeto aprovado durante a seleção passou por diversas lapidações para que pudéssemos chegar em um consenso mais sólido e passível da análise histórica.

Assim, lembramos que ao iniciarmos a pesquisa pretendíamos analisar uma possível transição de uma influência afrancesada para uma hegemonicamente norte-americana, todavia, ao nos aprofundarmos sobre as fontes percebemos que esta transição não teria ocorrido de maneira tão simples e lógica como alguns memorialistas nos levaram a acreditar. Além disto, o conceito de “transição” se apresentou como algo exaustivamente trabalhoso para ser trabalhado e discutido em apenas dois anos de mestrado, o que não nos concederia tempo suficiente para realizar esta empreitada de maneira satisfatória tal qual pretendíamos.

Desta forma, nos aproximamos da compreensão de um cotidiano híbrido, tendo em vista o que as fontes nos apresentavam e as devidas dicotomias do processo. Assim, fomos levados a perceber as vicissitudes do processo de amálgama das influências, logicamente respeitando suas proporções. A partir deste esclarecimento teórico-metodológico, nos encaminhamos para uma maior delimitação do setor social que estava inserido em nossa

pesquisa, pois logicamente, ao tratarmos do consumo de bens materiais que também estavam repletos de simbolismos, devemos ter em mente o poder econômico como fator essencial de aquisição.

Desta maneira, chegamos ao objeto desenvolvido e problematizado em nossa pesquisa: a confluência das influências afrancesadas e norte-americanas em Fortaleza durante os anos de 1942 a 1945, levando assim em consideração análise do cotidiano, dos hábitos e costumes da parcela mais abastada da população.

Na realização de um trabalho historiográfico é preciso deixar nossas “fontes falarem”, mas, para isso, os questionamentos certos precisam ser realizados pelo historiador. É ao trabalharmos com as fontes que devemos ter em mente o surgimento de uma problemática que se constrói a partir da relação entre a teoria e o exame das evidências. A relação estabelecida entre o pesquisador e as fontes se apresenta dentro de um duplo processo, em que ambos os lados contribuem para a definição do outro. Dessa maneira, é necessário levantar questões a partir daquilo que se evidencia nas fontes, porém, isso não impede o pesquisador de tecer hipóteses previamente, da mesma forma que perguntas adequadas devem ser realizadas a partir de uma relação dialética com as fontes históricas. O olhar do historiador deve possuir um senso crítico apurado, onde ao analisar os documentos deve-se levar em consideração suas subjetividades e, que aquela fonte foi “forjada” por sujeitos históricos imbricados em contextos e relações específicas. Desta forma, tendo consciência que o documento se apresenta como síntese da experiência humana e como tal deve ser rigorosamente analisado.

Nesta pesquisa trabalhamos como fontes principais os periódicos e os memorialistas. Todavia, usaremos também fontes iconográficas (imagens) e os anuários do Ceará com o intuito de enriquecer a análise do objeto pretendido e amadurecer a problematização através de múltiplos olhares.

Contudo, antes de adentrarmos em meio à miríade de fontes as quais nos propomos analisar, devemos considerar alguns fatores que tornaram essa pesquisa complexa e de difícil possibilidade de atingir todo o seu potencial. Devemos deixar claro que a coleta total das fontes foi bastante dificultada pela atual situação de nossos arquivos. Com a atual/futura reforma da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel tivemos nosso acesso aos periódicos selecionados bastante limitado. O fato de diversos anos de jornais somente serem encontrados naquele local e ele permanecer fechado para reforma durante os dois anos do mestrado, não nos propiciou acesso há diversos meses dentro de nosso recorte temporal, assim deixando lacunas, que tentamos solucionar através de outros locais de pesquisa que

resguardavam alguns números destes folhetins, dos fichamentos realizados antes mesmo da seleção do mestrado e de outras fontes complementares.

Além deste enorme contratempo, ainda lidamos com o atual estado de conservação de nossas fontes de pesquisa e a completa inexistência de uma política competente e duradora para esses acervos, assim ficando resguardados apenas através da boa vontade e do esforço de valorosos profissionais dedicados que se esforçam para proteger o que ainda nos resta de fontes documentais de períodos mais distantes.

Feita essa ressalva, acreditamos que toda a potencialidade de nosso trabalho poderia ter sido alcançada de maneira mais plena caso esses inconvenientes não persistissem durante tanto tempo. Mas não nos cabe discutir as políticas de conservação documental nesta dissertação. Ficam resguardados aos futuros pesquisadores o aprofundamento do tema e a atualização desta pesquisa.

Assim, no trabalho com os periódicos, selecionamos os jornais *O Nordeste*, *Unitário* e *O Povo*, por serem três jornais de grande circulação em Fortaleza no período da década de 1940. Além de poderem nos fornecer esse olhar sobre um maior alcance, esses três periódicos também nos possibilitam conhecer visões diferentes sobre o tema que nos propomos a pesquisar. Os mesmos possuíam seus fundadores, diretores e editores pertencentes a segmentos sociais diferentes, como é o caso, respectivamente, de intelectuais ligados à Arquidiocese (*O Nordeste*), do jornalista e político João Brígido (*Unitário*) e do jornalista e político Demócrito Rocha (*O Povo*).

Assim, por possuírem diretrizes filosóficas diferentes, estes jornais nos fazem perceber que cada periódico possuiu um determinado interesse em escrever sobre o assunto, tendo em vista os diferentes interesses da camada social a que pertenciam ou que buscavam alcançar. Nos jornais escolhidos, encontram-se no seio da diferenciação dos segmentos sociais, respectivamente, a Igreja Católica e sua preocupação com a “moral cristã” (*O Nordeste*), a oposição a oligarquias e governos da época (*Unitário*), e a crítica à ausência de ideias políticas dos partidos e a forma jornalística do período (*O Povo*). Assim, compreendemos que cada periódico, a partir do momento de sua confecção e circulação, se torna um lócus privilegiado de representações de uma determinada conjuntura social e histórica, envolvida em uma teia de disputas políticas e interesses.

Desta maneira, partindo do mapeamento das notícias que circulavam em Fortaleza acerca das alterações ocorridas no dia-a-dia fortalezense, da influência cultural francesa e a *posteriori* norte-americana, da Segunda Guerra Mundial e principalmente dos hábitos e costumes buscaremos analisar este cotidiano, levando em consideração quem era o público

alvo destes jornais e quem realmente consumiu os mesmos, assim “bebendo” de suas ideologias e da maneira com que enxergavam determinadas transformações.

Os memorialistas foram utilizados nesta pesquisa mediante extrema cautela, tendo em vista a análise de suas lembranças, o processo de construção e ressignificação de fatos e feitos, isto é, a linha tênue entre realidade e ficção que muitas vezes pode ser transpassada no ato de lembrar. Contudo, o relevante aqui não será capturar suas memórias como verdades absolutas, mas sim a maneira com que elas foram lembradas e o contexto em que aconteceram. Assim, buscando em suas experiências pessoais, um maior entendimento das relações sociais e das práticas culturais coletivas da Fortaleza daquele período. Obras de memorialistas como Marciano Lopes (1996), Blanchard Girão (2008), Jader de Carvalho (2000), Raimundo Girão (2000) e tantos outros foram de extrema importância para que a partir da análise das mesmas, e da articulação com as demais fontes, possamos compreender em que medida a cidade foi impactada pelas influências estrangeiras em seus hábitos e costumes.

Em relação às fontes iconográficas (imagens), realizamos um levantamento das mesmas nos periódicos trabalhados, nos próprios livros de memórias, no Museu da Imagem e do Som (MIS), mas principalmente nos arquivos pessoais de Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) e Leila Nobre, dois dos maiores acervos de imagens existentes em Fortaleza. Com estas imagens pretendemos analisar essa nova estética apresentada no figurino, no lazer, nos hábitos e costumes registrados nessas imagens. Já com os anuários do Ceará, pretendemos encontrar dados oficiais que nos permitam contabilizar e construir estatísticas que nos ajudem aprofundar a quantidade, a procedência e o tipo dos objetos que circularam tanto na “Fortaleza afrancesada”, quanto na “Fortaleza americanizada”.

Nosso trabalho se iniciou com a fase de compilação das fontes. Começamos com uma pré-seleção, a partir do catálogo de jornais da hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel e do acervo de periódicos do Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, dos jornais que poderiam ser pesquisados, tendo como único critério o de terem sido publicados em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial. Porém, com o avançar da pesquisa, acabamos selecionando os três jornais de maior circulação em Fortaleza, naquele período, pois acreditamos que neles seria possível encontrar um maior número de notícias sobre o objeto em questão, além dos três jornais estarem em melhor estado de conservação, assim facilitando a consulta dos mesmos. No intuito de analisar melhor os fatos, cruzamos um grande número de informações, oriundas das diversas fontes já mencionadas, para melhor compreender nosso objeto e o momento histórico o qual pretendemos analisar.

Desta maneira, optamos por abordar os três jornais e confrontá-los com o restante do arcabouço documental recolhido.

Depois de selecionados os periódicos, fizemos uma primeira leitura para a identificação de itens relevantes a serem observados e seguimos com uma seleção de matérias divididas por temas como idioma, alimentação, produtos e vestuário. Nos memorialistas buscamos analisar o contexto histórico e o processo pelo qual os mesmos rememoravam os acontecimentos. Procuramos ficar atentos para questões relacionadas à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, à instalação das bases militares norte-americanas, aos hábitos e costumes locais, à chegada de produtos estrangeiros e ao convívio entre soldados e cidadãos.

Pensando nisso, estruturamos nossa pesquisa em três capítulos. No primeiro pretendemos problematizar e compreender a intensificação de um processo de declínio da influência francesa e a agudização de um processo de influência norte-americana no cotidiano das classes abastadas fortalezenses. Assim, transitaremos entre os momentos em que estas duas inspirações fizeram-se presentes em Fortaleza e as razões e os desejos que permitiram esta aproximação. A partir da compreensão do contexto da Segunda Guerra Mundial e do viés econômico-comercial alterado pela beligerância do conflito, tentaremos perceber este processo de transição.

No segundo capítulo pretendemos analisar as estratégias utilizadas pelo poder instituído durante a mediação deste processo transitório. Tentaremos compreender como mecanismos a exemplo do rádio e do cinema foram utilizados para a facilitação do processo de “transição de estrangeirismos”, assim aproximando práticas culturais no que tange o vestuário, alimentação, o idioma e o comportamento. Levaremos em consideração as possíveis dicotomias existentes entre os novos costumes e os que já existiam em Fortaleza, assim tentando perceber em que medida as classes abastadas se apropriaram das novas práticas e como “selecionaram” o que foi aceito e o que não foi.

No terceiro capítulo buscaremos compreender e historicizar as práticas e os costumes dos habitantes de Fortaleza que sofreram alteração, levando em consideração a configuração social do período e o processo de amálgama percebido. Tentaremos compreender também a razão de uma hibridização dos costumes e como isso ocorreu em meio às classes abastadas da sociedade fortalezense. Dessa maneira, buscando uma maior compreensão acerca deste processo que consideramos novo em Fortaleza.

2 DA “TERRA DA LUZ” À “CARTOLA DO TIO SAM”: A INFLUÊNCIA FRANCESA E A INSPIRAÇÃO NORTE-AMERICANA NO COTIDIANO FORTALEZENSE.

Neste capítulo, buscamos compreender as influências que regeram os costumes dos setores abastados de Fortaleza na década de 1940. Através da análise do contexto da Segunda Guerra Mundial e do viés econômico-comercial, alterado pela beligerância do conflito, buscamos compreender o declínio da influência francesa e o crescimento da inspiração nos costumes norte-americanos, passando assim diretamente pela percepção do *American Way of Life*.

Na primeira parte do capítulo apresentamos de maneira breve algumas das primeiras aproximações entre determinada parcela da sociedade brasileira e alguns dos costumes franceses, tentando perceber o grau desta aproximação e através de que mecanismos ela foi sendo constituída ao passar do tempo. Desta forma, centramos nosso enfoque na percepção do consumo de bens materiais e bens simbólicos, tendo em vista como estas aquisições se inseriram dentro de um cotidiano pautado pela vontade e desejo pelo novo, ou o dito moderno. Elencar e analisar costumes e práticas que possam ter estado presentes no núcleo desta experiência se apresenta como um “fruto a ser colhido e preparado” através do filtro metodológico de nossa pesquisa historiográfica.

Assim, nos debruçamos sobre o viés vestimental, comportamental, idiomático e qualquer outro pertinente e necessário para essa empreitada, buscando assim uma maior percepção do todo.

Prosseguimos apresentando um possível contexto de declínio desta influência, tendo como horizonte de discussão o fato do domínio alemão sobre a França ter cerceado a economia e o comércio deste país, se apresentando, desta maneira, como um fator importante e necessário na compreensão da diminuição da autonomia francesa e da “exportação cultural” que a mesma realizava de maneira mais intensa desde 1914⁵. Buscamos a partir da beligerância causada pela Segunda Guerra Mundial perceber as causas desta perda de alcance em Fortaleza e como e através de que ela se manifestou.

Na segunda parte do capítulo buscamos compreender o desenvolvimento das relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos, tendo como plano de fundo o contexto

⁵ Este ano é considerado pela historiografia francesa como o ano da retomada do crescimento econômico e comercial francês após uma estagnação de décadas. Discutiremos mais apropriadamente este acontecimento durante o capítulo.

da Segunda Guerra Mundial e a aproximação entre estes dois países através de acordos que selaram trocas materiais, investimentos financeiros e inserção de políticas e mecanismos que ajudaram no desenvolvimento da influência norte-americana.

Isto nos levou a terceira e última parte do capítulo, o qual se apresenta marcadamente composto por esta inserção cultural. Desta forma, a análise concentrou-se nos novos parâmetros norte-americanos de ser civilizado naquele período e como eles foram sendo apresentados em meio à sociedade fortalezense e sendo consumidos de maneira intensa pelos setores mais abastados da população.

Perceber a ótica por trás dessas aquisições e como elas se desenvolveram de maneira semelhante ao consumo da influência francesa anteriormente nutriu alguns dos objetivos desta caminhada, tendo em vista, principalmente, a busca pela diferenciação social e o alcance ou manutenção de um *status quo* que se fazia necessário dentro desta camada da sociedade naquele período. O *chic* e o moderno passavam diretamente pela incorporação destas práticas estrangeiras, sendo elas de matriz francesa, anteriormente a Segunda Guerra, ou de matriz norte-americana, posteriormente ao início do conflito.

Desta maneira, buscamos através da análise dos periódicos, dos livros de memória e da bibliografia existente, compreender como a influência francesa perdeu espaço para a inspiração norte-americana e, esta, se tornou capaz de ganhar capilaridade nos hábitos e costumes dos setores abastados de Fortaleza no período de 1942 a 1945, sem perder de vista que este declínio não apareceu como um definidor radical das posturas absorvidas.

2.1 DA APROXIMAÇÃO À QUEDA: O APOGEU E O DECLÍNIO DA INFLUÊNCIA FRANCESA EM FORTALEZA.

Para pensarmos a possível relação de coexistência entre a influência francesa e norte-americana em Fortaleza durante a Segunda Guerra, achamos necessário recuar temporalmente no recorte desta pesquisa, sobretudo para compreensão do contato com os costumes franceses, e imergir em processos históricos anteriores que nos ajudem a entender o início destes contatos com a população brasileira e, conseqüentemente, fortalezense.

Assim, buscamos nos aproximar, parcialmente, de fatos ocorridos durante as décadas anteriores a 1940, tentando compreender a relação de aproximação entre os hábitos franceses e os brasileiros, pois o que se iniciou antes deste período acabou regendo parte do cotidiano ainda durante o recorte desta pesquisa.

Pensando nisso, escolhemos alguns pontos de intersecção entre estes costumes, no intuito de vislumbrarmos os momentos de aproximação com a influência francesa na história do Brasil. Todavia, salientamos que este exercício de recuo não nos aparece como uma intenção de mapear ou problematizar toda a influência francesa em solo fortalezense durante as décadas anteriores, esta empreitada toma forma na intenção de facilitar a compreensão acerca da simbologia que existia por trás do consumo e da reprodução destas práticas estrangeiras.

Assim, ao dimensionarmos a chegada da influência francesa ao Brasil e sua inserção no cotidiano dos brasileiros, automaticamente, somos remetidos historicamente a passagem do século XIX para o XX, período onde ocorreu o apogeu da aproximação entre os costumes franceses e a parcela da população brasileira detentora de determinado poder econômico. (PONTE, 1993). Todavia, os primeiros contatos com os franceses e seus costumes ocorreram muito antes de imaginarmos a força que esta influência exerceria sobre a vestimenta, a alimentação, o idioma e outras facetas da sociedade brasileira e consequentemente a fortalezense.

O início deste contato remete ao contexto do século XVI, momento da chegada dos portugueses às terras que formaram o Brasil, diversas invasões em busca de comércio e outros interesses econômicos aconteceram, dentre estes “piratas” se encontravam também franceses. Passado esse primeiro contato, após a colonização portuguesa das novas terras, os franceses buscaram dominar territórios no Brasil. Assim “viriam as tentativas concretas de colonização, por meio da França Antártica, no Rio de Janeiro. [...] A segunda investida com respaldo oficial para fundar uma colônia de povoamento em terras brasileiras ocorreria no final do século XVI, no Maranhão, sob o nome de França Equinocial.” (CAMARGO, 2003, p. 136).

Todavia, estas experiências fracassaram e não conseguiram propiciar um contato mais significativo. Somente com a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808 é que o contato mais concreto com estas influências afrancesadas ocorreu, pois “a corte portuguesa trazia consigo hábitos de luxo europeu e para satisfazer esses costumes que se tornaram necessidades, vieram com ela cabelereiros e modistas franceses e comerciantes ingleses” (COSTA, 1953, p. 319-320), fato que acreditamos ter propiciado um contato mais direto com os costumes franceses.

Podemos dimensionar ainda que a tentativa de Dom Pedro II de criar uma identidade nacional que delineasse características próprias da nova nação, se espelhou no

Institut Historique de Paris, fundado quatro anos antes, e com o qual manteria intenso contato. (SCHWARCZ, 1998 *apud* CAMARGO, 2003).

A aproximação com os costumes franceses não ocorreu unicamente pela entrada de bens materiais como roupas ou utensílios, a própria chegada de profissionais, intelectuais e políticos franceses corroborou com a expansão dos ideais que regiam a Europa e a França naquele momento. De certa maneira, a França passou a vigorar dentro de determinados costumes que foram apropriados pela parcela mais abastada da população brasileira.

Todavia, esta influência se concentrou em determinados núcleos como Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, São Paulo aonde os agentes e a propícia conjuntura daquela região facilitaram uma possível disseminação. Assim, em outras regiões, esta aproximação acabou demorando a acontecer ou mesmo não acontecendo. (SCHWARCZ, 1998 *apud* CAMARGO, 2003).

Com o passar dos anos, também notamos os ideais franceses influenciando diretamente na “escolha” da mudança de regime político no Brasil, no caso, a República (CAMARGO, 2003).

Para dar continuidade a compreensão desta aproximação e adentrarmos ao final do século XIX e início do XX, assim nos aproximando cada vez mais do recorte temporal de nossa pesquisa, precisamos compreender o processo de expansão comercial francês ao longo dessas décadas, desta forma compreendendo em qual lógica econômica a aproximação cultural com os fortalezenses ocorreu.

Para Takeya (1995, p. 24):

[...] é possível considerar que existe um certo consenso na historiografia francesa de que a periodização referida [1815-1914] comportaria três fases distintas: 1815-1860, 1860-década de 1890 e dos anos 90 a 1914. Essas fases são caracterizadas respectivamente como tendo correspondido a um crescimento, seguido de uma desaceleração ou estagnação, conforme diferentes historiadores, e a uma retomada desse crescimento.

Embora não seja nossa intenção problematizar esse consenso historiográfico francês apresentado pela autora em relação aos períodos temporais, podemos notar que pós 1914 a França iniciou um processo de “retomada do crescimento”, o qual nos leva a imaginar que sua força cultural voltou a crescer através da lógica da exportação e assim a capilarizar sua projeção cultural em torno dos países que mantinha contato comercial com a mesma.

Segundo a autora, a “expansão comercial francesa no Brasil, no século XIX, foi um processo histórico articulado à evolução da própria economia francesa como um todo,

mas, especialmente, à evolução da indústria e do comércio exterior na França no século citado.” (TAKEYA, 1995, p. 24).

Anos após a proclamação da república “para melhor desempenhar seu papel de metrópoles emergentes, os principais centros urbanos passaram por um processo de transformação e embelezamento que, baseado nos modelos da Cidade-Luz, mudaria radicalmente o perfil das grandes cidades brasileiras.” (CAMARGO, 2003, p. 137).

“A partir do século XIX tornaram-se alvos de discursos, medidas e reformas que procuraram alinhá-las ao padrão europeu de modernização urbana. Era a inauguração de um projeto civilizatório para o País, de caráter europeizador, patrocinado pelas elites políticas, econômicas e intelectuais.” (PONTE apud SOUZA, 2007, p. 163). Esse processo significou a inserção do Brasil no:

“contexto da *belle époque* (belos tempos), termo francês cunhado para traduzir a euforia européia com as novidades extasiantes decorrentes da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante). Com efeito, esse período, momento fundante do nosso mundo contemporâneo, é marcado por um intenso fluxo de mudanças que não só produziu transformações de ordem urbana, política e econômica, como também afetou profundamente o cotidiano e a subjetividade das pessoas, alterando seus comportamentos e condutas, seus modos de perceber e sentir. (PONTE apud SOUZA, 2007, p.162-163)

Assim:

[...] as elites do país viviam o luxo e o fausto da Belle Époque. No limiar do século XX estabeleciam-se as condições políticas para o florescimento de uma sociabilidade urbana elegante e culta espelhada na Europa fin de siècle. [...] Ambiente doméstico transformado em espaço público, os salões da Belle Époque possuíam um caráter mais literário, artístico e cultural do que os do Segundo Império. Da decoração às músicas, das conversas aos vestidos ambos assumiam os costumes aristocráticos copiados pelos brasileiros em visitas frequentes à capital francesa. (CAMARGO, 2003, p. 137-140)

As elites políticas e econômicas adentram a essa “realidade” de falso fausto. Inspirados nos costumes da Europa *fin de siècle* a música, as roupas e tantos outros segmentos passaram por um processo de inspiração na influência francesa, através da conjuntura política que naquele momento abriu espaço para uma penetração muito mais intensa.

No início do século XX, a visita a Europa, mais precisamente a França, entrou no roteiro turístico destas famílias mais abastadas. Os que viajavam para a França, quando voltavam, traziam em suas malas roupas, livros e um maior contato com esta influência, fato que contribuiu com a disseminação desta cultura de afrancesamento durante a *belle époque*.

Famílias cruzavam os mares entre março e setembro, nos navios Alcântara, Andes, Astúrias e Almanzorra. [...] Em Paris, onde habitualmente permaneciam quatro a seis meses por ano, hospedavam-se em apartamentos alugados ou ocupavam andares inteiros de hotéis. Tomavam lições de esgrima, alta-costura das grifes Chanel, Drecoll, Grès, Lelong, ou nas galerias Lafayette e Louvre, onde conseguiam roupas e acessórios mais baratos. A volta, em setembro ou outubro, era um acontecimento

noticiado com alarde pelos jornais. As amigas reuniam-se para saber os detalhes da estada, conversar sobre as novidades e admirar o conteúdo das quinze a vinte malas repletas de vestidos que fariam furor nas *soirées* durante a próxima estação. (Ibdem, p. 140)

Viajar até Paris, se hospedar em hotéis luxuosos, tomar aulas de costura e comprar objetos locais propiciou um contato muito maior e direto com os costumes franceses. Para além da viagem em si, encontrar os amigos mostrar o que era considerado tendência na França também contribuiu para esta disseminação cultural.

Na esteira desta aproximação, o contato com o idioma francês foi intensificado. Palavras passaram a permear o dia-a-dia, principalmente, após a intensificação destas viagens a França. Famílias inteiras acabaram aprendendo um pouco deste idioma, assim passando a ostentar uma simpatia, mas também um desejo por esse aprendizado. “À língua francesa era sempre dado um especial destaque em todos os estudos. O interesse despertado, por ela na sociedade paulista foi tal que em quase tôdas as famílias entendia-se perfeitamente o francês, quando não se falava correntemente essa língua.” (COSTA, 1953, p. 332).

Percebemos o caráter de importância que a língua francesa acabou adquirindo. Todavia, devemos levar em consideração que mesmo que muitas pessoas tenham aprendido o idioma francês, ainda não podemos generalizar e acreditar que este processo ocorreu de igual forma para toda a sociedade brasileira. Esse aprendizado se restringiu primordialmente as famílias mais abastadas que obtiveram contato com o idioma, produtos, livros e com os próprios franceses.

Outro fator importante que contribuiu com esta disseminação foi o comércio de jornais, revistas e livros:

O comércio dos livros aliás era em todo o Brasil, quase um monopólio dos franceses. Os livros vinham à sua escôlha. Predominavam, nestas condições, nas bibliotecas dos homens da época, os livros franceses. [...] Se a aceitação do livro francês é grande já nos fins do século XVIII, acentuou-se mais ainda na segunda metade do século XIX. Os anúncios de leilões, publicados em São Paulo nos jornais de então, demonstram claramente a predominância de obras francesas nas bibliotecas de tempo. (COSTA, 1953, p. 333).

Desta maneira:

A influência pois, da língua e literatura sob a forma de livros jornais e revistas, a favor da irradiação da cultura francesa entre nós, foi enorme. Franceses eram os compêndios em que se estudava, os romances que se liam, os filósofos que orientavam os conceitos; os livros técnicos de medicina, direito ou arquitetura, onde ia o intelectual buscar inspiração; francesas as revistas e mesmo alguns jornais. Não podemos esquecer, entretanto, que a ação desses agentes: livros, jornais e revistas, por mais difundida que tenha sido, esteve sempre circunscrita a um grupo, relativamente limitado de pessoas — de uma certa cultura, a elite --não exercendo grande influência sobre a massa do povo. (COSTA, 1953, p. 335).

Com este grande espaço em meio aos livros, os jornais e as revistas, não nos impressionamos ao perceber que o idioma francês foi aos poucos disseminado. Algo parecido a um monopólio das letras se inseriu dentro destas perspectivas. Entretanto, devemos levar em consideração que esta aproximação ocorreu em meio ao círculo fechado dos segmentos abastados. Pois neste período boa parte da população ainda não tinha acesso a esses jornais, livros e revistas, muito menos a conhecimento acerca de leitura e escrita, dessa forma ficando a margem deste processo.

Pois:

[...] enquanto nas últimas décadas do século XIX Estados Unidos, Inglaterra e França apresentavam 90% de sua população alfabetizada, o índice de analfabetismo brasileiro era comprometedor: 84% em 1890, 75% em 1920. Isso significa que nenhuma obra escrita, fosse ela de qualquer tipo, poderia ser “popular”. (ORTIZ in: SACHS; WILHEIM; PINHEIRO, 2008, p. 188).

Percebemos que mesmo no final do século XIX e começo do século XX o analfabetismo atingia boa parte da população brasileira. Com a marca de 75% de analfabetos em 1920 não podemos acreditar que a difusão de livros franceses se fez presente em toda a sociedade brasileira, mesmo com a popularidade do idioma e dos livros.

Aliás, como podemos imaginar ou falar em popularidade de livros em uma população que em 1920 ainda possuía 75% de analfabetos? Que popularizada é essa que é representada por apenas um quarto da sociedade brasileira? Desta forma, não podemos cair na armadilha de pensar neste processo como algo homogêneo e capaz de atingir todos os brasileiros e fortalezenses daquele período.

Desta forma, podemos concluir que o setor social que obteve acesso a esses livros era alfabetizado e inclusive falava o idioma francês, assim ficando de fora do grande percentual de analfabetos e se inserindo em um pequeno círculo social que possuiu recursos para obter a alfabetização, o aprendizado do novo idioma e adquirir essas obras. Assim, demarcamos uma pequena elite intelectual, mas também econômica. Desta maneira, percebemos que desde o início estamos tratando de setores abastados da sociedade, os quais obtiveram maior contato com estas influências.

Percebermos através da disseminação do idioma, das roupas e dos livros inspirados nos costumes franceses uma determinada alteração no cenário cotidiano desta parcela mais abastada:

Às cinco horas faziam-se visitas à européia e tomava-se chá. Supervestidos, senhores pelintras, de colete branco, de linho pérola, muito aparados, penteados e de bigodinho frisado, visitavam senhoras que, supervestidas, os recebiam entre amigas no salão de visitas, todo atravancado de bibelôs, reposteiros, jarrões, mesinhas, cadeiras estofadas estilo Luís isto, Luís aquilo, com banquetinhas para se pôr o pé,

vasos de plantas pelos cantos e piano de cauda com retratos. E tomavam chá. Tudo como se fazia lá na Europa. (TRAVASSOS apud CAMARGO, 2003, p. 139).

Adentramos em um “mundo” regido pela moda francesa, vestidos e paletós feitos de tecidos importados, cortes de cabelos sofrendo a mesma inspiração, móveis e objetos inspirados em estilos de monarcas franceses. Vislumbramos uma incorporação destas práticas no cotidiano destes setores mais abastados.

Além dos aspectos mencionados, a educação de rapazes e moças dos segmentos abastados também seguiu a influência de uma tradição afrancesada. Seja mandando seus filhos para estudar na Europa, precisamente na França, ou contratando letrados capacitados na tradição francesa, o contato através da educação também se fez presente e intenso.

Para acompanhar o cosmopolitismo do Velho Continente, as moças e rapazes da elite recebiam educação européia. Era comum contratar preceptores franceses ou manter os filhos em colégios na França ou em filiais de instituições de respeitabilidade na Europa – o Sacre Coeur e o Sion, no Rio de Janeiro, e o Des Oiseaux, em São Paulo. Ali, freiras que não dominavam o português lecionavam todas as matérias em francês. As longas permanências na Europa também faziam parte do calendário social, sendo imprescindíveis a uma educação esmerada. (CAMARGO, 2003, p. 140).

“Para acompanhar [...] o velho continente” ser enviado para a França ou estudar em escolas de tradição francesa instaladas no Brasil cumpria o desejo destas elites de obterem distinção social. Este modelo de educação contribuiu com a aproximação entre os costumes. Assim, ao passarem longos períodos na Europa e serem instruídos nas tradições francesas, estes jovens obtiveram um contato mais direto e intenso com estas influências afrancesadas. Ao voltarem ao Brasil ou saírem das instituições que aqui estudavam, acabaram disseminando tudo o que tinham incorporado consciente ou inconscientemente.

Os segmentos sociais mais abastados que detinham um maior poder econômico “beberam” nesta inspiração francesa. Seja através da educação, dos livros, dos costumes, do vestuário, do idioma ou dos produtos. Da França importavam “os modelos de prestígio avidamente adotados por nossas elites sedentas de legitimação. (CAMARGO, 2003, p. 141).

Em Fortaleza, esse processo teve uma intensificação com a chegada da casa comercial Boris Frères.

A procedência dos comerciantes Boris está ligada à cidade de Chambrey, na região da Alsácia-Lorena, na fronteira com a atual Alemanha. [...] Foram os dois filhos mais velhos de Joseph Boris os primeiros a chegarem no Brasil. Em 1866, então com 22 anos, Alphonse teria desembarcado em Fortaleza, vindo de navio do Rio de Janeiro. Em 1867 teria chegado Théodore – o primogênito, com 26 anos- que desembarcou em Recife, fez o caminho por terra até a província do Ceará. A primitiva Casa Comercial – Théodore Boris & Frères – teria então sido fundada dois anos depois, em 1869. [...] Uma vez fundada a casa matriz em Paris, 1872, Théodore voltou a Fortaleza, acompanhado de Adrien – o mais novo dos sete filhos homens de Joseph

Boris – [...] e estabeleceram a casa filial, “na rua da Palma, no centro comercial desta cidade”. (TAKEYA, 1995, p. 118-121).

Esta casa comercial foi responsável pela importação de diversos produtos, principalmente franceses, ao longo dos anos. Dessa maneira, acabou contribuindo para a entrada destes objetos de consumo dentro da Fortaleza alencarina e assim aproximando os setores abastados dos mesmos.

Esse processo de aformoseamento e remodelação urbana inspirado nas matrizes europeias, conhecido como *belle époque*, não passou despercebido em Fortaleza. Logicamente, devemos evitar as generalizações, as quais poderiam nos levar a acreditar que toda a população foi inserida neste processo. De fato, devemos levar em consideração que assim como no restante do país os segmentos mais abastados economicamente é que participaram mais intensamente desta aproximação com os costumes afrancesados.

Diante de um processo de expansão econômica⁶ e urbana de Fortaleza, os poderes públicos, elites enriquecidas e setores intelectuais realizaram um significativo e profundo conjunto de reformas urbanas capazes de alinhar a cidade aos códigos de civilização, tendo como referência os padrões materiais e estéticos das grandes cidades europeias, dentre elas Paris. Isso significou, além da padronização estrutural da cidade, o ato de “disciplinar os pobres, doentes, mendigos, loucos, “vadios” e prostitutas, vistos como agentes nocivos a esse processo civilizatório, produtivista e normatizador pretendido na capital.” (PONTE apud SOUZA, 2007, p. 164).

Vivenciaram uma ebulição de modernidades e aformoseamentos quando o discurso e as práticas sociais buscavam imitar a civilidade europeia. Desta forma sendo realizadas inúmeras reformas urbanas e a instalação de diversas companhias de serviços básicos.

Assim, teve-se calçamento nas ruas centrais (1857), canalização de água potável (em 1867, ao encargo da inglesa Ceará Water Company Limited), bondes a tração animal (inaugurados em 1880 pela Cia. Ferro Carril e depois transferidos para The Ceará Light and Powers), iluminação a gás carbônico (em 1867, implementada pela Ceará Gás Company Limited, com sede em Londres), linhas de navios a vapor para Europa e Rio de Janeiro (a partir de 1866), melhoria no porto (o chamado Porto das Dragas, entre 1870 e 1886), biblioteca (1867), jornais, diversas praças arborizadas, clubes para lazer, fábricas de tecidos (1883), hospital (Santa Casa de Misericórdia, em 1861), asilo para alienados (1886), Mercado Público com estrutura metálica (1897), estrada de ferro ligando a cidade ao interior, telégrafo (1879), telefone (1883), caixas-postais (1889), bons educandários (o Liceu do Ceará desde 1845), o

⁶ Durante a segunda metade do século XIX a economia do estado do Ceará se desenvolveu bastante devido a vários motivos, sendo o principal o aumento de sua produção e venda algodoeira, já que os Estados Unidos da América estavam envolvidos na Guerra de Secessão e não continuaram exportando para a Inglaterra. Dessa maneira, o Ceará passou a exportar algodão para os ingleses a partir de 1860 e Fortaleza se tornou um centro econômico da província cearense. (PONTE, 1993).

seminário da Prainha e o colégio Imaculda Conceição em 1864), entidades intelectuais e cemitérios. (BRUNO; FARIAS, 2011, p.59-60).

Na tentativa de evitar que a cidade crescesse de modo desordenado, foi contratado pelo governo cearense para tentar disciplinar o crescimento espacial-urbano o engenheiro-arquiteto Adolfo Herbster. O plano urbanístico de Herbster ampliava e estendia o traçado da cidade para além dos limites de então e criava, inspirando-se na cidade de Paris, três *boulevards* (avenidas) para facilitar o fluxo de pessoas e produtos, os quais correspondem às avenidas Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel.

Essas três avenidas fizeram parte desta tentativa de ordenar o espaço urbano e assim se inspiraram no traçado francês. Todavia, a inspiração não se reduziu a esse aspecto, um desses *boulevards* serviu de entrada para um dos bairros fortalezenses que mais sofreu influências afrancesadas em seu aspecto físico, inclusive através da arquitetura das casas.

Nos idos de 45, a Avenida do Imperador é uma espécie de porta de entrada para o aristocrático bairro de Jacarecanga. Com suas largas calçadas, sua pavimentação de pedras toscas, seus fundosos e elegantes oitizeiros, é minha Via Veneto, minha Avenue Foch, minha Fifth Avenue. Suas casas são diferentes, potentes, nobres, um relicário arquitetônico das senhoriais vivendas construídas nas primeiras décadas deste Século. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo “Art Nouveau” com as imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras “rendas” e arabescos fundidos. As portas têm rótulas e postigos com vidraças coloridas importadas da França, da Bélgica e da Holanda. As portas de entrada dão acesso aos pequenos vestíbulos ou salas-de-espera. Os artísticos paltibandas, ostentam balaústres, “pinhas”, “abacaxis”, jarrões. [...] Até uma típica mansão francesa tem na Avenida do Imperador. É a residência da família Thomaz Pompeu, em frente a Praça da Lagoinha. (LOPES, 1996, p. 33).

Assim como nos fala Marciano Lopes, podemos ver na foto abaixo a residência da família Thomaz Pompeu e suas características físicas inspiradas nas mansões francesas. Portas, janelas, sacadas, vidrais e tantos outros detalhes buscaram apresentar determinadas similaridades com o estilo afrancesado de construir e ornamentar as residências.

Figura 1- Mansão da família Thomaz Pompeu, em frente à Praça da Lagoinha.



Fonte: Acervo Leila Nobre. Acesso em: <http://www.fortalezanobre.com.br/>. Acesso em 01 de fevereiro 2015.

Calçadas, plantas, fachadas, portas, balaústres e tanto outros detalhes foram inspirados no que havia de mais novo em Paris. Essa descrição do bairro da Jacarecanga nos proporciona um olhar mais específico acerca da inspiração francesa nas ruas e nas casas das famílias mais abastadas em Fortaleza. Assim, podemos perceber até que ponto esta disseminação estava acontecendo.

No caminhar de uma remodelação urbana de Fortaleza, alguns cafés surgiram.

[..] não foi à toa que na década de 80 quatro elegantes cafés, em estilo *chalet* francês, surgiram nos quatro cantos da Praça do Ferreira. Tinha que ser lá, afinal a praça era o principal logradouro desde a primeira metade do século XIX. Em seu entorno estavam os principais estabelecimentos comerciais, repartições públicas e o terminal dos bondes, os cinemas etc.

Os cafés – Java, Elegante, Iracema e do Comércio – a exemplo de seus congêneres parisienses, espalhavam mesas ao ar livre e reunião políticos, intelectuais e boêmios,

principalmente a partir do final da tarde. Ali, discutiam as últimas novidades políticas e literárias, enquanto se regalavam com aperitivos e assistiam ao espetáculo da multidão em desfile. O preferido pela jovem intelectualidade boêmia era o Café Java. Foi nele que Antônio Sales e parceiros tiveram, em 1892, a sublime idéia de criar uma agremiação literária diferente, absolutamente avessas às existentes: a Padaria Espiritual⁷. (PONTE apud SOUZA, 2007, p. 171).

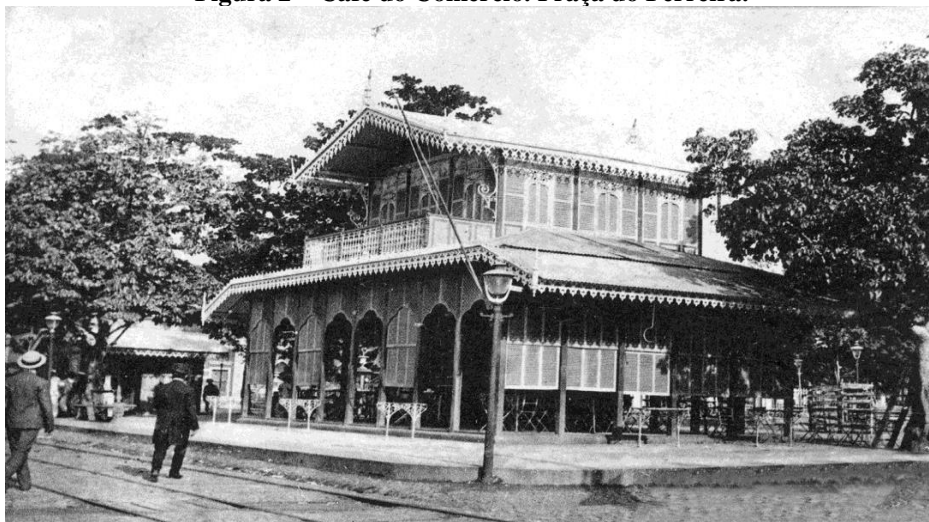
Nestes cafés, diversos intelectuais e literatos se encontravam para dialogar e debater, assim como em Paris.

Nos idos de 45, quase todas as esquinas do centro comercial de Fortaleza tinham um café, sem contar uns poucos de meio de quarteirão. Esses cafés, redutos de bucolismo romântico, que nos anos mais tarde seriam substituídos pelos inexpressivos cafés expressos, tinham um pouco do charme aristocrático do início do século e um doce toque parisiense. (LOPES, 1996, p. 55).

Desta maneira, seguindo as inspirações francesas e sendo absorvidos pelos setores mais restritos, esses cafés foram disseminados principalmente na Praça do Ferreira, núcleo ativo do modelo mais afrancesado em Fortaleza. Além disso, podemos perceber o status luxuoso e aristocrático exalado por essa inspiração afrancesada, nos fazendo imaginar a diferenciação social causada para os frequentadores destes locais.

Nas fotos abaixo podemos vislumbrar três dos cafés construídos na Praça do Ferreira durante a onda de afrancesamento dos estabelecimentos.

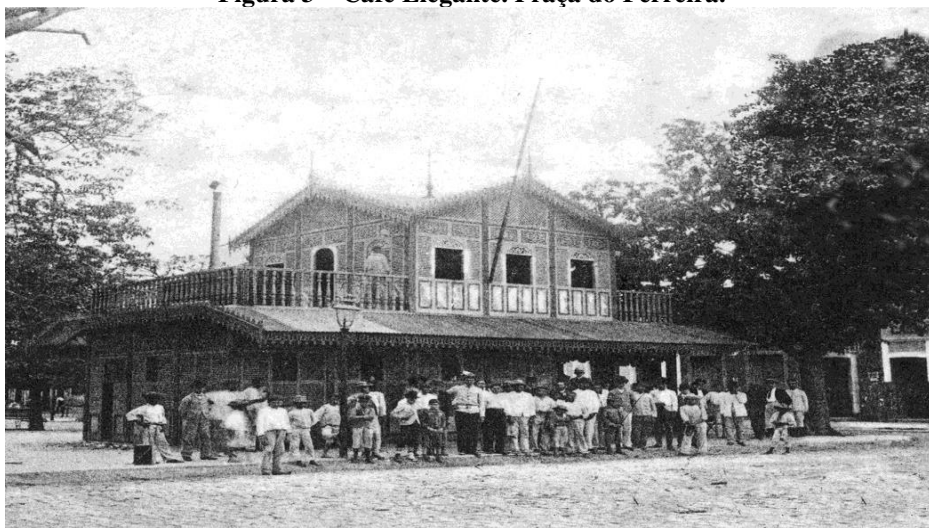
Figura 2 – Café do Comércio. Praça do Ferreira.



Fonte: Acervo Nirez.

⁷A Padaria Espiritual foi um grupo eclético em atuações e tendências literárias, ficando conhecida pela irreverência, pela boemia, pelo sarcasmo, por seu caráter “revolucionário” e pela tentativa de inspiração exclusivamente brasileira em seus escritos. Liderada pelo escritor Antônio Sales, tinha como um dos principais propósitos criticar a classe dominante. Foi uma sociedade literária por onde passaram escritores, jornalistas e intelectuais cearenses durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, ajudando a compor parte significativa da atividade literária do Ceará através do seu jornal *O Pão*. (CARDOSO, 2006).

Figura 3 – Café Elegante. Praça do Ferreira.



Fonte: Acervo Nirez.

Figura 4 – Café Java. Praça do Ferreira.



Fonte: Acervo Nirez.

Os cafés foram apenas um dos indicadores de uma “epidemia” que se alastrava por Fortaleza e pelas outras cidades do Brasil naquele fim-de-século: a febre do afrancesamento (SOUZA, 2007; PONTE, 1993). Para que o centro urbano parecesse mais cosmopolita, moderno e em busca do progresso, foi preciso se espelhar nos modismos franceses e assim tentar imitá-los, já que naquele período o modo de vida francês era considerado a principal referência de modernidade dentro dos centros europeus.

Dessa forma, a própria praça onde os cafés ficaram localizados se transformou em um dos exemplos mais veementes desta significativa influência que Fortaleza sofreu.

Nos idos de 45, a Praça do Ferreira era o “coração da cidade”. Coração que pulsava forte, no momento do relógio da sua famosa Coluna da Hora, em estilo “Art-Déco”, de cimento e pó de pedra. De inspiração francesa, como quase tudo naqueles tempos, a Praça, era absolutamente simétrica, na arrumação dos seus longos e anatômicos bancos de madeira; nos canteiros, cortados à maneira de Versailles e Tulleries, com suas estátuas de faiança, representando as quatro estações e os fícu-

benjamins podados em formas de bolas, anéis saturninos, pirâmides e cubos. (LOPES, 1996, p. 39).

Sua inspiração francesa foi constituída através dos detalhes, traços e quaisquer semelhanças que pudessem ser alcançadas e assim reproduzidas, incluindo o uso de materiais idênticos na construção. Mesmo características que não podiam ser mimeticamente utilizadas aqui no Ceará, foram usadas, como o caso das quatro estações do ano que por aqui nunca foram bem definidas e mesmo assim foram representadas.

Com esse dinamismo urbano e principalmente com o dinamismo econômico vivido por Fortaleza, os atores sociais que se inseriam nesse processo acabaram por se tornarem visíveis. Indivíduos ligados ao setor comercial, fortalecidos pelas atividades de importação e exportação, bem como profissionais liberais (bacharéis, médicos, engenheiros, jornalistas), passaram a expressar estes ideais de “progresso e modernidade”, assim evidenciando sua ascensão social.

Da mesma maneira que no restante do Brasil, na Fortaleza da passagem do século XIX para o XX, a cultura francesa foi bastante valorizada por estes setores dominantes, pois além de representarem, em tese, o rompimento com o arcaico e o provinciano, desta maneira extirpando o “atrasado”, propiciaram determinada distinção social perante os outros setores sociais.

Assim, observamos a disseminação francesa desde a vestimenta até a vida social de Fortaleza.

Talvez por ser tão pequena e tão singela, Fortaleza, na metade da década de quarenta, era uma cidade com ares aristocráticos, tinha pudores de donzela, não obstante ser tão francesa no seu acultramento. A França, determinara a formação das senhorinhas de boa estirpe, assim como comandava a moda, o padrão das lojas e de suas artísticas vitrinas, a vida social que acontecia no Clube Iracema, no Clube dos Diários e no Ideal Clube. (LOPES, 1996, p. 27).

O culto ao afrancesamento se traduziu através de várias formas e sentidos, desde a vestimenta, passando pelo idioma, pelos produtos e chegando inclusive a vida social. Uma destas formas foi o hábito destes segmentos sociais de utilizar expressões em francês para distinguir-se enquanto culto e moderno, ou empregar nomes franceses em estabelecimentos comerciais para atrair clientela. “Foi o caso das lojas *Paris des Dames*, *Paris n’America*, *Maison Moderne*, *Rendez-vous de Dames*, *Café Riche*, *Restaurant Entamient Europeu* e *Hotel de France*” (PONTE apud SOUZA, 2007, p. 172). Não bastou apenas utilizar palavras em francês fazendo uma referência indireta, percebe-se a utilização de referências diretas na utilização do próprio nome “Paris” em muitos destes estabelecimentos, assim nos mostrando

umas das manobras comerciais utilizadas para atrair mais clientes ávidos pelo considerado novo e “civilizado”.

Era *chic* utilizar palavras em francês em qualquer tipo de diálogo, mostrava refinamento usar roupas inspiradas nos modelos franceses, dessa maneira corroborando com a aproximação entre os costumes. Os casos mais evidentes eram das lojas que vendiam roupas e objetos considerados de luxo, onde alardeavam imediatamente que estes produtos chegaram direto de Paris. As lojas chamavam-se Au Phare de La Bastill, Louvre, Bom Marché, Grande Nouvenate de Paris. O mesmo ocorria com farmácias, hotéis, restaurantes, fotógrafos, havendo inclusive alguns anúncios nos jornais.

O vestuário se inspirou na moda afrancesada através dos tecidos, dos detalhes, dos cortes e de outros materiais utilizadas na vestimenta.

Os homens, usavam ternos de linho irlandês, de dia e de casemira inglesa, à noite. Os bem trabalhados ternos, eram feitos pelos mestres alfaiates, instalados, regra geral, na Rua Guilherme Rocha, entre as Ruas Barão do Rio Branco e General Sampaio. As mulheres, usavam muita seda francesa, com estampas florais sobre fundo negro, musselinas para os vestidos de noite, muito laço, muito drapeado, fivelas, “apanhados”, fricotes. Os sapatos eram, quase sempre, combinados de pelica e camurça, abertos, de preferência e não raro, os ditos “plataforma”, inspirados em Carmem Miranda. As luvas eram indispensáveis, até para as compras no mercado, do mesmo jeito que o chapéu. Os decotes eram discretos, as saias desciam até esconderem as batatas das pernas envoltas em meias de seda. (LOPES, 1996, p. 29)

Homens e mulheres fortalezenses que possuíam determinado poder econômico se inspiraram na moda francesa, passaram a desfilhar trajes ornamentados com tecidos e apetrechos que buscavam similaridade com os utilizados pelos próprios franceses. Dos ternos aos vestidos, dos sapatos as sandálias, esta influência afrancesada “desfilou” por Fortaleza através da moda disseminada nestes setores mais bastados.

Todavia, se nos preocuparmos em imaginar as diferenças climáticas existentes entre a França e o Brasil, mais precisamente Fortaleza, nos daremos conta, sem precisar fazer muito esforço, que a média da temperatura em solo francês é muito menor do que em solo alencarino. A temperatura na terra da Luz possibilitava o uso de tecidos mais pesados e densos, que protegiam do frio e esquentavam. Dessa forma, como imaginarmos esses mesmo tecidos sendo utilizados em um local de temperaturas bem mais altas e sol radiante boa parte do ano? Acreditamos que dentro da lógica do status e do consumo destas mercadorias estrangeiras, a princípio, os fortalezenses de poderio econômico mais elevado se submeteram a utilizar esse tipo de vestuário.

Assim, mesmo com a diferença de clima e de temperatura existente entre a França e Fortaleza, os modelos e os tecidos lá utilizados foram aqui copiados e utilizados. Embora,

passado um tempo de utilização, a percepção do incomodo climático se fez presente e estes tecidos e cortes passaram por uma adaptação à realidade climática da cidade, como veremos no desenrolar da dissertação através de memorialistas como Lopes (1996) e Girão (2008).

Dessa forma, percebemos que através do idioma, da vestimenta, de características físicas de ruas e casas, dos anúncios comerciais de algumas lojas e da instalação de cafés aos moldes parisienses os setores abastados de Fortaleza também vivenciaram o período da *belle époque*. Assim, acabaram se aproximando das influências afrancesadas e corroboraram para sua disseminação dentro da sociedade a partir do desejo pelo novo.

Todavia, esse processo de intensa influência afrancesada no Brasil e em Fortaleza também conheceu o seu declínio. Da mesma maneira que a devastação das cidades e a dizimação de populações durante a primeira guerra mundial marcou o fim da *belle époque* europeia, o conflito ocorrido entre 1914-1918 também deixou profundas marcas na *belle époque* experimentada em Fortaleza. O pavor trazido pela guerra refreou o entusiasmo pela vivência dos “belos tempos” em escala mundial. (SOUZA, 2007; PONTE, 1993).

Em Fortaleza, o declínio desta fase tem seu ponto máximo na demolição dos cafés e do jardim da Praça do Ferreira. Símbolos da vigência da *belle époque* em Fortaleza e orgulho do segmento social ávido pela distinção e pelo moderno, estes “monumentos” marcaram na virada do século os ideais de “civilização” idealizados pela população, assim sua destruição também representou simbolicamente o declínio destes ideais de aformoseamento.

Todavia, imaginamos se esse declínio realmente ocorreu de maneira tão intensa? Pois como vimos anteriormente, segundo Takeia (1995), existe um consenso na historiografia francesa aonde os anos após 1914 na França teriam sido marcados por uma fase de retorno ao crescimento nas exportações. Desta forma, acreditamos que mesmo com a Primeira Guerra, fragmentos deste contato em cidades ao redor do mundo ainda permaneceram, como no caso de Fortaleza. Assim, acreditamos que ao mesmo tempo em que a guerra cerceou algumas possibilidades econômico-comerciais, o crescimento mencionado pela autora surgiu como forma de equilibrar a balança da influência.

Vimos como a vestimenta, o idioma e os costumes foram sendo influenciados a partir de uma abertura fornecida pela vontade de se diferenciar socialmente. O ter e o possuir objetos, roupas, livros ou qualquer tipo de produtos vindos da França foram sinônimos de ascensão e distinção social na Fortaleza daquele período. Dessa maneira, veiculamos a aproximação com estes hábitos afrancesados a partir dessa vontade/necessidade destes segmentos abastados de possuir e serem civilizados.

O desejo pelo dito moderno, técnico, civilizado e demais adjetivos que representavam o novo como algo melhor em contradição ao antigo, constituiu o cerne do desejo de muitos cidadãos fortalezenses. Os quais acabavam nutrindo a vontade de possuir e consumiam simbolicamente a influência estrangeira.

Todavia, com o passar do tempo, principalmente com a virada da década de 1930 para a de 1940, percebemos, através dos periódicos e dos memorialistas, que esta influência francesa teve sua força enfraquecida, assim, perdendo espaço para a influência norte americana. Este processo novamente passou pela vontade de se tornar civilizado, de possuir objetos mais modernos.

Foi assim que durante a década de 1940 os “flertes” que a sociedade brasileira mantinha com os costumes estadunidenses se transformaram em algo mais concreto e, do mesmo modo que na década de 1920 o *chic* foi incorporar as influências afrancesadas. O que moveu a distinção social, nesse momento, foi a incorporação dos hábitos norte-americanos através da vestimenta, da língua, da alimentação e do comportamento.

Entretanto, quais fatores poderiam nos ajudar a compreender os motivos por trás dessa diminuição da influência afrancesada no Brasil além da Primeira Guerra Mundial? É a partir deste questionamento que adentramos no contexto da Segunda Guerra Mundial, na beligerância do conflito e das dificuldades impostas por um acontecimento militar dessa magnitude. Pois, assim como a Primeira Guerra se apresentou como um “personagem principal” na “novela” do declínio da *belle époque*, a Segunda também tratou de “representar seu papel” no apogeu da aproximação estadunidense daquele período.

Durante os anos de 1939 a 1945, a Segunda Guerra Mundial marcou a humanidade. Em dois blocos distintos, Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão), se enfrentaram em um conflito de proporções nunca antes visto⁸. Alianças foram sendo construídas, desfeitas e refeitas no decorrer deste processo, a exemplo do Brasil que, antes, possuiu estreitas ligações com a Alemanha, através do presidente Getúlio Vargas e da sua política ideologicamente centralizadora do Estado Novo. Porém, com o início do conflito, acabou se aliando aos Estados Unidos e aos aliados, assim se inserindo no conflito mundial, ao lado contrário do que poderia ter se acreditado naquele momento. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

⁸ Com o término da Segunda Guerra Mundial, o panorama político-econômico mundial sofreu algumas transformações. O continente europeu teve seu poderio econômico e populacional diminuído; países que pertenceram ao Eixo, foram duramente penalizados através do pagamento de indenizações e perdas territoriais; ocorreu a acentuação de um deslocamento do poderio econômico para os Estados Unidos e, principalmente, uma polarização mundial entre dois blocos antagônicos, um liderado pelos Estados Unidos (bloco capitalista) e, outro liderado pela União Soviética (bloco socialista). (ALVEZ, 2002).

Diferentemente da Primeira Guerra Mundial, neste segundo conflito de proporções globais, o Brasil participou mais efetivamente através da aproximação dos E.U.A. e da assinatura, em 1942, dos Acordos de Washington. O governo brasileiro recebeu investimentos financeiros para serem utilizados no desenvolvimento da sua indústria siderúrgica nacional. Porém, como cláusula do contrato, “cedeu” territórios estratégicos no Norte e no Nordeste do país, permitindo à construção de bases militares norte-americanas, forneceu minerais e borracha aos E.U.A e, ainda, enviou soldados brasileiros para o conflito que estava ocorrendo na região da Itália. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

É através desse panorama que adentramos em algumas facetas trazidas pela guerra: a dificuldade de comercializar produtos, o domínio de povos sobre outros e a destruição física e simbólica de países. Estes três fatores nos ajudam a compreender a intensificação de um processo de declínio da influência francesa no mundo e consequentemente no Brasil e em Fortaleza.

Com o conflito, o mundo entrou em estado de beligerância, não se podia comercializar normalmente, o risco de torpedeamento e de roubo de cargas se tornou alto em meio a logística de guerra, onde se visou impedir que os seus inimigos recebessem suprimentos. Com a dificuldade de importar gêneros, até os alimentos começaram a faltar e o racionamento foi instalado:

Quando dos difíceis dias de guerra, aqui, como por todo País, aconteceu um enérgico processo de racionamento de gêneros em geral. Não havia carne, nem farinha, nem açúcar, feijão e faltava, especialmente, gasolina para os veículos. Muito cedo, antes do sol nascer, íamos bater no açougue ou na padaria, às vezes em bodegas distantes de casa, onde diziam haver determinados produtos. Mas a procura era grande, a demanda maior que a oferta. Os mais espertos conseguiam adquirir o de que precisavam. A maioria sobrava, ou tinha de recorrer ao “mercado negro”, famigerada atividade que enriqueceu muita gente entre nós, negociando a preços exorbitantes os produtos racionados. (GIRÃO, 2008, p. 111-112).

Assim:

No Brasil, e, para melhor falar, aqui no Ceará, estamos nós também as voltas com esse apavoramento problema da carestia da vida. E, no nosso caso, a encarar ainda um fator agravante como é a seca geral que estamos passando. Enfrentamos, infelizmente, diante de uma tríplice crise: crise de produção, crise econômica e crise internacional. Sujeitos aos azares da navegação marítima, por meio da qual recebemos todos os suprimentos de que necessitamos para poder viver [...] (PONTOS de Vista. O Nordeste, 14 de setembro de 1942, p. 3)

Quando levamos em consideração que a dificuldade de importação prejudicava até a chegada de gêneros de primeira necessidade, como os alimentos, o que podemos esperar de outros tipos de produtos como sapatos, roupas, livros? Em meio ao contexto desse conflito, como estes produtos poderiam ser importados da França para Fortaleza de forma sistemática?

Qual a dificuldade e a necessidade que estariam implícitos nesse tipo de importação? Pois, além da beligerância do conflito ter provocado à carestia de produtos de primeira ordem, o Ceará ainda enfrentou o árduo problema da seca. Dentro deste contexto, as dificuldades que assolaram o povo cearense aparecem como um dos fatores que dificultavam este contato.

Logicamente, devemos levar em consideração que, historicamente, os setores mais abastados não são afetados com a mesma intensidade que as camadas de menor poder econômico, pois os primeiros possuem reservas capazes de lhe nutrir por determinado tempo. Dessa forma, podemos imaginar que esta carestia não afetou a elite fortalezense a ponto de erradicar totalmente seu contato com os costumes estrangeiros, mas foi suficientemente capaz de frear um maior processo de influência.

Desta maneira, a guerra dificultou a chegada de produtos vindos da França, país que se encontrava do outro lado do Atlântico, mais próximo da Alemanha, a qual se tornou inimiga direta do Brasil após a assinatura dos acordos com os Estados Unidos.

Nesse ponto, devemos levar em consideração que durante a Segunda Guerra Mundial a França foi dominada pela Alemanha. Em meio ao conflito, as tropas de Hitler dominaram os franceses, tomaram seus territórios, fundaram a República de Vichy (célula alemã dentro do território francês) e impuseram duras sanções, desta maneira, cerceando, dentre outras coisas, a liberdade comercial francesa e impedindo que a mesma continuasse a “exportar” sua influência pelo mundo travestida de objetos e utensílios.

O cerceamento foi imposto de forma dura, até os sermões precisavam ser aceitos pelos nazistas:

GENEBRA, 25 (A.P.) – Numa informação publicada recentemente, a qual examina a situação da França sob o domínio nazista, o diário “El Journal” afirma que a imprensa francesa é mais digna de compaixão do que de recriminações. Como exemplo do ambiente que domina a França o referido jornal expressa que até os sacerdotes têm que submeter o texto dos seus sermões à aprovação nazistas. “Até as lavras do evangelho – diz o citado órgão suíço – necessitam da censura alemã para sua difusão. (ATÉ os sermões são submetidos à censura nazista, na França. O Nordeste, 25 de maio de 1943, p. 2)

Vemos que a dificuldade de manter as atividades comerciais não foram os únicos prejuízos causados pela dominação alemã. A França estava sobre o domínio de um país totalitário e centralizador, o qual não permitiu a continuação dos princípios de liberdade utilizados pelos franceses desde a sua maior revolução. Devemos perceber que o domínio sobre os franceses também fez parte da estratégia para derrotar os aliados e, assim, mantendo os mesmos isolados.

Os defensores da democracia francesa tiveram que se evadir do país para tentar organizar algum tipo de libertação.

LONDRES, 7 (A. P.) – Nove antigos ex-deputados e um antigo ex-governador franceses, formaram um grupo parlamentar Frances, com o objetivo proclamado de “libertar a França e restaurar a sua democracia”. Os fundadores do grupo são todos evadidos da França desde o armistício e fazem parte da organização Franceses Combatentes. (BLOCO parlamentar francês em Londres. O Nordeste, 7 de abril de 1943, p. 3)

A partir deste cenário de dominação alemã percebemos a queda da influência francesa. Pois não podiam manter sua hegemonia cultural com sua liberdade econômico-comercial sendo cerceada e reduzida aos caprichos alemães.

Neste ponto, devemos nos questionar se necessariamente a força cultural deste país estava ligada à sua preponderância econômico-comercial. A liberdade de exportação nutriu o alcance cultural francês em outros locais do mundo?

Mesmo sendo uma pergunta complexa de responder, e a qual não pretendemos dar por encerrada nessa pesquisa, acreditamos que sim, o contato cultural com os costumes afrancesados se deu prioritariamente através do consumo de objetos, utensílios, livros, roupas e, posteriormente, do idioma, estando assim diretamente amalgamada a capacidade de exportação francesa e sua força cultural.

Devemos primeiro perceber que este processo ocorreu no cerne das camadas mais abastadas como falamos anteriormente. Só assim seremos capazes de compreender que a aquisição de bens materiais aparece como uma forma mais simples de contato, pois demanda apenas a compra do objeto por aqueles que possuem o poder econômico. Viagens a França e o aprendizado do idioma aparecem em um segundo grau de dificuldade, pois demandam um maior investimento financeiro, bem como tempo e disposição, o que poderia reduzir o número de pessoas com capacidade de alcance a esse contato, tendo em vista os 75% de analfabetos no Brasil e a pequena parcela que correspondia as classes mais abastadas.

Para finalizar, o contato com um grande contingente de franceses, algo que poderia aumentar essa influência, não vai ocorrer da maneira tão intensa e duradoura como ocorreu com os soldados norte-americanos, como veremos nos tópicos a seguir.

Todavia, não pretendemos afirmar que o fator cultural depende intrinsecamente do fator econômico, não pretendemos criar uma hierarquia entre ambos, apenas almejamos mostrar que os dois fatores estão de certo modo ligados e coexistindo de maneira interdependente. Assim, ao afetar um dos mesmos o outro também sofreria de alguma forma um revés.

Após levarmos essa faceta em consideração, nos debruçamos sob o cenário físico e econômico que regia a Europa e França no pós-guerra.

Na segunda metade dos anos quarenta, terminada a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa arrasada, procurava recuperar-se, emergindo dos escombros, os americanos inventaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. A França, até então, senhora absoluta e ditadora suprema da Cultura do Ocidente, perdia sua hegemonia em favor de “Tio Sam”. Que fazer: a velha senhora estava seriamente enferma, lutava para recuperar-se da catástrofe que lhe fora quase fatal, não tinha forças para lutar contra os usurpadores. No Brasil, como em toda a América Latina, em Fortaleza, particularmente, a idolatria aos soldados ianques era um fato. Afinal, foram eles os heróis inquestionáveis que derrubaram Hitler e seus asseclas. Deus sabe com quanta ajuda, até com a nossa! Mas, como sempre aconteceu, os louros da vitória coroaram as cabeças mais fortes. Assim sendo, o mundo e, em particular a América Latina tinham que curvar-se às imposições da cultura emergente o que significava, dentre outras coisas, aceitar o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica, além de outras “catrevagens”, sem esquecer a “Coca-Cola”. (LOPES, 1996, p. 125).

Assim, percebemos que mesmo com o fim da guerra e com a derrota alemã, os franceses ainda tiveram que pagar um alto preço. Privados de sua liberdade comercial e econômica durante o cerceamento alemão, destruídos fisicamente e com perdas materiais e humanas, os mesmos ainda tiveram que lutar duramente pela sua reconstrução. Com o desenrolar do conflito os E.U.A. intensificou-se como forte candidato ao domínio econômico e, no estado em que se encontrava, a França não teve condições de manter sua posição hegemônica no cenário mundial. Como continuar sendo o berço das novidades e da distinção social se mal possuía recursos para se reconstruir? Foi nesse contexto que a influência francesa sofreu seu maior abalo e perdeu espaço para os norte-americanos que já vinham crescendo mesmo antes do conflito.

Antes da Guerra, maravilhosa era a Alemanha com seus gênios inventores. De lá vinham as máquinas, os carros, tudo o que era alta tecnologia. A França mandava a frescura na forma de moda, tecidos finos, chapéus, vestidos, sapatos, perfumes. Agora, porém, a coisa estava mudando e “Tio Sam”, com sua festiva cartola estrelada, começava a brincar com os tolos habitantes do Terceiro Mundo. Não eram só os produtos oriundo da borra do petróleo que faziam a sensação por aqui, Roosevelt, o Presidente que “vencera” a guerra, queria conquistar, na paz, os povos subdesenvolvidos e deu, em dose cavalgar, tudo que índio gosta: além das mencionadas quinquilharias, música latina, bem vibrante e alegre, danças sensuais e bebida – a “coca-cola”. As quinquilharias estavam chegando, pouco a pouco às lojas da cidade. As danças e cantos de ritmos quentes e contagiantes estavam nas telas dos cinemas. (LOPES, 1996, p. 125-126).

Assim, cada vez mais os estadunidenses foram ganhando espaço para inserir seus costumes. As teias de influência norte-americana foram sendo tecidas em solo fortalezense e com a imagem de “salvadores” que derrotaram Hitler sendo impulsionada, os norte-americanos se debruçaram sob um grande espaço de inserção. Os produtos que para cá vieram começaram a se destacar como forma de distinção social, assim como os franceses se destacaram nas décadas anteriores.

Num balanço geral, e insofismável, o “american way of life” se impôs. Deixamos para trás o modelo europeu, predominantemente francês, para seguir os hábitos

americanos. Tornamo-nos, em poucos anos, bebedores de Coca-Cola, comedores de sanduíche “macdonald”, adeptos do slack e da bermuda, até os dias presentes, quando, em ruidoso processo de globalização, somos praticamente uma caricatura do “grande irmão” do norte. (GIRÃO, 2008, p. 130).

Com a chegada destes produtos:

Aquele Brasil europeizado, que se mirou a princípio na metrópole lusitana, e a seguir no modelo francês e britânico, cuja predominância no campo econômico-financeiro era notória, de repente trocou de roupa, vestiu-se esportivamente, adotou o slack, a bermuda, a calça comprida para as mulheres, aprendeu a beber Coca-Cola e uísque, passou a dançar o boogiewoogie e a ouvir jazz. E principalmente, entendeu de aprender a falar inglês. [...] O chic não era mais conhecer Paris, mas visitar os “States”, Nova Iorque ou Los Angeles, Miami ou Chicago. O Brasil do pós-guerra modernizou-se também o fardamento do seu Exército, calcado outrora no da França, agora no dos Estados Unidos. E era para lá que numerosos oficiais brasileiros iam fazer seu aperfeiçoamento militar. (GIRÃO, 2008, p. 183).

Assim, percebemos que o que causou distinção social perante os setores mais abastados após a Segunda Guerra foi à influência norte-americana. Não era mais necessário conhecer Paris, cidade destruída pela guerra que lutava para se reerguer, mas conhecer os Estados Unidos tornou-se imprescindível para as pessoas ávidas pelo novo e pela distinção social.

Dessa maneira, a partir do domínio alemão sobre os franceses partimos da hipótese que este fato contribuiu com a intensificação da perda de influência francesa no mundo e consequentemente em Fortaleza. A França sofreu um duro cerceamento comercial, impedindo-a de se manter “exportando” sua influência, além disso, teve sua hegemonia abalada e que se reconstruir fisicamente após a derrota alemã, não sobrando forças para manter sua influência no restante do mundo. Assim, acreditamos que através desse contexto o espaço para a chegada dos costumes norte-americanos foi intensificado e os Estados Unidos obtiveram um maior aproveitamento.

Desta forma, discutiremos a partir do próximo tópico o desenvolvimento das relações entre Brasil e Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra e como elas influenciaram a intensificação da inspiração dos costumes norte-americanos em solo fortalezense.

2.2 ACORDO ASSINADO E BASE INSTALADA: O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS COM OS ESTADOS UNIDOS.

No último tópico discutimos alguns dos fatores que influenciaram o processo de declínio da influência francesa no Brasil e em Fortaleza. Apresentamos como a Segunda Guerra Mundial e o domínio alemão sobre os franceses influenciaram este processo através de

um cerceamento econômico e comercial e como isso refletiu no aspecto cultural. Debateremos ainda sobre como a destruição física e simbólica da França e sua posterior dificuldade de reconstrução tiveram papel fundamental neste declínio.

A partir de agora, abordaremos, neste tópico, a aproximação entre Brasil e Estados Unidos no contexto da Segunda Guerra. Passaremos pela entrada do Brasil no conflito ao lado dos aliados, instalação de bases norte-americanas em Fortaleza, convívio com os soldados estadunidenses e incorporação de costumes norte-americanos. Assim, buscaremos entender o processo de intensificação da influência norte-americana em Fortaleza.

Desta forma, iniciamos no ano de 1939, durante o Estado Novo de Vargas, quando foi deflagrada a Segunda Guerra Mundial⁹. As nações “democráticas”, encabeçadas pelos Estados Unidos, se propuseram a lutar e a derrotar o eixo nazifascista, comandado por Hitler e Mussolini. Este conflito global que durou, oficialmente, de 1939 a 1945, envolveu a maioria das nações organizadas em duas alianças militares opostas: os Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

No início dos anos 40, as relações entre o Brasil e os Estados Unidos foram marcadas pela evolução da Segunda Guerra Mundial. De um lado, os Estados Unidos desejavam ter o Brasil como aliado político-militar, pretendendo, assim, instalar bases militares no Nordeste brasileiro, com o objetivo principal de garantir o abastecimento e a defesa do continente quanto a uma possível invasão da Alemanha e de seus aliados durante o período de guerra.

Desse modo, o Brasil assumiu grande importância estratégica para a defesa territorial e simbólica do continente americano. Por sua proximidade relativa com a África, parte mais oriental das Américas, o Nordeste brasileiro representava um local ideal para a partida de aeronaves que se dirigissem para a África e a União Soviética. Cidades como Natal¹⁰ e Fortaleza apresentaram grande interesse militar, podendo servir de base de apoio à travessia de aviões do Atlântico Sul e, no caso de uma eventual tentativa de invasão do continente, num ponto de defesa estratégico para um possível ataque ao Canal do Panamá. (ALVES, 2002).

⁹ A imposição do **Tratado de Versalhes** (1919), após a Primeira Guerra Mundial, onde a Alemanha foi proibida de manter um exército, condenada a pagar pesadas indenizações, devolver territórios conquistados, como a Alsácia-Lorena à França; a **Crise de 1929** que iniciou nos Estados Unidos, mas que se expandiu por toda a Europa; o surgimento dos Regimes Totalitários; e diversos conflitos territoriais são apontadas como algumas das circunstâncias que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial. (ALVES, 2002)

¹⁰ A importância das bases militares instaladas no Nordeste brasileiro foi de tão grande tamanho, que a base militar instalada em Natal chegou a ser chamada de “Trampolim da Vitória”, tal a importância da base para o êxito das forças aliadas nas batalhas que culminaram na expulsão dos nazistas do território africano e, logo a seguir, da Europa, cuja a invasão começou através da ilha italiana da Sicília. (GIRÃO, 2008).

Diante desse quadro, Getúlio Vargas negociou com o governo norte-americano a entrada do Brasil ao lado dos aliados, a partir do fornecimento de armamento, mas principalmente a concessão de créditos e assistência técnica para implantação da indústria siderúrgica e bélica no Brasil. Os americanos também tinham grande interesse em evitar que o Brasil fornecesse quaisquer minérios e materiais estratégicos aos países do Eixo.

O Brasil acabou por entrar efetivamente neste conflito por pressões do governo norte-americano, o qual não aceitava ter uma região tão importante estrategicamente do lado oposto, e por pressões nacionais, onde a população brasileira se colocou contra Hitler e seus asseclas após a morte de 470 tripulantes e 502 passageiros no naufrágio por torpedeamento de 31 navios brasileiro. (GIRÃO, 2008).

Mediante o naufrágio destes navios e da revolta da população, passou a circular em determinados jornais fortalezenses, discursos negando a possibilidade de o Brasil permanecer “impassível” em um conflito que já havia atingindo sua população antes mesmo de qualquer tipo de posicionamento oficial sobre a guerra:

[...] O Brasil não pode permanecer impassível numa guerra que já o atingiu, já o feriu, já fez sangrar o coração de sua gente. Estamos de fato, queiramos ou não, envolvidos na guerra que nos foi trazida pelo Eixo. Resta apenas um ato formal, reconhecendo este estado de guerra que o Eixo mantém contra nós. Os brasileiros dignos desse nome preferem aceitar o desafio a viver sem honra. (O BRASIL não pode permanecer impassível. O Nordeste, 2 de junho de 1942, p. 1)

Percebemos a “culpabilização” direcionada pelo início do conflito mundial, e o tom patriótico que circulou nas notícias referentes ao torpedeamento dos navios e ao rompimento com o Eixo. O brasileiro “honrado” deveria aceitar o desafio de entrar em uma guerra contra grandes potências, mesmo sabendo de todas as dificuldades que poderiam surgir, assim, sendo “indignos” de serem chamados de brasileiros, aqueles que, mesmo após o ataque dos submarinos alemães, preferissem permanecer neutros.

Desta maneira, no ano de 1942, Brasil e Estados Unidos assinaram os Acordos de Washington¹¹, nos quais o governo norte-americano se propôs a fornecer capital suficiente para a implantação do projeto siderúrgico nacional e para a aquisição e modernização dos setores industriais e bélicos, enquanto o Brasil assumiu o papel de fornecer minerais¹²

¹¹ Os acordos selaram em princípio um empréstimo de 100 milhões de dólares para a modernização e implantação do projeto siderúrgico brasileiro, além da aquisição de material bélico no valor de 200 milhões de dólares. Esses acordos foram decisivos para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Companhia Vale do Rio Doce. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45>. Acesso em 20 de outubro de 2013.

¹² Bauxita, berilo, cromita, ferro-níquel, diamantes industriais, minério de manganês, mica, cristais de quartzo, borracha, titânio e zircônio entre outros. (GIRÃO, 2008).

importantes à indústria bélica, borracha e a permitir a instalação de bases¹³ norte-americanas na região norte e nordeste do país. Assim, foi instalada estrategicamente em Fortaleza e em outras capitais nordestinas, uma base militar norte-americana, a qual passou a receber soldados estadunidenses, antes dos mesmos partirem para a guerra que se desenrolava em território africano. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

Este acordo trouxe benefícios ao Brasil. Logicamente, temos consciência de todas as mazelas oriundas da guerra, mas não podemos negar o crescimento econômico experimentado pelo Brasil no íterim do conflito. Deficiências estruturais e econômicas existentes buscaram ser sanadas a partir do “esforço generalizado”, juntamente com o capital estrangeiro e os investimentos realizados.

Desse modo, a agressão militar realizada pelas nações totalitárias provocou inúmeras manifestações individuais e coletivas contra os países pertencentes ao Eixo e seus descendentes que moravam no Brasil. Esse sentimento de indignação obteve no poder público um importante incentivo, onde o mesmo, utilizando o discurso de defesa da “honra e da unidade nacional” tentou direcionar a “força popular” para a produção necessária de uma economia de guerra, assim tentando desviar a “fúria” da população da destruição de imóveis pertencentes a descendentes de países “eixistas”.

No Ceará, como em todas as unidades da Federação, realizaram-se grandes manifestações de protesto contra o bárbaro e inominável ataque de que foram vítimas navios brasileiros. A revolta coletiva justifica-se plenamente, ante esse ato brutal de agressão por parte das nações totalitárias. Todos os brasileiros devem vibrar de indignação ante um crime de lesa-humanidade, que veio cobrir de luto a família patricia, permanecendo vigilantes na defesa da integridade da nossa honra e da unidade nacional. Essas demonstrações de brasilidade e de fé nos altos destinos do país não devem, todavia, ser desvirtuadas por elementos a serviços de inconfessáveis propósitos, interessados em dificultar pela confusão que tentam estabelecer, a adoção de providencias tendentes a garantir a tranquilidade pública. Cumpre-nos por isso retomar ao ritmo do esforço em prol de aumento da produção nacional. Só assim agiremos de acordo com a palavra do eminente chefe de governo, dr. Getúlio Vargas, que exige de bons brasileiros para felicidade da Pátria, e desenvolvimento do trabalho em todos os setores. Não devemos esquecer que o êxito do programa que se traçou o supremo condutor dos destinos do Brasil, depende da ordem interna, que o governo está aparelhado a manter, e para cuja consecução o povo precisa cooperar com seu labor pacífico e honrado. Por outro lado, é dever indeclinado de todos os cidadãos o respeito à propriedade e ao individuo, como demonstração do nosso grau de civismo e da compreensão, que temos das responsabilidades a enfrentar. Em tais condições, devemos poupar, quer o bem dos brasileiros, quer o dos estrangeiros, porisso que os daqueles constituem patrimônio nacional e os destes, na forma do Decreto-Lei Federal, nº 4.166 representam garantia de indenizações, pelos prejuízos materiais que a Nação vem tendo com os covardes atentados a nossa soberania. O Governo do Estado apela, pois, para todos os cearenses, no sentido de se conservarem entregues às suas atividades, aguardando

¹³Foram construídas bases militares norte-americanas nas cidades do Amapá, Belém, São Luís, Fortaleza (Pici e Cocorote), Natal (Rampa e Parnamirim), Recife, Fernando de Noronha, Maceió, Salvador e Aratu. (GIRÃO, 2008).

com serenidade e bom senso, as medidas tendentes a punir a afronta que acabamos de receber. (NOTA da Interventoria Federal. O Nordeste, 21 de agosto de 1942, p.1)

O governo tentava acalmar os ânimos após os afundamentos dos navios. Pois o interesse dos inimigos era exatamente atrapalhar a ordem pública. Através do “labor pacífico e honrado” o “bom” cidadão brasileiro deveria ajudar na manutenção da ordem, buscando a felicidade e não destruindo imóveis de descendentes italianos, alemães ou japoneses. Desta maneira, caberia à população cearense agir com “serenidade e bom senso” e, assim, esperar as medidas tomadas pelo próprio Governo Federal, o qual se incumbiria de punir a afronta sofrida.

A “revolta popular” contra os países do eixo, após o afundamento dos navios brasileiros, mesmo com a tentativa de acalmar os ânimos por parte do Governo Federal, acabou atingindo os descendentes italianos, alemães e japoneses que viveram no Brasil naquele período. Diversos imigrantes, de origem italiana, alemã e japonesa, tiveram suas casas e lojas atacadas, roubadas e destruídas no episódio que ficou conhecido como “Quebra-quebra de 42”.

O quebra-quebra em Fortaleza foi violentíssimo:

[...] pouco depois do almoço, começaram a surgir na rua onde morávamos (Barão de Aratanha com Mento de Alencar), os principais sinais da onda de violência que se apossara da cidade. Um conhecido morador da vizinhança conduzia um pequeno caminhão carregado de mercadorias das lojas atacadas. Fardos de tecidos, caixas de sapatos, objetos de escritório, até vidros de remédio (de um deles jamais esqueci o nome: Epapema – de um laboratório italiano – que depois fiquei sabendo ser um medicamento para o fígado) [...] Rolos de fumaça, pros lados da Praça do Ferreira, subiam em grandes alturas. A barulheira era infernal. Pessoas correndo em disparada, quase sempre sobraçando algum objeto conseguindo na pilhagem. (GIRÃO, 2008, p. 32-33).

Vislumbramos o ataque a diversos estabelecimentos comerciais que existiam na região central de Fortaleza. Dentre eles, podemos citar a loja A Pernambucana, a Casa Veneza, o Bar Antarctica, o Café Íris e o Jardim Japonês, todos pertencentes a famílias de origem alemã, italiana ou japonesa. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

Na foto abaixo podemos ver momentos depois do ataque a loja A Pernambucana. Percebermos o estado de destruição da loja, inclusive sendo incendiada.

Figura 5 – Quebra-quebra de 1942. Destruição da Loja A Pernambucana.



Fonte: Acervo Nirez.

Após a ruptura definitiva das relações com o Eixo, o presidente Getúlio Vargas, que já mantinha negociação com os Estados Unidos, recebeu uma mensagem cabografada do Presidente norte-americano Frank Delano Roosevelt, o qual parabenizou o presidente

brasileiro pela atitude, a qual “fortaleceu” a relação já existente entre os dois países e “acelerou” a vitória sobre o Eixo:

Em nome do governo e do povo dos Estados Unidos exprimo a profunda emoção com que essa corajosa ação foi recebida neste país. Esta solene decisão alinha mais firmemente o Brasil ao lado dos povos livres do mundo na luta contra as potências do Eixo. Ela aumenta a força moral e material dos exércitos da liberdade. Como irmão de armas, os nossos soldados [...] escreverão uma nova página na história da amizade, da confiança e da cooperação que mereceram desde os primeiros dias da independência, nas relações entre nosso país e o meu. A ação tomada hoje pelo vosso governo apressou a chegada inevitável da vitória da liberdade sobre as [...] forças do mal e da escuridão. Eu vos envio os meus calorosos votos de felicidade pessoal e as expressões da mais completa confiança no triunfo da nossa causa comum. (A MENSAGEM de Roosevelt ao presidente Getúlio Vargas. O Nordeste, 24 de agosto de 1942, p. 4)

Roosevelt ressaltou a luta pela “liberdade” que os países opositores ao Eixo se engajaram e que, a partir desta decisão, o Brasil se colocava no centro desta luta. Percebemos como não apenas Vargas, mas Roosevelt, também fez uso de uma imagem da “democracia” e da luta pela liberdade como forma de unificar os países contrários a Hitler.

Percebemos ao longo do que foi dito, como ocorreu o desenvolvimento das relações internacionais brasileiras e, conseqüentemente, como o estado do Ceará e a cidade de Fortaleza foram inseridos no meio deste processo. Buscamos mostrar um rápido panorama das relações desenvolvidas entre o Brasil e os países pertencentes ao Eixo, antes do rompimento e, *a posteriori*, como se desenvolveu a aproximação entre Brasil e Estados Unidos. Dessa forma, levantando alguns pontos de importância fundamentais como o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães, a assinatura dos Acordos de Washington e o Quebra-quebra de 1942. Assim, podemos considerar um clima de adesão à guerra em Fortaleza antes da instalação física da base militar norte-americana.

Como já havíamos falado, a entrada dos Estados Unidos¹⁴ no conflito, em dezembro de 1941, provocou um sensível rearranjo no quadro das relações diplomáticas que impulsionou o gradativo alinhamento do Brasil aos Aliados, redundando, após uma sucessão de medidas e de represálias por parte do Eixo, na declaração de guerra às potências do Eixo, em agosto do ano seguinte, e a assinatura do Acordo de Washington.

Cada vez mais o sentimento de união entre as Américas, e a defesa de um bloco pan-americano foi defendido. Desta maneira, tratando-se o ataque nipônico a uma base norte-americana, não como um ataque isolado aos Estados Unidos, mais um ataque a soberania

¹⁴ Até o ano de 1941 os Estados Unidos ainda não haviam entrado oficialmente na Segunda Guerra Mundial. Porém, após o ataque japonês a base norte-americana de Pearl Harbor, que se localizava no oceano pacífico, a nação chefiada por Franklin Delano Roosevelt resolveu entrar efetivamente no conflito do lado dos aliados, assim buscando a derrota do Eixo. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

americana como um todo. A ideia de formação de um bloco americano, onde todos estes países se propusessem a confrontar o eixo foi construída em cima dos valores democráticos de liberdade.

Até que o Japão acendeu a guerra no Pacífico, o nosso hemisfério observou a neutralidade em face do conflito mundial. A agressão do Império Nipônico aos domínios dos Estados Unidos, naquele remoto oceano, deu motivo a uma atitude decidida, por parte de todas as nações do Continente. A Conferência de consulta dos chanceleres, no Rio de Janeiro, encerrou-se, ontem, com pleno êxito, no sentido de manter íntima solidariedade entre as potências desta parte do Mundo. [...] não há mais as três Américas. Existe apenas a América. (O BLOCO americano. O Nordeste, 29 de janeiro 1942, p. 1).

Percebemos como as diversas justificativas acabavam por fortalecer o apoio aos Estados Unidos contra o Eixo, dessa maneira tentando consolidar a imagem de uma América una e solidária e, conseqüentemente, contribuindo com uma aproximação mais concreta com os E.U.A.

Até 1942, ano da instalação das bases do Pici e do “Cocorote”¹⁵, Fortaleza com seus 200 mil habitantes, ainda não havia percebido a grandiosidade do seu papel dentro da Segunda Guerra Mundial. Somente após a assinatura dos Acordos de Washington e a construção das bases, Fortaleza foi realmente inserida estrategicamente na lógica militar e no percurso das grandes travessias atlânticas.

Entretanto, antes mesmo do rompimento com o Eixo, da declaração de guerra e da assinatura dos Acordos de Washington, os especialistas norte-americanos já haviam decidido que em Fortaleza a base militar seria construída no antigo “Sítio Peci”, que passou a ser conhecido como Campo do Pici¹⁶ (Pici Field). Sua construção foi iniciada em julho de 1941. (OLIVEIRA; LAVOR, 2008).

Os engenheiros militares dos Estados Unidos desembarcaram no Nordeste em meados de 1941, portanto alguns meses antes do ataque nipônico à base estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí. [...] Em Fortaleza, os serviços topográficos foram iniciados em julho de 1941, sendo a construção da Base do Pici entregue à firma Campello & Gentil, a mesma que construía Parnamirim. O objetivo era adequar o local com uma pista de 5.000 pés de comprimento, de forma a permitir o trânsito de aviões de porte médio e prestar apoio aqueles cumprindo missões de patrulhamento anti-submarinos. (GIRÃO, 2008, p. 36-37).

Porém, a construção da base no Pici não procedeu da maneira pretendida. Alguns contratempos logísticos e estratégicos fizeram com que a base tivesse seu uso descartado pouco depois da entrega.

¹⁵ Assim era chamada pelos fortalezenses a base existente no Cocó, a *Coco Route* em inglês, a qual acabou tendo seu nome “aportuguesado”, desta maneira gerando esta nova corruptela da língua. Não sendo a única palavra a passar por esse processo, expressões como *short guy* (pequeno rapaz) e *son-of-a-bitch* (filho da puta), se transformaram em “xoriguai” e “sanabicha”. (GIRÃO, 2008).

¹⁶ A história do nome Pici remete a várias origens que não pretendemos discutir neste trabalho.

A pista do Pici ficaria definitivamente pronta em março de 1942 e quando isso aconteceu – pasmem – ela já era. Aparentemente [...] teria havido uma precipitação na decisão inicial, pois a localização do Pici não era boa, a orientação da pista não se adequava aos ventos dominantes e, sobretudo, o quadro estratégico da guerra evoluíra. O que se desejava agora era uma pista capaz de permitir a decolagem dos grandes aviões de bombardeio com destino à África, de forma a contornar eventuais saturações do campo de Parnamirim. (GIRÃO, 2008, p. 38)

Com a impossibilidade de utilização da pista do Pici, os engenheiros norte-americanos perceberam a necessidade de se adaptar e buscar uma solução viável.

Despontou a idéia entre os técnicos e estrategistas americanos, que positivamente teria arruinado o processo de desenvolvimento futuro da capital cearense. Conceberam eles um campo de pouso, de vastas proporções à borda do oceano, a que denominaram de “Mucuripe Field”. O seu nascimento seria então na “mata da Aldeota”, onde hoje está, com exatidão, a Praça Portugal, referencia principal do mais rico e importante bairro de nossa metrópole no presente. (GIRÃO, 2008, p.38)

Percebemos que o crescimento do tráfego aéreo para Natal, o tamanho insuficiente da pista do Pici para a demanda e a posição desfavorável do vento fizeram com que o comando da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos¹⁷ resolvesse construir uma segunda base militar em Fortaleza. O Campo do Pici ficou então sob a responsabilidade da Marinha dos Estados Unidos¹⁸ e passou a ser construído o “Mucuripe Field”.

Assim é que [...] em fevereiro de 1943, começaram o levantamento topográfico do local onde seria construída a nova base Mucuripe Field [...] Esta pista se concluída provavelmente teria a sua cabeceira norte mais ou menos onde hoje é a Praça Portugal em Fortaleza, ou seja no meio da Aldeota. Eram previstas duas pistas de 10.000 pés e uma enorme base, quase do mesmo porte de Parnamirim. [...] em junho de 1943, quando já se construía o Rancho e quatro alojamentos da Base e se iniciara a terraplanagem da pista, o trabalho foi suspenso, pois chegara a ordem para fazer o campo em outro local alternativo. Segundo alguns documentos confidenciais norte-americanos da época, a razão da mudança teria sido a pressão dos proprietários de terra, preocupados com a desvalorização de uma área para onde a cidade tenderia a crescer. Em outros registros, entretanto, é citada ação incisiva do Tte.-Cel.-Av. Macêdo, comandante da Base Aérea brasileira, que pressionava no sentido de que a base americana fosse construída em local que pudesse ser acessível aos aviões brasileiros estacionados no Alto da Balança. [...] De qualquer forma, o fato é que a base americana foi construída no Cocorote e uma enorme pista de táxi - a Barata Ribeiro, - a interligou com o Alto da Balança. (Ibidem, p. 38-39)

A construção da base militar no Mucuripe também acabou não se completando. Ao novo local escolhido para a construção definitiva da base militar foi dada a denominação de Campo Adjacente (*Adejacento Field*), por estar próximo ao Campo do Pici, ponto inicial da construção. Com uma denominação esdrúxula como essa, os cearenses logo passaram a chamar o lugar de “Base do Cocorote”, referência ao nome *cocó route* (rota do cócó) como os soldados a chamavam.

¹⁷ United States Army Air Forces (USAAF).

¹⁸ U.S. Navy.

Inaugurado em 10 de dezembro de 1943, a Base do Cocorote (*Adjacento Field*) serviu durante cinco meses (até 14 de maio de 1944) com o intuito de desafogar o tráfego aéreo no Parnamirim Field em Natal. Em Fortaleza, após muitos imprevistos, o primeiro campo de pouso realmente terminado e utilizado foi o do Alto da Balança, o qual estava ligado a Base do Cocorote. Este campo de pouso se transformou em um ponto de apoio dos aviões do Correio Aéreo Nacional (CAN). (OLIVEIRA; LAVOR, 2008).

Além da instalação da base militar em Fortaleza, também foi fundada a Organização dos Estados Unidos (*United States Organization* ou USO) em 1941. A USO foi uma organização privada, criada em resposta a um pedido direto do então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. Ele desejava que pessoas e organizações diversas se unissem sob uma única sigla para fornecer serviços recreativos que ajudassem na elevação do moral das tropas americanas nas áreas de conflito durante a Segunda Guerra Mundial. Nesta perspectiva, a criação de uma imagem unificada, onde cidadãos fortalezenses e soldados norte-americanos estavam juntos não só pelo acordo assinado, mas através do convívio cotidiano, reforçava o ideal de união entre os povos, difundido também através do discurso do bloco pan-americano e da defesa mútua da América.

Na capital alencarina, a sede da USO ficou localizada em uma suntuosa residência à beira-mar da Praia de Iracema. A antiga Praia dos Peixes era então um local ainda pouco utilizado pela população local, onde existiam apenas algumas casas de veraneio. A residência utilizada pelos americanos, um verdadeiro palacete, havia sido construída em 1920 pelo rico coronel pernambucano José Magalhães Porto, que morava na cidade e a denominou inicialmente de “Vila Morena”. (AZEVEDO; NOBRE, 1998).

Na foto abaixo buscamos localizar de maneira mais precisa as instalações norte-americanas criadas em Fortaleza por conta da demanda gerada pela Segunda Guerra Mundial. As bases militares instaladas e a sede da USO foram enumeradas no mapa a seguir:

Figura 6- Mapa dos bairros de Fortaleza e as localizações das bases militares norte-americanas instaladas na década de 1940, mais a sede da USO. Legenda: 1- Base do Pici ou Pici Field (Bairro do Pici); 2- Campo de pouso Mucuripe Field (Bairro da Aldeota); 3- Campo de pouso (Bairro Alto da Balança); 4- Base do Cocorote ou Adejacent Field (Bairro do Aeroporto); 5- Sede da USO e antiga Vila Morena (Bairro da Praia de Iracema).



Fonte: <http://www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm>. Acesso em 01 de fevereiro 2015.

Buscamos, com a inserção desta imagem, localizar melhor espacialmente o leitor dos locais onde foram erigidas essas instalações norte-americanas em Fortaleza. Devemos levar em consideração que esse mapa atual não representa o tamanho de Fortaleza naquele

período. A cidade se restringia a um quadrilátero central, onde hoje fica o centro da cidade, e alguns bairros mais distantes como o Jacarecanga. (SOUZA, 2007; PONTE, 1993).

Todavia, mesmo com a diferença entre os mapas, podemos nos balizar através deste e compreendermos que a disposição destas bases e da sede da USO possuíam proximidade com as regiões de maior concentração populacional. Mesmo que necessitassem de espaço para realizar suas tarefas bélicas, o fato da disposição territorial está próximo a região central nos leva a imaginar que isto facilitou o contato entre os povos.

Desta maneira, neste tópico, percebemos como ocorreu o processo de instalação física da base militar norte-americana em Fortaleza. Atentamos que não só a base militar foi inserida dentro do cotidiano fortalezense, mas também uma outra instituição, a USO, onde o convívio entre soldados e uma parcela dos cidadãos começou a estreitar relações.

Começamos a perceber o desenvolvimento do processo de aproximação entre fortalezenses e os soldados norte-americanos que vieram para Fortaleza. Desta forma, a partir da instalação desses locais que acabaram facilitando o contato entre indivíduos das duas nacionalidades, abrimos caminho para pensar a aproximação e o convívio com os norte-americanos, os quais podem ter influenciado diretamente novos hábitos e costumes nos cidadãos fortalezenses, assim contribuindo também com o declínio da influência francesa.

2.3 DO *AMERICAN WAY OF LIFE* A INTERAÇÃO DE UM CONVÍVIO: BOA VIZINHANÇA, SOLDADOS, NOVOS COSTUMES E OS CIDADÃOS FORTALEZENSES.

A década de 1940 foi marcada por uma intensa transformação nos hábitos e costumes de setores sociais fortalezenses. Visualizamos, principalmente entre os anos de 1942 e 1945, que muitos cidadãos sofreram influência estrangeira direta e indireta em seu cotidiano. Este processo foi, sobretudo, marcado pela inserção de práticas culturais estadunidenses, onde o ideal de progresso esteve constantemente seguido pelo consumo de produtos técnicos científicos, higiene pessoal, moda, música, filmes e pela busca de legitimação de um *status* social.

Compreendemos a aproximação ocorrida entre Estados Unidos e Brasil através dos Acordos de Washington em 1942 e de suas consequências bélicas, materiais, territoriais e humanas. Entretanto, devemos levar em consideração como um dos pontos importantes dessa aproximação, a execução da política de Boa Vizinhança desenvolvida pelo presidente Roosevelt. A intenção de aproximar E.U.A. e o restante da América-Latina, sobretudo,

através do viés cultural e econômico, possuiu forte relevância nesta influência sofrida por muitos cidadãos fortalezenses. Juntamente com a Fundação Rockefeller, o presidente norte-americano, criou uma espécie de “fábrica de ideologias” altamente difundida no território brasileiro, assim, não deixando de fora deste processo a cidade de Fortaleza.

Com a concessão do governo brasileiro, os Estados Unidos veiculou, através dos meios de informação como jornais e rádios, uma forte campanha com a “idéia de uma defesa incondicional do hemisfério ocidental, a integração cultural e econômica das Américas, a preservação de um mundo democrático e o compromisso de protocooperação.” (SOUZA, T., 2008).

É perceptível como a ideia de “protocooperação” foi forte aliada da política de Boa Vizinhança. Cada vez mais a necessidade de trazer para próximo de si os países latino-americanos e, ao mesmo tempo, criar uma barreira que impedisse a aproximação entre estes e os países pertencentes ao Eixo. Dessa maneira, explicitando as diferenças ideológicas entre os países “pan-americanos” e os países eixistas e, assim, contribuindo para uma maior aproximação cultural.

Esse sentimento de união entre os povos pode ser sentido no cotidiano fortalezense através do convívio entre os soldados estadunidenses e a população. A partir das comemorações do dia da independência dos Estados Unidos em Fortaleza, podemos ter acesso a uma forma mais “planejada e direcionada” de dar mostras dessa aproximação.

Em nossa capital, realizam-se, hoje, expressivas comemorações ao dia da independência norte-americana. O cônsul ianque, entre nós, o Sr. William Preston Rambo, dará recepção em sua residência. [...] Às 21 horas o Touring Clube, secção do Ceará, de que é diretor o Sr. Olavo Falcão, oferecerá uma recepção de honra, no “Ideal”, abrilhantada pela orquestra da P.R.E.9, sob a regência do maestro Ercole Vareto. A emissora local organizou, igualmente, um programa de homenagem à data, que terá início às 19:30. Às 10 horas, houve, na Escola Preparatória, a tocante cerimônia da entrega do estandarte do estabelecimento, confeccionado pela mulher cearense. E ao meio-dia os estudantes de direito promoveram um almoço de confraternização, verificando-se, também, a essa hora, a homenagem dos Chauffeurs e Bambeiros de Fortaleza, na Praça do Ferreira. (AS COMEMORAÇÕES do Independence Day, em Fortaleza. O Nordeste, 4 de julho de 1942, p. 1).

Recepções em clubes aristocráticos da cidade, programação especial no rádio e homenagens em escolas são algumas das manifestações que ocorreram em Fortaleza pela comemoração do dia da Independência norte-americana. Através da participação de alguns setores da sociedade, incluindo até um desfile conjunto entre soldados dos dois países, é possível vislumbrarmos como esta aproximação estava aos poucos sendo cristalizada:

[...] a data da independência americana, o 4 de julho, merecia expressivas manifestações entre nós. Os clubes promoviam seus “Bailes de Independência”, seus torneios esportivos assinalando o dia, enquanto os jornais abriram seus espaços mais nobres para registrar a efeméride. Tio Sam com sua cartola estava em toda parte. No

Praia Clube, um “point” de forte apelo da juventude, [...]. Ao som do hino americano, hasteavam-se altaneiros os pavilhões do Brasil e dos Estados Unidos em estabelecimentos de ensino, em agremiações sociais, em repartições. Enfim, vivíamos a vibração patriótica do povo ianque sintetizada naquelas comemorações. [...] O detalhe mais significativo daquela Semana da Pátria de 43 ficou por conta da presença de um numeroso pelotão de soldados norte-americanos, sediados em Fortaleza, marchando lado a lado com as tropas brasileiras. Entrelaçadas, as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos abriram a passagem cadenciada, ao som das fanfarras e taróis das guarnições militares, enquanto os aplausos mais vibrantes partiam da multidão postada nas calçadas. (GIRÃO, 2008, p. 119-121).

O fato de as autoridades fortalezenses terem organizado um desfile público, onde soldados das duas nações marcharam juntos com as bandeiras entrelaçadas, representou simbolicamente esta aproximação realizada através da política da Boa Vizinhança. Assim, buscaram mostrar para os cidadãos fortalezenses que Brasil e Estados Unidos estavam “interligados” para além dos acordos firmados, a aproximação ultrapassava o viés político-econômico. Entretanto, essa tentativa nos parece muito mais uma tentativa de tentar cristalizar um processo cultural que ainda estava sendo concebido, assim se apresentando como uma estratégia e não o fim propriamente dito.

Essa iniciativa não cessou nesta única peculiaridade. O *American way of life*, ou seja, o “modo de viver americano”, também passou a vigorar em solo fortalezense, juntamente com a política de Boa Vizinhança. Dessa forma, mais um mecanismo de propagação tratou de, paulatinamente, inserir no cotidiano “alencarino” costumes originários da terra do “Tio Sam”.

Instrumentos como o rádio e o cinema, mais uma vez, foram aliados da propagação da maneira norte-americana de se vestir, de comer, de falar e tantas outras características. Com a chegada do “modo americano de viver”, a programação radiofônica e os filmes exibidos, passaram a possuir importância direta na difusão destas novas práticas e na consolidação de uma hegemonia estadunidense.

Atores e atrizes passaram a vigorar no imaginário dos jovens abastados fortalezenses. Vestir, comer, falar e se comportar apareceram como fatores preponderantemente influenciados por essas “estrelas” de cinema. Assim, como anteriormente os hábitos franceses surgiram e se inseriram nesse ínterim divinizador, agora os costumes norte-americanos eram propagados através das telonas, das sensações que elas traziam e das imagens que tentavam cristalizar.¹⁹

¹⁹ Não nos aprofundaremos nesse momento sobre a influência exercida pelo cinema e rádio naquele momento, pois isto constitui como objetivo do capítulo 2, no qual nos deteremos de maneira mais específica sobre o assunto e poderemos problematizá-lo de forma mais direcionada.

Em meio a essa questão cinematográfica e através de Norbert Elias (2011) e seu trabalho sobre o “processo civilizador”, identificamos “o padrão de hábitos e comportamento a que a sociedade, em uma dada época, procurou acostumar o indivíduo”. (ELIAS, 2011, p. 95). Segundo Elias, este processo está diretamente ligado ao desejo pelo novo e pela distinção social. Assim, compreendemos civilização como sendo um processo pelo que se tentou adaptar os cidadãos a determinados costumes em variadas épocas e de acordo com que se acreditava ser o novo ou moderno naquele período em questão. Naquele momento, em Fortaleza, a novidade que trouxe sem seu núcleo a diferenciação social possuiu como base os Estados Unidos, mesmo que houvesse uma distância entre o desejo pelo novo e o fato as condições para alcançar o que se pretendeu.

Marshall Berman (2007), ao postular sobre o conceito de “modernismo do subdesenvolvimento”, nos explica que em países considerados de Terceiro Mundo (hoje chamados de “países emergentes”) ocorre uma defasagem entre o projeto modernizador e as condições materiais para concretizá-lo. Desta forma, os sujeitos sociais passam a nutrir um desejo/fascínio pela modernidade, mesmo que a mesma ainda não tenha sido constituída plenamente naquela região. Caso esse o de Fortaleza, que lidava com inúmeras mazelas sociais e urbanas, principalmente em relação às secas e as pessoas trazidas por elas, os jogos, as bebidas, a prostituição e o trabalho. Isso sem dúvida, somado a outros costumes provincianos, colocava em cheque o foro de cidade civilizada e detentora desta modernidade.

Desta maneira, progride uma necessidade impetuosa de recorrer aos modelos e perspectivas estrangeiras para chancelar o moderno e civilizado. Em certa medida, esse fenômeno corresponde ao que Renato Ortiz batizou de “a moderna tradição brasileira”. A nomenclatura pode nos parecer contraditória, ou até confusa, após os problemas apresentados acima, mas atinge nosso objetivo ao remeter a uma sociedade:

“que se transformou, mas que ainda cultiva a lembrança de uma modernidade como projeto de construção nacional.” Essa emergência é de uma cultura ornamental, da constituição de um estilo de vida calcado na estética da elite, desemboca na preocupação fundante sobre “ ‘o que diriam os estrangeiros de nós’, o que reflete não somente uma dependência em relação aos valores europeus, mas revela o esforço de se esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado.” (SILVA FILHO, 1999, p. 64 *apud* ORTIZ, 2006, p. 32)

É a partir desta perspectiva que compreendemos o desejo da parcela abastada da população daquele período, a qual se mira no projeto estrangeiro para chancelar o foro de modernidade e civilização pretendido, assim construindo a estética que esta elite imaginava para si mesmo. Assim, naquele período, o foro de civilizado era chancelado pelo modelo norte-americano.

A Fortaleza do começo da década de 1940 era uma cidade que sofria forte apelo do glamour do jeito de viver dos norte-americanos, além disso, havia também a propagação de um orgulho em participar da deflagração do conflito mundial. O estado de guerra se transformava numa janela para se incluir neste “processo civilizador”, pois havia a possibilidade da incorporação de hábitos e costumes estadunidenses através do contato com os soldados que residiam na cidade.

Assim, paulatinamente, o *American way of life* se impôs e passou a vigorar através de inúmeras faces cotidianas:

Deixamos para trás o modelo europeu, predominantemente francês, para seguir os hábitos americanos. Tornamo-nos, em poucos anos, bebedores de Coca-Cola, comedores de sanduíche “macdonald”, adeptos do slack e da bermuda, até os dias presentes, quando, em ruidoso processo de globalização, somos praticamente uma caricatura do “grande irmão” do Norte. (GIRÃO, 2008, p.130).

Como mencionado anteriormente, comida, bebida, roupa e comportamento passaram a ser influenciados pelo modelo estadunidense. A busca pelo referencial estrangeiro como referendo para uma legitimação distinção social e pelo foro de civilizado emergiu ferozmente no dia-a-dia desta parcela da população fortalezense.

“De imediato uma onda de interesse pelo domínio do inglês apossou-se dos fortalezenses”. (GIRÃO, 2008, p. 85) Naquele momento, passou a ser de boa estirpe usar o inglês. Aprender o idioma usado pelas estrelas de cinema e pelos soldados ianques trouxe “status social”. Moças e rapazes pertencentes às famílias abastadas aprenderam o novo idioma pela distinção social que o mesmo proporcionou. Por toda parte abriam-se cursos de aprendizado do idioma inglês. (GIRÃO, 2008).

Percebemos o aumento do interesse não só pelos artistas e celebridades norte-americanas, mas também pelo estudo de sua cultura ianque. Na época em questão, além dos cursos de inglês, surgiram também “diversas agremiações como o “Circle os English Conversation” e o “Hyphen Club”, filiados ao Instituto Brasil-EUA no Ceará. Palavras e expressões como “footing”, “street”, “OK”, “bungalows”, “hall”, “lobby”, “bis”, “club”, “design”, etc.” passaram a figurar no linguajar fortalezense. (SOUZA, T., 2008, p. 30).

O rádio também exerceu função estratégica de “propagador ideológico” do *American way of life*. De acordo com Girão (2008, p. 86), “nos rádios, os mais velhos ouviam os ritmos norte-americanos regidos pela orquestra de Glenn Miller e Xavier Cugat”, assim como as melodias musicais de ritmos como o Jazz e o Blues. Ritmos e músicas norte-

americanas passaram a figurar no “topo das paradas” de sucesso, dessa forma, passando a embalar os momentos de lazer de muitos cidadãos fortalezense que possuíam o objeto²⁰.

Assim, completando seus papéis na divulgação dos ideais norte-americanos, rádio²¹ e cinema serviram como mecanismos estratégicos de divulgação do processo que chamamos de “americanização” da população fortalezense, o qual podemos fazer referência direta com o “processo civilizador” pretendido naquele momento em Fortaleza.

Através destes mecanismos a população fortalezense entrou em contato com os costumes norte-americanos e, deste modo, foram inspirados na maneira de se vestir, de falar, de comer, nas construções públicas (praças e ruas) e nas construções privadas (mansões pertencentes às famílias abastadas da época). Podemos notar que, através das vestimentas, do consumo de determinados alimentos, da disposição estética do lar e da incorporação do idioma, a elite fortalezense se apoderou destas práticas culturais, assim se diferenciando socialmente dos demais cidadãos de Fortaleza.

Os homens usavam ternos de linho [...]. As mulheres usavam muita seda francesa, com estampas florais sobre fundo negro [...] Os sapatos eram, quase sempre, combinados de pelica e camurça, abertos, de preferência [...] As luvas eram indispensáveis, [...] do mesmo jeito que o chapéu. Os decotes eram discretos, as saias desciam até esconderem as batatas das pernas envoltas em meia de seda [...] Nos idos de 45, a Avenida do Imperador é uma espécie de porta de entrada para o aristocrático bairro de Jacarecanga. [...] Suas casas são diferentes, portentosas, nobres, [...]. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo “ART Nouveau” com as imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras “rendas” e arabescos fundidos. As portas tem rótulos e postigos com vidraças coloridas importadas da França [...] (LOPES, 1996, p. 29-33).

“No Brasil, outros eram os costumes. Homens sem ternos e chapéus, substituídos por trajes leves, calça e camisa de mangas curtas, as mulheres passando a fumar em público, encurtando as saias, e introduzindo o uso de calças masculinas. Estávamos submetidos ao figurino que os americanos, pelo cinema, e diretamente, nos haviam transmitido.” (GIRÃO, 2008, p.137). Assim:

[...] as camisas de nylon, as canetas Parker, os cigarros Camel ou Chesterfield, o slack, o sanduíche, de um modo geral, eram coisas comuns ao cotidiano nordestino (Fortaleza, Natal, Recife em primeiro plano) por conta da forte presença norte-americana. A influência maior foi no idioma. As velhas palavras francesas, tão ao gosto das nossas elites na primeira metade do século anterior, foram rapidamente substituída por vocábulos ingleses, popularizados pelos soldados e incorporados ao linguajar do povo nas ruas de Natal e Fortaleza. Já não se dizia comumente o “sim”, mas “yes” ou “ok”, espetáculo virou show, amigo tornou-se “friend”, rapas era “boy”, moça era “girl” e um sem-número de outras expressões que, nos dias atuais,

²⁰ Vale ser lembrado que nem todos os cidadãos fortalezenses possuíam rádio em casa ou, poderiam ir ao cinema. Essas duas formas de propagação ideológica norte-americana também eram elementos de distinção social. Pois somente a parte mais aristocrática da sociedade, possuía acesso a esses instrumentos. Assim, nos fica mais claro qual parcela da população teve um contato mais intensivo com o “eufórico” *America way of life*. (SOUZA, T., 2008).

²¹ Assim como o cinema, discutiremos de forma mais incisiva o rádio no segundo capítulo deste trabalho.

já se aportuguesaram na pronúncia e na forma de escrever. Adaptadas, estão hoje tão nossas como deles. A recíproca, porém, não é verdadeira. O americano, mesmo depois de muitos anos residente no Brasil, encontra imensa dificuldade em aprender nosso idioma e jamais se enquadra a brasileiríssima sonoridade do nosso português. Por força desse americanismo, aconteceu igualmente. No período, uma invasão cultural, com os brasileiros, notadamente os mais jovens, conhecendo os grandes nomes da literatura dos Estados Unidos. Autores como John Steinbek, Truman Capote, William Faulkner, Eskine Caldwell, e principalmente Ernest Hemingway, tornaram-se íntimos, através da tradução de suas principais obras, algumas transplantadas para o cinema em filmes épicos produzidos em Hollywood, a exemplo de “As vinhas da Ira”, “Boêmios Errantes” e “Rato do Deserto”, de Steinbeck, e “Por quem os Sinos Dobram”, de Hemingway. Nesse particular, foi extraordinariamente positiva a influência norte-americana. (LOPES, 1996, p.169-170).

Com o desenvolvimento do *American way of life* e da disseminação cinematográfica e radiofônica esta parte da população fortalezense aderiu às novas maneiras. O que era comum, como o terno e gravata, os vestidos abaixo do joelho, a bananada ou a abacatada, o refresco de Muricy e o famoso “pega pinto do mundico” acabaram sendo gradualmente substituídos.

Devagar e sempre fomos esquecendo o pega-pinto com sanduíche de queijo de coalho, a cambica de murici, o suco de maracujá, o esplêndido e insuperável refresco de cajá ou de graviola, pelo sabor químico (e ninguém sabe até que ponto nocivo) do xarope ianque de tem na sua fórmula um pouquinho de coca (que coca?), que contamina e vicia. Entramos definitivamente na civilização da Coca-Cola com sanduíche do Mac Donald’s. Desgraçadamente, em tempos de globalização, americanalhamo-nos. (LOPES, 1996, p. 115).

Cada vez mais este processo foi tomando ares de grandiosidade. Assim, o aumento do consumo dos produtos técnicos científicos, de utensílios domésticos e até de maquiagem são aspectos significativos no exame da expansão desse padrão comportamental. Esses produtos acabaram obtendo certo sucesso em adentrar aos lares, pois acabaram encontrando um desejo interior, por parte da população, de possuir determinados tipos de objetos e assim, tanto se diferenciar socialmente como facilitar alguns “afazeres” cotidianos.

Segundo Silva Filho:

[...] é a modernidade urbana, especificamente as modalidades históricas pelas quais ela se apresenta em Fortaleza, em fins da década de 1930 e se estendendo até meados dos anos 40. [...] ocorre uma transposição – vital, porém repleta de tensões e contramarchas – de um paradigma civilizatório inspirado na cultura francesa, mais ligado ao universo das belas letras e da erudição de círculos da elite, em direção a uma vertente calcada no progresso material e no poderio técnico, representado pela sociedade norte-americana. Aos poucos, vão se desenhando os contornos locais de uma ambição ao moderno profundamente assinalada pelo avanço tecnológico, a aceleração da dinâmica urbana e a incitação ao consumo de objetos importados. [...] O deslumbramento com a tecnologia, não raramente alçada à condição de mitologia moderna, faz parte desse contato peculiar do mundo ibero-americano com a cultura material do capitalismo ocidental. Durante os anos 40, em Fortaleza não faltaram experiências com o fetiche dos objetos. Ao olhar as vitrines, sorver as mercadorias pelas telas do cinema, adquirir um artefato pouco importando qual sua utilidade prática, os habitantes exprimiam fascínio por uma modernidade precária, eivada de

sonho e fabulação. Sua própria fragilidade compelia à tomada de efígies cristalizadas do mundo moderno, ganhando destaque algumas obras públicas e certos objetos importados. (SILVA FILHO, 2002, p. 9-10).

Ao vislumbrarmos esse “deslumbramento com a tecnologia” apresentado por Silva Filho, nos deparamos com Marciano Lopes. Este nos mostra como esses produtos já haviam sido desejados por parte da população fortalezense dentro da dinâmica urbana de “fetichização” destes objetos e da necessidade de diminuir o tempo gasto com determinados afazeres domésticos.

“Tomara que já inventem uma bateadeira elétrica, algo que diminua o cansaço da gente! Pra fazer tantos bolos, a gente usa demais os músculos dos braços com o exercício de bater ovos, mexer os ingredientes. Quando se coloca a farinha de trigo, fica tão pesado”...Assim pensa Zelfa, enquanto mexe e mexe e mexe [...] E ela se lastima: “quando é que vão inventar uma geringonça qualquer que raspe os cocos, dispensando da gente um exercício tão cansativo?...” [...] Será que nunca vão inventar um fogão bem moderno, no qual basta giorar um botão para ele se acender, sem precisar de lenha, sem produzir cinza, nem sujar as paredes? [...] Num canto, Irene rala as espigas de milho verde para as cangicas e as pamonhas e reclama: “será que a gente vai ter de ficar a vida toda ralando milho pra fazer cangica? Por que não inventam uma máquina que triture os grãos e facilite a vida das pessoas”. Lindete, debulha feijão-verde para o baião-de-dois e nem reclama, pois sabe que tão cedo não será inventada nenhuma máquina para fazer o seu serviço. (LOPES, 1996, p. 73-74).

Muitos buscavam a diferenciação social, pois possuir determinado produto era sinônimo de poder econômico. Assim, muitos objetos passaram a ser desejados não só pela sua utilidade diária, mas principalmente pelo caráter simbólico e pelo status social que proporcionavam. (SOUZA, T., 2008). Entretanto, também podemos perceber que determinados produtos possuíam muita utilidade na rotina de qualquer pessoa, pois traziam inovações técnicas que até aquele momento não haviam sido experimentadas pela maioria da sociedade fortalezense.

Desta forma, percebemos a existência do simbolismo social por trás do consumo cultural/material destes bens. A aquisição dos mesmos não estava de todo desvinculada de seu uso prático. Logicamente a utilização diária destes objetos, se colocada em uma balança, perderia para o desejo do foro civilizado através do consumo, mas seria ingenuidade nossa acreditar que a utilização cotidiana também não esteve de certa forma presente neste processo.

Assim, com o advento da guerra um grande desenvolvimento técnico científico ocorreu em diversos setores, os quais acabaram sendo utilizados posteriormente por cidadãos de várias localidades e, precisamente para outros fins, diferentes do que originalmente teria sido imaginado:

“Na segunda metade dos anos quarenta, terminada a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa arrasada, procurava recuperar-se, emergindo dos escombros, os

americanos inventaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. ” (LOPES, 1996, p. 125).

O plástico, que não ficara só nos copos, aumentou a família na forma de bacias, baldes, tigelas, pratos e até penicos. Aí, lançaram a grande novidade: o plásticos e forma de tecido, em peças de estampados canhestros. Mas que sensação! As mulheres não perderam tempo. Fizeram vestidos. E desfilavam na esquina da “Broadway”. Mas frustradas porque o vento não levantava suas saias para os “fiu-fius” da rapaziada, nem uma leve brisa para refrescar lá embaixo. Jogaram os vestidos no lixo e só então descobriram que a novidade servia era para fazer cortinas de banheiro [...] (LOPES, 1996, p. 127).

Determinados produtos foram criados para um fim específico. Porém, ao chegarem a outras localidades, os cidadãos se apropriavam deles de maneiras diferentes do que havia sido imaginado. Silva Filho nos ajuda a compreender este processo a partir da concepção de “táticas” desenvolvida por Certeau (1994):

A diferença é que, ao invés de agregar pedaços de metal, capturam os sonhos pessoais e o imaginário coletivo. Pensar essa aura que circunda os objetos não significa pontificar uma presumida submissão dos sujeitos ao imperativo da técnica, ou reeditar cinicamente as agruras da alienação. Pelo contrário, lidar com tal atmosfera de sedução conduz a refletir sobre o consumo numa perspectiva ampla, que concerne não só ao reino da mercadoria em obsolescência e da expansão do capital (sociedade do consumo), mas às “artes de fazer” sugeridas por Michel de Certeau (consumo como produção cultural), abrindo espaço para o uso não prescrito, suscetível de improvisos e adaptações não hegemônicas, que se constitui na vivência cotidiana. Por conseguinte, encantar-se com o objeto implica tanto vir a tornar-se presa fácil dos estratagemas publicitários, quanto recriar as funções e os atributos dos artefatos, utilizá-los de maneiras destoantes da concepção normativa. (SILVA FILHO, 2002, p. 13).

Desta maneira, compreendemos as “táticas” como a maneira de burlar a ordem estabelecida, nesse caso a astúcia de utilizar um determinado material para outro fim, diferente da função para qual ele foi criado. Assim, o caso do material para confecção do vestido, embora não tenha dado muito certo, nos exemplifica como nem sempre consumidor é sinônimo de receptor passivo. O próprio Michel de Certeau (1994) nos conta, que o sistema produtor-consumidor nem sempre funciona da maneira estrategicamente pré-concebida, em diversas ocasiões o “consumidor” se (re)apropria de determinadas práticas e tanto as interpreta de maneira diferente, como as utiliza diferenciadamente, assim se utilizando de suas astúcias, de sua maneira de fazer cotidiana.

A compreensão das práticas cotidianas está inserida dentro da perspectiva de diferenciação entre “táticas” e “estratégias”. O autor nos explica que as estratégias são os mecanismos pensados pelo poder constituído, onde o mesmo busca planejar a maneira com que a população deve agir dentro de determinado espaço. Assim, as estratégias, através da utilização deste espaço materializado, seriam capazes de produzir, mapear e se impor, ao passo que, as táticas só poderiam agir de acordo com o tempo, onde as mesmas só seriam

capazes de manipular e alterar as estratégias já formuladas. Assim, as táticas seriam as astúcias de uma população, através das quais elas repensam e burlam a maneira de execução que foi planejada para elas. Dessa maneira, compreendemos as práticas como as maneiras de fazer cotidianas, onde as astúcias, mais que qualquer outra coisa, burlam a imposição deste planejamento. (CERTEAU, 1994).

Segundo Silva Filho (1999):

Uma diversidade de mercadorias importadas açulava desejos de consumo e aspirações ao conforto e bem-estar. Iam desde os mais conspícuos – automóveis Cevrolet, Nash, Ford, Jeep, Mercury – e respectivos acessórios (pneus Firestone), a produtos de embelezamento (Elisabeth Arden), artigos de higiene pessoal (sabonetes Phebo, lâminas Gillette, dentifrícios Kolynos), chapéus Stetson, malas Wilges, passado por máquinas de escrever Royal e Underwood, calculadoras Addo, mangueiras Goodyear, fogões Wallig, bicicletas Raleigh e Husqvarna. (SILVA FILHO, 1999, p. 116)

Ainda sobre os produtos que chegaram a Fortaleza naquele período, poderíamos citar um que logo caiu no gosto feminino: a maquiagem.

De fato, os produtos que as mulheres utilizavam para se “embelezarem”, não existiam em uma grande variedade e, às vezes, se tornavam rapidamente escassos no mercado. Assim, estas mulheres recorriam também às astúcias do dia-a-dia e utilizavam-se de diversas táticas para conseguirem o tão desejado “embelezamento” que, naquele momento, teve clara influência dos filmes norte-americanos.

O que fazia a mulher, em Fortaleza, nos idos de quarenta, para embelezar-se quando, era sabido, os recursos de maquilagens eram mínimos e a arte-indústria da cosmética ainda engatinhava? [...] Naqueles tempos, não havia xampu, as mulheres lavavam os cabelos, com rasas de juá, usavam extratos vegetais “in natura” para as mais diversas finalidades, como o óleo de côco, para fazer nascer mais cabelos e criar volume. O chá de camomila mantinha as madeixas loiras que a luminosidade excessiva fazia escurecer, sabão de côco, retirava a oleosidade. A janela, era o secador natural. [...] A aplicação desses produtos, implicava em pequeno ritual que exigia das mulheres, a extensão de mais alguns minutos após o banho. Disse mulheres, porque, naqueles idos, homem nem sonhava em usar tais artifícios, era preferível, ficar mesmo com o “aroma” natural. Quando muito, uma fricção com limão, no máximo, bicarbonato de sódio. Como dizia, após o banho, a mulher friccionava, com os dedos, pequenas porções da geléia, nas axilas, até fazer sumir qualquer resquício do produto. Estava, então, pronta para começar a vestir-se. Produtos de maquiagem, só os imprescindíveis: batom, ruge, lápis de sobrancelhas e pó-de-arroz, a escolher, conforme a cor da pele. [...] Maquilagens em “institutos de beleza”, nem pensar. Os produtos, eram raros e não haviam os artistas-maquiladores de hoje, que transformam as caras das madames em pranchetas de pintor, tal a gama das cores, as nuances, os arco-íris que surgem nos rostos dos clientes. Os penteados, elevados, armados, elaboradíssimos, inspirados nos filmes de Lana Turner e Linda Darnell, eram mais usados pelas mulheres das “pensões alegres”. [...] Sem muitos afazeres, a mulher, perdia horas e horas no toucador ou “toilette”, massageando-se, depilando-se, bezuntando-se. Pois a beleza e a suavidade da cútis, o brilho e o vigor dos cabelos eram fatores preponderantes para a elegância das mulheres, cujos artifícios de embelezamento eram mínimos e nem sempre aprovados pelas “bíblias” da moral e dos bons costumes: mulher que carregava um pouco mais na pintura, era logo rotulada de “mulher à toa” e recebia os escárneos da vizinhança. (LOPES, 1996, p. 181-183).

O “cotidiano de embelezamento” feminino nos foi apresentado através dessa lógica da adaptação e da improvisação. Buscar a similaridade com as atrizes norte-americanas se apresentou de maneira difícil dentro da realidade fortalezense daquele período, qual necessitava de inúmeros subterfúgios para que as mulheres conseguissem alcançar a beleza que se pretendia, mesmo sem ter como recorrer a institutos de maquiagem e a inúmeros produtos.

Nesse ponto, novamente nos deparamos com a distância entre o desejo de ser civilizado, de possuir o foro de moderno a partir do referencial de contingência do estrangeiro, no caso as atrizes de cinema norte-americanas, e as condições existentes na época.

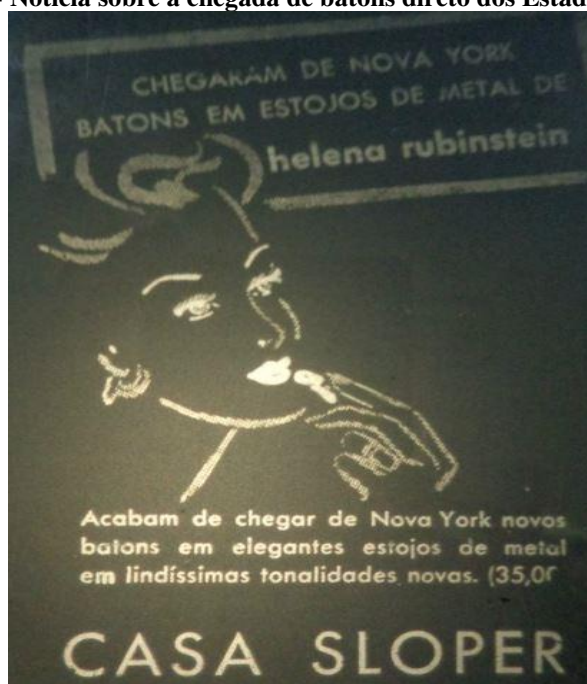
Até que ponto este distanciamento atrapalhou a inserção de determinados costumes? Este sem dúvida é um questionamento que devemos aplicar em nossas análises. Pois pode nos ajudar a lastrear a profundidade de determinadas influências em solo alencarino.

Através dessas problematizações, compreendemos o alvoroço que ocorria na cidade, quando um produto chegava para ocupar um espaço vazio na sua utilização e principalmente quando a “procedência” era norte-americana.

Vermelho Amor, a novíssima criação VanEas, vem de se impor a Aristocracia, da Quinta Avenida, de Nova York. As lindas “Estrelas”, toda a mais fina sociedade de Nova York, usa o moderníssimo Vermelho Amor, da VanEas. Graças a sua maravilhosa base “creme-aveludado”, o Vermelho Amor, da VanEas, empresta a seus lábios mais suavidade, vida e sedução por muitas horas. VanEas não escorre, não resseca, nem é gordurento. Experimente ainda hoje o Vermelho Amor, da VanEas e concordará que é o mais sedutor baton jamais visto! VanEas é extra grande, portanto, mais conveniente e econômico. (A COR sensação entre as mais modernas. Unitário, 17 de jun. 1942, p. 7).

Como vemos na notícia acima, os jornais buscavam evidenciar a procedência norte-americana destes produtos de embelezamento. Com a intenção de atrair um público cada vez mais ávido por consumir esses artigos de beleza, buscou-se enfatizar a origem destes produtos também através de imagens, como podemos ver na notícia abaixo:

Figura 7- Notícia sobre a chegada de batons direto dos Estados Unidos.



Fonte: CASA Sloper. O Povo, 09 de julho de 1945, p.5.

Com a chegada destes tipos de produtos e da forma como eles são apresentados, principalmente salientando sua procedência ianque, podemos vislumbrar a razão por trás da sensação que era causada, a euforia que se buscava através deste tipo de *merchandising*, algo que facilitava o consumo por parte das pessoas ávidas por essa aquisição.

Marciano Lopes nos ajuda a perceber o significado existente por trás desse consumo. A aquisição e a “entronização” desses objetos nos levam a perceber um suave deslocamento do seu real lugar de uso para um lugar de contemplação do seu significado.

Um fato histórico: a primeira caneta esferográfica chegada ao Ceará, foi para nossa casa. Àurea a ganhou de presente do Padre Monteiro da Cruz, superior dos Jesuítas, admirável orador sacro e grande amigo de nossa família. Era a última das sensações “made in USA”. Fantástico! Escreve a seco, dispensa o uso de mataborrão e não corre o perigo de derramar na roupa. [...] (LOPES, 1996, p. 127)

O memorialista discorre o acontecido através da ótica ingênua de sua infância, talvez por isso afirme com tanta certeza que a primeira caneta esferográfica que chegou ao Ceará foi para sua casa, ou talvez pela necessidade inconsciente de demonstra orgulho por aquela engenhosidade técnica estar em sua casa. Todavia, existe uma distância muito grande entre sua afirmação e o fato daquela realmente ser a primeira. Entretanto, o fato de ser ou não a primeira não diminuí a importância daquele acontecimento. A simbologia por trás da posse daquele objeto inovador aparece justamente dentro do quesito social ao qual mencionamos. Talvez percebamos melhor essa face através dos dizeres do autor:

O nobre presente vinha entronizado num rico estojo que compreendia uma espécie de pedestal (trono) com dois planos, de metal cromado e detalhes em veludo azul.

No centro do plano mais alto tinha um orifício onde o bico da caneta estava espetado. Uma redoma de cristal protegia a raridade e conferia-lhe nobreza e “status”. Não tinha tampa nem clips [sic] para prender bolso. Como se pode constatar, era uma caneta para ficar sobre o birô. Birô muito luxuoso, diga-se. Como relíquia que parecia ser, juntava pessoas das vizinhanças que olhavam, mudas, o fenômeno. Todos queriam ver e tocar. Para crer [...] (LOPES, 1996, p. 127).

A caneta aparece divinizada neste relato. Temos que levar em consideração a inovação técnica da mesma, afinal, não suja e facilita o uso. Entretanto, a maneira como ela era guardada (literalmente entronizada), os materiais luxuosos que compunham a decoração ao redor e a curiosidade das pessoas para ver tal objeto, nos dizem muito mais do significado por trás daquela aquisição. Possuir bens materiais como aquele, que possuíam uma procedência norte-americana, representavam justamente a chancela da civilidade pretendida, o possuidor e, no caso a família, deslocavam-se passos à frente dos demais na busca da modernidade.

As publicidades feitas pelos jornais da cidade sobre esses produtos traziam uma mescla corpórea de benesses técnicas, simbólicas e sociais. Além da facilidade prática na utilização e do desejo existente pelo novo, a aquisição cultural e o capital social/econômico também apareciam cotidianamente nos anúncios dos periódicos. (SILVA FILHO, 1999).

Assim era Fortaleza, nos tranquilos anos quarenta, após a Grande Guerra. Ingênua e pura, aceitando, sem reclamar, ao contrário, muito empolgada, as tralhas que a superpotência nos impingia. Foi assim que por aqui chegaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. Grandes lançamentos, com fundo musical e tudo. Bons tempos aqueles [...] (LOPES, 1996, p. 127)

Ao mesmo tempo em que exalta a chegada da caneta esferográfica e o que ela representava, em outra memória, o autor apresenta uma Fortaleza “ingênua” e entregue a essa influência estadunidense de modo pejorativo. Os objetos técnicos são retratados como “tralhas” relegadas ao desnecessário ou sem importância. Qual a razão desta dicotomia? Qual a razão de exaltar e depois criticar ou demonstrar desinteresse?

Acreditamos que isto se apresenta como um paradoxo de recepção do que vem de fora. Nada é introjetado ou inserido de forma pacífica, existem barreiras e resistências em todo processo de contato com influências externas ao seu cotidiano. Desenvolveremos este debate nos capítulos posteriores, onde poderemos tratar melhor essas marchas e contramarchas do processo.

Assim, percebemos que o “cotidiano de guerra”, onde medo e vigilância eram elementos recorrentes, não foi a única face trazida pela Segunda Guerra Mundial e compreendemos que se instalou, também, no cotidiano fortalezense, uma face de propagação ideológica que de forma estratégica marcou presença através do consumo de determinados

objetos. Assim, aquela sociedade fortalezense que pretendia “alcançar” o status de cidade civilizada, mirou nos hábitos e costumes norte-americanos a direção que o determinante “processo civilizador” deveria seguir.²²

Dentre os inúmeros fatores que facilitaram a propagação do *American way of life*, o convívio com os soldados norte-americanos que vieram para a base de Fortaleza foi um dos mais preponderantes. Pois, através desse contato os cidadãos fortalezenses viram na “prática” como aqueles estrangeiros se comportavam. Estes soldados trouxeram na sua estrutura psicológica uma carga sociocultural diferente da dos cidadãos fortalezenses, os valores morais e os costumes eram outros e estes não alteraram seu comportamento por estarem longe de casa, assim, deixando “transbordar” boa parte de suas práticas cotidianas. Dessa maneira, compreendemos que o convívio entre soldados e cidadão foi responsável, também, pela difusão dos costumes norte-americanos em Fortaleza.

Com eles fumamos o cachimbo da paz, ou melhor o cigarro da paz, pois um dos elos de comunicação com os estranhos que chegavam foram os seus cigarros perfumosos: Camel, Chesterfield, Lucky-Strike, Pall-Mall – que a garotada, atropelando a língua, pedia aos soldados e marinheiros do Tio Sam, humildemente: “Give-me a cigarette, please”. (GIRÃO, 2008, p.70).

O fato de se fumar o “cachimbo da paz” não aparece apenas como uma prática tabagista qualquer. Essa atitude aparece em meio a um cenário de aproximação real entre estadunidenses e fortalezenses. Acreditamos que para o desenvolvimento de tal relação, era primordial a existência de uma sociabilidade cotidiana e de uma liberdade de contato, assim quebrando inclusive a dificuldade imposta pela diferença de idioma.

Nesse clima de aproximação, passou a ser “chic” falar inglês, fumar cigarros de marcas estrangeiras, usar as roupas estampadas dos soldados, comer o sanduíche e beber a tão aclamada Coca-Cola. Chegamos ao ponto de o vestuário feminino ser marcadamente influenciado pelo masculino, onde as mulheres, ditas mais “avançadas”, incorporaram em seus guarda-roupas peças masculinas de blusas.

Mas não só os que consumiam os produtos possuíram, de alguma forma, um maior contato com estes soldados e seus hábitos. A própria sede da USO e a Praia de Iracema

²² Sabemos que todo este processo não ocorreu de maneira linear e ordeira. Diversas marchas e contramarchas, neste processo de troca cultural, ocorreram durante o período, setores tidos como tradicionais puseram a luta contra esses costumes mais “avançados” como ponto fundamental em questão. Jornais como “O Nordeste” e partes da aristocracia fortalezenses, ligados à Igreja, condenavam determinadas práticas. Não que estes fossem contrários ao progresso, mas acreditavam que a sociedade não deveria assumir novas posturas morais e abandonar as antigas. Dessa maneira, deveria se vislumbrar esse “novo mundo” com cautela e “sabedoria”. Porém, apesar de toda relevância que essa discussão poderia acrescentar a pesquisa, neste trabalho não pretendemos entrar de maneira mais aprofundada no debate Tradição versus Modernidade, o qual já é explorando brilhantemente em inúmeras outras produções historiográficas.

também foram palco de muitos encontros, sejam eles amorosos/sexuais entre os soldados e as moças fortalezenses ou esportivos, através de disputas realizadas naquele local.

A sede da USO e a Praia de Iracema se tornaram um ambiente propício para esse tipo de contato. Os ventos, o sol, o clima litorâneo e a festividade de ambos os lados facilitaram a aproximação entre os soldados e seus convidados.

Figura 8- Sede da USO em Fortaleza. Antiga Vila Morena na Praia de Iracema.



Fonte: Acervo Leila Nobre. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/>. Acesso em 01 de fevereiro 2015.

Além das disputas de basquete, soldados e cidadãos também se encontraram, algumas vezes, em disputas de handebol e de futebol. Percebemos que na parte esportiva a integração estava acontecendo quase que naturalmente, inclusive, sem ocorrer a princípio nenhum tipo de mal-entendido ou de agressão durante estas partidas. Parece que os soldados aceitavam bem sofrer algumas derrotas dentro das quatro linhas²³. (LOPES, 1996).

Já na sede da USO, outros eram os tipos de encontros que ocorriam. Soldados norte-americanos utilizavam este local como ponto de descanso e descontração após cumprir suas obrigações militares dentro das bases. Além de aproveitarem a natureza praiana, os militares dos Estados Unidos aproveitavam outras “peculiaridades agradáveis” existentes no Ceará. Eles mantinham relações cordiais com as moças da cidade. Estas, muitas vezes, eram

²³ O mesmo não podemos dizer sobre o contato entre fortalezenses e soldados nos bares, festas e prostíbulos, onde podemos encontrar algumas notícias em jornais como O nordeste e o Unitário sobre brigas e confusões, principalmente, envolvendo a disputa por mulheres. Isso nos faz refletir sobre a imagem de união que tentavam criar e até que ponto ela realmente ocorreu da maneira como era mencionada.

de famílias tradicionais, normalmente muito bonitas, elegantes, educadas e que não se preocupavam com as críticas da sociedade local. Logo estas jovens foram apelidadas pejorativamente de “Coca-Colas”. Comenta-se que a denominação depreciativa surgiu por elas terem o privilégio de tomar o famoso refrigerante americano que, na ocasião, somente era visto nas telas do cinema. (SEMEAO E SILVA, 2000).

Podemos ver na foto abaixo algumas dessas garotas desfrutando de um cenário musical de dança com alguns soldados norte-americanos.

Figura 9- “Garotas Coca-Cola” frequentando a sede da USO em Fortaleza.



Fonte: Acervo Leila Nobre. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/>. Acesso em 01 de fevereiro 2015.

Desta forma, vislumbramos mais uma forma de contato existente através das relações cordiais e amorosas desenvolvidas. Contato este que inclusive pode ter facilitado a aproximação destas garotas com bebidas e comidas ianques de forma mais fácil que os demais, além de terem sentido na pele a diferença das relações conjugais.

Esta influência não cessou no vestir-se ou no comer, ela perpassou o âmbito privado e invadiu o público, fazendo da mesma maneira o caminho inverso, assim extrapolando e alterando, inclusive, o que poderia ter de mais íntimo naquela Fortaleza “provinciana”, a intimidade das relações sexuais. Nas:

[...] (ou malditas?) “pensões alegres”, viviam as chamadas “mulheres-da-vida-fácil”. Fácil para os outros, pois, a bem da verdade, a vida daquelas coitadas era um osso

duro de roer, a começar pela expulsão de casa, no interior, pelo pai moralista e machão que não podia, por hipótese nenhuma, perdoar o “erro” da filha, muito menos permitir que ela continuasse morando junto com as outras irmãs moças, depois de “infelicitada”. Matutas, a única saída era vir para a Capital, meta de todos os desesperados e esperançados, muito embora não contassem, aqui, com parentes nem aderentes que as recebesse e abrigassem. [...] As mais graciosas, as mais fartas de ancas, as mais peitudas, no entanto, acabavam, invariavelmente, nos cabarés da cidade, quase sempre, escravizadas às cruéis e desumanas “madames”, que vingam-se do próprio passado, impingindo às suas pupilas, o mesmo tratamento recebido no início da carreira. Um círculo vicioso. Por isso, mandavam brasa nas pobres noviças que ingênuas e encantadas pelas luzes da nova e cintilante vida, sujeitavam-se a tudo. (LOPES, 1996, p. 155).

Percebemos que além das moças de famílias tradicionais da capital, outras que vieram, muitas vezes do interior do estado, também possuíram esse contato mais íntimo com os soldados ianques. Muitas vezes expulsas de casa por terem cedido aos desejos do corpo, estas, acabaram vindo para Fortaleza e sendo prostituídas em algumas das diversas “pensões alegres” que existiram naquele momento. (SEMEAO E SILVA, 2000). Para estas moças, que se encontravam dentro do “micromundo” das pensões, práticas sexuais novas e diferentes surgiram em meio ao contato mais íntimo com a soldadesca norte-americana:

A presença ianque trouxe, por consequência, uma profunda transformação nos costumes sexuais. Por uma série de fatores (aparência física, o poder de sua moeda, o dólar, a formação moral diferente) os rapazes americanos não guardavam o devido respeito aos costumes tradicionais aqui prevalentes. Foram em frente, sem freios. A princípio nos cabarés. As putinhas tomaram conhecimento de certas práticas que, mesmo em sua libertinagem, ainda ignoravam. As cafetinas mais destacadas, donas dos prostíbulos de maior destaque na cidade, a Margô, a Gaguinha, a Nininha e outras, advertiam as novas inquilinas de que era norma da casa atender a clientela nos “três bês”. Entenda-se. Ato sexual por todos os meios, o oral, o anal e o natural. Os americanos exigiam, as madames atendiam. Afinal, eles pagavam em dólar. (GIRÃO, 2008, p. 80-81).

Neste ponto percebemos a influência econômica exercida pela força do dólar. Estes soldados trouxeram a força econômica que os Estados Unidos passaram a ter naquele momento. Trouxeram nos seus aviões B24, nos *jeeps*, na sua moeda, no cinema, na Coca-Cola, construções simbólicas que passaram a exercer forte influência no cotidiano fortalezense e a moldar as relações sociais do período. Podemos salientar a mudança comportamental ocorrida também nas moças e nos seus relacionamentos amorosos. Aquelas até então “recatadas donzelas”, baseadas nos estereótipos de beleza norte-americanos dos astros hollywoodianos como Clark Gable, Robert Taylor e Tyrone Power, passam a “flertar” e a manter relacionamentos com soldados ianques.

Assim, percebemos como a origem destas garotas “Coca-Colas” foi uma das inúmeras consequências da Segunda Guerra e do contato com os soldados norte-americanos, sendo assim um produto do clima beligerante trazido pela guerra.

Dessa maneira, constatamos que esse contato entre soldados norte-americanos e cidadãos fortalezenses foi de extrema importância para a propagação da política de Boa Vizinhaça e do *American way of life*, assim facilitando a proximidade com determinados objetos e práticas que só eram visualizadas nos cinemas ou ouvidas nos rádios. Dessa forma, destacamos uma faceta desse “cotidiano de guerra”, na qual a incorporação de novos hábitos e costumes também propiciou uma maior assimilação cultural por parte da parcela abastada fortalezenses durante os anos iniciais da década de 1940.

Buscamos apresentar neste tópico um panorama acerca do desenvolvimento das relações econômicas, políticas e culturais envolvendo Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Passamos pela entrada do Brasil neste conflito, pela assinatura dos Acordos de Washington, pela instalação da base militar em Fortaleza, pela importância do rádio e do cinema, pelo consumo de objetos materiais e pelo convívio com os soldados que vieram para Fortaleza.

Desta maneira, percorremos um longo caminho das influências exercidas sobre os hábitos e costumes fortalezenses. Passamos por uma forte influência afrancesada, pelo seu declínio e pela chegada da influência norte-americana. Assim, percebemos que as práticas cotidianas fortalezenses como o vestir, o comer e o falar obtiveram fortes tendências a partir destes dois polos de hegemonia. Constatamos que a abertura para estas influências obteve forte respaldo através do desejo por civilização e distinção social, assim permeando o cotidiano das famílias mais abastadas, as quais buscaram se distinguir socialmente através da incorporação dos hábitos franceses e posteriormente dos costumes norte-americanos.

3 PROPAGAÇÃO SONORA E VISUAL: ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO NO COTIDIANO FORTALEZENSE

No capítulo anterior apresentamos como os costumes franceses e, em seguida, norte-americanos influenciaram os hábitos cotidianos da parcela mais abastada da população em Fortaleza, permeando assim aspectos como vestuário, idioma e alimentação deste setor social.

Analizamos as razões e a forma com que os costumes franceses de se vestir, de se portar, de se alimentar, de se comunicar foram adentrando o dia-a-dia através do desejo de se tornar civilizado e moderno ao longo da década de 1920. Percebemos como este contato foi ocorrendo de forma indireta (através de livros, produtos e notícias) e de forma direta (por meio de viagens à França e estudos em escolas de tradição). Desta maneira, ocorrendo gradualmente determinadas mudanças no cotidiano destas famílias que possuíam condições econômicas para adquirir aqueles produtos, estudar naquelas escolas e viajar até a França.

Adentramos, em seguida, no período da Segunda Guerra Mundial e da perda da potência econômica francesa a partir da dominação alemã e do cerceamento econômico e comercial. Assim, vislumbramos uma França que antes “regia” os costumes mundo afora através de seu prestígio econômico e de sua força civilizatória, perder espaço e sofrer um processo de queda de influência. Desta maneira, deixando o espaço ser preenchido pelos norte-americanos.

No contexto da Segunda Guerra, dos Acordos de Washington e da entrada do Brasil ao lado dos Aliados, os E.U.A obtiveram seu momento de ascensão e fortalecimento da sua hegemonia. Antes o civilizado e moderno era inspirado nos padrões franceses de vestimenta, idioma, alimentação e produtos, após esse processo beligerante, o civilizado passou a ser o padrão estadunidense.

Entretanto, não podemos acreditar que este processo ocorreu de maneira simples e linear (algo que já mencionamos no capítulo anterior). É necessário que imaginemos e compreendamos como estes acontecimentos foram sendo desencadeados e quais mecanismos facilitaram ou dificultaram este processo.

Nesta perspectiva, percebemos que com a aproximação entre o Brasil e E.U.A após os acordos de Washington e a entrada do Brasil na Segunda Guerra, este processo de intensificação da influência norte-americana alcançou seu ponto mais forte. Pensando nisso, nos deparamos com o Pan-americanismo da política de Boa Vizinhança.

Com as assinaturas dos acordos entre Brasil e E.U.A. em 1942 o sentimento de integração e protecionismo das américas foi propagandeado de forma intensificada na tentativa de coibir ações eixistas, proteger as américas de possíveis ataques e intensificar as relações de proteção mútua.

Todavia, esse protecionismo e essa integração não eram definidos apenas pela proteção bélica e territorial do continente americano, mas também pelo simbolismo acerca dessa união e da força beligerante que isto representava, bem como interesses futuros de possíveis negociações comerciais, as quais já vinham sendo consolidadas, tendo em vista o caso do investimento econômico norte-americano na siderurgia nacional brasileira e os acordos futuros que poderiam ser gerados a partir deste investimento.

Esse sentimento pan-americano foi sendo observado através da organização de desfiles, homenagens, mensagens oficiais, pronunciamentos, disputas esportivas e convivência entre fortalezenses e soldados estadunidenses. Porém, dentre todas essas formas de aproximação estrategicamente planejadas pelos governos brasileiro e norte-americano, e também espontâneas, acreditamos que o rádio e o cinema exerceram a força preponderante da influência. Desta maneira, nos questionamos como estes dois mecanismos foram utilizados para facilitar essa aproximação?

Assim, discutiremos em nosso segundo capítulo o rádio e o cinema como instrumentos tecnológicos utilizados de maneira estratégica pelo governo brasileiro e norte-americano para facilitar a aproximação entre determinadas camadas da população fortalezense e os hábitos norte-americanos, e assim fortalecer o sentimento de pan-americanismo.

Perceber a força exercida por esses dois mecanismos tecnológicos e a maneira com que foram utilizados são os objetivos principais deste segundo capítulo, tendo em vista o maior contato propiciado através do apelo visual e sonoro intensificado através dos mesmos.

3.1 DISCUTINDO A TECNOLOGIA: RÁDIO E CINEMA E O CONTEXTO SOCIAL DE USO

Antes de adentrarmos na discussão envolvendo o rádio e cinema e a força que estes exerceram sob a população fortalezense, precisamos discutir nossa compreensão acerca de “tecnologia”, o que podemos considerar como “tecnologia” e como este conceito pode ser abordado de forma prática e específica sem perder sua capacidade de análise histórica, algo que as vezes nos é tão caro como historiadores.

O debate sobre o que é tecnologia e suas definições aplicadas às diversas áreas do conhecimento é algo que gera diversos questionamentos. Não acreditamos que a discussão que realizaremos conseguirá dar conta da complexidade de uso e aplicação desse conceito, seríamos ingênuos se assim pensássemos. Mas possuímos como foco facilitar a compreensão do rádio e do cinema como aparatos tecnológicos dotados de substância simbólica capazes de aproximar ou afastar, dependendo do intuito adotado e da intenção apresentada.

Desta forma, pretendemos buscar a compreensão acerca desse conceito, tendo em vista o enriquecimento da análise teórica de nosso objeto. Discutiremos como a tecnologia pode ser compreendida em seus aspectos práticos e simbólicos e que como a maioria das definições que cercam o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos, ela também está repleta de subtextos e subjetividades.

Desta maneira, acreditamos que para entender o cinema e o rádio como mecanismos estratégicos utilizados pelo governo para aproximar a população brasileira e os hábitos norte-americanos que aqui chegaram, precisamos antes compreender o que é tecnologia e como ela pode ser aplicada em nossa discussão.

Iniciamos tomando emprestado o questionamento desenvolvido por Kline (2003). O autor inicia perguntando “o que é tecnologia?”. Construir objetos considerados avançados pela sociedade? Projetar construções civis e navais com materiais modernos? Utilizar computadores? Desenvolver sistemas robóticos? O que é tecnologia no sentido estrito da palavra?

É nesse momento de indagação, que percebemos nossa tendência em apontar como tecnológico atividades ou bens materiais relacionados às áreas da engenharia, robótica, mecânica, etc. Antes do contato com autores que discutem a questão tecnológica de maneira mais específica, possuímos essa noção estreita sobre o que é tecnologia e o que não é. Não podemos nos omitir e fingir que nunca paramos para pensar nessa face da evolução, pois tendemos a acreditar e venerar o novo como algo sofisticado e melhor, capaz assim de cumprir os quesitos e sonhos da sociedade em que se insere.

A partir desta noção, podemos começar a nos questionar: e o que não se insere nesses quesitos? E os que não utilizam materiais sintéticos desenvolvidos em laboratórios? E os que não projetam abrigos de acordo com os cálculos desenvolvidos por cientistas de universidade renomadas? E todas os outros bens e ideias desenvolvidas no passado não se inserem na definição de tecnologia?

Tendemos a acreditar que o novo, o moderno e o tecnológico possui origem apenas nas sociedades as quais pertencemos. Mas isto está longe de ser uma verdade. É partir

deste questionamento feito por Kline (2003) que podemos nos dar conta da infinidade de coisas que hoje definimos como tecnologia ou tecnológico e de como esta noção ainda não consegue englobar situações diferentes do referencial atual que possuímos.

Assim, o autor inicia:

Mas o que é "tecnologia?" Se olharmos com um pouco de cuidado, encontraremos esta mesma palavra sendo usada para representar coisas, ações, processos, métodos e sistemas. "Tecnologia" também é usada simbolicamente como um epíteto, para procedimentos importantes de trabalho e para representar o progresso. Existe muito conflito dentro do uso de um dos nossos termos centrais e o que não deveria fazer, ele só poderia levar ao caos. Ainda mais importante, o uso vago atual da palavra "tecnologia" esconde de vista dois conceitos centrais e o padrão central do comportamento humano que deve existir para fazer o sentido de nossos pontos de vista de muitas questões críticas no mundo atual, incluindo a forma como entendemos a inovação, como podemos comunicar [...] e como entendemos a maneira em que nós os seres humanos fazemos a nossa vida no planeta. (KLINE, 2003, p. 210, tradução nossa).²⁴

Para Kline a infinidade de coisas as quais a sociedade atual atribuiu o conceito de tecnologia envolve um emaranhado de ações, processos, métodos, sistemas e objetos. Dessa maneira, percebemos que a tecnologia para a sociedade atual passou a representar simbolicamente processos importantes e sinônimos de progresso, na sua maioria das vezes material. A maneira como compreendemos o novo, como nos comunicamos com ele e como lidamos com a existência no planeta aparecem como norteadores para se pensar o nível de abrangência dessa definição tecnológica. Lidar com essa elucidação e defini-la de forma mais precisa e prática figura como algo fundamentalmente necessário na caminhada do progresso.

Todavia, a proeminente abrangência do uso desse termo acaba gerando grandes contrariedades na hora da compreensão, pois como podemos definir tecnologia se a utilizarmos como conceito para a definição de uma grande quantidade de coisas sem limitar precisamente o que se inclui ou não?

Nos valem da pergunta feita por Kline (2003) e inserimos nossa angústia pessoal para lapidá-la: Tudo é tecnologia? Toda e qualquer forma de produção que gere progresso técnico pode ser considerada como tecnologia?

Este é um dos problemas apontados e debatidos por Dusek (2009) em suas diretrizes para definição. Para o autor, toda conceituação deve margear o que se quer alcançar

²⁴ But what is "technology?" If we look with even a little care, we find this same word is being used to represent things, actions, processes, methods and systems. "Technology" is also used symbolically as an epithet, for important working procedures, and to represent progress. This much conflict within the usage of one of our central terms won't do, it can lead only to chaos. Even more important, the current vague use of the word "technology" hides from view two central concepts, and central pattern of human behavior that we must have to make sense of our views of many critical questions in the current world including how we understand innovation, how we can communicate [...] and how we understand the way in which we humans make our living on the planet. (Texto original).

e assim limitar o que está incluso e o que não está em seu aporte explicativo. Desta forma, quatro diretrizes são apresentadas para que as definições consigam cumprir seu papel de definir:

1. Uma definição não deve ser muito ampla nem muito estrita. (Isto é, a definição não deve incluir coisas que não designamos com a palavra que estamos definindo, e a definição não deve ser tão restrita a ponto de excluir coisas que deviam classificar-se sob o termo definido.)
2. Uma definição não deve ser circular. (Por exemplo, não devemos definir “tecnologia” como “qualquer coisa tecnológica” e então definir “tecnológico” como “qualquer coisa relativa à tecnologia”.)
3. Uma definição não deve usar linguagem figurativa nem metáforas.
4. Uma definição não deve ser unicamente negativa, mas estar em termos positivos. (Uma definição puramente negativa, na maioria dos casos, não limitaria suficientemente o âmbito de aplicação do termo. Uma definição, em contraste, tem de supor que o ouvinte conhece o termo contrastante ou oposto). (DUSEK, 2009, p. 46).

Não ser ampla demais e nem restrita demais, não promover a dependência conceitual através da circularidade de definição, não ser metafórica e não ser negativa. Através destas quatro diretrizes o autor nos ajuda a pensar como a definição de tecnologia deve ser fomentada.

Desta maneira, compreendemos que o conceito de tecnologia, para conseguir cumprir sua função, deve conseguir limitar sua abrangência, tentando não incluir tudo, mas também não excluir o necessário. Devemos também buscar uma objetividade conceitual sem perder a subjetividade conjuntural. Dessa forma, para delimitar melhor nossa compreensão acerca do termo tecnologia, precisamos nos imiscuir mais profundamente no campo de suas definições e cada vez mais mergulhar em meio aos seus possíveis usos.

Após esse direcionamento, retornamos a Kline (2003) e seus questionamentos sobre o tema. O autor, ao apresentar suas definições para tecnologia trabalha com quatro possibilidades para o uso desse termo, apresentando o contexto de utilização de cada um e como eles se interligam.

O primeiro do uso termo se faz para as coisas feitas pelo homem e que não ocorrem/surgem naturalmente na Terra ou pelas ações da natureza. Estas receberam a nomenclatura de “hardware” ou “artefatos”.

Talvez o uso mais comum da "tecnologia" seja para denotar artigos manufaturados - coisas feitas por seres humanos que não são naturais na Terra, por exemplo: geladeiras, óculos, bombas atômicas, automóveis, pianos, papel, borracha, vidro, aspirina, penicilina, aviões, copiadoras, máquinas, móveis, estradas, rifles, impressoras, botas, bicicletas, e assim por diante. No século 20, a lista é muito longa. Engenheiros muitas vezes chamam os artigos manufaturados de "hardware"; os antropólogos costumam chamar de "artefatos". Desde que a frase "os artigos

manufaturados" seja estranha, poderemos usar a palavra "hardware" ou a palavra "artefato". (KLINE, 2003, p. 210, tradução nossa).²⁵

Percebemos que o emprego mais comum para a palavra tecnologia abrange todos os produtos feitos pelo ser humano. Qualquer tipo de produção material considerada científica está presente nesta definição. Assim, com a dinâmica de produção industrial desenvolvida ao longo do século XX, a produção feita pelo homem aumentou enormemente e com ela a quantidade de coisas que poderiam ser incluídas nessa definição de tecnologia. Mesmo com a diferenciação de nomenclatura feita pelos engenheiros (artigos manufaturados ou *hardware*) e pelos antropólogos (artefato), percebemos que a “mão do homem” e sua capacidade de construção e descoberta é o que define essa parte do conceito.²⁶

Esta definição mais comum para tecnologia também é apresentada por Dusek (2009) através de sua definição instrumental:

Provavelmente a definição mais óbvia de tecnologia é como ferramentas e máquinas. Geralmente, as imagens usadas para ilustrar uma brochura ou um folheto sobre tecnologia são de coisas como foguetes, usinas de energia, computadores e fábricas. A compreensão de tecnologia como ferramentas ou máquinas é concreta e fácil de entender. [...] Um problema para definição de tecnologia como ferramentas ou máquinas são os casos em que se afirma que a tecnologia não usa ferramentas nem máquinas. (DUSEK, 2009, p. 48).

Notamos que os autores convergem nesse primeiro exercício de definição do termo. Nesta empreitada Dusek acabar por delimitar ainda mais o conceito a partir do uso de ferramentas e máquinas feitas pelo ser humano e, assim como Kline, também enxerga um problema nesta definição tão abrangente, questionando inclusive sobre os casos nos quais essas tecnologias não utilizarem destas ferramentas. As mesmas deixariam de ser tratadas como tecnologia por não utilizarem as máquinas feitas pelo homem?

A partir deste questionamento e dos paradoxos referenciais trazidos por ele, adentramos no segundo emprego para o termo tecnologia definido através do Sistema Socio-técnico de Fabricação:

O próximo uso mais comum de "tecnologia" é o processo de fabricação de hardware. Geralmente esse uso inclui para além das pessoas que operam o equipamento, e às vezes inclui, além das pessoas que operam o equipamento. Em

²⁵ Perhaps the commonest usage of “technology” is to denote manufactured articles – things made by humans that do not naturally on earth, for example: refrigerators, eyeglasses, atom bombs, automobiles, pianos, paper, rubber, glass, aspirin, penicillin, airplanes, copying, machines, furniture, roads, rifles, printing press, boots, bicycles, and on and on. In the 20th century the list is very long. Engineers often call manufactured articles “hardware”; anthropologists usually call “artifacts”. Since the phrase “manufactured articles” is awkward, we might use either the word “hardware” or the word “artifact”. (Texto original)

²⁶ Não pretendemos escolher entre o uso do termo hardware ou artefato em nossa pesquisa. Trabalharemos com a ambivalência dos termos e as subjetividades existentes acerca do conceito de tecnologia. Acreditamos na possibilidade de intermediação através da existência de um objetivo único acerca do processo de fabricação dos objetos.

ambos os casos este é um uso truncado em um sentido muito importante. O que está geralmente implícito, no sentido importante desse uso, deve ser muito mais do que apenas as máquinas e as pessoas. É o que eu chamaria de um sistema sócio-técnico de fabricação. Por exemplo, um sistema completo para fabricação de aviões (ou pianos, bicicletas, óculos, bombas atômicas, aspirina, jeans azuis, etc.). (KLINE, 2003, p. 210, tradução nossa).²⁷

Através da noção já apresentada de *hardware*, este sistema se aprofunda no processo de manufatura do mesmo. Passam a ser incluídos nesta etapa da definição as pessoas responsáveis por operar os equipamentos e as máquinas, muito mais do que apenas as suas presenças no processo, a interação existente entre os mesmos se faz necessária para compreensão desse sistema. Não basta apenas pensar no produto final, devemos levar em consideração a relação entre as ferramentas que o produziram e os seres humanos que utilizaram a ferramenta, desta forma, penetrando nesta face interativa.

Percebemos nesta definição de tecnologia um alargamento no qual passa a ser envolvido o homem, a máquina, os recursos e os processos necessários a fabricação dos hardware/artefatos no processo. Assim o sistema sócio técnico de fabricação passa a englobar:

Todos os elementos necessários para a fabricação de um tipo particular de hardware, o sistema de trabalho completo, incluindo seus insumos: pessoas; máquinas; recursos; processos; jurídico, político, econômico, físico e de meio ambiente. (KLINE, 2003, p. 210-211, tradução nossa).²⁸

Neste momento, deixamos o campo apenas do técnico e entramos em meio ao processo subjetivo de manufatura dos materiais. Deixar de pensar apenas no produto final pronto e acabado eleva o grau de complexidade dessa definição. Ao inserir o homem e sua relação com as ferramentas e o objeto incluímos diversos segmentos repletos de subjetividade, passando assim a denotar maior relação entre o lado técnico e humano/cognitivo.

É assim que, através desse alargamento em torno da relação homem-máquina e os processos existentes, que “desembarcamos em solo instável” e continuamos com os usos dados para o termo “tecnologia”. Desta vez, damos um salto em relação ao homem e suas ferramentas e adentramos na importância da técnica e do saber.

Um terceiro uso comum da palavra "tecnologia" é técnica, metodologia ou "know-how". [...] As informações, as habilidades, os processos e os procedimentos para a realização de tarefas: Possível denotação: O CONHECIMENTO, A TÉCNICA, O

²⁷. Usually this usage includes in addition the people who operate the equipment, and sometimes it includes in addition the people who operate the equipment. In either case this is a truncated usage in a very important sense. What is usually being implied, in the important sense of this usage, must be much more than just the machinery and the people. It is what I will call a sociotechnical system of manufacture. For example, a complete system for manufacturing airplanes (or pianos, bicycles, eyeglasses, atom bombs, aspirin, blues jeans, etc.) (Texto original)

²⁸ Socioechnical system of manufacture. Possible denotation: All the elements needed to manufacture a particular kind of hardware, the complete working system including its inputs: people; machinery; resources; processes; and legal, economic, politic, physical and environment. (Texto original).

KNOW-HOW, OU A METODOLOGIA, no sentido comum dessas palavras." (KLINE, 2003, p. 211, tradução nossa).²⁹

O terceiro uso mais comum do conceito de tecnologia está ligado a técnica e aos conhecimentos necessários a produção dos hardware/artefatos. Não apenas o objeto pronto e finalizado, nem tampouco somente o homem e sua relação com as ferramentas, o saber fazer e o como fazer aparecem como legitimadores desta terceira via conceitual. Dessa forma, percebemos que a informação, as habilidades e principalmente o conhecimento técnico para produção também pode ser considerado tecnologia, assim alargando, mas ao mesmo tempo limitando o nosso entender sob o que pode ser considerado “tecnológico”.

Neste ponto podemos aproximar a definição de Kline e Dusek novamente, pois o segundo também compreende essa forma de tecnologia baseada no conhecimento e na técnica. Esta será a definição de tecnologia como regra, onde [...] “a ‘técnica’ [...] é um exemplo primordial de outra definição de tecnologia. Ela trata a tecnologia antes como regras que como ferramentas. Software *versus* Hardware seria outra maneira de caracterizar a diferença de ênfase. A tecnologia envolve padrões de relações de meios e fins” (DUSEK, 2009, p. 48).

Desta forma, estes três primeiros usos do conceito de tecnologia elaborados por Kline (op. cit.) e as semelhanças com as definições propostas por Dusek (op. cit), representam o que nós comumente conhecemos como "tecnologia", ou pelo menos os que são mais utilizados atualmente. Todos eles de certa forma nos ajudam e nos direcionam para o caminho acerca do uso da tecnologia em nossa pesquisa.

O último uso para a palavra tecnologia não é tão comum, porém é de grande importancia na compreensão das “implicações humanas” sobre tecnologia e do objetivo de nosso capítulo. É através desta definição que podemos problematizar o uso dado para os produtos após sua produção, incluindo o rádio e o cinema, focos desse nosso capítulo.

O quarto e mais incomum uso do conceito de tecnologia se refere a um Sistema Sociotécnico de Uso. Estes sistemas de uso formam a base do que fazemos com o hardware/artefato depois de ter sido fabricado. Sem a existência desse sistema sócio-técnico de uso, não haveria necessidade de produzir hardware, pois não haveria contexto para consumir e utilizar a produção.

Dessa maneira, o autor nos diz que:

²⁹ A third common usage of the word “technology” is technique, methodology or “know-how.” [...] The information, skills, processes, and procedures for accomplishing tasks: Possible denotation: KNOWLEDGE, TECHNIQUE, KNOW-HOW, OR METHODOLOGY in the usual sense of these words. (Texto original).

Esse sistema constitui a base do que fazemos com o hardware depois de ter fabricado-lo. [...] Por exemplo, nós incorporamos automóveis em um sistema de estradas, posto de gasolina, o direito de propriedade e operação, regras de trânsito, etc., e usamos o sistema combinado (as autos, além de todo o resto) para estender a capacidade humana para movermos nós mesmos e nossas posses acerca do - transporte. Nós fabricamos violinos, pianos, tambores, guitarras e outros instrumentos musicais. Em seguida, incorporamos-os em orquestras e bandas para estendermos as maneiras pelas quais podemos fazer música. Nós construímos microscópios, telescópios, CAT-scanners, termômetros e outros instrumentos e utilizamos-os no sistema alargando a nossa capacidade de sentir vários aspectos do mundo que nos rodeia. Tornamos rifles, pistolas, granadas, bombas atômicas e outras armas e difundimo-os em exércitos, marinhas e forças aéreas que são sistemas de extensão da nossa capacidade para matar, para oprimir outros povos, e para proteger a nós mesmos de sermos oprimidos por outros. E nós fazemos tudo isso a fim de executar tarefas que os humanos individuais não poderiam fazer sem tais sistemas." (KLINE, 2003, p. 211, tradução nossa).³⁰

Este sistema se refere ao uso dos produtos após suas fabricações, envolvendo assim todos os outros processos necessários para o uso do mesmo. Como o autor nos explica, de nada adiantaria a produção do carros se não houvesse as estradas para andar, os postos de combustível para abastecer, as leis para regulamentar o uso e assim por diante. É a integração destes sistemas necessários ao uso após a produção de determinado artefato/hardware que se enquadra dentro desta definição de tecnologia.

Poderíamos imaginar o rádio sem ninguém para escultá-lo, ou cinema sem ninguém para assisti-lo, ou qualquer outro produto sem pessoas para consumi-lo e utiliza-lo? Esse é o questionamento necessário nesse momento.

Após o debate sobre o conceito de tecnologia, vimos inúmeras possibilidades pertinentes e também como elas poderiam ser aplicadas para compreensão de nosso objeto. A “tecnologia” nos foi apresentada como qualquer tipo de produto feito pelo homem (*hardware/artefato*), como a relação existente entre esse produto, o homem que o fez e as ferramentas utilizadas e como a correlação entre o conhecimento e a técnica para execução da tarefa. Poderíamos problematizar o rádio e o cinema a partir destas conceituações, assim pensando estes dois mecanismos como um produto final feito pelo homem, ou a relação existente entre a manufatura e o ser humano, até mesmo o saber necessário para produzi-los e

³⁰ Such system forms the basis of what we do with the hardware after we have manufactured it. [...] For example, we embody automobiles in a system of roads, gas station, law for ownership and operation, rules of the road, etc., and use the combined system (the autos plus all the rest) to extended the human capacity for moving ourselves and our possessions about – transport. We manufacture violins, pianos, drums, guitars, and other musical instruments. We then embody them in orchestras and bands to extended the ways in which we can make music. We build microscopes, telescopes, CAT-scanners, thermometers, and other instruments and utilize them in system to extended our ability to sense various aspects of the world around us. We make rifles, pistols, grenades, atom bombs, and other weapons and diffuse them into armies, navies and air forces which are system for extending our capacity to kill, to oppress other peoples, and to protect ourselves form being oppressed by others. And, we do all this in order to perform tasks which individual humans cannot perform without such systems. (Texto original)

utilizá-los. Todavia, é através do quarto uso para tecnologia que nos aparece a porta adequada para nossa intervenção. Pensar a utilização dos mesmos e como eles foram inseridos na sociedade fortalezense nos parece o caminho suficientemente capaz de apontar as faces do cotidiano que almejamos atingir.

Dessa maneira, analisamos o rádio e o cinema como “tecnologia” a partir da definição do Sistema Sociotécnico de Uso, pois buscamos através da discussão historiográfica e das fontes coletadas o uso desses dois meios de comunicação como mecanismos que facilitaram a aproximação entre os costumes estadunidenses e determinada parcela da população fortalezense. Assim, o uso destes mecanismos nos aparece como revelador da aproximação entre a influência estadunidense e a parcela abastada da população de Fortaleza.

Nesse caminho, Dusek também compreende a tecnologia como sistema. Neste caso, para ele, “não está claro que o instrumental fora do contexto humano de uso e compreensão realmente funcione como tecnologia” (2009, p. 49). Eis alguns exemplos:

1. Um avião deserto (caído ou abandonado) na floresta pluvial não funcionará como tecnologia. Ele pode ser tratado como um objeto religioso por membros de um “culto de carga” no Pacífico. Os cultos de carga surgiram quando aviões americanos jogaram grandes quantidades de bens nas ilhas do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial e os cultos esperavam o retorno dos grandes “pássaros”.
2. O Sha do Irã, durante a década de 1960, tentou modernizar o país a força. Ele usou a riqueza do petróleo para importar alta tecnologia, como aviões a jato e computadores, mas carecia de número suficiente de operadores e pessoal de serviço. Foi dito que aviões e computadores *mainframe* ficaram ao relento, acumulando areia e pó ou enferrujando, já que não foram disponibilizados abrigos para armazenamento nem funcionários de operação e manutenção. O maquinário não funcionou como tecnologia. [...] (DUSEK, 2009, p. 49-50)

Estes exemplos “sugerem que, para que um artefato ou peça instrumental seja tecnologia, ele precisa ser colocado no contexto das pessoas que o usam, que o mantém e reparam. Isto dá origem à noção de sistema tecnológico, que inclui o instrumental, assim como as habilidades e organização humanas necessárias para operá-lo e mantê-lo”. (DUSEK, 2009, p. 49-50)

Dessa maneira, fora do contexto da utilização humana, o rádio e o cinema não seriam incluídos dentro do sistema sócio-técnico de uso, muito menos dentro da categoria de tecnologia e é por isso que a compreensão sobre a forma de utilização dos mesmos se constitui como um dos focos primordiais de nossa pesquisa.

Mas qual necessidade de incluirmos o cinema e o rádio dentro do conceito de tecnologia? Por que o sistema sócio-técnico de uso nos parece importante para desvendar os regimes de verdades existentes naquele cotidiano? Esse questionamento nos assolou durante

muito tempo, mas através dele conseguimos imaginar o referencial da sociedade fortaleza naquele período.

Fortaleza desejava o foro de cidade civilizada e moderna. Buscava através do consumo de bens materiais e da incorporação de influências estrangeiras a chancela de cidade avançada. Desta maneira, o progresso que se pretendia estava diretamente ligado ao fator de incorporação das tecnologias presentes no cenário estadunidense e mundial, assim, bem como os demais produtos poderiam ser discutidos através desta ótica, o cinema e o rádio se veiculam dentro desse desejo pelo novo e pelo que ele representava.

Entretanto, devemos pontuar que o enquadramento dentro destas definições e sistemas não se constitui como particularidade restrita as produções e realizações da sociedade atual.

UM SISTEMA SOCIOTÉCNICA DE USO é um sistema que utiliza combinações de hardware e pessoas (e geralmente outros elementos) para realizar tarefas que os humanos não poderiam executar sem a ajuda de tais sistemas para estender as capacidades humanas. [...]

O padrão de criação de hardware em especial no sistema sócio-técnico de fabricação é difundir o hardware em outro sistema sócio-técnico de uso, a fim de entender que a extensão de nossas capacidades humanas não é um produto da "idade de alta tecnologia." Pelo contrário, o padrão foi adotada primeiro pelos nossos ancestrais evolutivos duas espécies antes de nos tornarmos homo sapiens, cerca de dois milhões de anos de acordo com a melhor forma atual de evidência paleoantropologia. Nós, seres humanos, temos feito e vivido na Terra usando esse padrão por tanto tempo, que pode ter afetado nosso caminho evolutivo". (KLINE, 2003, p. 212, tradução nossa)³¹

O sistema sócio-técnico de uso absorve a dinâmica entre o ser humano, suas produções e o uso que se faz das mesmos, nos fazendo perceber a necessidade destes em relação a extensão da capacidade humana ao longo do tempo, de qualquer sociedade e de qualquer período.

Através dessa percepção, Kline nos demonstra que a extensão das capacidades humanas através do uso das tecnologias não é algo exclusivo da era da "alta tecnologia". Desde os tempos mais antigos os antepassados do ser humano atual (homo sapiens) já se utilizavam de mecanismos, processos e formas de usos de variados objetos na intenção de realizar suas tarefas diárias e suprir necessidades relativas a sua sobrevivência. Dessa maneira, Kline argumenta que toda a produção do homem, mesmos das sociedade humans

³¹ A SOCIOTECHNICAL SYSTEM OF USE is a system using combinations of hardware and people (and usually other elements) to accomplish tasks that humans cannot perform unaided by such systems to extend human capacities. [...] The pattern of creating hardware in special sociotechnical system of manufacture and diffusing the hardware into other sociotechnical system of use in order to extended our human capacities is not a product of the "high-tech age." On the contrary, the pattern was first adopted by our evolutionary ancestors two species before we became homo sapiens roughly two millions years ago according to the best current evidence form paleoanthropology. We humans have been making our living on earth by use of this pattern for so long a time, that it has materially affected our evolutionary path. (Texto original).

passadas está inserida dentro desta perspectiva, assim “toda a nossa existência tem sido uma parte da tecnologia.” (KLINE, 2003).

Após esta discussão, compreendemos “tecnologia” através das definições apresentadas anteriormente. Nossa perspectiva acerca de tecnologia envolve os produtos criados pelo ser humano, levando em consideração a relação homem-objeto, o conhecimento necessário e o contexto de utilização do mesmo. Todavia, percebemos que ao tratarmos do rádio e do cinema no contexto de Fortaleza da década de 1940 estaremos direcionando nosso foco em torno da utilização destes produtos criados pelo ser humano. Não buscamos nos deter no contexto de sua fabricação ou na técnica de produção, pretendemos abordar o contexto de uso desses produtos tecnológicos e como a sua utilização contribuiu para um maior contato com os costumes estadunidenses que chegavam na Fortaleza daquele período.

Mesmo acreditando que poderíamos abordar esses instrumentos de comunicação através das variadas conceituações apresentadas, percebemos que o nosso interesse maior e o foco de nossa pesquisa será melhor abordado através da análise e da compreensão do uso dos mesmos.

Dessa maneira, observamos que não basta compreender esses mecanismos como instrumentos tecnológicos somente a partir de seu contexto de uso sem levar em consideração as subjetividades por trás desta utilização. Acreditamos que os subtextos desse uso configuram-se como algo essencial, tendo em vista os mesmos como mecanismos de uso estratégico dentro da perspectiva “certeuniana” de “estratégia” (CERTEAU, 1994) como algo que configura-se através de um lugar de poder e de racionalização, planejamento e execução.

Assim, iniciamos nosso próximo tópico abordando esse caráter subjetivo destas tecnologias e como elas podem ter interferido no cotidiano a partir da maneira como eram planejadas e executadas.

3.2 “ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO”: RÁDIO E CINEMA COMO MECANISMOS DE CRISTALIZAÇÃO DA INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA.

No tópico anterior discutimos a definição de tecnologia e como ela se aplica em nossa análise sob a utilização do cinema e do rádio como mecanismos estratégicos para a aproximação entre os costumes norte-americanos e a população fortalezense.

Dentro desta perspectiva, compreendemos que a tecnologia não corresponde somente as produções feitas pela sociedade atual, mas sim que toda a existência humana foi

marcada pela utilização de variadas formas de tecnologia a partir do uso de mecanismos para estender as capacidades dos seres humanos e muitas vezes garantir sua sobrevivência. Apresentamos um panorama onde podemos debater “tecnologia” a partir dos *hardware*/artefatos produzidos pelo homem, mas também da integração entre ele e a máquina, do conhecimento e da técnica necessária para a produção e do sistema de uso necessário para utilização do que for produzido.

Desta forma, abrangemos o conceito de tecnologia de maneira detalhada para que possamos passar para o próximo nível de compreensão, o qual envolve tecnologia e suas subjetividades de uso. Assim, adentramos ao contexto político dos artefatos produzidos, mas não nos referimos ao uso mais corriqueiro da palavra político, e sim ao sentido dos subtextos e das intenções por trás da utilização de determinadas tecnologias, bem como o efeito que seu uso causou na população fortalezense.

Winner nos explica a importância da devida atenção que essa discussão exige:

Não há idéia mais provocante nas controvérsias sobre tecnologia e sociedade do que a noção de que as coisas técnicas têm qualidades políticas. Em questão está a alegação de que máquinas, estruturas e sistemas da moderna cultura material podem ser precisamente julgados não apenas pela sua contribuição à eficiência e produtividade e pelos seus efeitos colaterais ambientais, positivos e negativos, mas também pelos modos pelos quais eles podem incorporar formas específicas de poder e autoridade. Uma vez que idéias desse tipo são uma presença persistente e problemática em discussões sobre o significado de tecnologia, elas merecem atenção explícita. (WINNER, 1980, p. 121).

Feita esta ressalva e através desta perspectiva, nos aprofundamos através das qualidades políticas da utilização destas tecnologias e passamos a analisar o uso do rádio e do cinema, pois estes aparelhos tecnológicos, ao serem utilizados de maneira estrategicamente pensada, incorporam formas específicas de poder e autoridade através de suas intenções de uso.

Mas o que estamos querendo dizer com uso estratégico deste mecanismos? Esse debate surgiu em nosso caminho já na seleção do projeto de mestrado. Discutir a partir de Michel de Certeau (1994) o uso estratégico de mecanismos constituiu-se como um caminho trilhado e que atendia as exigências de nosso objeto.

O autor em questão apresenta a noção de estratégia estritamente vinculada ao cotidiano das sociedades. O poder constituído (seja o Estado, a Igreja, as elites econômicas ou qualquer outra instituição que configure poder e controle) de alguma maneira pensa e planeja como as ações da população devem ser executadas. Esse núcleo que exerce algum tipo de controle sobre os demais arquiteta buscando a gestão dos grupos que não o detém. Assim,

buscam a diminuição dos embates e a manutenção de seus status, muitas vezes justificando essa planeamento através da manutenção da ordem.

Dessa forma, compreendemos “estratégia” como:

[...] o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (CERTEAU, 1994, p. 99 e 102).

A partir do conceito de estratégia, percebemos como mecanismos podem ser pensados e executados pelo Estado, ou pelas elites, para atenderem suas demandas e controlar o que é pretendido. Na Fortaleza daquele período, o discurso governista e das classes mais abastadas buscava a noção de civilizado e moderno chancelado pela influência estadunidense. Assim, mecanismos como rádio e cinema ganharam fôlego em meio a esse cenário e deram continuidade a um “processo civilizador” que se almejava.

Assim, estes mecanismos propagandísticos possuíam a função de “aproximar” e facilitar o contato da população com roupas, comidas, e objetos técnicos oriundos dos Estados Unidos. Pois como introjetar de maneira mais subjetiva estes “estrangeirismos” se não pela percepção sensorial de olhos e ouvidos?

A sensação, a percepção sensorial, os sentidos nos parecem algo de fundamental importância nesse processo. Pois na esteira do desejo pelo novo, nada nos parece mais agradável e de fácil deslumbre do que a possibilidade de ver e ouvir o que se deseja. Imaginar como os ianques se vestiam, comiam ou se portavam era uma coisa, ver nos filmes suas vestimentas, seu idioma e seus alimentos era outra totalmente diferente e repleta de significados.

Acreditamos que este fator sensorial esteve intimamente ligado a inserção da influência norte-americana em solo alencarino. Afinal, quem nunca saiu de uma sala de cinema com a vontade de usar a roupa daquele ator ou assobiando a música tema do filme?

Acreditamos que o uso destes mecanismos não foi algo realizado apenas pelo governo, pois, além do discurso civilizatório ser corroborado pelas elites fortalezenses, grupos distintos detinham o controle dos programas de rádio e dos filmes exibidos nos cinemas, assim nos mostrando diversas pessoas envolvidas. (SOUZA, 2007).

Percebemos essa questão através das inúmeras notícias veiculadas nos jornais analisados para esta pesquisa. Foi comum durante a análise de periódicos vermos

cotidianamente publicidades dos conteúdos transmitidos por esses aparelhos de comunicação. Notícias dos filmes exibidos contendo detalhes como sinopse, dia e horário fizeram parte deste conteúdo de exibição.

Assim, acreditamos que não só o governo utilizou o rádio e o cinema de maneira intencional visando a propagação do “espírito” Pan-americano ou do *American way of life*, mas também os donos desses veículos, os quais pertenciam ao setor abastado da população. Pois ao divulgarem os detalhes sobre a exibição desse filmes, de certa maneira, acabaram gerando publicidade e um maior alcance dentro dos que consumiam aquele periódico.

Vale salientar a importância de alguns jornais naquele período e a crítica feita por eles a alguns comportamentos, produtos, músicas dentre outros segmentos culturais e sociais. Desta forma, em um cidade marcadamente católica, o jornal *O Nordeste*, de cunho religioso, exercia bastante força em assuntos que envolviam a moralidade e os “bons costumes” daquela sociedade. Deste modo, a força de divulgação de ideais contidas nesse periódico é algo que devemos considerar. Assim, o fato desde determinado jornal aparecer divulgando filmes norte-americanos e fazendo críticas positivas a alguns valores apresentados nos parece como algo de notória importância nesse meio.

Todavia,

[...] ir além desta constatação óbvia e argumentar que certas tecnologias têm propriedades políticas nelas próprias parece num primeiro momento completamente equivocado. Todos nós sabemos que as pessoas têm política, não as coisas. Descobrir virtudes ou pecados em agregados de aço, plástico, transistores, elementos químicos, e outros materiais parece completamente equivocado, parece uma forma de mistificar os artifícios humanos e evitar as verdadeiras fontes, as fontes humanas de liberdade e opressão, justiça e injustiça. Culpar as coisas parece ainda mais despropositado do que culpar as vítimas quando se julga as condições da vida pública. (WINNER, 1980, p. 122).

Nessa linha de pensamento, assim como os objetos norte-americanos consumidos pelas classes abastadas fortalezenses possuíam seus significados, tanto culturalmente falando quanto político e social, o cinema e o rádio também possuíram essa faceta. Desta forma, os periódicos não se ausentaram deste segmento, pois assim como os demais, também eram produzidos e vendidos por pessoas, as quais possuíam suas propriedades políticas e seus interesses subjetivamente inseridos.

Pensando nisso, devemos tomar cuidado para não sacralizar ou demonizar o rádio e o cinema através de suas dinâmicas internas e sim problematizar as intenções por trás daqueles que fizeram uso destas tecnologias. Assim, atravessar a linha de compreensão acerca dos verdadeiros detentores de interesses políticos parece algo fácil de ocorrer em meio as tessituras subjetivas.

Daí, o austero conselho comumente dado àqueles que se deixam seduzir pela noção de que os artefatos técnicos têm propriedades políticas: O que importa não é a tecnologia em si, mas o sistema social ou econômico no qual ela está inserida. Esta máxima, a qual em si ou segundo variações é a premissa central de uma teoria que pode ser chamada de determinação social da tecnologia, tem uma sabedoria óbvia. Ela serve como um corretivo necessário para aqueles que estudam, sem o devido olhar crítico, coisas como “o computador e seus impactos sociais”, mas se esquecem de olhar, por trás dos dispositivos técnicos, as circunstâncias sociais de seu desenvolvimento, emprego e uso. Esta visão fornece um antídoto para o determinismo tecnológico leigo a idéia que a tecnologia se desenvolve como resultado apenas de sua dinâmica interna, e então, não mediada por nenhuma outra influência, molda a sociedade segundo seus padrões. Os que não reconhecem os modos pelos quais as tecnologias são moldadas pelas forças sociais e econômicas não vão muito longe. (WINNER, 1980, p. 122).

Desta maneira, percebemos que o uso destas tecnologias está interligado aos seus contextos sociais e econômicos. Assim, recorreremos novamente a inserção destes mecanismos dentro do seu contexto social de uso. De nada nos adiantaria pensar o cinema e o rádio como simples “apetrechos” inertes restritos apenas a sua produção técnica. Partimos deste ponto e o ultrapassamos ao problematizá-los através da ótica pela qual eles foram utilizadas.

Qual parcela da população consumia o conteúdo produzido pelo rádio e pelo cinema? Por que consumiam? Qual o tipo de conteúdo veiculado nestes mecanismos? Que mensagens eles traziam e as razões para tais? Quem produzia o conteúdo exibido? Essas perguntas nos ajudam a imergir no “denso e profundo oceano” que se encontra o uso destes veículos de comunicação na Fortaleza da década de 1940.

Todavia, cuidados necessários devem ser tomados ao adentrarmos nesse “pântano obscuro”. É necessário também ter cuidado para não reduzir o uso somente aos “jogos das forças sociais”, mas tratar como se fossem complementos necessários para uma compreensão mais elaborada.

A teoria de política tecnológica chama atenção ao momentum dos sistemas sociotécnicos de grande escala, à resposta da sociedade moderna a certos imperativos tecnológicos, e às formas pelas quais as finalidades humanas são poderosamente transformadas na medida em que se adaptam aos meios técnicos. Esta perspectiva oferece um novo arcabouço de interpretação e explicação para alguns dos padrões mais intrigantes que tem se formado dentro e em torno do crescimento da moderna cultura material. Seu ponto de partida é uma decisão de se tomar os artefatos tecnológicos seriamente. Em vez de insistir que nós reduzamos tudo imediatamente ao jogo das forças sociais, a teoria da política tecnológica sugere que nós prestemos atenção às características dos objetos técnicos e aos significados dessas características. Um complemento necessário e não uma substituição das teorias da determinação social da tecnologia, esta abordagem identifica certas tecnologias como fenômenos políticos em si próprias. (WINNER, 1980, p. 122-123).

Ao não substituir os olhares e sim complementá-los temos a possibilidade de perceber detalhes que poderiam passar despercebidos. A compreensão da existência de significados políticos, sociais e culturais por trás do uso destas tecnologias nos tornam mais

eficientes em nosso objetivo de perceber como estas aproximaram determinada parcela da população fortalezense aos costumes ianques que eram reproduzidos por eles.

Desta forma, ao compreendermos que “tecnologia” engloba produtos manufaturados, mas também sistemas, máquinas, uso e demais segmentos que já explicamos, abrangemos uma grande quantidade de exemplos que podem ser usados em nossa análise. Tendo em vista essa abrangência e a compreensão que estes produtos também são dotados de interesses e subjetividades por conta das condições de produção, utilização e do elemento ser-humano, podemos tecer alguns exemplos usados por Winner para nos ajudar no entendimento:

Histórias de arquitetura, planejamento urbano e equipamentos públicos contém muitos exemplos de arranjos físicos com propósitos políticos explícitos ou implícitos. Pode-se apontar para as largas avenidas parisienses do Baron Haussmann, construídas sob a direção de Louis Napoleon para prevenir qualquer recorrência de brigas de rua, como as que aconteceram durante a revolução de 1848. Ou pode-se visitar inúmeros grotescos prédios de concreto e as enormes praças construídas nos campi universitários nos Estados Unidos, nos finais dos anos 60 e início dos anos 70, para evitar as demonstrações de estudantes. Estudos de instrumentos e máquinas industriais também revelam interessantes histórias políticas, incluindo algumas que violam nossa expectativa normal sobre por que inovações tecnológicas são feitas, em primeiro lugar. Se nós supomos que novas tecnologias são introduzidas para se aumentar a eficiência, a história da tecnologia mostra que nós nos desapontaremos algumas vezes. Mudanças tecnológicas expressam uma vasta gama de motivações humanas, dentre as quais o desejo de alguns de dominar outros, mesmo que isso exija um ocasional sacrifício na redução de custos e alguma violação do padrão normal do se tentar obter mais do menos. (WINNER, 1980, p. 124).

O fato de tecnologias buscarem uma maior eficiência no determinado fim estipulado para ela não deve ser desmerecida, muito menos deconsiderada. Todavia, Winner nos aponta que ao longo da história, em períodos e locais diferentes, não só essa eficiência justificava a implementação ou a atualização de determinados mecanismos. Pensar nesta tecnologia como mais do que apenas um conjunto de fatores que busam uma maior eficiência nos garante uma maior capacidade de compreensão assim como o olhar sobre o caráter políticos destes mecanismos tecnológicos.

Cinema e rádio, assim como outros meios de comunicação, possuem a função básica, mesmo que não seja a única expressa, de apresentar conteúdo e informar aos que o consomem (vêem e escutam) sobre determinados assuntos. Informar e transmitir conhecimento previamente pensado para aqueles que se dispõem ao utilizar os mesmos. Todavia, dentro desta linha de pensamento, devemos levar em consideração que os dois mecanismos cumprem para além de apenas informar. Eles transpassam essa linha e adentram o “conjunto” da aproximação. Pois, auditivamente e visualmente, acabam trabalhando através das percepções sensoriais e humanas, sendo capazes de aguçar os sentimentos já existentes.

Para além dessa faceta, e mesmo já existindo um desejo na população fortalezense naquele período, também devemos levar em consideração o fato do direcionamento desses conteúdos, tendo em vista o desenvolvimento da Política de Boa Vizinhança e do *American way of life*.

Assim, regredindo sensivelmente no período pesquisado e de posse dos exemplos urbanos apresentados por Winner (1980), podemos avaliar o ordenamento das ruas de Fortaleza implementadas por Adolfo Hebster e Silva Paulet na segunda metade do século XIX. As perspectivas políticas de ordem, higienização e civilização estavam presentes de maneira nítida na tentativa de disciplinar o crescimento urbano que acontecia na cidade naquele momento.

Para disciplinar seu crescimento espacial o engenheiro-arquiteto Adolfo Hebster foi contratado de Pernambuco pelo governo cearense e, em 1875, elaborava a “Planta Topográfica de Fortaleza e Subúrbios”.

Atualizando o sistema de traçado urbano na forma de xadrez esboçado por Silva Paulet para a cidade em 1818, o plano urbanístico de Hebster estendia o alinhamento das ruas até os subúrbios. Corrigindo becos e vias sinuosas, esse traçado retilíneo agilizava o fluxo de pedestres, veículos e mercadorias. Ao deixar a capital mais “aberta” e “transparente”, o plano dificultava possíveis ocorrências de revoltas e distúrbios, facilitando a vigília dos poderes públicos sobre a capital (PONTE, 2007, p. 166).

Desta forma, percebemos como as reformas implementadas também tinham seu caráter político no sentido utilizado por Winner. A face do controle social nos aparece caracterizada através do ordenamento pretendido e do planejamento das ações tomadas pela população, algo que facilitava a “vigília dos poderes públicos”.

O planejamento realizado pelo poder público buscava o ordenamento necessário, a mudança no cotidiano e a percepção temporal daquele período, pois agora vivia-se o imperativo da velocidade, bem como o controle de possíveis revoltas.

Naquele momento a inspiração ainda bebia fortemente na “fonte européia” das influências.

A partir do século XIX, tornaram-se alvos de discursos, medidas e reformas que procuravam alinhá-las ao modelo europeu de modernização urbana. Era a inauguração de um projeto civilizatório para o País, de caráter europeizador, patrocinado pelas elites políticas, econômicas e intelectuais. (PONTE, 2007, p. 163)

Novamente, a chancela do rótulo de civilizado que emanava do modelo europeu nos aparece no cotidiano fortalezense. Todavia, devemos levar em consideração que esse processo não foi somente conduzido pela parcela abastada da população, mas também interferiu e regeu o próprio cotidiano deste setor, influenciando muito do seu dia-a-dia.

Ante essa inédita expansão econômica e urbana de Fortaleza, convinha aos poderes públicos, elites enriquecidas e setores intelectuais procederem um significativo

conjunto de reformas urbanas capaz de alinhar a cidade aos códigos de civilização, tendo como referência os padrões materiais e estéticos dos grandes centros urbanos europeus. Isso significava, também, disciplinar os pobres, doentes, medigos, loucos, “vadios” e prostitutas, vistos como agentes nocivos ao processo civilizatório, produtivo e normatizador pretendido para a capital. (PONTE, 2007, p. 164).

Percebemos novamente a conotação política como representante do social usada por Winner (1980) em relação às tecnologias e a sua utilização pelos poderes instituídos, sejam eles os poderes públicos, econômicos ou intelectuais.

No tocante ao nosso objeto, podemos vislumbrar todo o planejamento por trás da construção do sentimento de Pan-americanismo, da defesa mútua das Américas, da política de Boa Vizinhança e do *American way of life*. Estas construções ideológicas-culturais foram utilizadas também com a conotação política aqui problematizada. Mas não ficamos apenas no quesito dos valores trazidos por essas políticas estadunidenses, passemos ao lado material e urbano assim como é apresentado por Winner.

O planejamento do local de construção da base militar e da USO, as rotas dos desfiles militares entre os soldados das duas nações, os produtos técnicos que traziam a chancela da modernidade ianque, todos estes fatores podem elucidar nossa compreensão acerca desta face. Assim, acreditamos que estes setores, ao exercerem seus poderes sociais e econômicos utilizaram estratégias racionalizadas através dos equipamentos tecnológicos para concretizar suas políticas de interesses de forma mais sólida, algo que naquele momento passou pelo desejo da incorporação da modernidade ianque.

Desta forma, seja o governo, os enriquecidos economicamente, os intelectuais por ofício, os grupos que controlam os periódicos, o rádio ou o cinema, seja qual parcela destas camadas abastadas estivessem presentes nesse processo, ao se utilizarem direcionadamente destas formas de tecnologias, as mesmas encontravam-se completamente carregadas por seus interesses políticos, suas subjetividades e subtextos.

Assim,

As coisas que nós chamamos tecnologias são formas de construir ordem em nosso mundo. Muitos dispositivos ou sistemas técnicos importantes na vida quotidiana contém diversas possibilidades de ordenar a atividade humana. Conscientemente ou inconscientemente, deliberadamente ou inadvertidamente, as sociedades escolhem tecnologias que influenciam, por um longo tempo, como as pessoas vão trabalhar, se comunicar, viajar, consumir, e assim por diante. No processo pelo qual as decisões estruturantes são feitas, diferentes pessoas estão diferentemente situadas e possuem diferentes graus de poder assim como diferentes níveis de consciência. De longe, a maior latitude de escolha existe no primeiro momento em que uma técnica, sistema ou instrumento particular é introduzido. Uma vez que os compromissos iniciais são assumidos, as escolhas tendem a se tornar fortemente fixadas no equipamento material, no investimento econômico e no hábito social, e assim, a flexibilidade original desaparece para qualquer propósito prático. Neste sentido, inovações tecnológicas são similares a atos legislativos ou ações políticas básicas que estabelecem uma estrutura de ordem pública que pode durar por muitas gerações.

Por esta razão, a mesma atenção cuidadosa que é dada às regras, papéis e relações da política devem também ser dadas a coisas tais como a construção de rodovias, a criação de redes de televisão, e a customização de aspectos aparentemente insignificantes em novas máquinas. As questões que dividem ou juntam pessoas na sociedade são resolvidas não apenas nas instituições e práticas da política como tal, mas também, e menos obviamente, em arranjos tangíveis de aço e concreto, fios e semicondutores, porcas e parafusos. (WINNER, 1980, p. 127).

É dentro desta perspectiva que compreendemos o rádio e cinema, como mecanismos capazes de ordenar a atividade humana, aproximar as influências norte-americanas trazidas nos filmes e nas músicas, influenciar a maneira “como as pessoas vão trabalhar, se comunicar, viajar, consumir, e assim por diante”. Através do rádio e do cinema essa aproximação tornou algo tão forte quanto ações políticas, capazes de influenciar as camadas da sociedade que obtiveram contato.

Dessa maneira, estes dois mecanismos surgiram e se mostraram como instrumentos importantes e reveladores para nossa análise. Todavia, devido a impossibilidade de assistir aos filmes exibidos naquele período e ouvir as músicas transmitidas nas ondas do rádio (embora hoje talvez consigamos encontrar trechos remixados da mesmas), abordaremos esses dispositivos através dos periódicos utilizados nessa pesquisa.

Problematizaremos os filmes que foram exibidos e as músicas tocadas através das notícias de jornais, das críticas feitas, das análises de conteúdo, das propagandas, das denúncias e das queixas sobre os mesmos. Desta forma, acreditamos que conseguiremos nos aproximar dos conteúdos, dos enredos, das sonoridades e das subjetividades que foram capazes de influenciar determinada parcela da população fortalezense.

Desta forma, naquele momento, em meio a Segunda Guerra e ao desenvolvimento da política de Boa Vizinhança, do *American way of life* e do Pan-americanismo, boa parte das grandes produções cinematográficas possuíam explícita e implicitamente, em seu enredo, o tom político. Exaltar o sentimento de união entre as Américas, enaltecer a luta norte-americana pela democracia e condenar as atitudes beligerantes tomadas pelo eixo apareceram como características fundamentais nestas produções.

Histórias, personagens, situações, viradas de cena, tudo continha explicitamente, e as vezes implicitamente, o recurso a tal argumento. A necessidade de cristalizar no imaginário da população a justiça por trás da luta contra o Eixo e apresentar os ideais democráticos como preceito básico defendido pelos aliados encabeçados pelos E.U.A aparecia como norte fomentador dos filmes. Bem como apresentar o inimigo de forma e vilanizar suas atitudes, criando assim um nítido antagonismo maniqueísta: o bem contra o mal, a luz contra as trevas, os Aliados contra o Eixo.

Satirizar os inimigos eixistas, traçar um perfil demoníaco a respeito de alemães, italianos e japoneses, ajudou a exaltar o esforço estadunidense e dos países aliados na produção de uma auto-imagem democrática. Assim se criou o contraponto que precisava ser combatido e obtia esforços e apoio da população.

Desta maneira, percebemos que os filmes também foram utilizados para aproximar a população do contexto do conflito, assim buscando forjar uma imagem também maniqueísta entre o eixo do bem e o do mal. Podemos perceber, através de uma notícia lançada no jornal *O Nordeste*, como estes filmes eram pensados e conseguiram exercer influência sob as reflexões das pessoas.

[...] O filme “Tempestades d’alma”, exibido conjuntamente com o “cine-jornal” de novo voo do “premier” inglês a terra do Tio Sam trouxe-me reflexões sobre o mundo da guerra. Assim é que o lindo romance de Thyllis Bottome dramatiza a tempestade dos elementos naturais que assombra o troglodita. mas que o homem civilizado soube compreender e dominar mas evidencia que as “tempestades d’alma” zombam do progresso e se desencadeiam sobre os homens.

A medida que a película se desenrola surgiu-me à mente esse horrível Moloch, que é a guerra, a conturbar, a convulsionar, a sacudir e devorar a humanidade, á semelhança do Saturno lendário, mas, á frente, no futuro, o eterno sonho de liberdade a sorrir, a acariciar, a embalar e prometer ao homem um mundo melhor. É que Alexandre, César, Aníbal, Atila, Napoleão e outros conquistadores, que poderiam ter deixado de existir, passaram, mas Copérnico, Kepler, Newton, Edson, Marconi e outros grandes benfeitores da humanidade viveram na eternidade de suas obras.

Einsten, o genial revisor do cosmos de Newton, é em nossos dias, o penhor dessa vitória do bem sobre o mal.

Em Princenton ele não é apenas cidadão norte-americano, mas do mundo pela universalidade do seu gênio e da ciência. Hitler, o esmagador da Europa indefesa, passará, mas o autor da “Teoria da relatividade”, o perseguido, viverá para gloria da humanidade civilizada. (CONTRASTES e semelhanças. *O Nordeste*. 20 de julho de 1942, p.3)

Percebemos que o filme “Tempestades d’alma” através de sua história, conseguiu gerar reflexão em um dos redatores do jornal. Assim, ressaltando a importância da liberdade defendida pelos norte-americanos e os associando ao desejo de civilização, ao mesmo tempo em que comparou os eixistas a um monstro conhecido como “Moloch”, responsável pela guerra e pela conturbação do avanço da sociedade. Acreditamos que se este tipo de filme era um instrumento importante para que um redator de um jornal de peso político e social como “O Nordeste” reforçasse a articulação entre jornal e cinema como forças ideológicas matriciais de formação de opinião sobre o conflito mundial.

Pois, ao passo que a notícia analisa o filme e apresenta quesitos relevantes como os descritos, acabamos por perceber a política e social exercida pela mesma. Não se tratou de apenas elucidar a sinopse do filme ou os atores envolvidos na película, nitidamente, os valores norte-americanos são apresentados pela ótica da civilização chancelando e justificando o

desejo pela incorporação dos mesmos. Além disso, o inimigo exista é apresentado como o contraponto, o contrário a democracia e a liberdade, um mostro que “zomba” do progresso alcançado por aquela sociedade e que todos desejavam.

Ainda na notícia, percebemos gradualmente uma contraposição entre “conquistadores”, ali colocados a partir da ótica militar e da violência, e cientistas, os quais também obtiveram conquistas, mas a partir de seu intelecto e de sua inteligência técnica-científica. Desta forma, percebemos novamente um maniqueísmo envolvendo um lado mais emocional, agressivo e violento e outro mais racional, pacífico e progressista. Assim, a luta desenvolvida pelo eixo e seus ataques é comparada ao lado mais “brutalmente” apresentado, o qual se encontra fadado ao esquecimento, pois suas conquistas nada representam por não estarem correlacionadas aos ideais democráticos “protegidos” pelos aliados. Já os aliados não, são comparados aos grandes cientistas, pois suas causas são justas e corretas, ficando assim relegados a permanência ao longo da história.

Foi através deste tipo de discurso verborrágico que os valores estadunidenses foram defendidos nos filmes e diversas críticas de jornais. Cristalizar esse ideal na cabeça da população que consumia esses veículos tornou-se necessário e corriqueiro naquele momento. Além de aproximar através das telas os costumes ianques que eram visualmente apresentados e dramatizados.

Dessa forma, ao continuarmos com nossas análises sobre as fontes, nos deparamos com uma notícia capaz de nos propiciar acesso a parte fílmica do conteúdo exibido no cinema, assim nos levando pelos caminhos da história contada nos cinemas daquele período.

A celuloide da Metro da magníficos símbolos: Frank Morgan – o cientista que morre no campo de concentração nazista, mas que fica imortal nas páginas de sua obra com que, contrariando a estultícia do racismo pretencioso, sustenta que na veias do hotentote, do mongólico e do nórdico corre o sangue da espécie humana; Margareth Sullavan e James Stewart fogem á perseguição nazista na ansia de alcançar as fronteiras que os livrarão do terrível duende. Bottome faz “sentir através da imagem” um mundo de violências e deshumanidade, que é a negação do Progresso, da Justiça e da Liberdade...

A morte do velho professor no cárcere, onde se pretendeu engiolar a liberdade de pensamento, representa apenas a libertação da carne, porque as idéias do mestre ficaram nos livros, idéias que voam como os passáros na amplidão dos espaços, idéias que iluminam como a luz que fecunda a natureza.

As cenas empolgantes e enternecedoras da novela se sucedem numa sequência palpitante de realidade. A fé na ciência sempre desfez o despostismo da força contra o Direito, da injustiça contra a Civilização.

Os povos peninsulares transpondo a “muralha líquida” que separava o antigo e o novo Continente, uniram terra insuladas até o século XV, e, então, a América-colônia viveu o drama da Europa-metropole, drama intenso e violento que levou o Novo Mundo à revolta, nas primeiras décadas do XIX século. Mas, a jovem América e a

velha Europa nunca estiveram tão unidas e identificadas como no momento histórico que passa.

Churchill tornou-se a ponte de ligação entre o velho e o novo Continente que se defendem de outro mundo que os quer escravizados; Roosevelt movimenta o colossal arsenal de guerra das Democracias para dar combate ao tufão nazista que varre a planície, agita os mares e sibila nas montanhas.

Os estadistas da Democracia batem-se pela liberdade – essa força que esmaga a força, esse símbolo que retempera a alma e rejuvenesce o coração do oprimido, enquanto Hitler, controlando as forças antiliberais, sonha com o domínio do “nórdico” sobre as “raças inferiores”.

São dois mundos que se contrastam: o dos ditadores que sonham com o domínio universal e o das Democracias que se não conforma com a “nova ordem” do “Fuehrer”. (CONTRASTES e semelhanças. O Nordeste. 21 de julho de 1942, p.3)

Novamente nos deparamos com os subtextos implícitos em meio aos filmes. Através da história contada diversas comparações são feitas entre os personagens e o contexto da Segunda Guerra, dessa maneira realçando a luta dos Aliados em favor da liberdade, da democracia e da união entre os continentes. Em meio ao conflito a “barreira líquida” que existia entre os continentes devia ser rompida e transpassada, assim juntando antigos adversários, os quais deveriam se unir pela causa democrática.

Essa ideia de barreira líquida nos parece uma tentativa de eufemizar possíveis conjunturas conflituosas existentes entre países anteriormente rivais. Pois somos levados a imaginar uma separação fluída e simples de ser esquecida e removida, assim como água, líquido que através das mãos humanas e dos seus objetivos poderiam ser facilmente realocados em outro lugar. Antigos desafetos e disputas, desta maneira, são apresentados como algo de relevância inferior em relação à união necessária naquele momento. Assim, buscava-se cristalizar um maior apoio e união entre os Aliados.

Ainda nesta empreitada, a beligerância do eixo é apresentada através do risco de destruição da liberdade, da civilização alcançada e toda a união entre os países envolvidos. Todo o progresso envolvido até então e o alcance tecnológico e de bem estar alcançado são apresentados como benesses passíveis de extinção em nome de um domínio eixista.

Dessa forma, percebemos que essa parcela dos filmes desenvolvidos naquele período também possuía diversos subtextos e subjetividades envolvendo o contexto da Segunda Guerra, assim tentando angariar cada vez mais o apoio da população. Era necessário convencer e alcançar apoio naquele contexto. Dessa maneira, acreditamos que, por conter esse forte apelo democrático contra o Eixo, apresentado através de diversos contrapontos como o progresso e o atraso e a liberdade e a dominação, várias faces sociais e culturais norte-americanas foram exibidas como valores fundamentais a serem incorporados. Pois aqueles costumes representavam a modernidade, a civilização e, somente através deles e do que eles significavam, a possibilidade de lutar contra os inimigos e vencer se tornava possível. Assim,

estes valores foram cristalizados e apresentados como os verdadeiros motivos para proteção. Era necessário resguardá-los, bem como tudo relacionado à ordem democrática.

Todavia, não só da beligerância do conflito tratavam estes filmes. Esperanças, sonhos, liberdade e desejos materiais eram retratados nas telas dos cinemas fortalezenses. Personagens foram apresentados e com eles as diversas características existentes em seus mundos, assim envolvendo os espectadores em fantasias e sonhos, os quais, mesmo possuindo o caráter ficcional, metaforizavam muito do contexto daquele período.

Diversos foram os títulos exibidos nos cinemas em Fortaleza: *As vinhas da Ira* e *Boêmios Errantes*, de Steinbeck, e *Por quem os Sinos Dobram*, de Hemingway. (GIRÃO, 2008). Cada um destes filmes trouxe em seus diferentes enredos aspectos relevantes e que refletiam os discursos patrióticos e civilizatórios pretendidos, bem como as sátiras que envolviam a construção simbólica pretendida.

As vinhas da Ira, um drama baseado em livro, levou os espectadores a conhecer a história de uma família de pequenos agricultores que, expulsos de suas terras no Oklahoma durante a depressão, atravessaram o país em busca de melhor sorte na Califórnia. Em *Boêmios Errantes*, um romance de tom humorístico, Danny herdou uma propriedade, mas por não ser um bom empreendedor acabou dilapidando todo o patrimônio com moças e bebidas. No romance *Por quem os Sinos Dobram*, Robert Jordan, um jovem norte-americano das Brigadas Internacionais e professor de espanhol que se tornou conhecedor do uso de explosivo, recebeu a missão de explodir uma ponte por ocasião de um ataque simultâneo à cidade de Segóvia.³² Desta forma, percebemos os diversos gêneros e enredos apresentados. Não foram apenas filmes de guerra ou romances transloucados. Vários contextos foram apresentados através do humor e do drama. Dessa maneira, o público era atingindo por “bombardeios” com maior alcance, tendo em vista a possibilidade de gostos diferentes em relação à sétima arte. Assim, acreditamos que esta variedade pode ter contribuído com uma maior abrangência entre os interessados.

Todavia, mesmo com a multiplicidade de estilos, devemos levar em consideração que, independente do contexto, determinadas ideias permaneciam como uma constante em meios as películas. A vitória, as conquistas na guerra, a luta pela democracia, a vontade de conseguir uma vida melhor, todos esses temas acabavam aparecendo de alguma maneira, seja ela sutil ou escancarada.

³² ADORO CINEMA. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/>. Acesso em 20 de Junho de 2016.

Esta era forma de agir dos responsáveis por aquele conteúdo. Atrair o público e de alguma forma cristalizar os discursos já mencionados nutriu a exibição de desses filmes em Fortaleza. Assim, a parcela da população que consumiu aqueles filmes, paulatinamente foi sorvendo e se colocando cada vez mais próxima dos costumes estadunidenses.

Além desses tipos de produção, naquele momento, os estúdios Walt Disney³³ também possuíam relevante participação na disseminação destes ideais e destas fantasias. Suas obras repletas de subjetividade abriram caminho para a inserção em outros contextos.

Os filmes dos estúdios Walt Disney, também realizaram este papel de aproximar a população fortalezense com o sonho americano através da visualização do *American way of life* nas telas em diversas aventuras fantásticas. Assim, aquele mundo de fantasia e seus diversos personagens encantados e antropomorfizados acabaram transmitindo na tela um determinado apelo a um comportamento “feliz” que se instalava no realce ao modo de vida norte-americano.

Há filmes que deveriam ser levados todos os anos. Ou por outra, há um filme que deveria ser levado todos os anos: “Fantasia”. Walt Disney realizou as emoções do concerto em seus traços e suas cores. Nunca o coração falou tanto numa obra, como naquela maravilha que só o mundo de hoje pode conceber. Não é a descrição da música, como muito quiseram dizer. É o roteiro do pensamento, a imaginação que se envolve em fumaça quando a música conta segredos sutis. A “Tocata e Fuga” de Bach; “Suíte Quebra-nozes” de Tchaikowsky; “Uma noite em Monte Calvo” de Mourssorgs; “O Aprendiz Feiticeiro” de Dukas [...] e a orquestra sinfônica de Filadélfia conduzida por Leopold Stokovsky. A gente fica de olhos perdidos enquanto aquela tradução colorida das melodias e das harmonias fazem vibrar nossos sentidos. Escrever sobre “Fantasia” é cair no pecado inevitável de fazer literatura. Aquele mundo de cores é tão tênue, tão indefinível que arranca-nos frases de difícil compreensão. Não vamos, então, continuar a tentativa de reviver as minudencias da obra disniana. Vamos pedir – não sei a quem – para que seja levado outra vez na tela do Diogo, o maior trabalho cinematográfico de toda a história do cinema. (CINEMA, Unitário, 4 de julho de 1944, p. 3)

A capacidade do filme de tocar aqueles que os assistiram nos remete novamente as inúmeras sensações desenvolvidas a partir da capacidade sensorial dos espectadores. O enredo, os personagens, as cores, a trilha sonora, tudo na obra “disniana” era pensada e elaborada para levar os espectadores ao máximo de imersão naquele mundo fantasioso. Contrastava, assim, com os outros filmes de guerra e drama através das cores, melodias e enredos fantasiosos, e alcançava um nível simbólico de representatividade e incorporação diferente das demais películas. Desta forma, vislumbramos um espectador totalmente deslumbrado por aquela película e passível de solver mais facilmente as mensagens

³³Empresa multinacional de produção cinematográfica fundada em 16 de outubro de 1923 por Walt Disney e Roy Oliver Disney.

transmitidas naquela exibição. Podemos perceber esse maior interesse a partir da crítica e do pedido por um maior número de exibições destas produções.

Entretanto, até esse ponto podemos vislumbrar o discurso do jornal e o que ele almejava naquela notícia. Será que a população fortalezense, aqueles que frequentavam os cinemas, realmente nutriam um grande interesse por esse tipo de produção cinematográfica? Pois em tempo de guerra, uma película desse tipo poderia aparecer como desconexa do contexto ou até infantil demais para pessoas de idade mais avançada.

Neste ponto, novamente o periódico nos ajuda a perceber alguns detalhes em relação a essas indagações:

Fracassaram duas tentativas feitas na bilheteria do Diogo para se obter um lugar entre o público que está assistindo “ Em cada coração um pecado”. O cinema da Barão do Rio Branco esteve, durante todo o domingo, “duro de gente”. Vale notar que em Fortaleza, o domingo é o dia dedicado a Hollywood.

O Rio de Janeiro já exibiu o filme da invasão do continente europeu. Nossa vez há de chegar. Esse filme está sendo esperado com ansiedade por todos os brasileiros de Fortaleza. (CINEMA, **Unitário**. 4 de julho de 1944, p. 3)

Através da vontade de assistir aos filmes “disniana” novamente e da tentativa de conseguirem lugares sem sucesso, percebemos como a população fortalezense estava se debruçando sobre a sétima arte, principalmente tendo em vista a afirmação que o domingo era o dia dedicado ao cinema pela população que a ele tinha acesso. Assim, com essa elevada concorrência para ter acesso a esse tipo de produção, podemos vislumbrar uma procura de grau avançado por essas exibições. Assim, nos parece que o fortalezense que frequentava os cinemas estava realmente interessado naqueles filmes, inclusive dedicando dias específicos para apreciar as exibições cinematográficas.

Ao pensarmos sobre o assunto, a afirmação que “Fortaleza” teria um dia “reservado” para se dedicar a apreciação de filmes, é de bastante importância, tendo em vista a força de influência que eles poderiam exercer sob aquela parcela da população, além de demonstrar que realmente existia um grande interesse em “consumir” o cinema e o que ele oferecia: contato com uma “realidade” diferente da existente na cidade.

Pensando nisso, podemos perceber o tamanho e o alcance desta influência cinematográfica em Fortaleza:

O cinema é a maior diversão. A frase, um tanto desatualizada, adequava-se, contudo, à época em que o mundo conflagrado estava exposto nas telas. [...] Naqueles dias bem distantes, a cidade buscava no cinema o seu principal lazer. O Diogo, o Moderno e o Majestic – as três salas mais distintas e em cada bairro um cineminha mais modesto (o Luz, o Rex, o Ventura, o Benfica, tantos mais) estavam sempre lotados. [...] Quase todos os filmes tinham uma só procedência: Estados Unidos da América do Norte, pois impossível à importação de filmes europeus. (GIRÃO, 2008, p.84).

Ao pensar em diversão na Fortaleza da Segunda Guerra Mundial poderíamos nos direcionar para vários caminhos diferentes. Todavia, o memorialista nos ajuda a perceber o cinema como uma diversão de grande prestígio e que causava interesse naquele período. Talvez a afirmação do autor não faça jus ao real sentido de “maior diversão”, pois devemos levar em consideração que os que mais consumiam esse tipo de produção pertenciam às classes abastadas da cidade e elas não caracterizavam a maior porcentagem da sociedade. Assim, talvez, essa possa ter sido uma das maiores diversões dentro desse setor de poder econômico mais preponderante.

Todavia, mesmo com essa possível contradição, o memorialista nos ajuda a notar que as salas de exibição também possuíam distinção de público, assim levando distinção àqueles que frequentavam as consideradas mais elegantes. Mas, ao nos ajudar nessa percepção, o mesmo também nos apresenta o fato de também existirem cinemas de bairro, diferentes dos considerados mais distintos, mas que também exibiam os filmes para o setor de menor poder aquisitivo, possivelmente até com preço mais acessíveis e acomodações mais modestas.

Assim, vislumbramos, através dos trechos acima, que frequentar o cinema e consumir suas exibições foi algo feito mais fortemente pelas camadas mais ricas. Isso nos ajuda a compreender que esta aproximação cultural aconteceu mais fortemente dentro deste setor. Mas também somos levados a perceber que outras camadas também se interessavam pelo conteúdo e pelo consumo daquele material, assim não se excluindo totalmente do processo de interesse por esses estrangeirismos e pelo que eles representavam.

Dessa forma, adentramos na faceta do cinema como uma forte opção de lazer dentro de uma sociedade que desejava se civilizar e para isso buscava cada vez mais contato com as produções de fora do país. Assim como na década de 1920, a absorção das obras francesas foi a propagadora desse desejo de civilização, na década de 1940. Isso passou pela incorporação das obras estadunidenses, dentre elas as produções fílmicas.

Percebemos que tantos os cinemas considerados de setores mais distintos, como os mais modestos estavam com suas capacidades ao máximo. Dessa maneira, verificamos que existiu uma grande procura pelos filmes e que a beligerância do conflito não permitia as importações de outros países devido aos torpedeamentos e afundamentos, a produção cinematográfica que chegou a Fortaleza possuiu sua procedência em grande maioria das terras do Tio Sam. Assim, trazendo nessas películas a exibição de suas práticas culturais. Dessa maneira, como a população estava cada vez mais bombardeada por esses filmes, supomos que

se forjava aí também a produção de desejos e modos de vida, tidos como um padrão a se seguir.

Na esteira dessa discussão, o memorialista nos apresenta mais uma face da força exercida e a influência propiciada pelos cinemas:

A minha geração – meninos e adolescentes da década de 40 – sofreu decisiva influência do cinema, ou mais propriamente do cinema norte-americano. Diante de nossos olhos, em espetáculos deslumbrantes e majestosos, a apologia do heroísmo do homem americano, sua bravura pessoal, seu amor à liberdade, dentro de uma visão propagandística da invencibilidade da máquina bélica dos Estados Unidos. Claro que esta mensagem impregnava os espíritos em formação, através da disseminação daqueles valores que entravam, quase que em caráter definitivo, na estrutura mental da juventude de então. Ademais, os filmes nos ofereciam, ao mesmo tempo, os paradigmas glamorosos de uma sociedade rica, bonita, exaltada através da indiscutível e selecionada beleza dos astros e estrelas que o marketing de Hollywood elevava ao nível de divindades. (GIRÃO, 2008, p.84).

O memorialista nos apresenta a lógica dos valores exibidos nas películas cinematográficas. O heroísmo e o patriotismo retratados nas telonas entusiasmavam a população, bem como as peculiaridades “glamorosas” de uma “sociedade rica e bonita”, a qual foi intensamente exaltada através dos astros e estrelas dos filmes hollywoodianos. Como não sorver aquela influência exibida nas telas?

Além do apelo sensorial visual e sonoro, a propaganda de progresso e de uma vida melhor através daqueles valores estadunidenses foi muito convincente dentre aqueles espectadores. A invencibilidade, a democracia e luta pela liberdade ganhavam apoio e causam maior interesse.

Todavia, além disso, somos levados a perceber que assim como essa aproximação ocorreu dentro da parcela mais abastada da população, também houve um núcleo mais delimitado de entusiastas: os jovens. O memorialista se insere nessa parcela e nos ajuda a perceber que a juventude foi a parte desta elite que mais se interessou, se aproximou e incorporou aqueles valores apresentados pelos corajosos heróis e pelas lindas atrizes.

A disseminação dos valores estadunidenses passou a vigorar mais intensamente nesse tipo de produção, assim “impregnando” os valores daqueles jovens e causando uma alocação dos atores e atrizes ao nível de divindades capazes de modelar e exercer influência sobre os costumes.

Os cidadãos fortalezenses passaram a divinizar os atores e atrizes que atuaram nestas produções norte-americanas. Houve um deslumbre focado nas produções cinematográficas e o marketing de Hollywood acabou difundindo de maneira intensificada os

hábitos estadunidenses, principalmente através do viés cultural, da percepção sensorial e do desejo pela chancela da civilidade vislumbrada através dos padrões estadunidenses.

Na estrada dessa avalanche cultural, propagaram-se costumes e hábitos que ganhavam força persuasiva pelos que os praticavam, celebridades endeusadas no altar da fama universal. Por exemplo, o vício de fumar. Na tela, o galã charmoso ou a estrela cintilante abusavam do cigarro, como se aquilo fosse um complemento da maneira melhor de viver. Não se sabe até que ponto funcionava o patrocínio do poder econômico da indústria tabagista. Mas, na mensagem subliminar, de forte conteúdo estético, o cigarro acabou penetrando mais e mais no cotidiano da meninada, que se espelhava, obviamente, nos seus ídolos cinematográficos. (GIRÃO, 2008, p. 85).

O cigarro, através deste forte apelo estético, acabou sendo disseminado entre os jovens que assistiam aos filmes e sorviam aquela influência. De fato, se as estrelas divinizadas de um filme apareciam fumando e, logicamente, aquilo era apresentado como um hábito comum na terra do progresso e entre os personagens do cinema, isto passava a representar uma “maneira melhor de viver”. Assim, quase que “imediatamente” os jovens abastados associavam as atitudes tomadas nos filmes com um jeito “mais correto” de viver o cotidiano, pois, como falamos anteriormente, se construiu na mentalidade da população fortalezense a ideia de que os costumes estadunidenses e a civilização estariam intrinsecamente ligados.³⁴

Todavia:

A influência não se restringia apenas ao hábito de fumar. Mas vinham dos idolatrados atores e atrizes as modas do vestir masculino e feminino, os cortes de cabelo, a maneira de aparar o bigode (famosos os de Clark Gable, Robert Taylor e Tyrone Power), sem falar na masculinidade valente de um John Weyne, dum Henry Fonda, de um Victor Mature ou de um Randolph Scott, mestres da matança de índios e irresistíveis conquistadores dos corações das mulheres, que tinham no beijo final o desfecho de suas bravatas. (GIRÃO, 2008, p. 85).

Roupa, cabelo, comportamento e diversos outros quesitos eram mostrados nos cinemas. Assim, esta população que pretendia se civilizar e modernizar e que, naquele momento, este processo passou diretamente pela incorporação de hábitos estadunidenses, passou a “imitar” os atores e as atrizes que viram nos filmes. Uma palavra, uma roupa, um produto, um gesto, tudo era bem-vindo na tentativa de aproximar a realidade cotidiana com a fantasia exibida nas enormes telas e assim obter o almejado rótulo de “civilização” através desta incorporação.

Em Fortaleza, como em toda parte, as moças, procuravam imitar as super-deusas da tela e não era raro a gente encontrar, aqui e ali, uma “Marlene Dietrich”, uma “Joana Crawford”, uma “Bette Davis”, uma “Rita Hayworth”, uma “Ida Lupino”, uma “Lizabeth Scott”. “As femmes fatales”, pois as ingênuas à Mary Pickford eram coisa do passado. Na maneira de vestir, de pentear os cabelos e de pintar o rosto; no sentar, no andar, no comportamento, todas, procuravam ter alguma coisa que as

³⁴ Logicamente, devemos levar em consideração que o apelo da indústria tabagística era feito não só através dos filmes. Muitos jornais faziam uma divulgação positiva do hábito de fumar, inclusive salientando benefícios à saúde. (AZEVEDO; NOBRE, 1998)

identificasse, com as maravilhosas divas da “Meca do cinema”. As fontes de inspiração: além dos filmes que elas “devoravam” com sofreguidão, as cintilantes páginas da revista “A Scena Muda”, espécie de bíblia dos amantes da sétima arte. Para eternizar as performances, deixavam-se fotografar pelos grandes mestres dos melhores estúdios da época. Aba-Film, Foto Moderno, Foto Ceará, Foto Oriente, Foto Nelson. Cada um procurava caprichar mais nas gigantescas ampliações que nada ficavam a dever às fotos das estrelas hollywoodianas. Os nossos mestres da fotografia, captavam todo o glamour das suas estrelas, criando verdadeiras obras de arte e indo ao requinte dos detalhes, como uma mão de dedos longilíneos, com anel de grande pedra pousando sobre o busto desnudo e o olhar voltado para baixo, os longínquos cílios fazendo sombras nas faces, algo a lembrar as dramáticas fotos de Theda Bara, Greta Garbo e Pola Negri. (LOPES, 1996, p. 109).

As moças ávidas pelas inspirações norte-americanas buscavam se vestir, se pentear e se maquiar de maneira parecida com suas estrelas de cinema favoritas. Buscar a aproximação com aquelas que eram vistas nas telas de cinema representava o que havia de mais associado com o que era considerado moderno e civilizado por esta parte da população fortalezense.

Realmente somos capazes de perceber a força exercida por essas atrizes e suas maneiras apresentadas nas telas. Todavia, precisamos considerar alguns fatores essenciais que nos ajudam a compreender melhor quem são essas moças e onde elas estão inseridas socialmente.

Primeiramente, devemos levar em consideração o fator juventude já apresentado anteriormente. Pois dentro de uma sociedade marcadamente católica e regida por valores religiosos, não foram todas e quaisquer mulheres que trataram de incorporar esses figurinos. Assim, percebemos que a juventude feminina mais desconexa com os valores cristãos foi a grande consumidora dessas influências. Além desse fator, também somos levados a acreditar novamente no setor economicamente preponderante como principal componente, pois não era qualquer mulher jovem que possuía os valores monetários necessários para ser fotografada pelos principais artistas fotográficos de Fortaleza, muito menos encorpadas com pesados anéis de brilhantes. Assim, acreditamos que o público consumidor deste quesito foi o setor feminino, jovem e rico daquele período.

Estas mulheres cada vez mais deixavam seus costumes próprios em segundo plano, buscando realçar a aproximação através da maneira de se portar, de consumir, até deixando-se fotografar nas mesmas posições que essas atrizes norte-americanas foram retratadas, na tentativa de reproduzir o mais fiel possível os sonhos transmitidos pelo cinema. Não era apenas incorporar o que se havia visto na tela, era também reproduzir tais quais as poses, os cenários e as roupas, buscando mimetizar aquelas “visualidades” para talvez confirmar sua inserção naquele nicho civilizatório que se pretendia.

Cada vez mais a força dessas celebridades passou a ser algo muito frequente. Acreditamos que, na tentativa de adequar-se com o sentimento de civilização representado pela força norte-americana, esta parcela da população fortalezense buscava se aproximar de tais costumes em uma tentativa clara de também praticar estes padrões de civilização. Exultar essas celebridades e imitar seu comportamento foi a maneira desses setores conseguirem certo grau de distinção na cidade alencarina.

O peso maior da invasão cultural, todavia, situava-se no cinema. Filmes marcantes, exaltando os valores da raça americana, tinham o objetivo de promover a causa política dos aliados e ampliar a repulsa ao nazi-facismo, mas alcançavam também outras metas: fortaleciam o entrelaçamento das Américas, logicamente com a liderança da sua nação mais forte, os Estados Unidos. Para as jovens nativas, aqueles guapos rapazes em suas esportes fardas de soldados e marinheiros eram a própria encarnação dos heróis das telas, dos Errol Flynn. Dos Robert Taylor, dos Tyrones, cujos retratos, em profusão, que enchiam as páginas da “Scena Muda” e de outras publicações do gênero, estavam nos álbuns e cadernos ou afixados nas paredes das adolescentes sonhadoras, assim como Ann Sheridan, Heddy Lamarr, Ida Lupino, Betty Grable, Judy Garland, Ingrid Bergman e muitas outras enfeitavam os quartos de dormir da rapaziada em fase incontrolável furor sexual.

O cinema dominava as mentes. Os filmes se tornaram a base da informação cultural de uma geração, que também se valia dos principais autores norte-americanos, com destaque para Ernest Hemingway, John Steinbeck, Truman Capote, ESKYNE Caldwell, dentre vários. (GIRÃO, 2008, p. 86-88).

A força exercida e os subtextos simbólicos implícita e explicitamente inseridos nos enredos nos ajuda a perceber os valores apresentados e difundidos.

No caminho das histórias exibidas e dos contextos que existiam, podemos perceber diversos assuntos no tocante aos valores apresentados acima.

Numa rápida retrospectiva dos anúncios de filmes da época, em cartaz nas principais salas exibidoras de Fortaleza, vamos encontrar títulos que ficaram indelévels de nossa memória: “Fuga”, com Norma Shearer e Robert Taylor; “Trinta Segundo Sobre Tóquio”, com Spencer Tracy e Van Johnson; “Nossos Mortos Serão Vingados”, título brasileiro visivelmente apelativo em razão dos numerosos e sucessivos afundamentos de nossos navios por submarinos alemães; “E as luzes brilharão outra vez”, com Paul Henreid e Michele Morgan; “Os comandos Atacam de Madrugada”, com Paul Muni; “O Grande Ditador”, genial sátira de Charles Chaplin com a figura de Adolf Hitler; “Um Mergulho no Inferno”, com Tyrone Power e Anne Baxter; “Rosas de Esperança”, com Greer Garson, Walter Pidgeon e Terza Wright; “A Cruz de Lorena”, com Jean Pierre Aumont e Gene Kelly; “Revolta”, com Errol Flynn e Ann Sheridan; “Fugitivos do Inferno” com o mesmo Errol Flynn e Ronald Reagan, que por esses dias talvez ainda não alimentasse os sonhos políticos que acabaram conduzindo a Presidência dos Estados Unidos; “Gestapo”, com Rex Harrison e Paul Henreid, e dentre centenas, talvez milhares de outros, aquele que se tornaria emblemático como temática de guerra, Casablanca, mas no fundo um comovente romance de amor, estrelado por Humphrey Bogart e Ingrid Berman, apoiado num elenco fantástico em que se destacavam Paul Henreid (em moda na produção hollywoodiana da década), Calude Rains, Sidney Greenstreet, Peter Lorre, Conrad Veidt, Hemut Dantine e vários outros nomes famosos. (GIRÃO, 2008, p. 86-88).

Através de Girão (2008) conseguimos mapear de forma inicial a quantidade de filmes e celebridades que foram anunciados nos jornais fortalezenses naquele período.

Levamos em consideração o contexto beligerante do conflito e a dificuldade de importar mercadorias, mesmo dos Estados Unidos, para perceber a grande quantidade de produções cinematográficas que foram exibidas nas telas fortalezenses. Temas como a exaltação aos esforços norte-americanos e o pan-americanismo foram retratados de maneira intensa, mas também podemos perceber que temáticas como amor e esperança foram firmemente apresentadas, assim abrindo um amplo espaço para a visualização dos costumes norte-americanos nas telas.

Assim, através dessas inúmeras produções e atores, buscaram cristalizar o ideal democrático, combater o eixo e influenciar culturalmente a América. Mas esta aproximação não cessou nos filmes e no contato com os soldados norte-americanos já mencionados. Atores e atrizes também vieram ao Brasil fazer shows e apresentações devido à importância que adquiriram, da força que estavam exercendo sob aquele cotidiano e, principalmente, pela intensificação na aproximação cultural.

Mas para os brasileiros desta região, que tinham no cinema a sua principal diversão, as maiores atrações se concentravam nos famosos atores e atrizes de Hollywood, que vinham geralmente fazer shows (palavra inglesa já incorporada ao nosso linguajar cotidiano) para seus soldados. Aquelas cintilantes estrelas que costumávamos ver nas telas, agora podiam ser vistas em carne e osso, inclusive fornecendo autógrafos aos que conseguissem delas se aproximar.

Em Fortaleza por exemplo, além da mencionada Ilona Massey, que se tornara popularíssima graças ao filme “Balalaika”, película que marcara a inauguração da mais luxuosa sala de projeção da cidade àquela época, o desaparecido Cine Diogo, pela capital cearense passaram outros artistas famosos, como Frederic March, Glenn Miller, Carmen Cavallaro, dentre mais alguns. (GIRÃO, 2008, p. 164).

Se ao analisarmos os jornais percebemos a força que estes artistas possuíram através dos seus filmes, imaginemos a influência que estes exerceram ao estarem pessoalmente na cidade e facilitarem o contato diretamente. Shows e autógrafos realizaram este maior contato, dessa forma causando uma efervescência naquela parcela da população que conhecia seus filmes e acompanhava as tendências estadunidenses. Solidificar este contato e trazer o que era visto na tela para mais próximo da população constituiu o nítido interesse destas visitas.

Ilona Massey sacudiu a cidadezinha com sua figura loura linda. Estrela de Hollywood era como divindade que de repente descesse dos seus pedestais celestes para alguns instantes com os pobres mortais da terra.

A moça européia (parece que húngara), além de bela, possuía uma voz maravilhosa. Ficou hospedada no Excelsior, o máximo em termos de hotel na humilde Fortaleza de antanho. Nas calçadas, a plebe rude de olho para cima na esperança vã de Ilona lhe ceder alguns segundos de aparição. Não teve essa alegria. A estrela de “Balalaika” viera apenas para fazer um show no USO para a tropa americana e seus convidados (notadamente convidados) especiais. (GIRÃO, 2008, p. 105).

Através da visita desta atriz a Fortaleza, vislumbramos o grau de divinização que ocorreu. A comparação feita pelo autor ao apresentar esta atriz como um ser quase que angelical em contraponto com os mortais pertencentes à sociedade, nos ajuda a perceber a força que estas pessoas possuíam. Entretanto, nos enganamos ao pensar que estas celebridades desembarcavam em Fortaleza somente por causa da população. Muitas delas vieram para se apresentar na sede da USO, tendo em vista a necessidade que Roosevelt tinha em manter a moral da tropa em alta.

Desta forma, percebemos a penetração cultural estadunidense sendo realizada através da força que o cinema exerceu naquele momento.

Com tantas novidades que os americanos do Norte nos mandavam, além dos filmes que Hollywood produzia em larga escala, estava completo o programa da chamada “política de boa vizinhança” criado por Roosevelt. A juventude, alienada, mascava chicletes, tomava “coca-cola”, dançava “fox”. Os mais velhos, dançavam ao som da orquestra de Glen Miller os ritmos suaves de origem norte-americana e sob a batuta de Xavier Cugat, os alucinantes ritmos do Caribe, inclusive, a nova sensação, a rumba, importada do império de Fugêncio Batista, Cuba. [...] Nas telas, Zé Carioca, Pato Donald e Aurora Miranda, de mãos dadas, desciam a Ladeira do Bofim construída nas pranchetas de desenho de Walt Disney, cantando “Na Baixa dos Sapateiros”, de Ary Barroso. E a platéia ficava maravilhada com a magia: pessoas reais e desenho animado juntos, contracenando. Mas, tinham, também, pessoas bem vivas como Nelson Eddy e Jeannette McDonald, Fred Astaire e Ginger Rogers, Betty Grable e suas esculturais pernas. Tudo para que ficasse patenteado: o mundo é uma festa. A vida é bela e merece ser bem curtida. E os americanos são os anfitriões, mesmo que a festa aconteça aqui [...] Assim era Fortaleza, nos tranquilos anos quarenta, após a Grande Guerra. Ingênua e pura, aceitando, sem reclamar, ao contrário, muito empolgada, as tralhas que a superpotência nos impingia. Foi assim que por aqui chegaram o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica. Grandes lançamentos, com fundo musical e tudo. Bons tempos aqueles... (LOPES, 1996, p. 128).

O cinema exerceu grande força na produção de novos costumes. Idioma, vestuário, alimentação, comportamento, utensílios e até as relações amorosas foram retratadas nas telas de cinema e apresentadas pelo referencial norte-americano, fazendo com que a população alencarina experimentasse esses novos hábitos.

Mas não só através do cinema e do seu apelo visual a população fortalezense entrou em contato com hábitos norte-americanos. O rádio também foi um mecanismo importante neste sentido, o qual através de sua sonoridade passou a inspirar as músicas que embalavam aquela sociedade.

Em diversas citações, realizadas ao longo do capítulo, mencionamos inúmeras passagens musicais e sonoras envolvendo o rádio. Orquestras e artistas mencionados nos ajudam a perceber a difusão desse mecanismo tecnológico e seu contexto de uso dentro da sociedade fortalezense e da parcela da população que consumia seu conteúdo.

Se outrora era de bom tom falar francês, o moderno agora passou a ser o domínio do inglês e isto, é claro, abriu caminho a uma crescente penetração cultural norte-americana em nosso meio.

Acrescenta-se, ainda, a música para ser ouvida e dançada, numa fase de extraordinária criatividade dos autores ianques, como Cole Porter, Ira e George Gershwin, e os band-leaders Glenn Muller, Benny Goodman, Bob Crosby, Harry James e tantos outros. Páginas imortais do cancionário americano fizeram-se populares entre nós como “Night and Day”, “Stardust”, “Allways in myheart”, “Begin the Beguine”, “As time goes bye” e uma relação quase sem fim de melodias inesquecíveis, que disputavam nos salões, nos programas radiofônicos, nos shows e apresentações de rua ou de teatro, as preferências do público, obrigando inclusive, compositores e intérpretes nacionais, a produzirem versões dessa canções para assim alcançar os “hitparades”, isto é, as paradas de sucesso. (GIRÃO, 2008, p. 86).

Percebemos que a outrora aclamada inspiração francesa foi perdendo espaço para a musicalidade estadunidense. Esse processo ganhou mais força através da incorporação de palavras do idioma ianque e da procura de aprendizado dessa língua como mencionado anteriormente. Pois, logicamente, o fato de mais pessoas aprenderem o inglês facilitava o contato sonoro com as músicas, assim, não sendo conquistados apenas pela melodia e pela musicalidade, mas também pela letra e pelo que ela apresentava, tendo em vista a difusão do inglês.

Compreender o idioma e o que as músicas diziam e expressavam se constitui de um núcleo importante. Todavia, não devemos acreditar que apenas os que compreendiam totalmente a letra da música se interessavam por elas. Possivelmente, assim como no consumo de outros objetos, o fator distinção social e o selo de civilidade já deviam ser suficientemente importantes para fazer parte da população se interessar pelos dizeres musicais da terra do Tio Sam.

Desta maneira, o espaço para compositores e músicos norte-americanos em solo fortalezense ficou ainda maior e o que já acontecia sobre a presença norte-americana na cidade ganhou mais força. Músicas e ritmos que embalarão as festas, os shows, os programas de rádio e os salões exerceram fortemente seu poder de influência, levando assim a população a aderir aos ritmos e forçando os músicos brasileiros a se adaptarem a esse contexto se quisessem se equiparar aos sucessos estadunidenses.

Contudo, para que esses compositores e suas músicas tenham conseguido chegar a Fortaleza e a exercer essa força na década de 1940 o rádio foi muito necessário. Assim, precisamos rapidamente passar pela chegada desse mecanismo tecnológico no Ceará.

O início da entrada deste aparelho tecnológico sonoro remete a um período anterior ao nosso recorte temporal. Ainda na década de 1930 temos a chegada da primeira rádio cearense:

A primeira emissora radiofônica cearense, a Ceará Rádio Clube, surgiu em 1934, período no qual o rádio comercial já despontava em todo Brasil. Três anos antes, em 27 de março de 1931, o presidente Getúlio Vargas promulgou o primeiro estatuto da radiofusão brasileira. De acordo com o Decreto n. 20.047, a radiofusão foi definida como um “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”. “Um ano depois, através do Decreto n. 21.111, de primeiro de março de 1932, autorizou a veiculação de propaganda, limitada a 10% do tempo de transmissão.” (JAMBEIRO, 2004, p. 49).

Já no contexto de emissora radiofônica percebemos a intenção do Governo em regularizar e direcionar a produção musical. Através dos decretos o governo deixou claro a importância que o rádio possuía e a força que poderia desempenhar, assim buscando o controle do conteúdo produzido e transmitido, alegando o caráter educativo do dispositivo sonoro.

Dessa maneira, a questão envolvendo o direcionamento do rádio, assim como o cinema, e a força que eles poderiam exercer sob a população já era conhecida pelos órgãos reguladores. Assim, acreditava-se que essas ferramentas poderiam exercer determinada influência sobre aquela parcela da população que tivesse acesso a esses dispositivos. Aqueles que assistiam aos filmes e ouviam ao rádio acabavam se aproximando cada vez mais dos costumes norte-americanos trazidos visualmente e sonoramente por estes mecanismos. A percepção sensorial e o sentimento eram aguçados e assim a mensagem era mais facilmente incorporada.

Todavia, devemos levar em consideração que não foi toda a população fortalezense que possuiu acesso a estas duas tecnologias, assim restringindo e delimitando esta influência dentro daqueles setores mais abastados. Podemos perceber através dos memorialistas e das notícias analisadas que parcelas da população, que não estavam inseridas nos setores mais abastados, também obtiveram alguma forma de contato. Entretanto, não podemos nos deixar levar e acreditar que estas exceções são regras gerais.

Tendo em vista que:

No Ceará, durante a década de 1930, o rádio se manteve como um veículo restrito a uma pequena parcela da população fortalezense. O alto custo dos aparelhos e o baixo alcance da emissora cearense, propriedade do empresário João Dummar, foram fatores que impossibilitaram a expansão do novo meio de comunicação no Estado. Imbuído da vontade de ampliação da empresa nascente, Dummar, no ano de 1939, foi à capital do país em busca de melhorias para o Ceará Rádio Clube. No ano seguinte, em 1940, Dummar retornou a Fortaleza com a novidade tecnológica a ser implantada na PRE-9: a transmissão em ondas curtas. (RODRIGUES; SILVA, 2009, p.107).

Estes mecanismos, devido ao elevado custo de aquisição e manutenção, acabaram ficando restritos à parcela economicamente enriquecida da população fortalezense. No caso do rádio, o alto custo e o baixo alcance das emissões se encarregaram de relegar a essa parte

da população o acesso mais direto aos costumes que vinham da sociedade estadunidense através das ondas sonoras.

De fato, essa condição só iria mudar com a chegada de uma nova tecnologia de transmissão, a qual ajudou para que o rádio cearense e seus programas conseguissem alcançar lugares mais distantes.

A chegada da transmissão por ondas curtas possibilitou um alcance maior de público. A emissora assumiria, a partir de então, a posição de veículo de comunicação de massa, [...]. A rádio cearense passou a ser ouvida em lugares distantes. (RODRIGUES; SILVA, 2007, p.108).

Todavia, mesmo que a transmissão de ondas curtas tenha facilitado o contato radiofônico com o restante da população através do melhoramento das transmissões e do alcance territorial, o alto valor para possuir o objeto não se alterou. Assim, mesmo que as transmissões tenham passado a alcançar locais mais distantes, ainda assim só atingiam aqueles que possuíam a força econômica suficiente para adquirir aquele produto e realizar sua manutenção. Desta maneira, é preciso ponderar a força da influência musical norte-americana sob a população da cidade, evitando assim generalizações precipitadas.

Assim, seria mais oportuno falarmos em “processo”, visto termos limites econômicos na popularização do acesso ao rádio nesse momento. A novidade do rádio foi ganhando contornos mais profissionais com o passar do tempo.

As novidades não se resumiam apenas à chegada da nova tecnologia, Dummar resolveu inaugurar “programas de vivo interesse”, tendo como meta popularizar o meio para conseguir captar parcelas ainda intocadas de público das mais variadas idades e classes sociais. Nesse contexto, foram inseridos os programas de entretenimento com ênfase na cultura local, na cultura erudita e, neste momento, na cultura de massa advinda da Rádio Nacional, que fazia repercutir o que a modernidade ditava nas rádios internacionais. (RODRIGUES; SILVA, 2009, p.109).

Vislumbramos que, mesmo com a tentativa de popularização do rádio, ainda existiam setores intocados por essa tecnologia. Não podemos nos surpreender com este fato, pois mesmo que existisse um interesse governamental, estadunidense e de determinados setores pela divulgação da influência norte-americana, o custo desse tipo de produto delimitava e excluía a parcela social com menos poder econômico.

Assim, o direcionamento dos programas para os interesses dos ouvintes visou alcançar e diminuir essas distâncias econômicas existentes. Todavia, mesmo que se tenha buscado dar ênfase em temáticas locais, estas passaram pela ótica nacional, a qual, naquele momento, passava pelo filtro dos interesses e das influências internacionais, ou seja, mesmo buscando-se regionalizar os programas, essa ênfase regional “bebia” na influência norte-americana. Os ianques adentravam a programação musical pelo filtro das influências sonoras.

Assim, cada vez mais o alcance do rádio foi se expandindo. Setores diferentes puderam de alguma maneira ter acesso àquelas ondas musicais através de algum subterfúgio. Juntamente com a expansão da propaganda pan-americana e dos discursos patrióticos, na polifonia sonora buscou-se encurtar esta distância social e assim levar a maior parte possível da população fortalezense o acesso ao rádio e ao seu conteúdo.

A chegada das ondas curtas a Fortaleza deu início ao período de popularização do rádio cearense, época em que o entretenimento passou a ser predominantemente na programação radiofônica. Diante do alcance do meio radiofônico, acessível a quase todas as classes sociais, as empresas começaram a investir em anúncios no rádio. Dessa forma, a emissora ampliou sua inserção na cidade, impulsionada pelos anúncios das casas comerciais, fábricas têxteis e de cigarro, e da incipiente indústria que surgia no Estado. Em meados da década de 1940, cerca de 60% do capital destinado à publicidade, pelas empresas cearenses, era aplicado no rádio na forma de anúncios ou patrocínios de programas (ANDRADE; SILVA, 2007, p. 4).

O entretenimento surgiu com forte aliado dos meios de propaganda. Assim como o cinema se tornou uma das principais formas de lazer naquele período, o rádio também ganhou espaço. O crescimento do alcance radiofônico e o espaço destinado ao entretenimento possibilitou uma maior quantidade de anúncios de produtos.

Percebemos que através dos anúncios publicitários estas empresas preencheram os programas de rádio com os seus produtos, os quais muitos acabavam tendo suas origens nos Estados Unidos, como no caso das casas comerciais, que de lá traziam muitos utensílios para serem comercializados, e dos cigarros, que através do cinema e das “estrelas hollywoodianas” passou a ter um forte apelo em meio à população fortalezense.

Através da porcentagem de capital investida por estas empresas em anúncios radiofônicos de seus produtos podemos perceber como o rádio possuiu uma força considerável e também ajudou a aproximar a população de produtos que vinham de terras norte-americanas. Um investimento propagandístico na ordem de 60% aplicado totalmente em programas de rádio nos ajuda a compreender a relevância exercida por esse veículo de comunicação. Talvez pelo maior alcance das ondas sonoras, que podiam chegar a regiões distantes e a uma quantidade maior de pessoas, ou pela crescente popularização desta tecnologia, mesmo nos setores menos favorecidos economicamente, ou até mesmo pelo maior número e variedade de programas diários, essa tecnologia preencheu uma grande lacuna propagandística.

Desta forma, esse valor investido nos ajuda a perceber a magnitude e a confiança depositada pelos setores industriais e comerciais naquelas “caixas mágicas que emanavam vozes”. Assim, acreditamos que com um maior investimento e uma maior quantidade de anúncios e produtos, que em grande maioria possuíram a procedência ianque devido à

dificuldade de importação e a chancela de civilidade estadunidense, a aproximação com hábitos estadunidenses também foram sendo consolidados através da aproximação sonora.

Desta forma, constatamos que, não só através das músicas, ritmos e melodias, os costumes estadunidenses se fizeram presentes no cotidiano fortalezense. Também através dos anúncios publicitários feitos pelo rádio mediante o pagamento destas empresas este processo ganhou consonância:

Eram constantes as publicações em O Povo referentes à PRE-9. Em 1942, o jornal publicou uma matéria comemorativa ao primeiro ano das ondas curtas no Estado. De acordo com a notícia, a Ceará Rádio Clube já era ouvida com êxito em toda América. “Dia a dia, cresce o prestígio da estação de João Dummar, sendo considerável a sua legião de ouvintes”. (O Povo, outubro de 1942). A fama do empreendimento de Dummar ganhou o Brasil. A Ceará Rádio Clube, única emissora cearense no período, era sucesso entre o público de todas as idades. Tais fatos despertaram o interesse de um dos maiores empresários do ramo da comunicação brasileira: Assis Chateaubriand, dono dos Diários e Emissoras Associados. (RODRIGUES; SILVA, 2009, p.112).

Se anteriormente o público jovem apareceu como o maior entusiasta destas novas tecnologias e do conteúdo que elas transmitiam, agora, nos parece que o alcance de faixa etária também teria ganhado espaço nessa empreitada. Talvez a popularização radiofônica tenha acontecido de maneira a atingir uma maior quantidade de pessoas com idade diferentes dentro do setor social que consumia aquele produto, assim nos fazendo acreditar em um maior redimensionamento do público alvo e do alcance destas influências.

A emissora cearense acabou tendo seu alcance ampliado de maneira a atingir toda a América segundo notícia citada à cima. Foi este crescimento que acabou chamando a atenção de Assis Chateaubriand, empresário do ramo da comunicação e dono dos Diários e Emissoras Associados, para comprar a Ceará Rádio Clube, fato que ocorreu no ano seguinte, culminando com uma maior divulgação de programas nacionais que “bebiam” nas águas da influência internacional, algo compreensível para o contexto que se vivia naquele momento.

Porém, mesmo que a Ceará Rádio Clube tenha obtido esse crescimento exponencial, tenha sido comprada pelos Diários e Emissoras Associados e cada vez mais se internacionalizado, devemos problematizar qual parcela da população tinha realmente acesso e consumia esse produto em sua forma material, sonora, subjetiva, propagandista, dentre outras. Mesmo que o alcance social tenha uma variedade gradualmente sentida, ainda devemos levar em consideração o custo de aquisição e manutenção do aparelho.

Assim como o cinema, os jornais, os livros e outros produtos e bens, o rádio ficou restrito à parcela que possuiu força econômica para comprá-lo.

No Ceará, em meados da década de 1940, o consumo de livros, revistas, jornais e filmes era restrito a uma pequena parcela da população. O valor das publicações e o

alto índice de analfabetismo eram fatores que impossibilitavam o acesso da maioria da população a tais bens culturais. Diante deste contexto, as radionovelas surgiram como um dos mais importantes produtos da indústria cultural. (RODRIGUES; SILVA, 2009, p.118).

Novamente, nos deparamos com o setor social que consumiu estas tecnologias, seus produtos, suas propanadas e influências. Naquele período, o acesso a estes bens ainda era muito restrito, e mesmo os que não pertenciam as classes abastadas e conseguiam ter acesso aos cinemas ou ao rádio, não acabavam se inserindo neste setor, pois existe uma distância entre consumir arcando com o custo de acesso e manutenção sem abrir mão de outras necessidades e consumir de alguma maneira que não seja por obtenção daquele material.

Desta forma, percebemos que, ao longo da década de 1940, o rádio e o cinema foram mecanismos fundamentais na aproximação visual e sonora dos costume norte-americanos com a população fortalezense, assim contribuindo com as intenções dos governos brasileiro e norte-americano de aproximar as duas nações não só pelo fator econômico, mas também pela cultura.

Constatamos também o público inserido de maneira mais aguda nesse processo. Percebemos que a juventude das classes abastadas esteve realmente caracterizada como centro consumidor das tecnologias cinematográficas e raiofônicas. Assim, nos ajudando a perceber como estes mecanismos influenciaram o cotidiano da elite fortalezense.

Desta forma, percebemos, neste capítulo, como o rádio e o cinema foram dispositivos fundamentais na aproximação de parte da população fortalezense com a influência estadunidense, que se materializou visual e sonoramente. Através das notícias de jornais e dos memorialistas podemos perceber como, aos poucos, esses dois mecanismos foram sendo inseridos dentro do cotidiano das camadas abastadas que tinha capital suficiente para consumir esses bens e ter acesso as suas subjetividades.

Assim, vislumbramos que, a partir do momento que o desejo de civilização passou diretamente pela incorporação destes hábitos norte-americanos, esta parcela da população passou a tentar “imitar” a maneira de se vestir dos astros de cinema, os cortes de cabelos, os hábitos comportamentais, a alimentação e o idioma.

Desta forma, vislumbramos como estas tecnologias foram importantes para aproximação e cristalização dos valores estadunidenses entre as camadas abastadas fortalezenses. Nossa intenção nesse capítulo foi apresentar, através desses mecanismos propagandísticos, o aumento da influência ianque em solo alencarino.

Contudo, devemos nos questionar em relação a esse processo. Ele ocorreu sem nenhuma forma de resistência por parte da sociedade? Realmente toda esta influência ianque

foi absorvida sem nenhum tipo de embate ideológico, social ou cultural? Simplesmente a população fortalezense relegou antigos costumes ao limbo do esquecimento e absorveu toda a matriz cultural estadunidense? A agudização deste processo de americanização foi suficientemente forte para extinguir a influência afrancesada e fazer a população fortalezense não possuir mais nenhum tipo de vínculo cultural com a França?

Essas e outras perguntas caracterizam a difícil empreitada que realizaremos no próximo capítulo, assim nos levam por um caminho envolvido pelas dicotomias, resistências e hibridizações culturais.

4 HIBRIDIZANDO AS PRÁTICAS: A AMÁLGAMA DE HÁBITOS E COSTUMES ESTRANGEIROS NOS SETORES ABASTADOS DE FORTALEZA.

Com o acontecimento da Segunda Guerra, fomos apresentados ao contexto bélico e ao domínio nazista sob o território francês, o que cerceou a liberdade econômica e comercial deste país, impedindo-o assim de manter sua força através da exportação de produtos, mas principalmente de seu modelo cultural de hábitos e costumes.

Desta maneira, vimos ainda no primeiro capítulo que durante o conflito mundial, a influência dos EUA cresceu exponencialmente através do discurso democrático e pan-americanista, do *American way of life* e da política de Boa vizinhança. Assim, adentramos ao momento da assinatura dos Acordos de Washington, da instalação das bases militares norte-americanas em Fortaleza e da chegada de soldados ianques, fatos que acabaram contribuindo para a intensificação de um “aprofundamento” do modelo cultural estadunidense a partir da maior chegada de costumes e produtos técnicos oriundos dos EUA e do convívio com os militares.

Ainda sobre o que foi apresentado até o momento, no segundo capítulo fomos levados a conhecer dois mecanismos vitais na propagação da influência estadunidense em solo fortalezense: o rádio e o cinema.

Estes mecanismos tecnológicos acabaram sendo utilizados na solidificação dos valores democráticos anti-eixo e na defesa mútua da América, mas também serviram como elo de aproximação entre a parcela da população que ouvia as músicas e assistia aos filmes exibidos e à maneira norte-americana de se vestir, de falar, de comer e de se portar. As estrelas de Hollywood e os astros musicais passaram a ser vistos como ídolos por trazerem nas telas do cinema e nas ondas de rádio aqueles costumes ditos como modernos e civilizados para aquela população. Assim, perpassamos pelo conteúdo já discutido e apresentado até o momento.

Mas, por qual razão achamos necessária essa rápida e sucinta explanação? Por quais motivos seria necessário rememorar a linha de pensamento histórico que estamos utilizando e o cotidiano de Fortaleza que estamos construindo através da problematização das fontes?

É a partir deste questionamento que adentramos no cerne do terceiro capítulo. A proposta aqui é discutirmos e problematizarmos a “sobrevivência” da influência francesa em alguns aspectos do cotidiano fortalezense, principalmente quando ligada a população mais antiga e com princípios mais tradicionais, e a coexistência com a força da inspiração norte-

americana que adentrou o dia-a-dia da parcela mais abastada das terras alencarinas através do discurso governamental, do rádio, do cinema e do convívio com os soldados estadunidenses.

Ao analisar, no contexto da Segunda Guerra, a intensificação da influência norte-americana dentro da parcela abastada dos cidadãos fortalezenses, ficamos com a impressão que o modelo estadunidense sobrepujou totalmente a influência afrancesada através da incorporação de hábitos alimentares, vestuais, comportamentais e da aquisição de produtos técnicos. É justamente nesse deslocamento que problematizaremos neste capítulo a ideia de coexistência destas duas inspirações estrangeiras.

Os dois capítulos anteriores trataram de nos apresentar o processo de declínio da inspiração de matriz afrancesada e o apogeu da influência norte-americana, bem como os principais mecanismos condutores destes acontecimentos. Todavia, mesmo que sejamos levados, principalmente pelos memorialistas, a acreditar que a cidade de Fortaleza durante o conflito mundial se “americanizou” como um todo e deixou de lados os “antigos” costumes afrancesados, devemos perceber que isto não ocorreu de maneira tão simples e linear.

Notadamente, a influência da “Terra do Tio Sam” se fez intensa em solo alencarino, se propagou de maneira sólida e adentrou a vida pública e privada dos setores mais abastados da cidade. Porém, seria precipitado acreditar que este processo ocorreu sem resistência e que não houveram permanências em meio aos acontecimentos. Acreditar que este contato ocorreu com toda a sociedade, em todos os níveis sociais, econômicos e faixa etários seria subestimar a força das permanências, a resistência ao novo e os mecanismos econômicos que excluem e/ou aproximam de acordo com a estrutura social.

Neste terceiro capítulo nos propomos a discutir e problematizar a permanência dos costumes afrancesados em meio a um determinado setor da população fortalezense. Neste sentido, vislumbraremos um cenário de coexistência destas duas hegemonias culturais, compreendendo, principalmente, a força exercida por cada uma. Não desconsideraremos o trajeto realizado até aqui através da problematização das fontes, pois temos consciência que na década de 1940 a “americanização” se fez presente de forma intensa. Mas também devemos levar em consideração que ela teve que coexistir com resquícios das inspirações francesas tanto na maneira de se vestir, de falar e de se comportar.

Assim, para não ficar só no âmbito do arcabouço especulativo, pontuaremos a discussão acerca deste cotidiano híbrido, marcadamente responsável pelos desdobramentos da década posterior.

4.1 O “NOVO” E O “VELHO”: A TRADIÇÃO E A RELIGIÃO COMO FRENTE DE RESISTÊNCIA AOS COSTUMES NORTE-AMERICANOS.

Como vimos no capítulo anterior, cinema e rádio serviram como mecanismos responsáveis por aproximar a população fortalezense dos costumes estadunidenses. Através das ondas sonoras a parcela da população que possuía um rádio passou a ouvir ritmos norte-americanos como o fox conduzidos por Glen Miller, Xavier Cugat, dentre outros. Nas telas dos cinemas as “superestrelas” Clark Gable, Robert Taylor, Tyrone Power, Marlene Dietrich, Joana Crawford, Bette Davis, Rita Hayworth, Ida Lupino, Lizabeth Scott apresentavam o hábito de fumar, a moda das mulheres vestirem roupas masculinas, a maneira de aparar o bigode, os namoros ensandecidos. (GIRÃO, 2008; LOPES, 1996; LIMAVERDE, 1999)

Todas estas práticas foram transmitidas a esta parcela da sociedade através de seus sentidos corporais e absorvidas a partir do desejo de tornar-se parte daquele mundo divinizado e almejado. Inspirar-se naqueles costumes, ter a possibilidade de adquiri-los e utilizá-los trouxe status social a estas pessoas, bem como a chancela estrangeira sob o grau de civilização e modernidade.

Dessa forma, adentramos a ótica estabelecida de tentar incorporar práticas estadunidenses vistas ou ouvidas através destes mecanismos. Essa incorporação passava diretamente pela tentativa de alcançar a tal civilidade. Não era de todo incomum, algumas pessoas assistirem aos filmes e acabarem reproduzindo o comportamento exibido nas telas. Cortar o bigode no formato visto, fumar a marcar de cigarro apresentada, usar aquele tipo de corte de cabelo, até mesmo reproduzir o comportamento impassível dos grandes personagens hollywoodianos de faroeste, os típicos “pistoleiros de bang-bang” de conduta agressiva e que não levavam desaforo para casa.

O memorialista Limaverde nos apresenta uma cena capaz de ilustrar esse comportamento aprendido nas telas de cinema:

Uma vez houve violento sururu na porta do Cine Centro. É que o casal saiu dessa forma de cebola. O rapaz, metido a cowboy (havia assistido um filme de John Wayne) foi tomar dores. Foi um pau tremendo, havendo até a necessidade de se convocar o Pedro Guarda (que já era sargento, mas continuava sendo assim conhecido), para acabar com a confusão. (LIMAVERDE, 1999, p. 109).

Percebemos então que para além dos costumes, alguns espectadores acabavam incorporando até a valentia do comportamento de alguns personagens cinematográficos. A percepção visual e sonora acabava contribuindo com a euforia dos que assistiam aos filmes, tomando conta de determinados comportamentos. Assim, talvez, demonstrações mais

emocionais e menos racionais como estas podem ter surgido tendo em vista a questão amorosa envolvida, assim como nos filmes. Não podemos afirmar que todas as pessoas que possuíam acesso a essas produções cinematográficas agiam tão pontualmente inspiradas pela magia das grandes telas e pela conduta abrasadora demonstrada, mas paulatinamente comportamentos desse tipo puderam ser melhor percebidos.

Não só o comportamento agressivo dos pistoleiros ensandecidos aparecia nas telas e acendiam o ânimo dos espectadores. Inúmeros relacionamentos amorosos também foram apresentados e assim influenciaram a intimidade sentimental e sexual desta parcela da população. (GIRÃO, 2008; LOPES, 1996; LIMAVERDE, 1999).

De fato, não podemos negar os impactos do cinema norte-americano na população, todavia, não acreditamos que os costumes afrancesados foram dissipados de forma total, inclusive supomos que eles coexistiram em alguns aspectos vestuais, idiomáticos e comportamentais.

Seria muito imprudente acreditar que todos os jovens se inspiraram na violência dos filmes ou que todas as moças começaram a ter relações amorosas iguais as das telas, assim abandonando por total todos os preceitos religiosos que existiam na Fortaleza de 1945. A desvinculação de uma tradição religiosa moldada às luzes das relações sociais e das práticas culturais nos parece um tanto difícil de ocorrer em um espaço tão curto de tempo e sem nenhum tipo de resistência.

No sentido deste pensamento e no íterim da possível sobrevivência de determinadas práticas e costumes afrancesados veiculados a tradição religiosa e manutenção da “moral e dos bons costumes”, devemos levar em consideração a religião e a tradição como alguns dos aspectos definidores da sociedade fortalezense naquele período, desta forma contribuindo com a resistência de parte da população aos novos hábitos, que poderiam representar uma ameaça a tudo que havia sido construído até aquele momento dentro dos preceitos morais e religiosos.

Assim, mesmo que o desejo por civilização tenha passado pela incorporação destes hábitos estrangeiros, não devemos acreditar que eles foram incorporados por toda a população de maneira irrestrita e sem nenhum tipo de enfrentamento. Primeiramente, devemos levar em consideração que nem todos possuíam acesso material aos mesmos e também não incorporaram os costumes *ianques* completamente, deixando seus antigos hábitos para trás.

O acesso material a roupas, alimentos, curso de idioma, cinema e até ao rádio nos ajudam a perceber que ao falarmos da parcela da sociedade que se aproximou desta influência

estadunidense, estamos essencialmente nos referindo ao setor mais abastado da população. Essa questão já nos apresenta uma primeira via de delimitação de acesso e incorporação destes novos costumes. O caráter social e econômico formaram assim uma barreira frente esta disseminação.

Todavia, a questão econômica funcionou como válvula limitadora dos setores sociais. Dentro da parcela abastada, outro limitador apareceu em meio a esse contexto: a idade e o anseio da juventude pelo novo.

Desta forma, a partir desta compreensão e através das notícias veiculadas em jornais como *O Nordeste*, percebemos que uma parte da população não aceitou de maneira tão fácil a chegada desses novos hábitos, principalmente se levarmos em consideração a questão moralizadora existente por trás da manutenção de hábitos e costumes considerados tradicionais e que de alguma maneira envolviam preceitos religiosos.

Ao mesmo tempo em que parte da população buscava o tão desejado sentido da civilização, outra parte também resistia a este processo, pois considerava que estes novos costumes acabavam por destruir a moral vigente e assim não compensava abandonar a tradição em favor dessa modernidade.

Em meio a esta resistência, o cinema, ao mesmo tempo em que serviu para aproximar a população dos costumes norte-americanos, também foi considerado responsável pela perversão da moral vigente e da incorporação de costumes considerados indecorosos e até criminosos. Pois, tendo em vista que estas novas práticas exibidas se distanciavam da conduta religiosa fortalezense, a película cinematográfica apareceu também como algo destrutivo ao olhar desta parcela resistente aos novos costumes.

Como apresentado no capítulo anterior, devemos ter em mente que a população fortalezense naquele período possuiu uma parcela jovem mais apta a incorporar as novas práticas e outra parcela mais resistente aos estrangeirismos que protuberavam através das telas cinematográficas e da sonoridade do rádio.

Desta maneira, a partir deste paradoxo etário, o jornal *O Nordeste* nos ajuda a perceber que ao mesmo tempo em que o vestuário, o idioma e os hábitos dos personagens tentavam ser corporificados pela parcela jovem da população que possuiu acesso aos filmes, o comportamento e as atitudes apresentadas por eles acabavam maculando moralmente a população a partir da ótica religiosa.

[...] o assunto já foi versado com proficiência na Semana de Ação Católica realizada ainda este mês em Fortaleza. [...] É preciso que o cinema, afastando-se, na maioria das vezes, da sua missão cultural e artística, muito concorre para a desmoralização

dos costumes e do próprio caráter da mocidade brasileira. Ainda agora, por exemplo, foi preso em Niterói, um rapazola de 17 anos que tem já, sobre os ombros, que tem já um número elevado de crimes. A reportagem foi unânime que o infeliz menor, sugestionado pelos filmes de aventuras policiais, se confessou grande admirador e frequentador impenitente desses espetáculos. E não é a primeira vez, de resto, que se verificam casos dessa natureza. [...]

Voltando, porém, ao mau cinema: não há dúvida nenhuma de que ele representa um papel importantíssimo na formação moral do jovem criminoso. Isto nos leva a dizer que as restrições a frequência de menores nas casas de diversões parecem existir apenas teoricamente. E tão grande influência exercem esses filmes de aventura, que se tornou um divertimento comum, para a infância carioca, a reprodução, nas ruas da cidade, dos episódios que vê nas telas: emboscadas, tiroteios, correrias, golpes de audácias, tudo isso faz parte das brincadeiras habituais da criança que procura imitar os “gangsters” dos filmes policiais.

Não se cuida por tanto de dar a juventude brasileira mais apropriadas e úteis distrações. [...] (O CINEMA e os menores. O Nordeste, 4 de dezembro de 1943, p.6).

Mesmo que a notícia seja sobre um caso ocorrido no Rio de Janeiro, a publicação dela em território fortalezense nos ajuda a perceber a ojeriza sentida por este tipo de comportamento apresentado “sob influência dos filmes”. Assim, já no início deste artigo, podemos perceber duas importantes informações: estamos falando sobre juventude e religião. Através desta matéria, somos levados a perceber que os jovens aparecem como o maior consumidor influenciado pelos comportamentos exibidos nas películas, bem como a discussão deste assunto aparece sendo realizada durante a Semana de Ação Católica. Desta maneira, percebemos que estes tipos de condutas que afrontavam a moral cristã, eram debatidos e buscavam ser combatidos pela ótica da religião, criando assim uma frente de resistência ao estrangeirismo ianque e uma possibilidade para a manutenção de hábitos tradicionais.

Além destas constatações, a matéria ainda antagoniza a missão cultural e artística desenvolvida pelo cinema a missão religiosa. Com o intuito de elevar a importância da religião e de seus preceitos, o jornal acaba apresentado a incorporação destes novos hábitos como algo contrário às tradições sacras, assim colocando cultura e religião como pilares antagônicos e de difícil diálogo.

Devemos levar em consideração que a temática de muitos desses filmes oriundos da terra do tio Sam envolviam crimes, roubos, assassinatos, guerras, amores, traições e outros temas considerados indecorosos pela parcela da população mais ligada aos segmentos religiosos. Desta maneira, a comparação que o jornal realiza parece-nos seguir uma linha lógica de raciocínio para aquele setor, pois se tais pessoas gostavam de “imitar” os costumes norte-americanos, o que as impediria de reproduzir também os hábitos considerados perversores da moral e dos bons costumes? Como evitar que aqueles que consumiam a influência ianque não passassem a cometer traições ou pequenos delitos a partir da influência dos filmes?

É desta maneira que o periódico culpabiliza o cinema pela perversão de determinados costumes considerados imorais e pelo aumento de crimes como roubos e assaltos. Neste sentido, o jornal chama atenção sobre o forte apelo dos filmes ao mostrarem cenas de aventuras, crimes, tiroteios, o que poderia acabar incentivando algumas pessoas a reproduzirem essas cenas, assim como estava ocorrendo com o vestuário e o comportamento.

Assim, estas práticas americanizadas que passaram a residir no seio da população que almejava civilizar-se passaram a representar o contraponto da moral pretendida pela Igreja. Roupas mais curtas, trajes mais despojados nas cerimônias religiosas, linguajar “inapropriado”, dentre outras práticas, passaram a andar na contramão do que era defendido pelas tradições católicas. Por conseguinte, a “culpa” destas transformações consideradas amorais pela Igreja recaiu sobre as más influências estadunidenses vistas nos filmes e no convívio com os soldados. Constantemente essa parcela da população era criticada por não possuir senso crítico e tentar imitar o comportamento visto no que era estrangeiro.

Assim, campanhas de combate a esses novos costumes foram iniciadas na tentativa de manter e preservar as tradições consideradas de “bom tom”. Dessa maneira, este campanhismo desenvolvido pelo *O Nordeste*, acabou se colocando conscientemente, como um mecanismo de resistência aos novos costumes, já que boa parte da população era católica. (GOMES, 2015). Desta forma, a partir deste tipo de enfrentamento aos novos hábitos, acreditamos no surgimento de uma via para a “manutenção” da matriz afrancesada em alguns aspectos que se conectavam a ordem religiosa como no caso das roupas e do comportamento.

Podemos perceber o tom dessas campanhas e a crítica realizada pelo jornal em diversos trechos publicados em suas páginas. Assim, os editores iniciaram uma discussão envolvendo o desejo pela civilização e as possíveis consequências que poderiam ocorrer:

A Civilização está deturpando a alma candida da mulher.

São raríssimas as moças que ainda se ruborizam por ouvir falar em beijos e, et caetera.

Hoje, elas comentam a fuga de uma conhecida de ou de uma amiga com algum D. Juan moderno, usando da maior naturalidade e entram em pormenores, os mais picantes como se estivessem intercedendo, previamente, com São Pedro, para sua futura entrada no paraíso.

Quando as velhas que não querem se adaptar a esse estado de cousas, talvez por não encontrar a quem lhe explique as vantagens do modernismo, falam verrosamente, aliás cheias de razões, já aparecem os “Tesouras” para cá e os “Linguarudas” para lá.

Hoje, as moças não tem mais alma, só corpo, só matéria.

Querem trajar bem, não importam as costas de quem saia o luxo ou de que o velho pai tenha que economizar nas compras, de bancar o “pagé”, o tal que era chefe da tribo de tanga!...

Que importa a fome, dizem elas às mães! Não é com estômago cheio que se pescam essa espécie cada vez mais raras de peixes, os maridos.

É com luxo, muito luxo!

E venham sedas...

Hoje tudo é assim!... Civilização!... (A MULHER e a Civilização. O Nordeste, 15 de dezembro de 1943, p. 7).

O jornal se concentra no fato de determinados assuntos não serem mais tratados com sigilo e vergonha, se mostrando surpresos e assumindo até um tom de indignação por temas como o namoro terem se tornado comum nas conversas de algumas moças. A mulher fortalezense é apresentada como um ser cândido e angelical passível de ser corrompida pela influência ianque.

Novamente nos deparamos com a juventude feminina e com o fato de talvez os mais velhos não terem desenvolvido tanto contato com as ditas modernidades. Aqui o vestuário e o luxo aparecem como foco crítico da matéria, mas ao mesmo tempo em que são criticados por desafiam os preceitos morais religiosos, ao final, a justificativa para tanta ostentação recai sob a busca de um marido, ou seja, um dos valores defendidos pela Igreja.

Desta maneira, nos deparamos com um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a civilização ianque trouxe consigo roupas luxuosas e com modelos diferentes dos tradicionais franceses que cobriam mais os corpos, o que foi considerado inapropriado pela moral religiosa para aquelas jovens mulheres, a justificativa para essa incorporação acabou incidindo sobre o desejo do matrimônio, o que pode nos levar a creditar que os jovens homens também estavam interessados pelo que era visto na tela.

Assim, não só o público feminino emerge neste sentido, mas também o masculino, como possíveis admiradores da beleza feminina influenciada pelos costumes estadunidenses.

Mas as críticas não se encerram neste sentido.

Os jovens modernos entram na vida com a cabeça cheia de romantismo antigo, com os olhos marejados de um punhado de cousas bonitas sobre ternura, saudade, sobre gente que morria de amores, cousas sem nexos nessa época.

E as desilusões se sucedem inexoravelmente...

A mulher-ternura antiga é hoje a mulher pecado, a mulher civilizada.

Fazem do amor, que deveria ser uma coisa pura, religiosa, um esporte divertido.

Nos jardins, nos cinemas, nos clubes, nas ruas, de mãos dadas com moços que mal conhecem.

Na nossa época, ninguém se escandaliza com um beijo às claras.

Antigamente, era contrabando, as escondidas.

Hoje já tem plena aceitação no “Mercado da Civilização”.

Não se vai mais assistir a uma fita, vai-se fazer a fita.

E a Civilização corre sufocando os brados de espanto das colinas envelhecidas...

E a Civilização que nos deu o Rádio, o Telégrafo sem fio, a Conquista do Ar, o Cinematógrafo, o alucinante Jazbande, os Normandies e as Limousines vai correndo num esgar bárbaro de conquista avassaladora. Os morros quedam-se bestificados, mudos e irônicos, cortados por túneis, montados por cidades.

E o homem se desespera em risadas hipócritas porque a Civilização que nos trouxe todos os confortos corporais, roubou-nos a mulher, deturpando-a, masculinizando-a, profanando-a, tirando-lhe a alma e a ternura que a encantavam.

(A MULHER e a Civilização. O Nordeste, 15 de dezembro de 1943, p. 7).

Ao mesmo tempo em que reconhece as benesses materiais, o jornal destaca as consequências comportamentais trazidas através do contato com os costumes norte-americanos vistos em tela. A conduta dos jovens naquele período nos é apresentada através da ótica do mercado, onde se compra e consome aquilo visto em busca do foro de civilizado. Em detrimento do “amor a moda antiga”, recheado de recato e embaraçamento, a juventude tentava viver essa nova forma de relacionamento sem se preocupar com a necessidade de manter total sigilo. “Não se vai mais assistir a uma fita, vai-se fazer a fita”. Assim, da maneira que era exibida nos filmes e vista através dos soldados, as paixões se tornavam mais corpóreas e mais carnais.

É a partir desta ótica que o jornal se colocou contra estas alterações comportamentais. *O Nordeste*, marcadamente de cunho católico desde sua criação, iniciou um vasto questionamento do modelo de civilização que estava acontecendo em Fortaleza naquele período. A maneira de se vestir, o comportamento das moças e dos rapazes, os namoros, as conversas íntimas, tudo parecia estar contrário ao que era defendido pela moral católica naquele momento. A civilização aparece aqui como a grande culpada deste “desvio” de comportamento, principalmente os novos equipamentos técnico-científicos como o rádio, o cinema e outros. (GOMES, 2015)

Contudo, somos levados a questionar: qual a matriz civilizadora que o jornal católico está divergindo? É a partir da resposta para este questionamento que constatamos que o foco da crítica está no modelo comportamental balizado nas práticas culturais norte-americanas que influenciaram os jovens abastados daquele período. Os questionamentos sobre os valores morais recaíram principalmente sobre a maneira de se vestir (roupas coladas e mais curtas que o costume), os namoros e as conversas que, respectivamente, se assimilavam as apresentadas nos filmes de cinema exibidos naquela época.

A reprovação do periódico incidiu sobre o modelo estadunidense de se vestir e de se comportar, desta maneira, nos apresentando uma forma de resistência àquelas práticas trazidas pelos cinemas e pelo convívio com os soldados. Assim, o referido jornal apresentou uma frente de questionamento ao modelo de civilização norte-americana que se espalhava em Fortaleza, principalmente entre os jovens.

Tendo em vista os preceitos religiosos da cidade de Fortaleza em 1940, a opinião pública de um veículo religioso somava muito com as opiniões pessoais de certos setores da população, principalmente os mais antigos e ligados aos princípios da Igreja Católica e suas tradições.

Ainda dentro dos questionamentos levantados pelo jornal sobre os comportamentos exibidos pelos mais jovens, acabamos encontrando uma campanha vestimental organizada pelo periódico em torno da volta do uso do véu durante as cerimônias religiosas.³⁵

A partir deste campanhismo, as críticas ao tipo de roupa utilizada por algumas mulheres mais jovens na Igreja não foi diferente. Uma poderosa campanha questionando os novos tipos de trajes, os quais eram considerados justos, curtos ou coloridos demais para a “morada do senhor”, teve início. Neste ínterim, surgiu uma campanha para a volta do uso do véu por moças durante as missas, nela as características de tal utensílio e a importância do mesmo tomaram formas conotativas que possibilitam nosso olhar filtrar novamente o embate entre as novas práticas que chagaram pela ótica do cinema estadunidense.

Mademoiselle vem todas as semanas fazer sua visita a N. Senhor Sacramentado. Entra na Igreja, leve e sutil, sempre cristã, mas sempre elegante também, dentro de sua “toilettes” caras. Toma um lugar, recolhe-se um instante, e sobre a cabeça e os ombros deixa cair o seu alvo e levíssimo véu. Em torno dela há olhos que lhes perscrutam os gestos. Pouco importa! Resguardada numa graça unica pelo delicado tecido, a sua atitude revela unção, dentro de simplicidade encantadora. Ao seu lado, a mocinha que reza tem um lenço de gaze vaporoso e colorido amarrado sob o queixo. Ambas as cabeças estão cobertas, mas que contraste tão vivo! Que influência tão poderosa faz sentir a simples forma exterior, nas camadas mais profundas da alma piedosa!!

Disr-se-ia que sae daquele véu espiritual a irradiação de tornar esse poder mais íntimo, mais completo, mais amoroso, até o contacto com o Criador. Porque antes de tudo o véu é um símbolo.

Com ele nos adornamos, cândidas e puras no feliz dia da 1ª comunhão. Deles se revestem as noivas porque a sua alvura é a imagem de uma virtude conscientemente praticada. Na vida é ele que nos traz com a graça de Deus o destino da vocação. O exemplo de Mademoiselle é uma voz eloquente.

Ela tem o seu lenço multicolor para as pratas e competições esportivas. Na casa de Deus, porém, não devem entrar adornos profanos, nada pode substituir o lindo véu branco, que semeia pela sedução de sua cor, a luz cálida das nobres ideias, dos sentimentos puros e das resoluções corajosas na linda cabeça de Mademoiselle.

(O VÉU de Mademoiselle. O Nordeste, 04 de novembro de 1943, p. 2).

Mesmo possuindo um determinado padrão em suas críticas, nesta notícia o periódico adota uma postura diferente em relação à maneira de questionar os novos hábitos vestimentais utilizado na Igreja. O jornal não faz acusações diretas da falta dos “bons costumes” e nem nomeia os envolvidos no fato, mas utiliza um grau de comparação suavemente desenvolvido e agressivamente expressivo do que era questionado. A moça que utilizava o véu no formato, modelo e cor recomendado pela Igreja é apresentada através de adjetivos sublimes e graciosos, os quais acabavam exaltando a imagem das mesmas devido ao

³⁵ O jornal *O Nordeste* ficou notadamente conhecido por sua defesa da moral e dos costumes religiosos, sejam eles vestimentais ou comportamentais, inclusive desenvolvendo seu tom campanhista. Diversas campanhas com o intuito de criticar comportamentos destoantes dos defendidos pela Igreja foram realizadas durante os anos de vida do periódico. (GOMES, 2015).

comportamento adotado. Já a moça que utilizava o véu colorido e diferente do requerido era taxada pelas “más influências” que lhe levaram a adotar aquele adereço, e assim acabava se distanciando da espiritualidade e até mesmo de Deus. Esse ponto nos ilustra o grau de aversão ao vestuário adotado por algumas moças naquele período e novamente culpa a inspiração civilizadora que naquele momento passou diretamente pelos costumes estadunidenses.

Além dessa comparação subjetiva entre as jovens que utilizavam o véu e as que não utilizavam, percebemos também o contraste entre os costumes estadunidenses e os afrancesados a partir do título da matéria e do objeto em questão. Ao utilizar o título “O véu de Mademoiselle”, o jornal acabava fazendo um contraponto entre as duas matrizes culturais. Pois as mulheres que utilizavam o véu no modelo e cor definido pela Igreja eram tratadas pela alcunha de “Mademoiselle” (“senhorita” em francês que significa uma mulher de boa conduta, respeitada, dedicada e prendada), assim traçando um perfil de algo desejado através dessa palavra de origem francesa. Dessa maneira, somos levados a acreditar que para a Igreja, naqueles idos de 1943, os costumes religiosos que deviam ser preservados ainda se conectavam ao estilo tradicional francês de roupa que era utilizado mais fortemente em Fortaleza no período anterior a guerra. Assim, ser chamada de Mademoiselle em meio a estes questionamentos dos padrões vestimentais, aparece como um elogio em contraste com os costumes norte-americanos.

Assim, a partir deste significado e desta palavra francesa a mulher fortalezense de “moral e bons costumes” foi evidenciada, sendo diferenciada das que não adotavam o uso do véu e consequentemente não podiam receber esta alcunha.

Além de tentar evidenciar que a tradição não deveria ser deixada de lado por conta de costumes contrários aos defendidos pela Igreja, o jornal também tentou combater a simbologia por trás da questão da modernidade e da civilização que envolvia esses novos estrangeirismos, assim, aproveitando o aspecto luxuoso por trás da utilização dos véus e tentando criar uma atmosfera pomposa de distinção.

Não contente com este tipo de contraste, o periódico continuou sua campanha contra o véu colorido através da simbologia em torno do seu uso. Pois a cor destes acessórios vestuais deveria refletir os sentimentos e a ligação espiritual daquelas mulheres com os costumes defendidos pela Igreja. Utilizar de vários mecanismos de questionamento destas novas práticas surgiu como um foco do campanhismo desenvolvido pelo jornal.

Ainda sobre a questão dos véus utilizados na Igreja. O jornal não direciona sua campanha apenas nos questionamentos e na discordância daquele tipo de adereço, o periódico passa a indicar um lugar onde pode ser adquirido o véu pretendido:

APOIANDO A CAMPANHA DO VE'U
 A SAMARITANA MANDOU CONFECCIONAR VÉUS CURTOS MODERNOS
 E BARATOS. SANTINHOS, TERÇOS, MANUAIS, FITAS E VELAS.
 A SAMARITANA – RUA LIBERATO BARROSO, 116 – FONE 21-83
 (APOIANDO a campanha do ve'u. O Nordeste, Fortaleza, 05 de novembro de 1943,
 p. 3)

Em contrapartida aos novos adereços vestuais e a força que eles ganharam em meio à juventude, cada vez mais, o periódico, começou a direcionar os seguidores dos preceitos religiosos. Indicar locais para as compras “adequadas” passou a ser necessário para um melhor resultado do que se pretendeu naquele período.

Todavia, mesmo que o jornal tenha se empenhado arduamente em preservar determinados preceitos que eram considerados mais próximos da ótica religiosa pretendida, o mesmo também observou a necessidade de adequação aos novos tempos. Assim, na tentativa de manter o uso do véu, o periódico tentou direcionar o modelo de produção através de anúncios de locais aptos a venda devido ao enquadramento dos preceitos estabelecidos. Desta maneira, a loja indicada buscou adequar a forma do véu aos interesses da modernidade, assim, tentando dar nova força as tradições já existentes.

O periódico avaliou a necessidade de adaptar determinadas tradições aos novos tempos, tendo em vista a manutenção dos costumes e também dos fies. Em meio a esta disputa simbólica, o reconhecimento da capacidade da matriz ianque de influenciar os costumes, talvez, tenha aparecido como um fator fundamental para iniciar uma estratégia visando o diálogo. Não se tratava apenas de abandonar ou não, incorporar ou não. Extrapolamos o campo das acusações e percebemos a necessidade do periódico em oferecer possibilidades que mantivessem os aspectos religiosos e se adequassem aos costumes ditos modernos. Assim, constatamos o nascimento de um véu híbrido, que dialoga ao mesmo tempo com as mademoiselles e as hollywoodianas, nos fazendo caminhar para um cotidiano que uni as duas matrizes culturais.

Nesse aspecto, percebemos que os costumes acabavam mais uma vez se imbrincando, pois temos o uso do véu (costume marcadamente religioso, tradicional em Fortaleza e com resquícios da moda afrancesada) tentando se adaptar a “modernidade” trazida pelos costumes norte-americanos (modelo mais curto e cores diferentes). Não era apenas resistir à dita modernidade, era se adaptar para não acabar desaparecendo. Frente ao novo e que era tido como melhor, criar forças e frentes de resistência da tradição acabaram se tornando em maneiras de coexistência. “A crença era que ‘novo’ equivalia não só a melhor, mas a absolutamente revolucionado.” (HOBSBAWM, 1995, p. 261).

Nesse sentido, nos aproximamos da “tradução cultural” desenvolvida por Peter Burke (2013), onde determinados hábitos são adaptados ao contexto do local e da necessidade daquele momento. Nesse ponto, as duas influências começam a ter a possibilidade de coexistência devido aos resquícios dos costumes afrancesados, defendidos e significados a partir da ótica moral da religião, e os hábitos norte-americanos incorporados através do desejo por civilização. Quase como um movimento de descontextualização e recontextualização para melhor adaptar as necessidades ou aos interesses, algo que iremos discutir mais profundamente nos próximos tópicos.

Seguindo a linha de raciocínio e considerando a questão religiosa como uma matriz de resistência, acabamos percebendo o papel da tradição em meio aquela avalanche cultural ianque que ocorria em Fortaleza. Silva Filho (1999) nos ajuda a compreender como a força da religião e a manutenção das práticas ligadas a ela interferiram naquele cotidiano:

No curso da década de 1940, valores sociais e morais presentes em Fortaleza estão fortemente impregnados de uma *tradição religiosa*, tendo na Igreja Católica seu insigne corifeu. Fincada numa ardorosa defesa dos “bons costumes”, bem como arraigada a comportamentos, ideias e imagens herdadas, cuja justificação última convocaria um juízo de matriz (e matriz) transcendental, a tradição religiosa operaria reiteradamente um apelo à estabilidade. Segundo Hobsbawn (1984: 10), o “objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade [aspecto que ganha uma força peculiar o caso da tradição religiosa]. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição.” [...]

Ao sedimentar num senso de continuidade entre passado, presente e futuro, o primado da tradição circunda o passado de uma aréola eivada de honra e glórias cujos valores e símbolos precisam ser cultuados e perpetuados no tempo. (SILVA FILHO, 1999, p. 34).

A defesa dos bons costumes ergueu-se através desta matriz da tradição. Manter esta “estabilidade” significava dar continuidade aos bons costumes através da moral religiosa, algo que corria sério risco a partir da incorporação das novas práticas vestuais e comportamentais adotadas pelos jovens abastados de Fortaleza.

A salvaguarda destes valores não passava apenas pelo vestuário e outros quesitos externos. Família, comportamento, fé e outros valores considerados da ordem privada também ganharam consonância na esfera pública. Manter e preponderar o “seio familiar” atrelado aos preceitos religiosos cristãos era uma forma de combater as “malícias” das novidades civilizatórias.

Um repositório fundamental da tradição religiosa é precisamente a família cristã. Como núcleo precípua do imaginário católico – consubstanciando o ideal de harmonia, o fervor, a exortação da ordem, a fé piedosa, a observância dos valores comuns, a oração regular, a disciplina das condutas -, a família tradicional tem na figura da mãe um pilar de inestimável valia na formação moral dos filhos e na conscienciosa condução do lar. (SILVA FILHO, 1999, p. 36).

A partir desta estrutura, a qual a mãe aparece como figura central e responsável pela formação moral dos filhos, compreendemos a importância e a intensidade dos anúncios com foco nas mulheres e em seus comportamentos. Devido a essa importância, a mulher aparece como uma figura capaz de conduzir os demais membros familiares através dos preceitos religiosos ou não. Desta forma, o abandono de parte das jovens das tradições cristãs e o ato de “sucumbir” a influência ianque talvez pudesse ter colocado a perpetuação da moral católica dentro da estrutura familiar em risco. Desta maneira, garantir um maior número de mulheres resistentes às tentações da “terra do Tio Sam” também pode ter representado uma das matrizes de resistência religiosa.

Contudo e apesar deste enfoque no lado feminino, não só as mulheres foram alvos dos questionamentos vestuais naquele período. As indumentárias masculinas utilizadas na Igreja também foram alvo de discussões acaloradas envolvendo o complexo debate tradição *versus* modernidade a qual estamos nos referindo.

A's Quintas...

TRAJE MASCULINO

A ótima secção do “Nordeste”, intitulada “Pelas Paroquias”, comentou, há dias, um fato singular, que se observa entre nós.

Trata-se do feio habito de homens e rapazes assistirem à missa com uma idumentária sobremodo imprópria ao ato e à Casa de Deus.

A camisa fora das calças e de mangas curtas; calção de banho à mão; roupa de fazenda transparente, parecem mais que estão num balneário do em presença da mais augusta cerimônia da nossa religião. Isso vem demonstrar que somos um povo – menino. O que vemos nos outros logo imitamos, sem a precisa ponderação.

E é o que vemos, agora, no tocante ao vestir: o deboche, o esportismo. Não se conhecerá o monge pelo habito... Moços e cidadãos teem a aparência de catraeeiros de serviço.

Sem pejo e desembaraçadamente, a meninada e os rapazes de hoje andam de fraldas de camisa...

E de fraldas vão à missa.

Ora, consideremos melhor. A nobreza exterior do indivíduo não deve se sacrificar por um moda de negligencia ou desaprumo. O Templo Sagrado merece mais atenção também no que toca a maneira de vestir da pessoa que tem meios econômicos. Sigamos nossa tradição, não abandonemos o passado que nos forjou a alma e a nacionalidade.

(A'S QUINTAS. O Nordeste, 15 de abril de 1943, p. 3)

Ao criticar as vestes que alguns rapazes adotavam para frequentar a Igreja, o periódico nos ajuda a perceber que não apenas o público feminino passou a incorporar a moda estrangeira vinda dos EUA. O segmento masculino também se inspirou no modelo de roupa utilizado pelos estadunidenses e, por isso, também foi criticado ao absorver essas novas práticas em detrimento das tradições e dos preceitos religiosos.

Esses rapazes passaram a ser tachados por determinada infantilidade por tentarem incorporar o que viam através do convívio com os soldados e nos filmes. Percebemos através desta notícia que as faculdades mentais destas pessoas eram questionadas. Agregar

determinadas partes desta influência não apareceu apenas como um elemento contraditório a religião católica, surgiu também como um quesito passível de causar questionamento sobre o amadurecimento daqueles jovens. Assim, comparando-os a crianças, as quais imitam e reproduzem o que veem sem questionar e abandonam suas matrizes tradicionais.

Mas não só sobre as vestimentas podemos perceber a atuação das tradições religiosas em consonância, inconsciente, com a manutenção dos costumes afrancesados. Tendo em vista a formação religiosa de parte da população fortalezense, devemos levar em consideração a importância das instituições de ensino que seguiram estas tradições, muitas vezes tendo padres, freis e irmãos em seu “quadro docente” e diversas atividades de cunho religioso em sua “grade” de ensino. Assim, somos levados a perceber que dentro destas instituições, como o Colégio Cearense mencionado abaixo, foram preservadas determinadas práticas consideradas tradicionais na frente dos novos costumes que desembarcavam naquela época, caso esse o do ensino do idioma francês.

Não deu para passar. Assim, deveria fazer provas de Francês, Matemática e, por incrível que pareça, em desenho, mais umas vez no final do ano. O Colégio Cearense era duro. Além do terço rezado todo dia as lições tinham de estar na ponta da língua. O Irmão Oscar era duro. Não admitia nenhuma brincadeira. E, para falar na aula, levantava-se o dedo e esperava até que ele desse ordem para comunicação. Além do mais deveria haver um respeito muito grande para com os mestres, os irmãos maristas, os papos brancos chamados. Qualquer coisinha o aluno ia de pé na frente dos demais colegas. E, em falhas mais graves, a sentença bem dura: -Vai ficar de pé defronte à capela até 6 horas da noite. Imaginem passar o ano todo enfrentando esse tipo de educação, por sinal educação que valeu muito no enfrentamento da vida, e, ao final, não passar na primeira vez, após as provas parciais, final e oral? Acrescente-se a isso tudo o valor das mensalidades. Na minha casa, como pobre metido à besta, não frequentávamos os grupos escolares. E isso num tempo em que o velho Liceu era uma verdadeira Faculdade, com os melhores professores da cidade. Meu pai preferiu o Colégio Cearense onde convivi com sobrenomes mais famosos da cidade. (LIMAVERDE, 1999, p. 13).

A notícia nos ajuda a vislumbrar superficialmente o ensino do colégio cearense. Nela percebemos que o ensino do francês ainda permanece existindo em pleno idos de 1945, ano sobre o qual o autor escreve em seu livro. Assim, somos levados a verificar que mesmo com a onda de inserção do idioma inglês em solo fortalezense (através do surgimento de diversos cursos particulares e da inserção de palavras e expressões vistas nos filmes e ouvidas no rádio), o francês ainda aparecia como matéria importante dentro do cotidiano desta instituição, exibindo assim o caráter bastante significativo para a manutenção das tradições do ensino.

Não era apenas uma matéria qualquer, com menor relevância. O estudo do francês, bem como o das outras matérias, surge como algo tão importante quanto o próprio aprendizado religioso. Dentro da ótica de ensino tradicional e das matrizes morais cristãs, a

perpetuação do ensino do idioma francês aparece como parte da questão tradicional e que, assim como os aspectos mais importantes, deveria ser mantido.

Desta forma, podemos perceber que durante o contexto da Segunda Guerra, embora sejamos levados a acreditar que a inserção dos costumes estadunidenses ocorreu sem nenhum tipo de resistência, houve sim um movimento contrário à absorção desses hábitos. A religião e a manutenção das tradições apareceram como fortes balizadores de resistência e assim abriram espaço para sobrevivência de determinadas práticas vestimentais, idiomáticas e comportamentais versadas na matriz afrancesada.

Resguardar e proteger os preceitos morais cristãos passou diretamente pelo campanhismo desenvolvido pelo jornal *O Nordeste*, visando assim atrair a juventude a caminhar novamente de mãos dadas com os hábitos e costumes católicos. Fomos levados a perceber o embate entre os costumes adotados pela população mais jovem e pelos hábitos mantidos pelas pessoas mais velhas, criando assim um contraponto entre a civilização e a modernidade, versus, a tradição e a religião. Todavia, pontos de diálogo entre as duas forças matriciais começaram a ser percebidos em alguns casos.

Esse embate nos direciona ao nosso próximo ponto, onde a partir desta resistência, acreditamos ter surgido a coexistência das duas matrizes de influência estrangeira: a francesa e a norte-americana. É aqui que começamos a discutir mais profundamente o hibridismo cultural em nossa pesquisa.

4.2 HIBRIDISMO CULTURAL: UM DEBATE PARA SER CONSIDERADO

Até o momento, discutimos a resistência apresentada a partir da ótica da religião. Com o intuito de questionar a incorporação de hábitos estadunidenses que feriam os preceitos morais e a tradição religiosa, o jornal *O Nordeste* passou a publicar diversas matérias apresentado o contraponto existente entre os que incorporavam os estrangeirismos ianques na maneira de se vestir e de se comportar e os que mantinham os antigos valores dos idos franceses em Fortaleza.

Dessa forma, a partir do questionamento de amadurecimento dessas pessoas, de seus valores comportamentais e da incorporação destes costumes estadunidenses, acreditamos ter surgido um mecanismo que pode ter ajudado na manutenção de determinados costumes afrancesados. Assim, tradição e religião surgiram como frente de resistência ao vestuário e ao comportamento norte-americano visto nas telas de cinema e no cotidiano dos soldados da base militar.

Assim, vislumbramos essa situação paradoxal como um possível facilitador da coexistência entre costumes franceses e norte-americanos na Fortaleza da década de 1940. Logicamente cada matriz de inspiração estrangeira mencionada teve sua respectiva intensidade, devido aos acontecimentos anteriormente mencionados, e principalmente seu próprio “público” responsável por absorvê-las, incorporá-las e até resignificá-las.

Tendo em vista esta perspectiva de coexistência entre duas matrizes culturais (cada uma dentro de sua esfera de força específica e diretamente proporcional ao período estudado) percebemos que não trabalhamos apenas com um processo de transição ou de eliminação e aquisição. Nesta pesquisa, através das fontes analisadas até então, constatamos a existência de uma amálgama cultural, onde a “mistura” de costumes estadunidenses e franceses dentro do cotidiano dos setores abastados fortalezense caracterizou uma aproximação da teoria do hibridismo cultural.

Assim, compreendemos que a parcela da população de Fortaleza que manteve intenso contato com essas vertentes culturais através de maneira de se vestir, de comer, de falar e até de se comportar, acabou se inserindo dentro de um processo de “ruptura de fronteiras”, onde duas matrizes acabaram se amalgamando e coexistindo dentro de suas respectivas especificidades, intensidades e, principalmente, seus conflitos de existência.

Mas o que compreendemos como hibridismo cultural? Como este conceito poderia nos ajudar a perceber de maneira mais profunda o processo de amálgama cultural que ocorreu em solo alencarino naquele período?

Na tentativa de nos aprofundarmos nesta problemática, nos aproximamos de autores como Peter Burke (2013), Nestor Garcia Canclini (2011), Stuart Hall (2003) e Homi Bhabha (2010). Através das abordagens destes autores a respeito do hibridismo cultural acreditamos poder discutir com mais propriedade o processo mencionado anteriormente.

Iniciamos a partir da compreensão que nenhuma cultura é ou nasce pura. As culturas conhecidas surgiram e tem se perpetuado através do tempo a partir de inúmeros diálogos e embates socioculturais, fazendo assim uma diluição de seus costumes ao mesmo tempo que desenvolve uma capilarização do alcance. Essa diluição cultural ocorre a mais tempo do que imaginamos. Desta maneira, estas matrizes de influência já chegavam a Fortaleza após um duradouro processo de amálgama com outras já existentes e que possuíram contato ao longo dos séculos. (CANCLINI, 2011).

Assim, pensar essa amálgama cultural nos faz imergir em um mundo repleto de linhas tênues e de fácil rompimento, tendo em vista os possíveis deslocamentos de contexto em meio à inserção de uma ou outra influência estrangeira.

Para Peter Burke não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural. (BURKE, 2013, p. 2). Isto nos faz perceber a impossibilidade de definir com precisão as fronteiras entre determinadas práticas consideradas de matrizes francesas e estadunidenses, muito menos os grupos responsáveis por essa cisão.

Como poderíamos afirmar que em determinado momento uma parcela da população fortalezense abandonou os costumes de matriz francesa e incorporou os norte-americanos, sem ferirmos a percepção de coexistência que as fontes nos trazem? Podemos sim constatar um momento de maior intensificação de uma ou de outra, principalmente se levarmos em consideração o contexto econômico-comercial já apresentado anteriormente. Mas não podemos afirmar ter existido um processo de plena americanização sem ter enfrentado resistências e coexistências de outras influências.

Desta maneira, somos levados a compreender que o período que apresentamos anteriormente, no qual acreditamos ter existido uma preponderância definitiva da influência estadunidense pode ser colocado em debate e questionado de formas diversas. Dessa forma, não podemos delimitar qual determinada parcela abastada dos cidadãos fortalezenses rompeu com a cultura francesa e incorporaram o padrão norte-americano sem haver nenhum tipo de contato entre estas duas matrizes durante o processo, muito menos sem ocorrer nenhum tipo de resistência a partir dos antigos padrões normatizadores dos hábitos e costumes da cidade. Podemos assim, apenas constatar até então que o convívio com estes estrangeirismo ocorreu de maneira intensa dentro da parcela jovem e abastada de Fortaleza, e que diversos mecanismos ajudaram no contato entre eles.

Embora as fontes apresentadas até então nos levem a perceber a resistência dos costumes afrancesados através da parcela mais antiga da população e a incorporação dos hábitos norte-americanos pelos jovens da sociedade, devemos, paulatinamente, amadurecer nossa compreensão que o período se revestiu de uma constante mistura. O “caldeirão cultural” foi fortemente agitado naquele momento através dos encontros de hábitos e costumes em meio ao cotidiano.

Para Burke “devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, que reforcem os antigos elementos” (BURKE, 2013, p. 31) Desta maneira “o hibridismo é muitas vezes, senão sempre, um processo e não um estado”. (BURKE, 2013, p. 50).

Desta forma, não achamos prudente falar em “transição” utilizando o significado mais literal da palavra, pois não podemos precisar um ponto de partida e um ponto de

chegada, visando assim o início de um processo e o fim do mesmo. No momento em que compreendemos este hibridismo a partir da ótica de um regime de constante mutabilidade e aquisição de fatores, somos levados a acreditar que o que estava acontecendo na Fortaleza da década de 1940 era uma agitação sem previsão de término. Movimentação essa que a cada nova forma de inserção cultural, fosse vestimental ou comportamental, acabava por ganhar mais impulso, principalmente se considerarmos o forte desejo civilizacional e a resistência religiosa como mecanismos intensificadores de um processo de efervescência.

Assim como Burke, para Canclini (2011) o hibridismo cultural aparece como uma prática multicultural e multifacetada, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas. O autor ao analisar os movimentos artísticos verificados na América Latina nos apresenta justamente o ponto de interseção entre estas duas culturas e como o encontro entre as duas se apresentam a partir de aspectos multiculturais que se encontram e acabam se imbricando.

Neste caso, as faces que absorvem consonância ganham materialidade nos costumes fortalezenses e nas práticas francesas e norte-americanas. Através desta perspectiva, Canclini (2011) nos leva a observar o hibridismo apenas através de um prisma positivo que se fundamenta, sobretudo, no multiculturalismo como um espaço que possibilita o diálogo entre as culturas, um fator novo que resulta do embate entre duas culturas diferentes. Não são aspectos apenas de uma face ou de outra, são segmentos simbólicos e corpóreos que significam e resignificam toda a gama de possibilidades dentro de um determinado cotidiano.

O hibridismo visto a partir do prisma desenvolvido pelo autor acaba abrindo espaço também a uma espécie de tolerância às diferenças culturais. Assim, a partir desta possível tolerância, vislumbramos a possibilidade de coexistência. Todavia, devemos levar em consideração que nem sempre este processo se apresenta apenas através deste caráter pacificador, nem sempre a negociação e a intermediação entre as duas culturas é realizada de maneira “pacífica”. Devemos levar em consideração que, muitas vezes, este “diálogo intercultural” também pode acontecer de maneira deletéria para alguns dos lados que se encontram em convivência.

Basta nos recordarmos dos inúmeros embates culturais ocorridos, principalmente, dentro do período mercantilista e imperialista da história mundial. A partir desta lembrança, podemos ver como determinados choques entre culturas podem ser deletérios e aprisionadores para algumas matrizes culturais. Assim, não podemos sempre encarar esse caráter multifacetado pela ótica da tolerância e da coexistência. Devemos ter consciência que esse processo também pode, assim como já ocorreu, trazer consequências prejudiciais e repletas de intolerância, chegando inclusive a dizimar matrizes culturais e seus representantes.

Assim, a “tradução cultural”, nos aparece como uma forma possível para descrever o mecanismo por meio do qual estes encontros culturais produzem formas novas e híbridas. Assim como na questão da adaptação do véu de mademoiselle as novas tendências civilizatórias, constatamos que este processo emerge através do diálogo, mas também da disputa pela adaptabilidade e manutenção do seu status.

Uma reação comum a um encontro com outra cultura, ou com itens de outra cultura, é a adaptação, ou empréstimo no varejo para incorporar as partes em uma estrutura tradicional. É o que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chamava de “bricolagem” e afirmava ser uma característica de *la pensée sauvage*. (BURKE, 2013, p. 55).

Incorporar aos poucos costumes de outra cultura nos parece justamente se inserir dentro da linha de pensamento traçada até então. Pois, não achamos prudente afirmar em que determinado momento existiu uma precisa ruptura. Constatamos dessa maneira que a possibilidade de adaptação cultural se fez presente em um cotidiano perpetrado por dois tipos de influência, as quais concomitantemente passaram a dialogar dentro de suas referidas esferas de alcance. Assim:

A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de descontextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente. O processo de “tropicalização” tantas vezes discutido e incansavelmente advogado por Freyre em tantos domínios, da arquitetura à culinária, é um bom exemplo deste processo, embora seja necessário distinguir diferentes tipos de adaptação.

Tropicalização no sentido literal ocorre quando as roupas ou as casas que foram planejadas para países frios são modificadas para serem exportadas para países quentes. (BURKE, 2013, p. 91-92).

Burke nos ajuda a compreender a tradução cultural a partir do movimento de descontextualização, onde o objeto é retirado do seu contexto original e realocado a partir da recontextualização, sendo assim adaptado e inserido em outro contexto diferente do que havia sido pensado. Ao pensarmos nesses movimentos, somos levados diretamente às influências francesas e norte-americanas que foram removidas de seus locais originais e realocadas pela parcela abastada fortalezense ao cotidiano da cidade, assim sendo inseridas dentro do processo de busca pela civilização e pelo desejo da diferenciação simbólica do status social.

Muito menos conhecida, mas igualmente esclarecedora na análise da mudança cultural, é o conceito de “ecótipo”, empregado pelo folclorista sueco Carl Von Sydow. Como “hibridismo”, este termo foi originalmente cunhado por botânicos para se referir a uma variedade de planta adaptada a um determinado ambiente pela seleção natural. Carl Von Sydow tomou-o emprestado para analisar modificações em contos folclóricos, que ele via como adaptados a seus ambientes culturais.

Os estudiosos das interações culturais poderiam seguir o paradigma de Sydow e discutir, digamos, formas locais – arquitetura barroca tcheca por exemplo – como variantes regionais de um movimento internacional, variantes como suas próprias regras. A existência de ecótipos sugere que precisamos tomar consciência de forças centrífugas assim como de forças centrípetas. Como a história das linguagens e dos dialetos, a história da cultura em geral pode ser vista como uma luta entre estas duas

forças. Às vezes uma tendência predomina, às vezes a outra, mas elas alcançam um certo equilíbrio no longo prazo. (BURKE, 2013, p. 54).

A partir do conceito de écotipo elaborado por Carl Von Sydow, podemos perceber os costumes diferenciados existentes na Fortaleza da década de 1940 e como eles foram sendo inseridos e sendo adaptados, não por uma seleção natural, mas neste caso por uma seleção social/cultural comandada diretamente pelo desejo de civilizar-se, assim se aproximando e absorvendo as ditas modernidades do período. Através deste tipo de pensamento podemos compreender que mesmo que o processo de incorporação de novas influências pareça pacífico e linear, como alguns memorialistas deixam a entender, não é assim que este tipo de incorporação ocorre. Forças contrárias e de mesma intensidade acabam “lutando” entre si para exercer a predominância.

Neste caso, podemos comparar metaforicamente as forças centrífugas e centrípetas a influência francesa e norte-americana, as quais em plenos idos de 1945, mesmo com a americanização desenvolvida através de diversos mecanismos apresentados, batalhavam e coexistiam no cotidiano alencarino, disputando assim seu espaço junto ao cotidiano fortalezense.

Foi através desta batalha de forças opostas, sustentadas pelo desejo de civilização e pela força da tradição, que percebemos os embates capazes de permitir a coexistência, fazendo assim determinadas práticas permanecerem e outras serem incorporadas. Todavia, o horizonte que separa os limites de escolha e preponderância de alguns costumes nos parece muito complexo em meio a enorme diversidade existente.

Autores como Stuart Hall (2003) e Homi Bhabha (2010) também nos ajudam a compreender e a problematizar o hibridismo cultural. Ambos, em suas particularidades e objetos de estudo, partem da ideia do hibridismo como um processo marcado por ambivalência e antagonismos resultantes de uma constante negociação cultural, a qual, assim como Burke nos explicou, tendem a buscar o equilíbrio necessário em longo prazo, permitindo assim uma coexistência. Estas negociações possuem relações assimétricas de poder e de atores envolvidos como subtexto, assim, a partir dessa assimetria e do poder exercido pelos autores envolvidos teremos a preponderância de uma sobre a outra dentro deste equilíbrio permissivo. (SOUSA, 2012)

Dessa forma, essa busca pela equiparação entre as forças interpostas nos ajuda a compreender o processo de coexistência possível através dos embates envolvidos. De um lado poderíamos imaginar a força da tradição religiosa repleta de resquícios afrancesados e corporificados na população com uma idade mais avançada, de outro, a dita modernidade

estadunidense aguçada pela juventude alencarina que buscava a chancela da civilização. Desta maneira, compreendemos estes dois opostos lutando por um espaço e pela manutenção do seu alcance, assim, fazendo aparecer à possibilidade da tolerância como mecanismo capaz de apaziguar os lados e alcançar o dito equilíbrio através de uma negociação cultural simbólica.

No caso fortalezense, a força econômica das parcelas abastadas e o seu desejo de civilizar-se acabou regendo a aproximação de determinadas práticas, as quais, mediante seus momentos específicos, puderam representar a realização do que era almejado.

Em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que a maioria das culturas deixaram de ser ilhas. Com o passar dos séculos, tem ficado cada vez mais difícil se manter o que poderia ser chamado de “insulação” de culturas com o objetivo de defender essa insularidade.

Em outras palavras, todas as tradições culturais hoje estão em contato mais ou menos direto com tradições alternativas. A segregação só é uma possibilidade no curto prazo, como *la longe durée*. Por conseguinte, as tradições são como ares de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte destas tradições se deem ou não conta disso. (BURKE, 2013, p. 101-102).

Burke nos ajuda a perceber que consciente ou inconscientemente a parcela da população que se aproximou destas influências estrangeiras foi a responsável pela inserção desses estrangeirismos, tendo em vista o consumo cultural das mesmas. Como o autor afirma: o tempo das culturas isoladas e intocadas por outras já encontrou seu falecimento, pois o contato cada vez mais eminente acabou possibilitando a troca entre as duas matrizes culturais.

Contudo, Homi Bhabha (2010) propõe que o hibridismo não resolve o embate e o processo de tensão entre duas culturas, não é um novo elemento que surge da junção entre duas matrizes culturais distintas, conforme vemos em Canclini (2011). O hibridismo seria sob esse viés, um processo resultante do choque, do embate, não se tratando apenas de um processo de adaptação e ressignificação cultural. (SOUSA, 2012) Desta forma, a busca do equilíbrio não aparece através de uma resolução simples e pacificada. Não foi o fato da influência estadunidense acabar se aproximando dos resquícios afrancesados, ou vice-versa, que propiciou a coexistência das duas. Foi justamente o embate pela legitimação e os paradoxos da incorporação que fizeram esta possibilidade aparecer.

Para Stuart Hall (2003) tendo observado em seus estudos a experiência diaspórica vivenciada por caribenhos rumo à Grã-Bretanha, a hibridização acontece no contexto da diáspora e no processo de tradução cultural que os indivíduos vivenciam para se adaptarem às matrizes culturais diferentes da sua de origem. (SOUSA, 2012) Stuart Hall (2003) propõe que:

O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um

processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (HALL, 2003, p. 74).

Nesse contexto de análise e dentro da compreensão de um *continuum* movimento, o hibridismo não se caracteriza como um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, seria o momento onde o sujeito percebe que sua identidade está sempre sendo reformulada, ressignificada e reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”, permanecendo sua indecisão sobre qual matriz cultural o mais representa. (SOUSA, 2012)

Dessa forma,

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação. (Bhabha, 1997 apud Hall, 2003, p. 75).

Assim, percebemos a complexidade do processo pelo qual determinada parcela da população fortalezense estava passando. Não era apenas escolher o que incorporar ao bel prazer do dia-a-dia, como se esse encadeamento pudesse ser ditado de maneira plenamente consciente. Disputas e conquistas marcaram aquele cotidiano pautado pelo desejo de civilizar-se e pela força da tradição, bem como forças antagônicas que existiram em meio a disputa simbólica do período.

Desta forma, não podemos afirmar que existiu uma plena consciência desse processo de disputa por parte da camada envolvida. Acreditamos que no meio aos paradoxos existentes, os fortalezenses acabaram sendo inseridos em um processo maior até mesmo do que eles puderam perceber naquele momento. Desta forma, incorporando uma parte, resistindo a outra e mantendo uma terceira, constituindo assim uma amálgama cultural inconsciente.

Assim, verificamos ao longo deste tópico a complexidade por trás do processo conhecido como hibridismo cultural, mas ao mesmo tempo, constatamos como ele se adequa ao cotidiano existente em Fortaleza na metade da década de 1940. A partir deste momento adentramos ao terceiro e último tópico no intuito de tornar mais palpável à discussão realizada até então.

4.3 COSTUMES HIBRIDIZADOS: FRANÇA, ESTADOS UNIDOS E FORTALEZA MISTURADOS EM UM “CALDEIRÃO” CULTURAL.

Depois de apresentamos os pressupostos teóricos que acreditamos justificar nossa compreensão acerca do hibridismo cultural ocorrido em Fortaleza durante a Segunda Guerra, partiremos agora para compreensão através do filtro do cotidiano da sociedade naquele período.

É através desta ótica cotidiana, onde a manifestação das relações culturais e sociais se torna visível, que percebemos a coexistência entre as duas matrizes culturais estudadas no dia-a-dia da população fortalezense.

De fato, foi através dos memorialistas e dos periódicos que acabamos nos deparando com situações ilustrativas da coexistência entre a influência afrancesada e norte-americana, principalmente, no final da Segunda Guerra (1945), período este marcadamente conhecido pela historiografia mundial como o ápice da consolidação dos EUA como potência mundial. Desta maneira, compreendemos que mesmo que o *American way of life* tenha exercido forte predomínio em Fortaleza, nem todos os costumes baseados nos hábitos franceses deixaram de existir totalmente. Não houve um completo processo de extinção de uma matriz e a incorporação total de outra. Complexos processos de imbricação regeram a absorção e a incorporação das benesses pretendidas.

Para além de ilustrar e nos fazer perceber mais visivelmente o hibridismo cultural discutido até o momento, estas fontes nos permitiram problematizar e historicizar às práticas comportamentais, vestuais e alimentares daquele período. Assim, vemos através da rotina a corporificação do processo que viemos constatando até aqui.

Mediante estas constatações, acabamos adentrando ao mundo cotidiano da população abastada de Fortaleza, aquela que tanto teve possibilidade de se aproximar das práticas francesas, quanto das estadunidenses. É assim que iniciamos esse último tópico desta dissertação.

Assim,

Talvez por ser tão pequena e tão singela, Fortaleza, na metade da década de quarenta, era uma cidade com ares aristocráticos, tinha pudores de donzela, não obstante ser tão francesa no seu acultramento. A França, determinara a formação das senhorinhas de boa estirpe, assim como comandava a moda, o padrão das lojas e de suas artísticas vitrinas, a vida social que acontecia no Clube Iracema, no Clube dos Diários e no Ideal Clube. (LOPES, 1996, p. 27).

Ao contrário do que nos é mostrado pelos periódicos e memorialistas, dentre eles o próprio Marciano Lopes, a americanização ocorrida em Fortaleza não suplantou totalmente os costumes afrancesados em Fortaleza. Lopes, em seu livro que nos mostra diversos acontecimentos sobre os idos de 1945, nos apresenta uma Fortaleza singela, tendo em vista todo o acultramento francês que ainda residia na população, inclusive incidindo sobre esse

fator o tom aristocrático. Mesmo com a ampla força exercida pelo cinema, rádio e pelo convívio com os soldados estadunidenses, o afrancesamento dos costumes e, principalmente, da moda ainda aparece visivelmente na parcela abastada da população.

Além disso, vislumbramos que se por um lado o *American way of life* incidiu diretamente sobre a percepção do luxo através da chancela da civilização que passava pela incorporação de hábitos estadunidenses, o caráter pomposo e propiciador de distinção social trazido pela matriz francesa não desapareceu por completo.

Mas não só nesses quesitos podemos vislumbrar a força mutuamente exercida pelas duas influências. Pois como afirma Burke:

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilo híbridos na arquitetura, na literatura ou na música. Seria insensato assumir que o termo hibridismo tenha exatamente o mesmo significado em todos estes casos. (BURKE, 2013, p. 23).

Assim, através dessa ótica que amplia nossa possibilidade de análise e na multiplicidade de espectros passíveis de compreensão a partir do hibridismo cultural, adentramos a Fortaleza daquele período.

Nos idos de 45, a Avenida do Imperador é uma espécie de porta de entrada para o aristocrático bairro de Jacarecanga. Com suas largas calçadas, sua pavimentação de pedras toscas, seus frondosos e elegantes oitizeiros, é minha Via Veneto, minha Avenue Foch, minha Fifth Avenue. Suas casas são diferentes, potentes, nobres, um relicário arquitetônico das senhoriais vivendas construídas nas primeiras décadas deste Século. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo “Art Nouveau” com as imprescindíveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras “rendas” e arabescos fundidos. As portas têm rótulas e postigos com vidraças coloridas importadas da França, da Bélgica e da Holanda. As portas de entrada dão acesso aos pequenos vestíbulos ou salas-de-espera. Os artísticos paltibandas, ostentam balaústres, “pinhas”, “abacaxis”, jarrões. Mas existem, também, soberbos bangalôs na minha bela avenida. São as construções mais recentes, influenciadas pelas residências das estrelas de Hollywood. São assim, as mansões do médico Newton Gonçalves, do milionário Checo Diogo, do Interventor Menezes Pimentel. Até uma típica mansão francesa tem na Avenida do Imperador. É a residência da família Thomaz Pompeu, em frente a Praça da Lagoinha. (LOPES, 1996, p. 33)

Surgem, em nosso olhar, características de uma Fortaleza ainda muito afrancesada em seu estilo arquitetônico de bairros, avenidas e casas. O setor abastado fortalezense ainda incorporava o movimento *Art Nouveau* em suas residências e obras públicas. Todavia, somos levados a perceber também a força que a influência norte-americana passou a emanar naquele período. Se por um lado o afrancesamento resistia em alguns aspectos, a inspiração estadunidense também fez dura frente e passou a residir dentro desses mesmos aspectos residuais. Coexistência nos parece a palavra mais apropriada para descrever a possibilidade

dessas duas hegemonias se apresentarem como forças legitimadoras de suas próprias características e assim trazerem a tona o hibridismo que tanto estamos falando até então.

Na realidade, ainda podemos ver distintamente que as práticas afrancesadas existiam e resistiam. Vemos através do vestuário exemplos plausíveis para essa constatação:

Os homens, usavam ternos de linho irlandês, de dia e de casemira inglesa, à noite. Os bem trabalhados ternos, eram feitos pelos mestres alfaiates, instalados, regra geral, na Rua Guilherme Rocha, entre as Ruas Barão do Rio Branco e General Sampaio. As mulheres, usavam muita seda francesa, com estampas florais sobre fundo negro, musselinas para os vestidos de noite, muito laço, muito drapeado, fivelas, “apanhados”, fricotes. Os sapatos eram, quase sempre, combinados de pelica e camurça, abertos, de preferência e não raro, os ditos “plataforma”, inspirados em Carmem Miranda. As luvas eram indispensáveis, até para as compras no mercado, do mesmo jeito que o chapéu. Os decotes eram discretos, as saias desciam até esconderem as batatas das pernas envoltas em meias de seda. (LOPES, 1996, p. 29)

A moda aparece como mais uma faceta dessa coexistência ocorrida em pleno 1945, no ápice final da Segunda Guerra e do cotidiano americanizado que falamos nos outros capítulos. Não apenas a influência francesa aparece nesse momento, diversas outras procedências são mencionadas. Tecidos, modelos, formas e estilo afrancesados continuavam exercendo forte influência no público fortalezense que consumiu esse tipo de produto.

Mesmo que o cinema hollywoodiano mostrasse um vestuário diferente e que uma parcela da população tivesse adotado o mesmo, o memorialista nos possibilita um olhar sobre a força que o padrão francês ainda exercia sobre a moda fortalezense. Logicamente, devemos levar em consideração as dificuldades que existiam por conta da beligerância do conflito e do domínio alemão sobre a França, fatos que dificultaram a importação de determinados produtos naquele período, mas a pujança da moda francesa conseguiu residir dentro de alguns segmentos sociais e, principalmente ganhar sonora robustez a partir da tradição religiosa.

Ainda neste trecho, somos levados a constatar algumas das características que fizeram a religiosidade interceder pelos antigos costumes inspirados nas mademoiselles francesas. Percebemos um grande número de tecidos e camadas de pano a serem vestidas, as quais ajudavam a cobrir uma maior parte do corpo. Já as vestes inspiradas nas atrizes hollywoodianas, além de não resguardarem a moral vestual das mulheres recatadas, ainda influenciavam a utilização do vestuário masculino por essas moças, algo que aos olhos da tradição afrontava a moral religiosa daquele período.

Assim, resistindo através dessa face, o vestuário afrancesado ainda era visto em cena no dia-a-dia fortalezense. Mas não só o vestuário pode nos guiar nessa explanação. O idioma também aparece como figura deste cotidiano híbrido.

E no estudo do Latim, com várias declinações, ensinadas pelo irmão Oscar, fui me aproximando mais do Português, tendo gosto para a leitura, a partir da velha

Crestomatia, de Radagásio Taborda, o que me valeu uma certa facilidade para colocar as ideias no papel como faço neste momento. E com o irmão Abdon, difícil de pronunciar os erres, até que soube, certa vez em Paris, aplicar seus ensinamentos, dizendo com certo orgulho: “Bonjour, Si vous plait, Merci Beaucoup, Changée. Pardon, Je ne pas parle françaos, etc. e tal. (Será que está escrito certo, mesmo?) (LIMAVERDE, 1999, p. 82).

Percebemos que nos idos de 1945 além do estudo do Latim, o francês continuou sendo ensinado. Além disso, é possível percebermos que isto ocorre em uma escola de cunho católico, já que podemos constatar o irmão Abdon como professor. Dessa maneira, percebemos que assim como mencionamos anteriormente, as instituições ligadas a Igreja não estavam totalmente desapegadas do modelo de língua vigente anterior ao furor do inglês.

O fato do líder religioso exibir seu francês com orgulho nos concede a percepção sobre a importância que aquela língua ainda possuía. Assim, nos mostrando que o ensino deste idioma ainda estava ligado ao caráter de manutenção da tradição por partes das instituições religiosas.

Desta forma, além do ensino da língua francesa, o “desenrolar dos fios sonoros” e a música nos aparecem como mais alguns potencializadores deste cotidiano híbrido:

E, invariavelmente, todos os domingos, a mesma pergunta: -“Onde tem bazar, hoje?” Bazar de Música, um programa na velha Perrenove apresentado por Limaverde, era a alegria da cidade a partir das sete da noite e até meia-noite. Em cada domingo uma casa recebia os dançarinos para os passos do samba e marcha brasileiros, ao bolero e até a conga, uma dança gaiata, com três passos e um levantamento de perna.

Depois chegaram as festas com pick-up (picape, um toca-discos acoplado ao rádio. Um som meio fanhoso, mas era o que tinha antes da radiolas. Os discos 78 RPM de cera tocada de um por um. Naquele tempo música automática somente nas Wurlitzer do Bar Americano e Sorveteria Primavera, tocando principalmente Dady, dos norte-americanos. (LIMAVERDE, 1999, p. 197).

O rádio e a música aparecem novamente como uma das principais fontes de lazer da cidade, pelo menos daqueles que possuíam acesso a tal tecnologia. Todavia, mais importante que essa constatação, é o fato de percebermos que além de ritmos brasileiros, como o samba, estavam sendo somados ritmos propagados pela inspiração norte-americana como o bolero e a conga. Estes ritmos vulgarmente chamados de caribenhos ganharam espaço em meio ao frisson trazido pelas novas influências estadunidenses. Essas danças trouxeram passos diferentes e até considerados “modernos”, como os levantamentos de perna, para uma cidade que até aquele período dançava valsas e ritmos mais lentos. Depois da inserção sonora destes ritmos, foi a vez de equipamentos musicais como os pick-ups, que trouxeram uma nova cara ao fundo musical e passaram a reproduzir com maior intensidade as músicas estadunidenses.

Ao mesmo tempo em que se aprendia o francês dentro de instituições religiosas, o inglês transformava-se em um idioma conhecido através da musicalidade dos lugares de diversão. Era como se o francês estivesse ligado aos locais de moral e costumes sacros e o inglês ao território do mundano, criando assim uma dicotomia simbólica, mesmos que estes locais não disputassem os mesmos espaços físicos. Era uma disputa regida pela incorporação e pela utilização cotidiana, causando assim a coexistência dos mesmos em ambientes diferentes, mas dentro da mesma parcela social.

Encerrada a conotação sonora, adentramos as outras transformações ocorridas naquele período. Mudanças físicas que nos ajudam a perceber a atmosfera em torno deste *continuum* cultural.

A lamentação é geral e, naturalmente, muito mais daqueles amantes da Praça do Ferreira de alguns anos atrás, onde me incluo, prazerosamente. Hoje o panorama é triste. Lojas fechadas, muitas delas transformadas em estacionamento e veículos. O Excelsior abandonado, o antigo prédio do Hotel Savannah do mesmo jeito e já se fala na venda do arranha-céu da Sul América. A loja Torre Eiffel, dos irmãos Moraes, pioneira na distribuição de prêmios através de cartões, não tem nem sombra... É, realmente, dá pena ver como está hoje em dia o outrora coração da cidade, como dizia o reclame de Flama, símbolo de distinção, de Romeu Aldigueri, também proprietário das Lojas de Variedades, as lojas da família cearense e do pastel do mesmo estabelecimento, uma das merendas do Centro da cidade.

Nos outros dias era aquilo que o comercial das Lojas A Cearense, dos irmãos Aprígio, Júlio e Gilson, denominavam de footing, um interminável vaiem no quadrilátero formado pelas ruas Barão do Rio Branco, quarteirão sucesso da cidade, a Liberato Barroso, chamada pelo meu pai de Beco das Trincheiras e a Guilherme Rocha. Na praça querida tinha também a esquina da Broadway, assim chamada por causa da loja Broadway, do Osmar Macdovell. Era lá que alguns rapazes vaselinados faziam ponto. Com suas cabeleiras, estilo jaquetão, regada com muito Gumes (dura Lex sed Lex, no cabelo Gumex) e Óleo de Lavanda Bourbon, uma verdadeira salada de cheiros onde entrava também o perfume Itamaraty (rótulo cartola e casaca) os mais abonados, e L'Origan de Coty, os miados, eles ficavam o tempo todo assobiando passarinho no fio ou somente um som bem longo, para chamar o vento, condição de melhor brechar os brotos passantes. E o melhor bagúio onde é que estava? Quem disse na Praça do Ferreira, acertou. E era lá mesmo. Pega-pinto do Mundico com sanduíche cai duro, ou espera-me no céu, era destaque. O combinado Odeon e o Sunday, na sorveteria com o nome do combinado. (LIMAVERDE, 1999, p. 37-38).

Percebemos que a cidade estava passando por um ciclo de transformações. Algumas lojas fechadas e prédios sendo vendidos. Esse era o cenário de um dos quadriláteros mais importantes de Fortaleza: a Praça do Ferreira.

O autor fala desse acontecimento através de um tom melancólico, inclusive se incluindo entre os mais antigos, aqueles que ainda apreciavam os ares urbanos de outrora. Nos fazendo perceber essa preocupação da parcela de maior idade com as transformações e perda de significado de estruturas que antes exibiam tanta importância.

Além disso, vemos uma loja batizada de Torre Eiffel entre estes estabelecimentos que se encontravam em processo de fechamento. Metaforicamente isso poderia nos dar um

sinal da perda de força da cultura francesa? Ou apenas uma entre muitas que seguiram o “mesmo barco”?

Ao passo em que podemos tentar mensurar essa constatação, também podemos perceber que estabelecimentos como o Bar Americano se encontravam intactos, inclusive a esquina mais importante foi batizado de Broadway em consonância com a loja de mesmo nome naquele local e ao sucesso da mesma. Neste local vemos os jovens frequentadores e como eles se portavam. É exatamente nesta questão que começamos ver uma imbricação das práticas culturais, pois ao mesmo tempo em que estes jovens frequentavam o Bar Americano da esquina da Broadway e usavam jaquetas no estilo cinematográfico norte-americano, os mesmos ainda utilizavam produtos para o cabelo e perfumes de ascendência francesa. Assim, mesmo que o cenário nos leve a acreditar em uma total desaparecimento de influência francesa, notamos que a mesma ainda resiste e coexiste, mesmo que de forma inconsciente.

Todavia, não podemos negar a intensificação das práticas estadunidenses, pois somos convidados a perceber que cada vez mais palavras de cunho norte-americano estavam sendo inseridas no linguajar daqueles jovens fortalezenses, caso este o da expressão *footing*.

A esquina do pecado era o local preferido pelos jovens daqueles tempos de Fortaleza, época do Abrigo Central, da Sorveteria Odeon, do pega-pinto do Mundico, Cearazinho, pastel de Variedades e outras atrações, como *footing* no quadrilátero formado pelas ruas Barão do Rio Branco (quartirão sucesso), Liberato Barroso, Major Facundo e Guilherme Rocha. O *footing* era o ardeado que todos faziam nesse trecho da cidade, após a saída das sessões cinematográficas do Diogo (sessão das 4), Moderno, Majestic, principalmente nos domingos e feriados. (LIMAVERDE, 1999, p. 91).

Aqui o *footing* aparece como algo comum entre os jovens. Tanto a utilização da palavra, como o exercício de seu significado, estavam inseridos dentro daquele cotidiano e dos frequentadores dos ambientes cinematográficos.

Assim, esta atmosfera imbricada e de diálogo entre as influências foi construída inconscientemente.

Mas, um dia as coisas assumiram proporções maiores. Por sinal, esse dia, foi o primeiro em que apareceu na cidade uma mocinha usando o traje Saint-Tropez, que deixava a barriguinha de fora. Ela iniciou o desfile pela esquina pecado. Mas, não chegou a atingir o Excelsior Hotel, ali na calçada da Casa Americana, do Russo, porque a comoção foi geral. Os médicos do Edifício Granito e Parente saíram nas janelas atraídos pelo barulho, vaias e assobios (passarinho no fio: *fuiuuuuuuuuu*). Uma grande confusão sem dúvida. E a mocinha, sem saber o porquê de tanto sururu, correu para a Casa Parente, onde recebeu o apoio do Inacinho Parente e seus funcionários.

E, enquanto ficamos comentando, eu, Olavo Dutra, o famoso filósofo e museologista da Praça do Ferreira, Jório da Escócia e Antonio Lira, o tamanho do umbigo da corajosa jovem, chegou a informação extra-oficial, posteriormente confirmada, dando conta de que ela, era filha de um comandante da Marinha, sendo carioca de nascimento. Os comentários ganharam nova feição pois somente uma carioca, foi unanimidade no local, poderia fazer aquilo, aquela afronta à sociedade

local, num tempo em que as moças usavam saia, saiota, anágua cheia de grude, e V-8, assim conhecida a calcinha, que, na época era realmente peça íntima. Sim, porque nos anos cinquenta ou antes, somente as cariocas faziam isso, pois elas fumavam, andavam de bicicleta, usavam calça comprida e, naquele dia, uma representante do Rio de Janeiro, resolveu mostrar para os cearenses a sua barriga em flor. (LIMAVERDE, 1999, p. 91-92)

Percebemos as contradições existentes neste processo a partir do comportamento dos envolvidos. Ao mesmo tempo em que esta parcela da população desejava civilizar-se, e naquele momento isso passava diretamente pela incorporação de hábitos norte-americanos como a maneira de se vestir, ela não conseguia lidar com as transformações exercidas por esse novo tipo de indumentária feminina. Existia uma distância entre a vontade de alcançar o dito progresso comportamental e o fato de exercê-lo. Como já diziam alguns “filósofos futebolísticos” atuais: jogo é jogo e treino é treino. O distanciamento entre a teoria do que se pretendia e a prática da execução nos ajuda a constatar a resistência a esses novos costumes.

As dicotomias se iniciam no nome do traje marcadamente de influência francesa, *Saint-Tropez*, mas diferente no modelo e estilo, algo que se voltava mais para o lado estadunidense de Hollywood. Não nos parece uma composição cheia de camadas de pano e sim uma vestimenta com menos tecido. A moça ao utilizar esse traje em Fortaleza, acreditava já existir determinada proximidade com algo que naquele momento se fazia presente no cotidiano carioca e era disseminado pelas produções cinematográficas. Todavia, na Fortaleza daquele período, por mais que a força do cinema tenha sido exercida fortemente e algumas mulheres tenham incorporado novos hábitos vestuais, aquele tipo de vestimenta ainda não era um costume cristalizado.

Este estranhamento entre a vestimenta utilizada pela mulher e as que costumeiramente eram exibidas pelas moças fortalezenses acabou gerando a confusão. Assim, vislumbramos que por mais que os costumes estadunidenses estivessem em vigor e se capilarizando, este era um processo relativamente novo e insípido, tendo visto as palavras do memorialista ao descrever o tipo de vestimenta comum utilizada pelas mulheres daquela época.

E já que falamos nas proibições lembro que, em determinado domingo, dia de missa, um broto daqueles que fechavam o comércio, ostentando respeitável bumbum, que um pai chamava de padaria e o povão intitulava de boga, resolveu ir à missa das sete na Igreja de São Benedito. De sapato fanabor, meios soquete, blusinha decotada, estilo Gilda, do filme idêntico e calça comprida bem justa. Esta parecia até que tinha sido costurada no corpo da donzela. Um desrespeito ambulante, poderia ser dito naquele tempo. Uma indumentária proibida pelos padres sacramentinos, tendo à frente o padre Guilherme, Superior da Ordem. Padre Teófilo, o mais falante da Igreja, resolveu tomar uma providência bem energética contra aquele desrespeito a Jesus Sacramentado exposto no altar. Resultado é que a moça violão foi convidada a de retirar da Igreja. Ela saiu, é bem verdade, mas, não sem antes desfilar pelo patamar sob os olhares curiosos e pidões, estilo peixe frito, dos homens, para

aquelas protuberâncias, reentrâncias e saliências femininas... (LIMAVERDE, 1999, p. 152)

Mais um caso de vestuário nos aponta o ritmo de incorporação da maneira de se vestir norte-americana, principalmente através da não aceitação da roupa em questão. A situação envolveu uma mulher vestida como as personagens dos filmes exibidos no cinema, a mesma acabou sendo convidada para se retirar da Igreja devido a não concordância do padre com aquele tipo de vestimenta. Assim, percebemos que a Igreja apareceu como a instituição que discordava daquela nova moda estadunidense.

Além disso, podemos vislumbrar que mesmo a moça adotando os trajes inspirados nos filmes estadunidenses, a mesma não deixou de frequentar a Igreja. Parece-nos, que na mentalidade daquele a jovem, não havia conscientemente uma distinção entre o que vestir e onde vestir, muito menos o caráter de escolher uma coisa em detrimento de outra. Não era o fato de escolher entre as tradições religiosas e a vestimenta ianque que existia naquele momento, e sim uma coexistência de costumes que estavam sendo inseridos no cotidiano.

Todavia, na Fortaleza daquele período, este tipo de posicionamento religioso adotado pelo padre ganhava respaldo em parte da população, assim nos criando em espírito de luta pela tradição.

Era Fortaleza província sem assaltos, com a maioria conhecendo uns aos outros, com as mulheres usando saias, com o maior cuidado com o vento e, quando chegavam no postigo para receber alguma visita ou comprar algo, seguravam no decote para não deixar ninguém ver nada, naquele tempo em que o califon todo alcochoado cobria tudo... mas tudo mesmo. Quando, antes de chegar no V8, ainda havia combinação, saiota e anágua. Quando os padres ficavam olhando para baixo quando estavam conversando com mulheres. E esse tipo de conversa nem sempre acontecia. Uma cidade simples, acolhedora, ingênua e encabulada... (LIMAVERDE, 1999, p. 140).

A vestimenta típica da mulher fortalezense naquele período nos parece totalmente diferente do que era apresentado nos filmes hollywoodianos. A matriz francesa de moda, composta por várias peças de roupa com a intenção de cobrir o corpo da mulher, ainda emanava sinais de resistência e alcance mesmo após a forte e crescente moda estadunidense apresentada pelas “deusas” do cinema.

Sáímos das roupas e adentramos em meio aos estabelecimentos existentes no centro de Fortaleza. Através deles percebemos a resistência afrancesada mais uma vez aparecendo em meio ao cotidiano.

Em se tratando de sorveteria havia a Odeon, com o Sunday de ameixa, e a Primavera, o caldo de cana do Leão do Sul, com pé-de-moleque e outros bolos, ou manzapes.

E na esquina da Rotisserie a Merendinha, com pastéis de carne e queijo, esfriados no ventilador e caldo-de-cana com limão. O Bar da Brahma, do tio do Augusto Borges,

era local atraente, assim como Majestic Bar, ao lado do cinema e vizinho à Farmácia Pasteur.

Além disso as lojas Duas Américas, Flama, a Broadway, que sucedeu a Pernambucana, incendiada no dia do quebra-quebra, as panificadoras A Lisbonense e Estrela. (LIMAVERDE, 1999, p. 107).

Esse trecho nos ajuda a vislumbrar a vasta variedade de lojas, bares e pontos de lazer que existiam no centro de Fortaleza nos idos da Segunda Guerra. Além disso, somos levados a perceber que naquele quadrilátero central ainda existiam algumas lojas (Odeon, Flama), esquina (Rotisserie), farmácia (Pasteur) e cinema (Majestic) com nomes afrancesados, inclusive coexistindo como outros estabelecimentos de nomes com inspiração norte-americana como a esquina e o Bar da Broadway e o próprio sorvete que recebeu a alcunha de Sundae.

Compreendemos a importância da manutenção de nomes de estabelecimentos e locais já solidificados no imaginário das pessoas, esta manutenção ajudava no quesito propaganda de venda e conhecimento do local. Todavia, se a nova matriz causadora da distinção social e econômica era estadunidense, por qual razão não foram mudados os nomes destes locais? Se a novidade era o que chamava atenção naquele momento, e esta passava pela incorporação do idioma ianque, por quais motivos não adaptar os nomes destas localidades a esta língua também?

Desta a forma, acreditamos na possibilidade de uma manutenção por conta da imagem daqueles lugares já está cristalizada, mas também achamos possível a existência da força da tradição afrancesada esta coexistindo naquele período.

Assim,

O Excelsior teve também função social na cidade. No terraço, batizado de Sétimo Céu, aconteceram animadas festas e shows artísticos. No térreo instalaram-se várias lojas e a Sorveteria Primavera, local de encontro da sociedade local. Na esquina a Farmácia Francesa, integrante do grupo Estabelecimentos Eduardo Bezerra, dono da Pasteur, Faladroga e outras drogarias. Mas, o destaque diferente fica para a Hora Certo, relojoaria e ótica de Ernesto Soares Balreira. (LIMAVERDE, 1999, p. 158).

A farmácia francesa ainda nos aparece como um reduto de nomenclatura afrancesada. Mesmo no centro de Fortaleza, reduto da juventude abastada e que nutriu forte aproximação com os costumes norte-americanos, o diálogo entre as duas matrizes nos parece acontecer através também do idioma utilizados em alguns lugares.

Além desta disputa idiomática, outros eram os fatores que nos norteiam nessa caminhada rumo a percepção deste hibridismo cultural:

E quem quisesse cheirar bem e fosse miado, tinha de visitar a Perfumaria Eva, na Rua Major Facundo. Lá poderiam ser encontrados vaselina sólida e líquida, além de essências as mais variadas, imitando os perfumes famosos como Bond Street, Je Reviens e até o Itamaraty. Gente metida a grã-fino, comprado perfumes mais

baratos, tentando enganar os outros, como se estivesse usando perfume francês. Aquele mesmo pessoal que comprava óculos no Boris, na calçada da Loja A Cearense e entrava para se olhar no espelho da loja. Nós éramos fregueses da Perfumaria Eva. (LIMAVERDE, 1999, p. 149).

Mesmo aparecendo o nome de um possível perfume de procedência norte-americana (Bond Street), vemos que o perfume francês ainda é apreciado em meio a população que tinha acesso a esse tipo de produto. Tendo em vista a importância da procedência deste material e a simbologia por trás do seu uso, algumas pessoas compravam essências mais baratas com o intuito de fazê-las passar por fragrâncias francesas originais.

Desta maneira, se naqueles idos de 1945 a chancela do processo de civilização e modernidade passava pela incorporação de costumes estadunidenses, o consumo de fragrâncias de origem ianque deveria causar a distinção social almejada pela parcela abastada. Todavia, por qual razão essências afrancesadas ainda sofriam esse processo de “falsificação” e barateamento? Por qual motivo ainda se nutria um desejo por esses perfumes franceses senão por uma força da tradição que ainda justificava a resistência dessa matriz cultural?

Assim, acreditamos que este fato nos ajuda a perceber que este processo de coexistência ainda existia em diversos e diferentes aspectos do cotidiano. Não se tratou de uma “americanização” total e sim de um processo de embate entre as duas matrizes, onde cada uma resguardava suas particularidades e suas forças sobre determinados segmentos.

Desta maneira, seguindo a “linha aromática” desenvolvida até este momento, vemos que:

L’Origan, de Coty, L’Epreuve, Supreme, Valery, Flor de Maçã, eram as marcas mais conhecidas, compradas nas Lojas de Variedades. O Valery tinha até um pequeno cartão perfumado, como amostra grátis, para passar nas mãos, que quebrava o galho, antes da chegada da loja de Nelsom Vilela. (LIMAVERDE, 1999, p. 150).

Diversas essências pareciam possuir nomes afrancesados, senão, até mesmo a origem nos remete ao país de origem, como se aquelas fragrâncias fossem importadas diretamente da França. Assim, não conseguimos vislumbrar perfumes com origem norte-americana em seus nomes. Isso não quer dizer que os mesmos não existissem e nem que não eram consumidos, mas nos levam a acreditar que através dos aromas a França ainda suplantava o status americanizado dos produtos. Assim, somos levados a diagnosticar que nem todos os recantos do cotidiano fortalezense foram inundados pelas novas práticas culturais estadunidenses.

Havia uma frase em francês que minha mãe gostava muito de dizer. Era esta aqui: “Non mon petit enfant”³⁶. Dizia ela que na casa do seu Fausto Sobreira e D.

³⁶ Não meu filho. (Tradução livre nossa)

Felisbela, falava-se francês, porque era bem naquele tempo. É bom lembrar que chauffeur e chauffeuse, motorista homem e mulher, é de origem francesa a denominação. Ainda hoje se diz chauffeur, principalmente os mais antigos, ou menos jovens. Quando cheguei no Colégio Cearense encontrei os irmãos maristas falando em francês. Com isso eles falavam mal da gente e nós não compreendíamos patavina. Mesmo assim o francês não se tornou língua preferida daquele tempo. Isso porque, com a chegada dos soldados americanos, que aqui instalaram uma Base no Pici, em seguida no Cocorote, falar inglês ficou mais elegante. “Give me cigarette...” Dizíamos os mister, na esperança de ganhar Chesterfield, Lucky Strike ou Palmall. Aprendemos também naquele tempo a insultar com os sobrinhos do Tio Sam, chamando-os de [...] Son of a Butch, Give me your back side e outros palavrões. (LIMAVERDE, 1999, p. 181).

Percebemos aqui a importância dada à língua francesa. Seja no ambiente doméstico de algumas famílias, ou na escola de cunho católico, o francês aparece como idioma a ser utilizado, trazendo assim status para aqueles que o usavam. Determinadas palavras de nomenclatura afrancesa resistiram ao tempo e foram mantidas em uso cotidiano, caso esse o uso do *chauffeur*.

A partir desta palavra podemos nos precipitar sobre este “diálogo cultural” ao qual tanto nos referimos. *Chauffeur* uma palavra de origem francesa, a qual o significado remete ao emprego de motorista particular e, por conseguinte a uma família abastada que tem condições financeiras de manter tal funcionário, aparece como uma palavra ainda muito utilizada na Fortaleza da década de 1940, principalmente pelos mais antigos. Através de Silva Filho (1999) acreditamos que este vocábulo possa representar justamente o diálogo e a coexistência entre estas duas matrizes estrangeiras, pois ao mesmo em que essa palavra tem sua origem afrancesada ela representa uma profissão símbolo do avanço da modernidade e, principalmente, da velocidade que ocorria em Fortaleza naquele momento.

O carro, como veículo de transporte de pessoas de poder econômico mais avançado, ganhou ares de progresso e teve sua potência aumentada através dos avanços tecnológicos norte-americanos durante o contexto beligerante. Assim, ao mesmo tempo em que o condutor deste automóvel era nomeado por uma palavra francesa, o mesmo exercia uma profissão intimamente ligada ao avanço da influência estadunidense.

Em síntese:

[...] descortinar as tensões que perpassam a cidade, sinalizando para sua composição um tanto híbrida e de apreensão fugidia. É como se Fortaleza escapasse a uma perspectiva mais sistêmica e uniforme. Percebe-se uma certa convergência com a noção de que a cidade constitui esse amálgama de diversas experiências sociais. [...] Se por um lado, a cidade parecia se encaminhar de modo promissor na direção do progresso e da modernização, ficava contudo em franca desvantagem no tocante à “civilização”, atinente às condutas e posturas. Enquanto materialmente Fortaleza externava indícios de uma metrópole em nascedouro, marcada pela aceleração e dinamismo de sua infra-estrutura urbana, via-se igualmente refém de costumes provinciais que sobrevivera, às investidas da civilização”, denunciando em seu bojo o fardo anacrônico e atávico da cidade de outrora. (SILVA FILHO, 1999, p. 52)

Assim, somos levados justamente a nos debruçarmos sob a Fortaleza híbrida que discutimos até então. Uma cidade que almeja a civilização, mas que ainda possuía as correntes da tradição fincadas em seus pés. Por conseguinte, sendo apresentada através de um deslocamento de um padrão uniforme e se inserindo na atmosfera híbrida. Desta forma é que podemos compreender a acrópole alencarina naquele momento, possuindo uma juventude abastada que se aproximou dos costumes estadunidenses, mas coexistindo com uma população mais antiga que se conectava aos resquícios afrancesados.

Dessa forma, resta-nos constatar que ainda existiam:

[...] como frágeis relíquias do passado, muitas velhinhas de cabeça branca, dignas do maior respeito, que simbolizam uma época, a época dos salões e do francês, do piano e das boas maneiras, das cousas tão leves e tão finas que a civilização brutalizou. São ainda um exemplo da boa educação feminina de outrora, em contraste com a de hoje, tão complacente e liberal.

Quem vê a massa agitada e displicente da mocidade, pouco estudiosa e de tão poucas letras, não é capaz de crer que vivem, nesta Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, homens de valor intelectual, de sólida cultura, dados às lucubrações e investigações científicas, ao estudo silencioso, no recesso dos gabinetes, na penumbra dos laboratórios, olvidados do mundo tumultuoso, jamais compreendidos por essa geração heroica e tresloucada, inteligente e prosaica. (SILVA FILHO, 1999, p. 55).

Na esteira dessa resistência, o autor nos apresenta a ligação ainda existente entre o segmento mais antigo da sociedade e a época afrancesada das décadas anteriores. Em contraste com a displicência da juventude, essa parcela aparece como os perpetuadores da tradição que ainda emanavam resquícios do bom tom.

O contraste se torna visível ao percebemos que:

A juventude copiava os padrões importados, mascando chicletes, frequentando á tarde, a Sorveteria Variedades pra comer “hot-dog”, tomar refrigerante no canudinho e fazer pose nos bancos altos do balcão. Elegeu a sessão das quatro do “Diogo”, aos domingos, vestiu maiô moderninho para deitar-se ao sol de Iracema Beach. Os “rabos-de-burro” foram a primeira manifestação de contestação juvenil, antes mesmo dos maneirismos de James Dean, dos agitos de Elvis Presley e do ritmo louco do “rock and roll”. Mas também haviam garotas comportadas que podiam integrar orquestras femininas da Carmem Carvalheda e da Nair Soares e ainda sobrava para os concursos de “miss-Ceará”, cuja pioneira Emília Correia Lima arrebatou o cetro de “miss-Brasil”, no palco mecanizado do Hotel Quitandinha. (LOPES, 1991, p. 6).

O comportamento norte-americano visto nos filmes e através dos soldados era tentado ser incorporado. Mas não foi através de um mero mimetismo, não se tentava copiar sem nenhum tipo de perspectiva lógica. O sentido desejado era o alcance do foro de civilizado. As subjetividades e simbolismo se faziam presentes dentro deste processo. Os jovens buscavam comer, falar e se portar como aqueles que naquele momento eram sinônimos de moderno.

“O Cruzeiro” ainda é a maior revista do País, com as deliciosas “Garotas” do Alceu Penna e a “Última Página”, de Rachel de Queiroz. Mas surge a “Manchete”, para fazer concorrência. Para os caprichos femininos, “Capricho” e “Grande Hotel”, à fora outras publicações. O mundo dança os ritmos da moda com as grandes orquestras de Victor Young, Percy Faith, Xavier Cugat, Perez Prado, Victor Silvester, Tommy Dorsey, Harry James, Mantovani, Roberto Inglês, Victor Herbert, Ray Conniff. Paris continua absoluta ditando a moda assinada por seus monstros sagrados: Dior, Fath, Grès, Ricci, Pattou, Lavin, Balenciaga, Dessés, Haim, Chanek, Cardin, Schiaparelli. As elegantes cearenses que não podem adquirir modelos com essas “griffes”, compravam suas ricas tualetes na “Casa Canadá de Luxo”, no Rio e na “Casa Vogue”, em São Paulo. As menos aquinhoadas mandam fazer seus vestidos por Dulcinéa Damasceno, Edméa Mendes, Dolores Campos Peixoto, Zuleika Costa Lima e Maria José Lopes. (LOPES, 1991, p. 6).

Aos poucos a sociedade fortalezense foi inundada pelas práticas culturais estadunidenses. Paulatinamente, música, ritmos, artistas norte-americanos domavam o gosto daquela parcela jovem da população alencarina. Todavia, o fato de alguns segmentos terem o modelo norte-americano fortemente entranhado, divulgado e consumido, não significa que a matriz francesa não tenha existido e coexistido em outras faces do cotidiano naquele período. A partir desse olhar mais apurado, notamos que a moda, embora bastante influenciada pelo cinema hollywoodiano, ainda possuía diversos modelos, marcas e profissionais franceses, assim nos revelando a coexistência e torno deste continuum cultural.

Assim, com o final deste capítulo, finalizamos nosso debate a partir dos paradoxos do processo de coexistência das duas matrizes de inspiração estrangeira, do hibridismo cultural como um processo contínuo na Fortaleza daquele período e dos inúmeros contatos entre as duas inspirações.

Desta forma, percebemos que no contexto da Segunda Guerra Mundial, embora tenha havido uma forte americanização, a ascendência afrancesada ainda existiu e coexistiu em diversos segmentos do cotidiano. Assim, nos foram descortinados o segmento das classes abastada como movimentador deste processo e a cisão entre as parcelas jovem e antiga deste setor, cada uma desenvolvendo o lado da coexistência de sua matriz influenciadora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, enveredamos pelos tortuosos caminhos do cotidiano fortalezense no período da Segunda Guerra Mundial. Buscamos analisar a coexistência de duas matrizes estrangeiras influenciando os hábitos e costumes da parcela abastada da população, ávida pelo desejo de civilização e modernidade, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Vestuário, alimentação, comportamento e idioma nortearam nosso foco de pesquisa, fazendo-nos perceber como estas práticas socioculturais foram sofrendo alterações à medida que estas influências disputavam seus lugares simbólicos. Todavia, o percurso para alcançar essa compreensão não foi nem um pouco simples e linear.

Iniciamos nossa caminhada debatendo conceitos importantes para as reflexões realizadas. Assim nos deparamos com a noção de cotidiano como um filtro capaz de nos propiciar o olhar sobre as relações sociais e as práticas culturais de uma sociedade que buscava na chancela dos países estrangeiros a legitimação de seu foro de país civilizado. O *status quo* e a diferenciação social apareceram como fortes balizadores do que deveria ou poderia ser incorporado. Não nos referimos a um mero mimetismo cultural, não foi apenas o fato de querer ou tentar imitar, este processo foi além disso e adentrou o campo da congregação de práticas culturais.

Desse modo, além de enxergamos o cotidiano como o invólucro de nosso objeto, iniciamos a discussão envolvendo o hibridismo cultural, conceito fundamental para a compreensão da efervescência cultural que ocorreu em Fortaleza naquele período. Como mencionado, não se tratou apenas de mimetizar as práticas estrangeiras vistas de alguma forma. O simbolismo por trás da incorporação daqueles costumes se fez presente de forma intensa, assim solidificando uma simbologia que deliberava o que era tido como civilizado e moderno.

Naquele momento a cidade passava pelo contexto da Segunda Guerra Mundial. Visualizamos uma França dominada pelos nazistas e com dificuldades de manter suas exportações comerciais, assim diminuindo cada vez mais seu alcance cultural. Como manter o status de “país exportador da civilização” tendo sido destruído física e simbolicamente pelos nazistas?

A preocupação francesa recaía, naquele momento, sobre a necessidade de reconstrução. Dentro desta perspectiva econômico-cultural vislumbramos um país com sua influência em declínio, fato relevante para a intensificação de um processo de americanização já iniciado nos pós Primeira Guerra.

A partir deste contexto, visualizamos a aproximação das relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos, pela ótica do conflito mundial existente. Os governos norte-americano e brasileiro assinaram os Acordos de Washington em 1942, selando, desta forma, a entrada brasileira na Segunda Guerra ao lado dos Aliados, o investimento financeiro estadunidense na siderurgia nacional e a autorização para construção de bases militares ianques em cidades do litoral do Brasil. Assim, nos deparamos com um processo de aproximação entre uma parcela dos fortalezenses e os soldados da terra do Tio Sam, dessa maneira contribuindo com a ação da influência norte-americana através do desenvolvimento da política de Boa Vizinhança e do *American Way of life*.

A partir do desenvolvimento destas relações, vislumbramos a construção da base militar ianque em solo fortalezense e a sede da USO, nos apresentando, assim, os locais que acabaram servindo de espaço para um contato mais intenso entre fortalezenses e soldados estadunidenses.

Naqueles locais, diversas formas de contatos foram abertas. Através de festas e competições esportivas, estas experiências foram ocorrendo. Assim, até mesmo moças passaram a nutrir paixões e a se relacionarem amorosamente com aqueles soldados, ficando conhecidas pela alcunha de garotas “Coca-Colas”.

Desta forma, adentramos o mundo da intensificação da influência americanizada em solo alencarino através do convívio com os soldados, fato que significou a materialização de hábitos e costumes anteriormente vistos apenas nas telas dos cinemas e ouvidos nas ondas do rádio.

Foi desta maneira que começamos a perceber a influência deste convívio em meio ao cotidiano das classes abastadas de Fortaleza. Roupas (formas e tecidos), comidas, idioma e até comportamento passaram gradualmente a terem na matriz norte-americana um referencial a ser seguido.

A partir da compreensão do discurso patriótico, do pan-americanismo e do convívio com os soldados norte-americanos, notamos a intensificação do processo de americanização de uma parcela de sociedade fortalezense. Todavia, o desenvolvimento desta conjuntura não teria sido possível sem a existência de mecanismos que ajudassem a cristalizar a simbologia por trás da incorporação destas novas práticas idiomáticas, vestuais, alimentares e comportamentais.

Pensando nisso, vislumbramos o cinema e o rádio como mecanismos que ajudaram nessa empreitada, facilitando a percepção dos costumes ianques nas telas e nas ondas sonoras. Mas para iniciamos a compreensão destes dois mecanismos, primeiro

discutimos a noção de tecnologia e como seu contexto social de uso se apresenta como de fundamental importância, assim nos revelando a possibilidade de utilização de equipamentos tecnológicos dotados de simbologias e subtextos, erguendo aos olhos do historiador o fator político por trás de todo esse processo.

Pensar a tecnologia dentro do seu contexto de uso nos abriu a possibilidade para compreender estes mecanismos a partir das forças existentes por trás de sua utilização. Os governos brasileiro e norte-americano, e até os setores proprietários destes veículos de comunicação, aparecem dentro da ótica certauniana de estratégia, visando assim facilitar a aproximação entre os costumes e construir um discurso em torno do contexto da Segunda Guerra Mundial, do status de civilização e da modernidade.

A partir deste momento, percebemos que o rádio e o cinema serviram como formas de aproximar a parcela da população que possuía esse desejo pelo novo. Assim, através das películas cinematográficas e do rádio, esta camada social passou a “flertar” com os costumes norte-americanos e a tentar incorporá-los no dia-a-dia. Foi na esteira deste processo que vislumbramos a capilarização do hábito de fumar, da inspiração do visual masculino no feminino, no corte de cabelo e bigode ao estilo norte-americano, da coca-cola, das danças e das músicas sensuais, e dos relacionamentos amorosos sem necessidade de sigilo. Todas estas mudanças acabaram surgindo em meio a cristalização dos hábitos ianques e da tentativa de sua incorporação.

Assim, somos levados, pelo percurso realizado até aqui, a acreditar que o processo de americanização ocorreu de maneira definitiva e sem nenhum tipo de resistência, dessa maneira, nos fazendo questionar se a matriz francesa realmente foi posta a margem do “processo civilizador”.

Todavia, mesmo que a incorporação da influência ianque tenha sido intensificada através dos mecanismos apresentados, a mesma ainda enfrentou resistência por parte do setor mais tradicional e ligado a religião católica em Fortaleza. Naquele período, a sociedade fortalezense ainda era marcadamente ligada às tradições cristãs. Religião e tradição dialogavam fortemente em busca da moral e dos bons costumes.

Desta forma, a matriz cultural estadunidense sofreu resistência a partir de uma forte ferramenta engajada no campanhismo católico e na moralização dos costumes: o jornal O Nordeste. Diversas notícias, matérias e opiniões dos editores questionavam esses novos costumes, assim interpelando: até onde valeria a pena abandonar a tradição católica em favor de práticas imorais?

Os trajes apresentados nos filmes e incorporados no cotidiano, o comportamento amoroso e o idioma foram os principais alvos de combate de diversas campanhas promovidas pelo periódico. Os jovens que passaram a exercer esse tipo de comportamento tiveram suas faculdades mentais e seu bom senso questionados por diversas vezes, sendo taxados de imaturos por incorporarem tais costumes sem pensarem antes nas tradições religiosas.

Assim, vislumbramos que na Fortaleza de 1945 a tradição religiosa e o campanhismo desenvolvido pelo “O Nordeste” representou uma primeira forma de resistência aos costumes norte-americanos. Além disso, podemos constatar que a população mais antiga encabeçava este antagonismo cultural, tendo como linha de pensamento a manutenção da tradição religiosa que em muitos quesitos ainda estava ligada aos resquícios da matriz afrancesada.

Desta maneira, percebemos que esta resistência também abriu espaço para manutenção de alguns hábitos afrancesados, como o ensino do francês em instituições religiosas, roupas com tecidos de procedência parisiense e em modelos mais longos que cobriam melhor o corpo e o recato nas relações amorosas.

A partir da compreensão desta resistência, constatamos que a influência francesa ainda sobrevivia naquela Fortaleza alencarina. Hábitos e costumes da “Terra da Luz” não haviam sido totalmente dissipados e ainda possuíam força dentro da parcela abastada de idade mais avançada.

Assim, a partir desta coexistência, abrimos espaço para um cotidiano híbrido, marcado pelo diálogo entre estas duas forças matriciais, que acabaram influenciando as camadas mais abastada da população fortalezense. Foi a partir desta compreensão que pudemos desenvolver nosso objeto e perceber que mesmo que a força da americanização tenha possuído um processo de intensificação no contexto da Segunda Guerra, a influência francesa ainda resistiu e coexistiu, assim nos levando a perceber o dia-a-dia das classes abastadas através de um cotidiano híbrido e marcado por disputas socioculturais.

Assim, ao término dessa árdua empreitada, vislumbramos que em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial houve sim um período de aguda presença de costumes inspirados nos hábitos norte-americanos, e que com o passar do tempo eles cresceram e se fortificaram. Mas também percebemos que, diferentemente do que somos levados a pensar, a inspiração de matriz francesa não desapareceu como um todo, resistiu em determinadas faces vestuais, alimentares, idiomáticas e comportamentais, inclusive ganhando espaço entre os mais antigos e defensores das tradições.

A presença de palavras francesas e norte-americanas em lojas, lugares e no próprio ensino; a existência de jovens usando roupas influenciadas pelos filmes de Hollywood e outros com trajes que cobriam mais o corpo; o recato em determinadas relações amorosas e a exposição de outros; os perfumes e as comidas; e principalmente a adaptação entre as práticas nos apresentam o diálogo tecido entre as duas matrizes.

Dessa maneira, percebemos que aquele cotidiano de Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial parece-nos muito mais híbrido do que o “preto no branco” habitual que nos é passado. A complexidade desse processo não se encerra por aqui. Esperamos abrir espaço para as futuras releituras deste tema tão intrigante e desafiador.

ACERVOS CONSULTADOS E FONTES

ACERVOS CONSULTADOS

Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza - CE.

Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará – Fortaleza - CE.

Seminário da Prainha– Fortaleza - CE.

FONTES

ANUÁRIOS DE FORTALEZA (1942-1945)

PERIÓDICOS

O Nordeste, Fortaleza (1942-1945)

O Povo, Fortaleza (1942-1945)

Unitário, Fortaleza (1942-1945)

MEMORIALISTAS E LITERATURA

CAMINHA, Adolfo. **No país dos Ianques**. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.

CARVALHO, Jader de. **Aldeota**. 2. Ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados: do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”**. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

_____. **O Liceu e o Bonde na paisagem sentimental da Fortaleza - província**, Fortaleza: Editora ABC Fortaleza, 1997, 300 p.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a crônica histórica**. Fortaleza: Casa José Alencar, 2000.

LIMAVERDE, Nascélio. **Fortaleza, história e estórias – Memória de uma cidade**, 1999.

LOPES, Marciano. **Fortaleza Antiga**. Fortaleza: Gráfica VT Ltda, 1999.

_____. **O Baú da Donzela**. Fortaleza: Gráfica VT Ltda, 1991.

_____. **Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40**. 4 ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

OLIVEIRA, Augusto; LAVÔR, Ivonildo. **A história da Aviação no Ceará**. Fortaleza: Expressões Gráfica e Edições Ltda, 2008.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. A sociabilidade em ondas sonoras: as audiências e o rádio dos anos 50 e 60 em Fortaleza. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Rio de Janeiro, 2007.
- ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos labirintos da cidade**: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007. 338p.
- AZEVEDO, Estênio; NOBRE, Geraldo. **O Ceará na Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: ABC, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- BLOCH, Marc Léopold Benjamin, **Apologia da História**, ou o Ofício do Historiador; tradução: André Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRAUDEL, Fernando. **A dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- _____. **Civilização Material e Capitalismo (séc. XV-XVIII)**. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (3 volumes).
- BRUNO, Artur; FARIAS, Airton de. **Fortaleza**: uma breve história. Fortaleza: INESP, 2011. 220p.
- BURKE, Peter. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- CAMARGO, Márcia. Uma república nos moldes franceses. IN: **REVISTA USP**, São Paulo, n.59, p. 134-143, set/nov 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual**: Biscoito fino e travoso. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis-RJ, 1994

COSTA, Emília Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. IN: **Revista de História** nº 16, p. 318-342, 1953.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUSEK, Val; **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo, Loyola, 2009.

ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011. 1v.

_____. **O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

GOMES, Maria Adaiza Lima. “**O baluarte do decoro e da moralidade**”: o jornal *O Nordeste* e sua atuação no combate aos “maus costumes” (1922 – 1927). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de História, Fortaleza, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOBBSBAWM, Erick. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Cristina Buarque de. **Teoria das Elites**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. 2. ed., São Paulo: Annablume, 2003.

KLINE, Stephen J. “**What is Technology?**” *Philosophy of Technology: The Technological Condition*. Eds. Robert. C Scharff and Val Dusak. Malden, MA: Blackwell, 2003. 210-212.

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (org.). **História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MACFARLANE, Alan. **A cultura do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p.177.

OLIVEIRA, Augusto. LAVOR, Ivonildo LAVOR. **A história da Aviação no Ceará**. Fortaleza: Expressões Gráfica e Edições Ltda, 2008.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. **Consumo e Cultura Material: São Paulo Belle Époque (1890-1915)**. UNICAMP: Instituto de Economia da Unicamp, 2009. (Tese de Doutorado)

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. Sociedade e Cultura. IN: SACHS, Ignacy. WILHEIM, Jorge. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Brasil um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. PESAVENTO, S. Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque – reformas urbanas e controle social (1860-1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Editora Ltda., 1993.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: Remodelação e controle. In: SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

RODRIGUES, Francisca Íkara Ferreira; silva, Erotilde Honório. A popularização do Rádio no Ceará na década de 1940. In: **VII Encontro Nacional de História da Mídia Mídia**, 2009, Fortaleza, CE. Anais (on line). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20popularizacao%20do%20Radio%20no%20Ceara%20na%20decada%20de%201940.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro 2015.

SEMEAO E SILVA, Jane Derarovele. **Mulheres de Fortaleza nos anos de 1940: uma vivência da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de Pós-Graduação em História – UFRJ, 2000.

SENNET, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Marcio Inácio. **Nas telas da cidade: Salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920**. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História - UFC. Fortaleza, 2007.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Na senda do moderno: Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40**. Fortaleza. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História - UFC, Fortaleza, 1999.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do Consumo - Fortaleza no Tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2002.

SOUSA, Leila Lima de. O processo de hibridação cultural: prós e contras. IN: **Revista Temática**, v. 9, nº 03, p. 01-08, Mar. 2012.

SOUZA, Simone de (org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua**: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970). 2008. 220f. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História - UFC, Fortaleza, 2008.

TAKEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará**: Origens do capital estrangeiro no Brasil. NATAL: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WEBER, Eugen Joseph. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WINNER, Langdon. Do artifacts have politics? *Daedalus* v. 109, p. 121- 136, 1980.